



RAÍZES

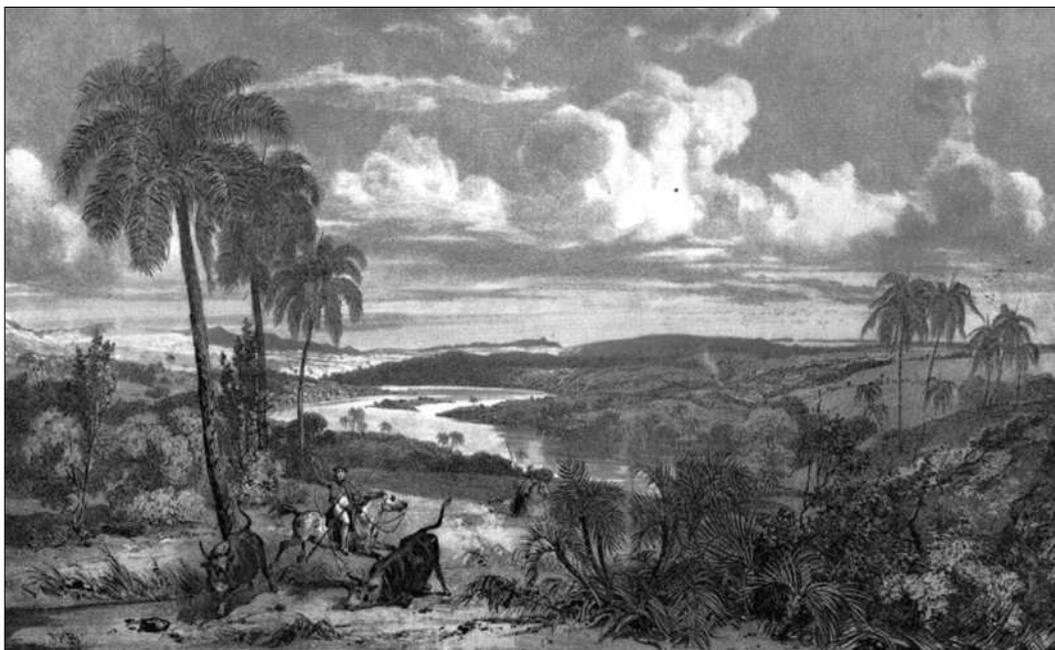


Ano X - Nº 20

São Caetano do Sul

Dezembro de 1999





Nossa Capa

Durante todo o período colonial, a Coroa Portuguesa teve receio da invasão do território brasileiro por outras nações. Por isso restringia a entrada de estrangeiros na colônia, a fim de impedir a divulgação da exuberância dos recursos e das belezas naturais das terras brasileiras que tanto aguçavam a curiosidade dos cientistas, a imaginação dos artistas e a perplexidade dos viajantes europeus.

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, e a abertura dos portos para as nações amigas, esse panorama começou a mudar, possibilitando o trabalho de muitos estudiosos, que, invari-

velmente, eram acompanhados por grandes artistas, que retrataram a Natureza e a sociedade brasileiras a partir das primeiras décadas do século XIX.

Dentre todos os artistas que estiveram no Brasil nesse período, o alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) foi um dos que melhor reproduziu em sua obra aquilo que viu. Chegou como integrante da expedição comandada pelo barão russo Langsdorff, com quem logo se desentenderia, prosseguindo viagem sozinho. Entre 1821 e 1825, percorreu as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Bahia. Retornou à Europa onde, entre

1827 e 1835, produziu o livro *Viagem Pitoresca pelo Brasil*, com textos elaborados pelo escritor V.H. Huber, que comentou com precisão os detalhes de cada imagem selecionada para publicação.

Rugendas procurou sistematizar suas representações, elaborando um roteiro de viagem que partia do litoral para o sertão, pintando paisagens, as pessoas e as cidades que encontrou. É o caso do quadro *Campos da Margens do Rio das Velhas* (cuja imagem invertida é a capa da presente edição), onde retratou as características daquela região habitada, na época, por criadores de gado.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano X - Número 20
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN 1415 - 3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dezembro de 1999

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 441-9008 e 441-7420
www.mp.usp.br/fpm

Editor/Jornalista responsável

Aleksandar Jovanovic

(MTb 13.165 - Sjesp 7.290)

Redação

Antônio Reginaldo Canhoni (fotografias)

Erika Martin (digitalização de imagens e organização)

Jayme da Costa Patrão (ilustrações)

José Roberto Gianello (pesquisa)

Kelly Cristina Maregatti

Maria Aparecida Fedatto (secretaria e coordenação)

Yolanda Ascencio

Programação Visual e Paginação Eletrônica

Plano Piloto

Conselho Editorial

Ademir Médici, Aleksandar Jovanovic (presidente), Claudinei Rufini, Guido Fidélis, Jayme da Costa Patrão, José Roberto Gianello, Henry Veronesi, José de Souza Martins, Nívio Tessitore, Oscar Garbelotto, Sílvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenizio Petrolli.

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



ÍNDICE

Artigos



Metralhadora e soldados do Exército Legalista

4 *A Revolução de 1924 e seus reflexos na cidade*

Henry VERONESI

17 *Fatos históricos, batalhas políticas e jornalísticas que envolveram a autonomia*

Celso de Almeida CINI

27 *A formação de São Caetano no contexto da região metropolitana de São Paulo*

João Carlos de MORAES

35 *Empenho da comunidade construiu o primeiro Grupo Escolar*

Eliane MIMESSE

38 *A corrida e as botinas: duas histórias de minha infância*

Gisberto GRIGOLETTO

39 *O Jornal Argus e as modernas transformações dos anos vinte*

José Roberto GIANELLO

49 *Heranças coloniais no ABC Paulista*

William PUNTSCHART

54 *Movimento Operariado do Grande ABC: a criação da JOC no Município*

Domingo Glenir SANTARNECCHI

61 *Participação da sociedade local foi vital na fundação da CTBC*

Mário Porfírio RODRIGUES

63 *Há 40 anos eram criados os Cursos de Orientação Prático - Industrial*

José Odair da SILVA

65 *Uma jornada gloriosa de um jovem atleta do basquetebol*

Carlos GERCHTEL

67 *Desaparecimento dos campos de várzea não diminuiu o aparecimento de craques*

Narciso FERRARI

Imigração



Família de Claudia e Valdivino Piotto.

69 *Depoimentos de imigrantes ressaltam o valor e a coragem desses heróis anônimos*

Yolanda ASCENCIO

Depoimentos

74 *Isola Maria Marques Teani. Trinta e sete anos de Magistério*

77 *Odette Fraissat Paez, mulher evoluída e atualizada para sua época*

Sônia Maria Franco XAVIER(*)

81 *Ideal e Izabel Bendazzolli: 64 anos casados e 73 anos como municípios*

Memória

83 *Nicolau Delic: um batalhador dono de grande capacidade política*

Raimundo da Cunha LEITE



Fachada da EEPG Professora Yolanda Ascencio, em 1968

85 *A criação da Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio*

Mariza Lima GONÇALVES

89 *Índice onomástico remissivo da revista Raízes, por título de artigo e/ou texto jornalístico*

104 *Índice onomástico remissivo da revista Raízes, por autor*

Registro

115

Memória Fotográfica

118

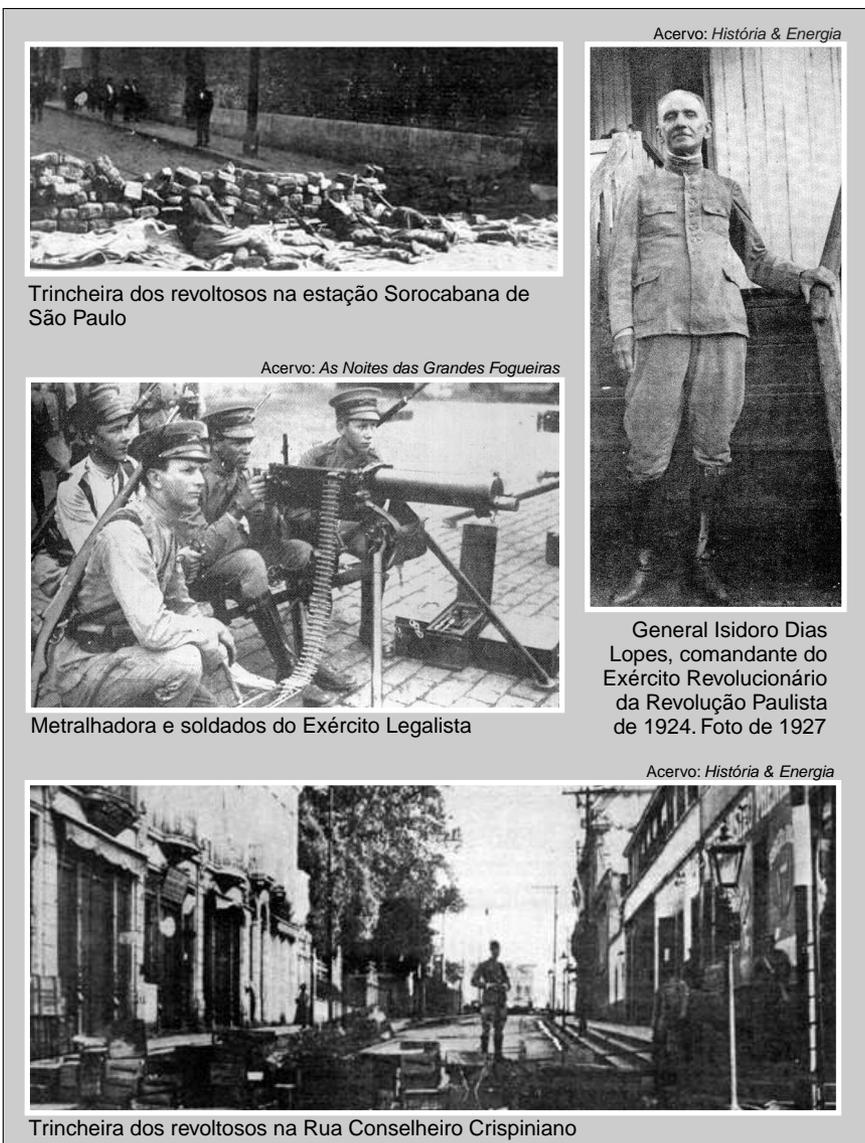
A Revolução de 1924 e seus reflexos na cidade



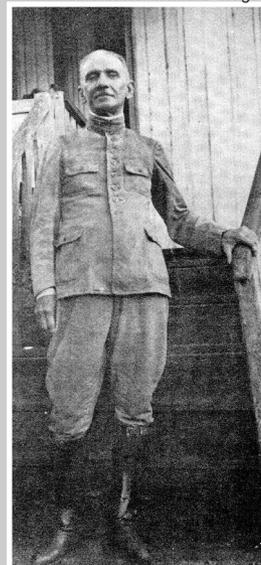
Artigos

Henry VERONESI(*)

No ano de 1924 - primeiro semestre - os fatos políticos que mais se destacaram no noticiários escritos foram: em *Janeiro* 7 - Atenas: esposa do premiê Kamal é ferida em atentado; EUA -19: Estados Unidos enviam sete navios de guerra ao México para enfrentar rebeldes no golfo; 21 - Rússia dá adeus ao líder supremo Lênin; 24 - Itália: Mussolini elimina todos os sindicatos não-facistas; 25 - França e Tchecoslováquia firmam acordo suplementar à Pequena Aliança do Leste; 26 - URSS: Petrogrado passa a chamar-se Leningrado (homenagem à Lênin); 27 - Acordo com a Iugoslávia anexa Fiume à Itália; 27 - Moscou: Corpo de Wladimir Ilich Lênin é colocado em túmulo de mármore próximo ao Kremlin. Em *Fevereiro*: 1º - Governo britânico reconhece a URSS; 3 - Morre Woodrow Wilson vigésimo-oitavo Presidente dos Estados Unidos, após marcante carreira política; 4 - Bombaim - Índia: Mahatma Gandhi é libertado da prisão; 6 - México : Soldados do Presidente Obregon ocupam Vera Cruz e Huerta foge. Em *Março*: 1º - China: Comunistas são admitidos no Kuomintang; 3 - Turquia: Kemal Atatürk, novo presidente da República, proíbe os antigos costumes; 9 - Itália: Mussolini anexa todas as terras do Adriático à Fiume; 10 - EUA: Suprema Corte mantém lei de Nova York proibindo trabalho noturno para mulher; 13 - Berlim: O Reichstag



Trincheira dos revoltosos na estação Sorocabana de São Paulo



General Isidoro Dias Lopes, comandante do Exército Revolucionário da Revolução Paulista de 1924. Foto de 1927



Metralhadora e soldados do Exército Legalista



Trincheira dos revoltosos na Rua Conselheiro Crispiniano

é dissolvido pela quinta vez na história da Alemanha; 15 - Suécia reconhece a URSS; 19 - Tegucigalpa: Tropas americanas são enviadas para a capital hondurenha, que foi tomada por forças rebeldes; 25 - Grécia - A Assembléia grega destrona o rei e proclama a república. O rei George 2º foi deposto em favor de um go-

verno não-monárquico. Em *Abril*: 1º - EUA: Irmão de Al Capone é morto quando gangsteres de Chicago roubavam cédulas de votação na eleição da cidade de Cícero; 1º - Alemanha: Líder do Partido Nazista (Adolf Hitler) recebe pena de cinco anos de prisão por tentativa de golpe de Estado; 7 - Emissora de Newark ,

EUA, é ouvida em Tóquio, a 15 mil quilômetros de distância; 7 - Itália: Mussolini ganha as eleições e os fascistas passam a governar com o Parlamento controlado; 9 - Paris: Comitê Dawes publica relatório declarando que a Alemanha está em condições de pagar as indenizações de guerra; 23 - Aliados votam pela independência dos armênios na Conferência de San Remo; 30 - EUA: Governador de Indiana é condenado a 10 anos de prisão por fraude nos correios. Em Maio: 2 - EUA: Estados Unidos proíbem venda de armas a rebeldes cubanos; 4 - Alemanha: Socialistas alemães mantêm o poder apesar das derrotas nas eleições do Legislativo; 11 - França: Esquerda vence eleições. O radical Edouard Herriot e o socialista Leon Blum lideram 328 parlamentares na Assembléia Nacional; 24 - Londres: Jean Longuet, neto de Karl Marx, nega pedido soviético para que o corpo de Marx seja levado de Londres para Rússia; 25 - Rússia: O secretário-geral do Partido Comunista Soviético, Josef Stálin resiste no cargo apesar da denúncia escrita feita pelo recente falecido Vladimir Lênin, ex-líder supremo da União Soviética; 26 - EUA: Os Estados Unidos não permitem imigração japonesa. A Legião Americana, a Confederação dos Sindicatos e outros grupos poderosos apresentaram cinco justificativas para a lei promulgada a respeito; 28 - Alemanha: Walraff deputado nacionalista, é eleito presidente do Reichstag; 30 - Itália: O deputado socialista Giacomo Matteoti denuncia fraude eleitoral dos fascistas; 31 - China reconhece URSS. Em Junho: 6 - Alemanha: Reichstag alemão aceita o plano Dawes por 247 votos contra 183; 10 - Paris: O Presidente Millerand é derrotado pela maioria esquerdista no Parlamento e renuncia; 10 - Itália: O líder socialista ita-

liano Giacomo Matteoti é raptado e assassinado pelos fascistas em Roma. Ele estava para fazer um discurso no Parlamento italiano atacando a política financeira do governo fascista; 13 França: Gaston Doumergue elege-se presidente; 17 - Itália: Fascistas marcham em direção a Roma cantando canções de guerra; 19 - Alemanha: Governo alemão anuncia que aceitará a exigência de prorrogação do controle militar aliado; 27 - França: Permite a entrada de 210 mil exilados alemães no Ruhr. Em Julho: 6 - Brasil: Rebeldes tomam São Paulo e 250 pessoas morrem; 12 - EUA-Michigan: Pastor desaparecido há um mês é encontrado com marca da Ku Klux Klan nas costas; 12 - Egito-Cairo: Estudante atira no primeiro-ministro egípcio Paxá Zaghlul; 14 - Brasil-São Paulo: Cerca de 3.000 morrem em confronto entre rebeldes e o Exército; 23 - Brasil-Manaus: Tenentes rebelam-se e tomam o poder, nomeando Ribeiro Júnior primeiro governador militar; 27 - Brasil: Exército Brasileiro domina em 10 dias a revolta dos tenentes em São Paulo; 27 - Brasil-São Paulo: Soldados do Exército Brasileiro derrotaram hoje na Capital do Estado de São Paulo uma coluna de tropas dos revolucionários tenentistas que fugiram para o interior.

Os países estrangeiros, nessa fase da história, viviam uma época de conflitos filosóficos quanto aos regimes de governos. As monarquias em decadência há já muito, embora perdurassem em alguns países da Europa, começavam a ser manipuladas por extremistas, tanto da filosofia direita como da esquerdista, subjogando os povos aos programas de seus partidos. Na Rússia, Josef Stalin, que em 25 de maio de 1.924, tinha conseguido se confirmar no cargo de secretário-geral do Partido Comunista Soviético, era denunciado,

por carta, conhecida como uma das peças do testamento de Vlademir Lênin, fundador do Estado Soviético, entregue pela sua viúva ao Comitê Central do Partido, resistia no cargo apesar da acusação de que era um homem rude demais e que alguém mais polido e mais ponderado deveria ocupar a função que ocupava. Na Itália, Benito Mussolini, já com quase todo poder nas mãos eliminava todos os sindicatos não-fascistas; mandava matar o seu maior opositor, o líder socialista Giacomo Matteotti, de forma covarde, não dando a ele a oportunidade de fazer o discurso no Parlamento contra o governo fascista; no dia 30 de junho de 1924 marchavam os fascistas em direção à Roma cantando canções de guerra; na Alemanha, os socialistas alemães mantinham o poder, apesar das derrotas nas eleições do legislativo; Adolf Hitler, líder do Partido Nazista era condenado para cumprir uma pena de prisão por cinco anos, pelo crime de tentativa de golpe contra o Estado, cuja sentença foi apenas de fachada, assim considerada por mais de 60 jornalistas que acompanharam o desenrolar do processo. Ao ser preso jurou que a prisão não destruiria sua determinação, declarando-se inimigo do socialismo marxista.

No Brasil a insatisfação com o governo era grande, abrangendo tanto a classe civil como a militar. Após o levante revolucionário dos tenentes aquartelados no Forte de Copacabana, na capital da República, a insatisfação se acentuou mais com a subida ao poder do Presidente da República Arthur da Silva Bernardes -1922/1926 - mineiro de nascimento que ascendeu ao poder a custa da grande influencia de seu sogro Vaz de Melo. Severamente combatido pelos governos dos Estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro, além dos grupos oposicio-



Metralhadora pesada e soldado revolucionário

nistas de São Paulo e Bahia, era preocupante essa oposição.

SÃO PAULO – Em 5 de julho de 1924, exatamente dois anos do levante ocorrido no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, a cidade de São Paulo se torna o palco do segundo levante revolucionário, liderado, novamente por oficiais do Exército Brasileiro. A revolução iniciou-se as duas horas da madrugada. O comando geral das tropas rebeldes estava sob a liderança do general Isidoro Dias Lopes que deveria estar em São Paulo no dia três do mês de Julho, mas, face um desencontro só entrou em contato com alguns dos seus comandados no dia quatro às 18 horas, causando conseqüências desconcertantes para os revoltosos.

O plano geral da revolução era : a queda militar da cidade de São Paulo, em apenas poucas horas, através de um golpe militar audacioso de surpresa. Em seguida, logo depois de tomada a cidade, dois destacamentos mistos de tropas do Exército e da Força Pública deveriam marchar, uma em direção à cidade de Santos pela Estrada de Ferro São Paulo Railway, a outra em direção à Barra do Piraí pela Estrada de Ferro Central do Brasil. A finalidade era controlar essas áreas e garantir a ligação de São Paulo com Minas Gerais e isolar o Rio de Janeiro. Segundo o cálculo dos revoltosos a Capital

paulista deveria ser ocupada antes do amanhecer do dia cinco de julho e a progressão sobre a Baixada Santista e Vale do Paraíba deveria estar solucionada até as primeiras horas da manhã. Só depois de concluídas essas providências e recursos e mais reforços de levantes em outros Estados poderiam chegar, finalmente, lançar-se sobre o Rio de Janeiro, capital da República, objetivo final do levante revolucionário.

Esse plano laboriosamente previsto durante meses, acabou não se realizando, fracassando em poucos dias, devido a insignificantes imprevistos. A falta de comando entre os dias três, quatro e praticamente cinco, foi uma delas, pois o general Isidoro Dias Lopes, efetivamente, assumiu o comando revoltoso, somente no dia cinco às 20 horas. Mesmo assim, seus comandados, no dia e hora aprazada, iniciaram o levante revolucionário. Em menos de 15 minutos tomaram de assalto importantes pontos estratégicos militares, como os quartéis do bairro da Luz, ou seja, os 1º, 2º, e 4º Batalhões da Força Pública, do Corpo Escola e o Regimento de Cavalaria que mantinham um efetivo de soldados aquartelados de 2.600 homens, cuja adesão à causa revolucionária já tinham aderido, sem sequer disparar um tiro de fuzil. Essa força bélica representava uma poderosa ameaça ao Go-

verno do Estado, pois naquela circunstância, não tinha capacidade para imobilizar, momentaneamente, nem 1.500 homens.

Com essas conquistas afigurava-se assegurado o sucesso do levante revolucionário.

Os tenentes do general Isidoro Dias Lopes haviam previsto que o fundamento básico dos planos estava na queda incontinente da cidade de São Paulo. Ela deveria ser realizada em poucas horas com um golpe audacioso e, acima de tudo, surpreendente.

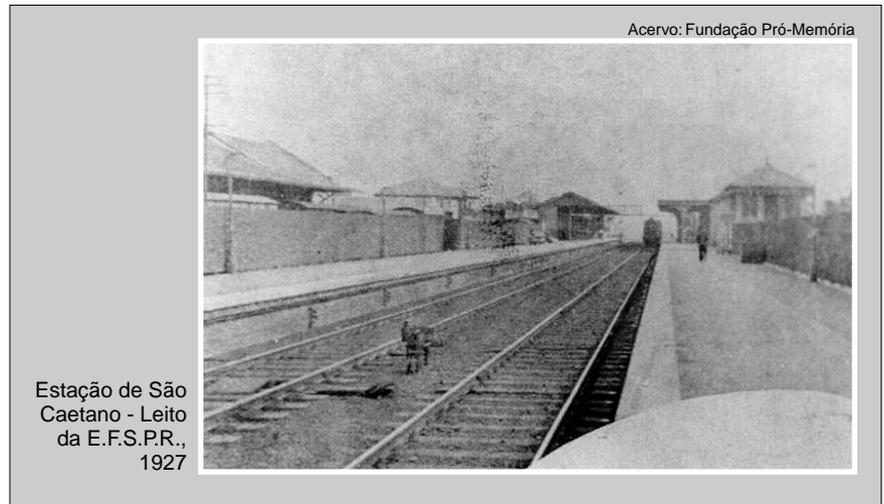
O plano para a tomada da cidade de São Paulo - capital - era: tomadas as forças aquarteladas dentro da capital ou em suas cercanias, o 2º Grupo de Artilharia Pesada de Quitaúna, fixar-se-ia no Campo de Marte, a zero hora do dia 5 para bombardear, se necessário, os quartéis da Luz; à uma hora, o 4º Batalhão de Caçadores da Força Pública seria sublevado e, às duas horas da manhã, com o apoio da artilharia e a ajuda de oficiais da Força Pública, seriam ocupados os quartéis do bairro da Luz. A mesma hora, tropas do 4º Regimento de Infantaria de Quitaúna, organizado em patrulhas e transportadas em automóveis, assaltariam a residência do presidente do Estado (hoje governador), nos Campos Elíseos; o Palácio do Estado, a Secretaria da Justiça, a Polícia Central, o Corpo de Bombeiros do centro da cidade, o Quartel General da Guarda Cívica da Várzea do Carmo, o 5º Batalhão da Força Pública do bairro da Liberdade e o 3º Batalhão da Força Pública do Cambuci. Enquanto isso as forças do bairro da Luz se organizariam e em patrulhas ocupariam, antes do amanhecer, as estações ferroviárias, telegráficas e telefônicas; as delegacias de policias e as companhias da Guarda Civil. Algumas dessas patrulhas tinham, também, o ob-

jetivo de realizar prisões de autoridades militares não rebeldes, em suas residências.

O general Abílio Noronha, comandante da Segunda Região Militar localizada em São Paulo, na tentativa de recuperar o 4º Batalhão da Força Pública, situado na Avenida Tiradentes, pessoalmente comparece naquela unidade militar, já tomada pelos revoltosos, e é preso pelo capitão Juarez Távora que lhe deu voz de prisão. Não atendendo a voz de prisão por achar que não deveria atender um subalterno. A ordem foi logo confirmada pelo general Isidoro que se apresentou como o comandante da revolução.

Enquanto os revoltosos procuravam ampliar suas posições militares de forma mais rápida possível, a revolução se espalhava pelas ruas do centro da cidade de São Paulo.

O plano para a tomada da capital, estava sendo executado, embora com certo atraso. O Palácio do Governo, nos Campos Elíseos ainda era mantido nas mãos dos legalistas. Os revoltosos que já tinham conquistado posições estratégicas, sem necessidade do uso de armas, contavam com a sucumbência da sede do governo da mesma forma. O capitão Juarez Távora foi o militar incumbido de negociar a rendição. O capitão Juarez dirigindo-se ao Palácio, entrou em contato com o tenente Vila Nova, comandante do corpo da guarda palaciana anunciando a rendição do Palácio, ordenando que o tenente e sua guarda se apresentassem, imediatamente, ao major Miguel Costa, comandante do 1º Batalhão da Força Pública, no bairro da Luz. O tenente Vila Nova, pacificamente aceitou a ordem, porém, tão logo foi-lhe dada as costas pelo capitão, dirigiu-se à Polícia Central e denunciou o levante. O Secretário da Justiça, o Presidente do Estado Carlos de Campos e



o quartel-general do comando da 2º R.M. foram alertados do levante. Com a ajuda do tenente delator organizaram a defesa do Palácio do Governo, situado nos Campos Elíseos. Trincheiras foram construídas com os paralelepípedos do calçamento, reforços com bombeiros de baionetas caladas e duas metralhadoras pesadas foram posicionadas diante do portão do Palácio a fim de garantir a sua defesa.

Às seis horas da manhã, o general Isidoro Dias Lopes, assistido pelo marechal Odílio Bacelar, mais o coronel Paulo de Oliveira, instalou no quartel do 1º Batalhão da Força Pública, no bairro da Luz, o quartel-general das Forças Revolucionárias

Por volta das seis e meia da manhã o Comando Revolucionário, ainda não tinha tomado conhecimento que o 4º Batalhão da Força Pública da Avenida Tiradentes não se alinhava mais com ele. Que o general Abílio Noronha que há poucas horas tinha recebido voz de prisão do general Isidoro estava livre no quartel do 4º BFP e aprisionado os revoltosos, tenente Castro Afilhado e os capitães Joaquim Távora e Juarez Távora, este último que tinha aprisionado o general Abílio. A prisão desses militares criara uma situação embaraçosa,

pois eram patentes militares ativas do movimento que se processava.

As sete horas da manhã os revolucionários iniciaram o bombardeio do Palácio dos Campos Elíseos, com os canhões instalados no Campo de Marte.

O bombardeio para atingir o Palácio dos Campos Elíseos era orientado pelos revolucionários que se encontravam no bairro da Luz, por meio de fogos de artifícios, lançados ao ar, em cores diferentes que pré-codificadas orientavam os militares atiradores como deviam proceder com seus canhões para atingirem as posições desejadas. Muitos tiros dos canhões não estavam atingindo o objetivo. Por isso o bombardeio, por alguns minutos foi suspenso. Às 7h30, novo ataque foi organizado pelos revolucionários, agora por terra. O capitão Estilac Leal, com o apoio de forças policiais e mais quatro metralhadoras tenta, sem resultado positivo, tomar o Palácio. Os ataques são rechaçados pela guarda de defesa do Palácio, auxiliada pelos soldados bombeiros, obrigando os revoltosos a recuarem desordenadamente, perdendo eles, no recuo, três metralhadoras.

No centro da cidade a confusão

estava generalizada. As atenções estavam voltadas para o bairro da Luz onde estavam sendo travados violentos tiroteios. O 4º BFP estava sitiado pelos revolucionários que tentavam resgatar seus companheiros, tenente Castro Afilhado e os capitães Joaquim e Juarez Távora, prisioneiros dos governistas que acabavam de serem julgados e condenados à pena de morte por fuzilamento.

Às 10 horas, aproximadamente, o comando revolucionário para romper a resistência aos ataques realizados contra o Palácio, e aos 4º e 5º Batalhões da Força Pública, inicia novos bombardeios. Em um deles, uma das granadas atingiu o Liceu Coração de Jesus e mais duas casas de civis, causando relativos danos materiais e duas mortes. Nesse momento, também, realizava-se a missa em sufrágio das almas das vítimas da revolta do Forte de Copacabana, do Rio de Janeiro, ocorrida há, exatamente, dois anos anteriores - 1922. Esse acontecimento causou grande apreensão à população, principalmente para os moradores do bairro e àqueles que assistiam o santo ofício no Mosteiro de São Bento. Por esses motivos, Isidoro Dias Lopes, ordenou a suspensão imediata do bombardeio.

Por volta das 11 horas os revolu-

cionários que às 7 horas tinham, pacificamente, ocupado a Repartição do Telegráfo Nacional e que por uma atrapalhada do levante, tinham perdido essa posição, face um golpe astuto dos legalistas, numa segunda investida rebelde, retomaram aquela posição, expulsando a guarda legalista.

Nesse dia os revoltosos atacaram, ainda, por mais duas vezes - às 13 e 16 horas - o Palácio - mas a defesa dele estava bem estruturada, pois, tinha recebido um reforço de mais cento e cinquenta soldados e munição para 12 mil tiros.

No mesmo dia 5, às 19 horas, a Repartição do Telegráfo Nacional, recaía nas mãos dos legalistas, novamente, face um indefensável ataque feito pelas tropas do Corpo de Bombeiros, legalistas.

Os revolucionários, embora tivessem mantido por horas essa repartição, não tiveram meios de impedir que os legalistas de São Paulo mantivessem comunicação com o Governo Federal. Por isso este último acompanhava, passo à passo, o desenrolar do levante revolucionário de São Paulo. Já pela manhã, ao tomar conhecimento da situação o Presidente da República pediu ao Congresso Nacional autorização para decretar estado de sítio, recebendo incontinentemente, o apoio unân-

nime da Casa. Decretado o estado de sítio, o Presidente Artur Bernardes determinou que fosse mandado para Santos o encouraçado Minas Gerais e os *destroyers* Baía e Alagoas e, mais quatro aviões acompanhados de dois mil fuzileiros navais. Às 13 horas algumas tropas já se encontravam embarcadas para São Paulo.

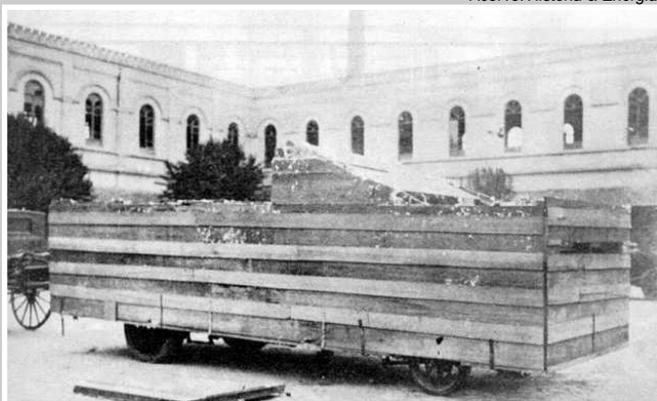
Ao entardecer do dia 5, a situação dos revoltosos, embora já tivessem tomado diversas estações ferroviárias, artilharia pesada e quase todos os quartéis do bairro da Luz e mais Quitaúna não era muito animadora face a forte resistência encontrada nos Campos Elísios, no Largo do Tesouro, nos quartéis dos 4º e 5º Batalhões da Força Pública onde tinham sido instaladas a Secretaria da Justiça, Secretaria de Segurança e Quartel General da Segunda Região Militar, na Rua Vergueiro.

Nesse mesmo dia essas posições foram bombardeadas, porém em vão, tendo o bombardeio sido suspenso.

No segundo dia do levante, os revoltosos, ainda sofrendo os atrasos e a desorganização da execução do plano, confundiam suas missões e as ordens recebidas. Essas confusões, em parte, aconteceram porque tanto os oficiais como os soldados desconheciam a cidade, porque havia muitos recrutas que não sabiam nem o porque da luta e porque os oficiais que comandavam não se conheciam por virem de lugares diferentes. O comando no entanto, tudo fazia para impor uma orientação revolucionária aos seus comandados.

O Campos Elísios continuava a resistir os ataques revolucionários. Na madrugada do domingo, dia 6, repetidos ataques foram executados. Os legalistas estavam encurralados no recinto do Palácio. Ninguém podia entrar e nem sair daquele território-

Acervo: História & Energia



Tanque de guerra improvisado com paredes externas de madeira cheias de areia dos revolucionários

rio. Os revoltosos estavam atentos e tudo era verificado. No Palácio a falta de alimentação e de alojamento já se fazia sentir, e, para agravar mais a situação, por volta das 4 horas da manhã chegaram cinquenta soldados da polícia acompanhados de três oficiais, que vinham fugidos do Corpo Escola do 4º BFP.

Para os revolucionários a chegada desses soldados representou um mau sinal. Se assim estavam procedendo os legalistas era porque estavam inclinados a continuar com a resistência do Palácio.

As lutas para tomadas de posições continuavam de ambos e por todos os lados. Por uma seção do 2º Grupo de Artilharia de Montanha da cidade de Jundiá que apoiava a revolta, foi iniciado, nas primeiras horas da manhã, um bombardeio na caixa d'água da Luz e no edifício da Escola Politécnica, local de observação e de posição de tiros do 4º Batalhão da Força Pública.

Nos hotéis do centro da cidade - Hotel Terminus, Regina Hotel e Hotel Esplanada - os revoltosos tinham instalados postos de observações, nos terraços e nos andares superiores. Com isso dominavam quase toda a vista da cidade.

No centro da cidade o tiroteio de metralhadora era cerrado e constante. Metralhadoras instaladas na Praça Antonio Prado, atacavam a Avenida São João; as metralhadoras instaladas no Largo São Bento, atacavam o Largo Santa Efigênia, quando necessário.

Tanto os revoltosos como os legalistas, nesse dia - 6 de julho, domingo - não tinham feito progresso algum a respeito de suas posições. A situação do dia anterior permanecia inalterada.

Ao anoitecer começaram chegar as tropas governistas, vindas de fora, para reforço da cidade.

No dia 7, com a chegada dos reforços os governistas iniciaram duros ataques às posições revolucionárias. Os revoltosos foram desalojados do Regina Hotel perdendo um de seus mais importantes postos de observações. No bairro da Luz os marinheiros e fuzileiros navais do Minas Gerais e do Forte de Itaipú, chegados de Santos no dia anterior, iniciaram bombardeios nos quartéis revoltosos. Concomitantemente era feita tentativa de ataque através do Rio Tamandateí. Repelidos pelos revoltosos, parte dos legalistas entrincheiraram-se na subestação transformadora da Light da Rua Paula Souza e mantiveram essa subestação até o final da revolta.

Ao meio dia os revolucionários que até aquele momento se postaram na defensiva, começaram a pressionar as posições legalistas, principalmente as do bairro da Luz, conseguindo tomar o Liceu Coração de Jesus e a estação dos bombeiros da Alameda Barão de Piracicaba.

Essas posições tomadas pelos rebeldes, a falta de alimentos, de alojamentos no Palácio, os inúmeros feridos

sem recursos de atendimentos e remédios e a falta de garantia de vida do Presidente e sua família e do general Estanislau de Pamplona era o prenúncio do abandono do Palácio como sede do governo.

A tomada da cidade de São Paulo estava sendo muito difícil de realizar-se e a resistência governista cada vez era maior, com os reforços vindos do governo federal que chegavam a cada momento. As adesões dos outros estados para os revoltosos não eram manifestadas.

A segunda etapa do plano revolucionário, nestas circunstâncias, encontrava-se na mesma condição, pois Santos desde o dia 6 já estava nas mãos dos governistas e na Barra do Piraí o general Sócrates reunia os comandantes de várias unidades do Exército Brasileiro e fixava o estado maior das tropas legalistas. Instalando o quartel-general em Caçapava e um ponto avançado em Mogi das Cruzes, funcionou, precariamente por pouco tempo. Logo em seguida, o quartel-general foi transferido para Mogi das Cruzes e o posto avançado de comando para Guaiabá. Poste-

Acervo: As Noites das Grandes Fogueiras



Tanque de guerra dos legalistas - fabricação francesa

riormente, o quartel-general foi instalado na estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Guaiaúna, no bairro da Penha, já dentro da cidade de São Paulo.

Os marinheiros e os fuzileiros navais desembarcados em Santos, no dia 6, já tinham ocupado a cidade e avançado para São Paulo. Às 19 horas um contingente de 430 soldados, 22 oficiais, dois suboficiais e 15 sargentos, em trem especial partiu de Santos rumo à Capital de São Paulo. Às 23h30 o comboio, passando por São Caetano desembarcou os soldados na estação do Ipiranga da estrada de ferro São Paulo Railway. Os legalistas não seguiram além dessa estação porque sabiam que os revolucionários já se encontravam nas imediações dela. Imediatamente, após o desembarque uma patrulha de fuzileiros navais foi formada e designada para proceder o reconhecimento da região, principalmente da estrada que ligava o local com o centro da Capital. A patrulha saiu e momentos depois foi iniciado um combate entre legalistas e revolucionários. Era o confronto dos soldados navais legalistas com as sentinelas avançadas das tropas revolucionárias. Esse combate aconteceu nas proximidades da fábrica Cerâmica Sacomã, vizinha das divisas de São Caetano. O tiroteio foi observado e ouvido em quase todo território sancaetanense, onde a estrada de ferro inglesa se encontrava ocupada pelas tropas legalistas.

A população civil de São Caetano que já estava assustada com a ocupação do território pelos soldados legalistas, recolheu-se em casa, apavorada com o tiroteio que estava sendo travado, bem perto da divisa da cidade.

A estação de São Bernardo - hoje Santo André - também, era ocupada pelos legalistas. Os revolucionários

para realizarem seu plano necessitavam daquela posição. Para isso tentaram um contato com as tropas da Marinha que lá estavam instaladas para um pacto de adesão de seus oficiais à revolução. A tentativa foi frustrada e os emissários revoltosos foram presos e imediatamente transportados para o Rio de Janeiro.

No dia 8, o jornal *O Estado de São Paulo* em manchete publicava: *Chega a São Paulo a força naval, O Governo confia, em absoluto, na vitória, E' decretado feriado até sábado, Bombardeio do quartel da Luz.*

Os rebeldes nesse dia, nas primeiras horas da manhã intensificaram a pressão contra os legalistas. Com um obuseiro instalado nas imediações do Cemitério do Araçá, chegado do quartel de Quitaúna, - Osasco - passaram a bombardear a cidade. Essa arma completava a linha de fogo do canhão 105, que tinha sido cedido para o comando do tenente Eduardo Gomes que estava com suas tropas localizado na Várzea do Carmo cercando estrategicamente toda a zona ocupada pelos legalistas.

O 4º Batalhão da Força Pública foi o primeiro a ser castigado pelas baterias dos revoltosos. O bombardeio, no entanto não chegava a hostilizar essa posição, talvez propositalmente, pois os revoltosos tinham conhecimento que um ataque mais duro iria, possivelmente, sacrificar seus companheiros prisioneiros que lá se encontravam. Mesmo assim o edifício que abrigava o comando foi incendiado pela artilharia do canhão 105, ardendo em chamas durante todo dia oito.

Enquanto o prédio do 4º BFP ardia em chamas os rebeldes apontando seus canhões para os Campos Elíseos para lá começaram a despejar suas balas. Das 11 às 12 horas as baterias assentadas nas imediações do Cemitério Araçá também

começaram a disparar algumas bombas, pressionando mais os governistas. O Palácio do Governo já se encontrava vulnerável. O Presidente Carlos de Campos, aconselhado pelo general Pamplona decidiu transferir a sede do governo para o Largo do Tesouro, onde já se encontrava instalada a Secretaria da Justiça. Essa mudança e o grande movimento de tropas que se efetivava no Largo do Tesouro, provocou grande preocupação ao capitão Estilac Leal, que do Hotel Terminus controlava quase todo movimento dos legalistas no centro da cidade. Solicitou de imediato bombardeamento daquele local. Às 15 horas o tenente Eduardo Gomes pelo cruzamento da Rua João Teodoro esquina com a Avenida Cantareira, onde estava assentado um canhão 105, com bastante precisão começou atacar o local, atingindo de imediato o edifício da Secretaria da Justiça, onde há poucos instantes tinha sido instalado a sede do governo. Embora a artilharia legalista tenha respondido o ataque a resposta foi inócua e os revoltosos, vitoriosos conseguiram apreender uma peça bélica importante, dizimando uma guarnição legalista.

Os últimos ataques e bombardeios dos revoltosos estavam se tornando cada vez mais eficientes. Por essa razão os comandos das resistências legalistas decidiram recuar suas tropas para a periferia, onde se encontravam outras tropas amigas chegadas de Santos e do Vale do Paraíba.

Nesse mesmo dia, à tarde, o Presidente Carlos de Campos com sua família e comitiva transferiram-se para o quartel do Corpo de Bombeiros. Consta que desejava instalar sua sede de governo em São Caetano, mas, por questão de segurança foi aconselhado a mudar para Guaiaúna

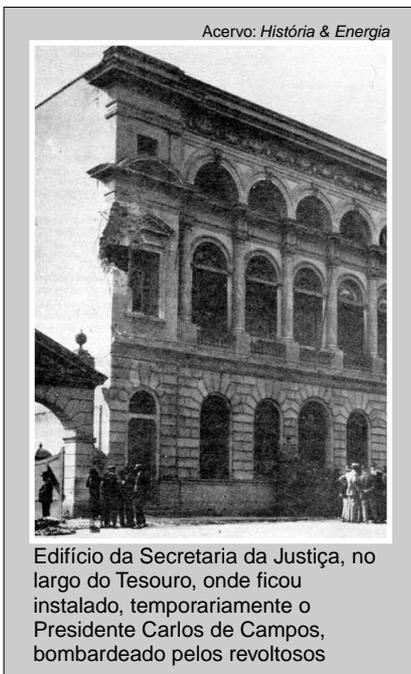
- hoje Carlos de Campos - pequena estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, onde já estava funcionando o quartel-general e o estado maior das forças legalistas.

Os revoltosos no dia 9 desde as primeiras horas da manhã, de suas trincheiras localizadas ao redor do Palácio dos Campos Elíseos, com rajadas de metralhadoras e com a artilharia castigaram aquele local. Mas, inexplicavelmente os legalistas não responderam ao combate que lhes era imposto. A falta de resposta era evidente, pois, o Presidente do Estado com sua família e sua comitiva, no dia anterior, tinham abandonado o Palácio dos Campos Elíseos.

Surpreendentemente, os revoltosos tomaram conhecimento da retirada do governo, quando Miguel Costa, major da Força Pública de São Paulo, ao enviar uma missiva por um de seus sargentos, constatou a desocupação total do local. Nessa missiva, que não chegou a ser entregue, o major assumia, perante o Presidente do Estado e seu superior, a inteira responsabilidade do levante nos quartéis da Força Pública de São Paulo, assim como dizia estar disposto a lutar até a última conseqüência, pela causa revolucionária.

Miguel Costa ao tomar conhecimento do abandono do Palácio, imediatamente entra em contato com o general Isidoro. Este, face a curiosidade popular, manda inspecionar todo o edifício, trancando-o por completo

Após esta vitória, os revoltosos renderam o 4º Batalhão da Força Pública, o QG. da 2ª Região Militar, a subestação da Light na Paula Souza, libertando os capitães Joaquim e Juarez Távora e Índio do Brasil e, mais civis e outros militares. Com essas vitórias os revoltosos criaram novo ânimo para continuarem combatendo.



A cidade, praticamente, já estava na posse dos revolucionários. Porém, estava sem administração. A definição desse problema era prioritário. O Comando Revolucionário, entendeu o problema e decidiu manter os prefeitos das cidades, desde que eles se comprometessem a colaborar com o governo revolucionário.

Na cidade de São Paulo, foi mantido o prefeito Fermiano Pinto.

O povo que começava a sair de casa para as ruas, junto com os soldados, começou a saquear o comércio e a indústria, com violência e desordenadamente. A escassez de gêneros de primeira necessidade e a carestia dos mesmos, eram os motivos desses assaltos. Os tenentes tentaram a repressão, mas, impotentes para conter os saques, acabaram fechando os olhos. O tenente João Cabana, depois de discutir com o administrador do Mercado Municipal, arromba as portas do mercado e deixa o povo se servir sem qualquer controle. O abuso, porém, chegou a tal ponto, que o próprio tenente Cabana, para conter a fúria como era pratica-

do o saque, chegou a fuzilar alguns soldados que saqueavam lojas e casas comerciais.

Para garantir o comércio e a indústria, dos saques, o general Isidoro, criou a Chefatura de Polícia do Exército Revolucionário, nomeando como chefe desse órgão o major Raul Dowsley Cabral. Por sua vez, o Prefeito Fermiano Pinto, criou a Guarda Municipal, a Comissão de Abastecimento, reorganizou o Corpo de Bombeiros e tabelou os preços dos gêneros de primeira necessidade. Reorganizou, também, todos os serviços públicos como o de abastecimento de água, de luz e de transporte.

Essas medidas administrativas proporcionaram aos oficiais revolucionários uma tranqüilidade em seus afazeres militares. Puderam concentrar-se mais nos problemas militares da revolta. Iniciaram a reorganizar suas tropas e planos de defesa. Estabeleceram para a defesa da cidade duas linhas: uma, do Brás à Liberdade, para proteger o centro da cidade de possíveis ataques das tropas legalistas acampadas no bairro do Cambuci; outra do Belenzinho à Mooca, para impedir avanço de tropas concentradas no Tatuapé.

Entre essas medidas outras foram providenciadas para a tomada total da cidade. Do interior foram trazidos reforços, convocados reservistas e incorporados voluntários. Foram organizados batalhões de estrangeiros húngaros, alemães e italianos, simpatizantes do movimento revolucionário. Os componentes desses batalhões eram, a maioria, socialistas, tratados na época, como anarquistas.

Os revoltosos tinham ascendido em pleno poder. Os legalistas a vista da resistência dos seus inimigos, recuaram suas tropas fazendo uma pequena trégua. Os canhões e as metralhadoras calaram por um tempo.

Houve momento de paz. No entanto, entre os dias 10 e 11 eles voltaram a carga, com maior violência bombardeando as trincheiras e fortificações revolucionárias da Mooca e do Belenzinho, estabelecendo a ligação com suas tropas amigas alojadas no Ipiranga.

Depois de castigarem os bairros do Brás, Belenzinho e Mooca e colocarem em retirada os revoltosos, iniciaram os bombardeios no bairro da Luz.

A reação legalista fazia parte de um plano brutal de alguns oficiais governistas que só acreditavam na retomada da cidade, após a destruição de parte dela.

A população não suportando os violentos ataques legalistas começou a transferir-se da cidade para o interior, da forma que podiam. Campinas já abrigava mais de 50 mil refugiados até o dia 12.

Dom Duarte, arcebispo metropolitano e o presidente da Liga Nacional, comovidos com a situação da população civil da cidade, em mensagem ao Presidente da República Artur Bernardes, solicitaram a cessação dos bombardeios contra São Paulo. Justificavam que as forças revolucionárias estavam comprome-

tendo-se a não usar seus canhões para a destruição da cidade. O pedido foi reforçado, telefonicamente, pelo prefeito Fermiano Pinto ao marechal Fernando Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, que respondeu nos seguintes termos: *Não podemos fazer a guerra tolhidos do dever de não nos servirmos da artilharia contra o inimigo, que se aproveitaria dessa circunstância para prolongar sua resistência, causando-nos prejuízos incomparavelmente mais graves que os danos do bombardeio. Os danos materiais de um bombardeio podem ser facilmente reparados, maiormente quando se trata de uma cidade servida por fecunda atividade de um povo laborioso. Mas os prejuízos morais, esses não são suscetíveis de reparação.*

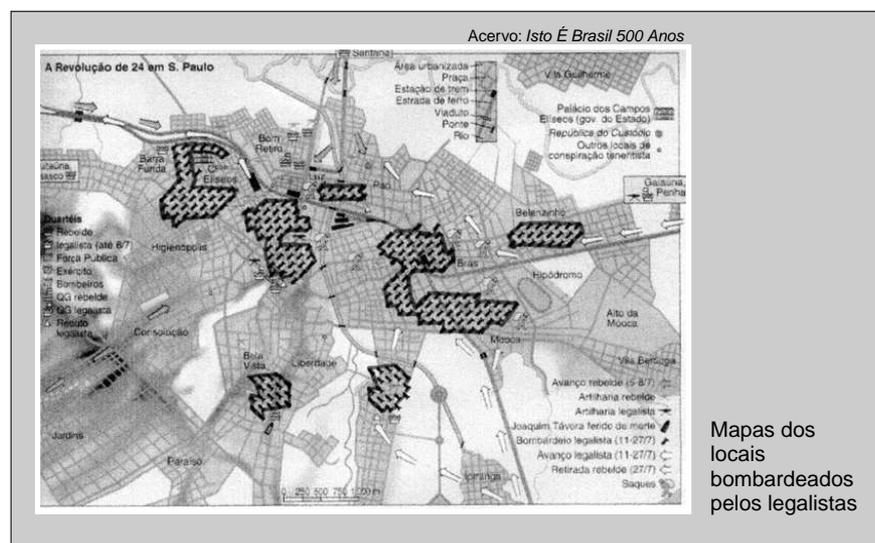
Os bombardeios legalistas, no dia 13, continuaram intensos e brutais. Os ataques eram realizados à esmo, prejudicando mais a população civil que, propriamente, os militares. A intenção de arrasar a cidade era óbvia. Enquanto os bombardeios se realizavam sem piedade, os revolucionários faziam o primeiro vôo, sobre a cidade com o objetivo de reconhecimento das posições inimigas. Eles pretendiam usar a aviação para

combater os legalistas. O Comando Revolucionário resolveu por em prática a organização da Força Aérea e confiou a tarefa ao tenente Eduardo Gomes que era piloto civil. Eduardo Gomes auxiliado pelo tenente da Força Pública e a aviadora Anésia Pinheiro Machado, conhecedores dos campos de aviação e dos aviões de São Paulo, imediatamente requisitaram diversos aparelhos encontrados no Campo de Marte. Sem pilotos suficientes para pilotar os aviões requisitados, recorreram a alguns pilotos civis, contratando-os para as tarefas bélicas.

Na segunda-feira dia 14, os canhões de grosso calibre dos governistas começaram bombardear os bairros da Liberdade, da Aclimação e Vila Mariana, preparando os ataques que estavam planejados para o dia seguinte. No dia 15 de madrugada os legalistas tomaram dos inimigos o 5º Batalhão da Força Pública da Rua Vergueiro, o Largo do Paraíso e o Largo Guanabara. Nesses ataques, ocuparam, também, o Convento Santo Agostinho e o Convento da Imaculada Conceição, entrincheirando suas tropas no bairro da Liberdade. À tarde, os revoltosos, num combate sangrento, retomavam o 5º Batalhão da Força Pública. Nesse ataque o capitão Joaquim Távora, um dos oficiais articuladores do levante revolucionário saiu mortalmente ferido, tendo sido levado para o Hospital da Força Pública para ser socorrido.

A tomada do 5º BFP estabilizou a situação.

O general Isidoro, afim de conter novos ataques reorganizou novas linhas de defesas revolucionárias, desta vez, subdividindo-as em quatro setores e dois flancos guardas de apoio. Além disso, patrulhas de cavalaria, subordinadas ao QG., para exercerem vigilância diária além dos



limites dos bairros Jardim Europa e América.

Em torno dessa defesa delimitada é que se travavam os violentos tiros da infantaria e dentro dela, os bombardeios.

No dia 16, era calculado que mais de 300 mil pessoas tinham abandonado a cidade de São Paulo. Havia incêndios por toda parte. Nesse dia, o presidente da Associação Comercial de São Paulo, José Carlos de Macedo Soares, solicita ao comandante da 2ª Região Militar que intercedesse, junto ao governo federal, para que a cidade de São Paulo não fosse arrasada, conforme estava sendo. Isidoro Dias Lopes, comandante dos revoltosos, ao saber desse pedido, no dia 17, escreveu uma carta para o general Abílio impondo as condições para depor as armas. As exigências não foram aceitas pelo general que não se interessou em intermediar a rendição revolucionária.

As forças legalistas, no dia 18, sexta-feira, encabeçadas pelo general Arlindo, a noite, avançando pela Estrada do Vergueiro, penetrou sorrateiramente pela Vila Mariana abrindo-se nas garagens dos bondes da Light, instalando um posto de comando e alojamento dos revoltosos.

Na Vila Mariana os combates estavam sendo violentos e desumanos. Em um desses confrontos o comandante do destacamento da polícia fluminense, ferido mortalmente, faleceu. Os seus subordinados, enfurecidos, desrespeitando qualquer ética militar, começaram ataques mais violentos, indiscriminadamente, prendendo qualquer pessoa, militar ou não que encontrava-se nas ruas.

O capitão Joaquim Távora, ferido no dia 15, quando participava de uma batalha na esquina da Rua Paraíso com a Rua Maestro Cardim e que se encontrava em tratamento no

Hospital Militar da Força Pública, falece e em virtude de uma infecção.

A aviação legalista sobrevoando a Capital, naturalmente fazendo reconhecimentos, prenunciava ataques aéreos. Os bombardeios até então realizados pelos legalistas, com canhões e obuses, somente tinham atingido a população civil que apavorada deixava a cidade.

O Comando Revolucionário, no dia 21, resolveu organizar uma investida no reduto legalista da Vila Mariana. Concentrou suas tropas no Largo do Paraíso. Os legalistas, tomando ciência da concentração, na madrugada do dia 22, investiram ofensivamente, surpreendendo-os sem que tivessem tempo para esboçar qualquer defesa. A aviação legalista, enquanto isso, castigava outros bairros, principalmente o da Luz.

Os bombardeios no dia 23 se tornaram mais intensos, principalmente, entre os bairros da Liberdade e Vila Mariana. As ruas ficaram repletas de mortos, estendendo-se essa situação, também nos bairros do Cambuci e Belenzinho. O prefeito da cidade, acompanhado do arcebispo católico, pessoalmente, apelaram ao Presidente do Estado para que intercedesse junto ao Presidente da República para que São Paulo não fosse arrasado com os bombardeios, mas ele se recusa a interferir no assunto. No mesmo dia, o Prefeito face a negativa do Presidente do Estado, viajou para o Rio de Janeiro, afim de apelar para o Presidente da República. Porém, face a atmosfera hostil encontrada e nada conseguindo volta para São Paulo.

Os revoltosos imaginaram, nessas circunstâncias, que só um fato de grande repercussão popular salvaria a revolução. Para isso, então elaboraram um plano que consistia no bombardeamento do Palácio do Governo Federal - Catete - no Rio

de Janeiro e distribuição de panfletos comovendo a população. O plano foi elaborado e para sua execução foi escolhido o tenente Eduardo Gomes que viajaria com um piloto que já tinha participado da primeira guerra mundial. O plano porém não chegou ao resultado planejado porque o avião, sofrendo uma pane, precisou aterrizar na cidade de Cunha, às 13h30, quase na divisa do Estado do Rio.

O êxodo da população continuava cada vez maior. A artilharia e a aviação legalista castigavam a cidade envolvida por uma névoa densa provocada pelos incêndios dos depósitos inflamáveis da Mercasul e da Companhia Antártica. Pela estação da Luz embarcavam para o interior do Estado, mais de 20 mil pessoas por dia. Os revolucionários, ajudavam no embarque e para maiores possibilidades de condução ferroviária, além de terem aumentado o número de trens diários para Campinas, tinham reduzido os preços das passagens.

No dia 24, quinta feira, a Igreja da Glória, que estava nas mãos dos rebeldes e defendida por húngaros e alemães voluntários, sucumbiu para os legalistas. Nesse mesmo dia, tendo em vista que os legalistas estreitavam cada vez mais o cerco da cidade, o Comando Revolucionário planejou mandar uma locomotiva carregada de dinamite para o quartel-general dos legalistas em Guaiaúna, com a finalidade de explodir o arsenal que servia de depósito de armas e munições do governo. Esse plano não chegou a ser realizado, face a astúcia dos legalistas, tendo os revoltosos perdido a locomotiva, a carga explosiva e as armas na explosão do comboio.

No dia 25, tendo em vista a morte de 40 pessoas, vítimas de um bombardeio, o Comando Revolucionário

nário, advertia a população que tinha abandonado suas casas, para não se concentrarem em certas áreas da cidade afim de evitarem desastre semelhante.

Os revoltosos estavam perdendo as esperanças da vitória, porém, o general Isidoro, comandante das forças revolucionárias mantinha-se confiante, esperando reações que deveriam vir de outros Estados, como do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. São Paulo, no entanto, estava só, irremediavelmente perdido e com seu povo cansado de tanto castigo impiedoso dos governistas. Nesse mesmo dia, os bairros circunvizinhos das estações do Brás - estações das estradas de ferro SPR e Central do Brasil - sofreram bombardeios e combates em todas as frentes. Os revoltosos, nas oficinas da Estrada de Ferro SPR acabavam de transformar um veículo que o denominaram de trem blindado, para atacar as estações das estradas de ferro que eram ocupadas pelos legalistas. A sua primeira missão foi atacar a estação da Mooca não sendo, também, concluída porque os legalistas tomando conhecimento do ataque, conseguiram com que o trem descarrilasse antes de chegar no local planejado. Nessa parada forçada, os revolucionários que se encontravam dentro da composição foram, a maioria, fuzilados pelas metralhadoras inimigas. Nessa chacina o coronel João Francisco saiu gravemente ferido, com 51 ferimentos.

As notícias que chegavam a São Paulo dos outros Estados, eram desalentadoras. Os governistas controlavam os governos do Paraná, Mato Grosso e Minas Gerais e tinham se apoderado das Estradas de Ferro Sorocabana, Noroeste e Mogiana. O cerco, portanto pelos limites do Estado, também se fechava cada vez mais.

No dia 26, os legalistas atacaram contra o setor da Mooca conseguindo conquistar aquela posição, obrigando os revoltosos a recuarem para o centro, na Avenida Rangel Pestana. Disparos de tempos em tempos eram ouvidos vindo da Liberdade e do Cambuci. Eram disparos dos sentinelas do governo que assustados com o nevoeiro da madrugada temiam ser uma cilada dos revoltosos.

A situação na cidade piorava mais cada dia que passava e para agravar mais as condições os aviões dos governistas, aterrorizavam o povo com bombardeios mais violentos, soltando panfletos, aconselhando a população a abandonar a cidade.

O quartel-general dos revoltosos, a fim de garantir mais facilidades no caso de um recuo para o interior, foi transferido para a estação da Luz. O general Isidoro Dias Lopes, ciente da gravidade da situação e não desejando por nada a destruição da cidade, mais uma vez prometeu depor as armas, desde que fosse decretada anistia para todos os revoltosos. O governo federal respondeu : (...) *o governo federal só aceita a rendição incondicional dos revoltosos.*

Por intermédio do presidente da Associação Comercial José Carlos de Macedo Soares e do general Abílio de Noronha, tenta novo acordo. O general Abílio o aconselha a pedir ao general Eduardo Socrates comandante das forças legalistas o armistício. Macedo Soares escreveu duas cartas fazendo o pedido, uma endereçada ao general Socrates e a outra ao Presidente do Estado, Carlos de Campos. A resposta do Presidente foi curta e seca: (...) *vou mandar intensificar o bombardeio.* Nesse dia, os revolucionários sentindo a impossibilidade de um acordo amigável, resolveram retirar-se da cidade de São Paulo. Foram requisitados carros, caminhões e tudo que servia de

condução para recolher todos os soldados esparramados pela cidade. Todos foram transportados para a estação da Luz de onde saíram os comboios. A embarcação das tropas foi organizada e executada na maior ordem e sigilo, iniciando-se às 22 horas do dia 27 de julho. Os governistas, só ficaram sabendo da retirada dos revolucionários para o interior de São Paulo, somente na madrugada do dia 28, porque os revoltosos, a fim de confundir-los, enquanto se processava o embarque, faziam disparos de canhão, a esmo, com dois canhões que tinham levado para a estação e que deixaram de lembrança para os legalistas.

DEPOIMENTO – Idamis Veronesi, sancaetanense de nascimento, por ocasião do levante revolucionário de 24, tinha nove anos de idade. Morava com os pais, Artemio e Flávia Veronesi, na Rua João Pessoa, nº 27, bem em frente ao começo da Rua Santa Catarina. Ao lado de sua casa existia um terreno baldio com um barracão onde eram colocados aros de ferro em rodas de carroças, charretes e outros veículos puxados por muare e onde eram, também ferrados cavalos.

No início da revolução - 5 a 6 de Julho - São Caetano que era uma cidade pacata, começou a ficar movimentada com a chegada de tropas de soldados e depois marinheiros que tomaram conta dela, invadindo a estação da estrada de ferro inglesa - São Paulo Railway - e ruas Conde de Antônio Prado, Serafim Constantino e Perrella, todas elas ao redor do leito da estrada. Os soldados que nela permaneciam dia-e-noite pareciam estar de prontidão para algum acontecimento. Talvez um ataque dos revoltosos pois, diziam que no Ipiranga havia tropas deles acantonadas. Suas armas, ficavam permanentemente ensarilhadas e municia-



Cápsulas de canhão da Revolução de 24, gravadas por Artemio Veronesi (figuras)

Artemio Veronesi, Circa 1938

Cápsulas de canhão da Revolução de 24, gravadas por Artemio Veronesi (brasões)

das. Nos vagões as metralhadoras eram visíveis, pois as portas se encontravam sempre abertas.

Os trens de passageiros, desde as primeiras horas da manhã, só funcionavam para transportar soldados e armas. Os passageiros estavam privados daquela condução. Não era só a estação de São Caetano que estava ocupada pelos soldados, a do Ipiranga e a de São Bernardo, também estavam ocupadas pelos soldados legalistas.

A chegada dos soldados em São Caetano apavorou a população, principalmente os homens. Os soldados legalistas, sem cerimônia e não aceitando contestação, convocavam o primeiro que encontravam nas ruas para cavar trincheiras ou outros serviços que necessitavam. Por isso, os homens só saíam de casa para ir para o trabalho e as mulheres, não podiam, sequer por o nariz na porta. A ordem era manter as portas e as janelas trancadas. Com a chegada dos marinheiros, as pessoas começaram a ficar mais apreensivas. Tanto os soldados, como os marinheiros tinham vindos de diversas partes do Brasil e essa gente não era bem vinda na cidade. Para agravar mais a situação, a maioria dos homens era considerada, pelos legalistas, amiga dos revolucionários, por-

tanto seus inimigos. Certa ocasião, no período da revolução, os legalistas prenderam muitos operários, acusando-os, sem razão, de espíões dos revoltosos.

Nos primeiros dias houve só movimentação de tropas e isso já era o bastante para inquietar a população que nunca tinha sofrido uma situação idêntica. A população não era molestada pelos soldados e marinheiros, porém, a presença deles na cidade já era motivo para inquietação. A prevenção contra os soldados legalistas era tal, que os seus pais, até um plano de defesa e fuga idealizaram para ela e suas duas irmãs mais velhas, no caso de uma invasão domiciliar pelos soldados ou marinheiros. O plano consistia em fugir para a casa da dona Nazarena, senhora de idade, vizinha muito conceituada na cidade, pulando o muro e pedindo-lhe asilo. Dona Nazarena era uma pessoa de muita idade, boa e muito valente. Seus pais sabiam que lá eles não teriam coragem de fazer qualquer hostilização.

Nos primeiros dias ela ignorava os motivos do levante, porém, quando soube que o general Isidoro Dias Lopes era o comandante do levante e que a revolução era para tirar o Presidente da República Artur Bernardes, ficou torcendo para os revolu-

cionários, porque não gostava do presidente. Seu pai se dizia muito amigo do general Isidoro. Ela lembra de que, em uma festa seu pai mandou-a entregar um ramallete de flores para um militar, muito bem fardado. Que depois soube ser esse militar o general Isidoro.

Depois de alguns dias que os soldados estavam acampados em São Caetano, os bombardeios de São Paulo começaram a ser ouvidos em São Caetano. Dias depois, eram tiros e bombardeios. Numa noite no bairro do Ipiranga houve um confronto entre legalistas e revolucionários. O tiroteio parecia estar sendo travado em São Caetano e muita gente que morava na periferia com o Ipiranga, correu se alojar, como pode, em São Caetano.

Os legalistas dias depois do início da revolução, montaram um hospital no Cine Central, na Rua Perrella para onde eram encaminhados os feridos dos bairros do Ipiranga e Cambuci. Muitas pessoas morreram nele e quando isso acontecia os mortos eram levados para o único cemitério da cidade, o de Vila Paula. Ali ficavam aguardando seu transporte para outras localidades. Chegou saber que muitos cadáveres foram enterrados em valas comuns. Quase todas as noites

seu pai, que era fiscal da Prefeitura, precisava levantar e abrir o cemitério para serem depositados cadáveres. Ela nunca soube que qualquer cadáver tenha sido enterrado nesse cemitério, com a exceção de um oficial que logo depois seu corpo foi exumado e transladado para outro lugar.

Muitas pessoas apesar de não simpatizarem com os soldados governistas, procuravam tratá-los humanamente. É o caso dos soldados que freqüentavam a ferraria e que se queixavam muito de dores de barriga, talvez pela comida que comiam. A vizinhança toda, durante o dia, fazia chá de ervas caseiras, plantadas nos quintais, com isso aliviando o mal que sentiam. Muitos deles, após o término da revolução, fizeram questão de se despedirem daquelas pessoas que os assistiram.

Muitas famílias que vieram fugidas dos bombardeios da cidade de São Paulo com o término da revolta voltaram para os seus lares, outras fixaram residência em São Caetano.

São Caetano, embora vizinho da cidade de São Paulo, que foi castigada com bombardeios de artilharia e aviação, sequer teve um confronto armado de infantaria entre os revolucionários e os legalistas.

Idamis conta que logo que os revolucionários abandonaram a cidade de São Paulo transferindo-se para o interior, seu pai também viajou dizendo que ia para Jundiaí, cidade onde trabalhou por alguns anos na Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Quando voltou trouxe consigo quatro cápsulas vazias de canhão. Dias depois, começou a trabalhar nelas com um punção de bico gravando figuras. Eram desenhos de soldados, de fortes, de árvores e em todas elas desenhou um contorno do tipo de



um escudo, escrevendo dentro dele os seguintes dizeres: *Lembrança da Revolta Paulista - 5 de Julho de 1924*. Que depois de estarem prontas, disse que elas seriam usadas como vasos de flores para homenagear os soldados e civis heróis, tombados nas batalhas para a causa revolucionária. Soube, também, que ele entregou uma das cápsulas para o general Isidoro Dias Lopes, uma outra para o senhor José Mariano Garcia, ficando com um par para si.

Tércio Vicenzi, contou que um dia seu pai o levou até a estrada de ferro inglesa e lá ele viu um vagão com as portas abertas. Ele recorda da sua admiração ao ver o que estava dentro dele porque nunca tinha visto uma coisa daquela. Era uma metralhadora muito grande e bonita. Tércio lembra que os legalistas não eram olhados com bons olhos, uma razão porque estavam arrasando São Paulo e outra porque estavam defendendo o governo de Artur Bernardes, homem mal-visto pelo povo.

Lembra que as pessoas cantavam o seguinte verso:

Isidoro não tem medo.

*E, tampouco tem preguiça.
De fazer de Artur Bernardes.
Meio metro de lingüiça.*

Isaiás Polido Nieto, nascido em 3 de Julho de 1903, na época da Revolução de 1924 tinha 21 anos. Ele recorda-se que no dia que começou o levante as notícias eram desencontradas. Ninguém sabia quem era soldado legalista ou revolucionário. Ele lembra que vinha vindo para o centro de São Caetano da casa da família Escota (Vila Gerti) quando avisou o Zé Longo, montado em seu cavalo, que vinha gritando, fujam que os soldados estão vindo atacar São Caetano. Ele estava mais ou menos na altura das terras dos Fiorrotti e quando chegou no centro, soube que os soldados que vinham vindo eram legalistas que foram se juntar às tropas que estavam no Ipiranga. A notícia no entanto, assustou muita gente que andou se escondendo no mato.

NOTAS:

- 1 - História Ilustrada do Século 20 - Folha da Tarde - 1996.
- 2 - Atlas Histórico - Isto E' Brasil 500 Anos - 1998.
- 3 - História & Energia - A Light e a Revolução de 1924.
- 4 - As Noites Das Grandes Fogueiras - Uma História Da Coluna Prestes.
- 5 - Os Grandes Personagens De Nossa História - Abril Cultural 2ª. Edição - Editora Record.
- 6 - Depoimento de Idamis Veronesi.
- 7 - Depoimento de Arthur Tércio Vicenzi.
- 8 - Martins, José - Subúrbio - Editora Hucitec - 1992.
- 9 - História do Brasil - Companhia das Letras - 2ª Edição

(*) Henry Veronesi é advogado, administrador de empresas e ex-conselheiro da Fundação Pró-Memória

Fatos históricos, batalhas políticas e jornalísticas que envolveram a autonomia

Celso de Almeida CINI(*)

Quem se dispuser a pesquisar os jornais editados no Município de Santo André, ou mesmo no antigo Município (a antiga *Villa*) de São Bernardo, ou de São Caetano, nas décadas de 1920, 30 e 40, buscando informar-se sobre os problemas citadinos de então, ou sobre as lutas políticas e os prolegômenos das diversas autonomias reivindicadas no período que mediou entre 1925 e 1955, encontrará importantes subsídios e movimentados fatos históricos. Com efeito, investigando jornais da região de há 55 anos atrás que contam as causas e os fatos (*fastos e nefastos*) próximos e remotos, que criaram condições e tornaram possível a conquista da autonomia de São Caetano do Sul a qual, neste fim de século, já caminha para o seu 52º aniversário, podemos reviver acontecimentos surpreendentes alguns por vezes contraditórios, com caminhos e descaminhos históricos, que são parte de nossas raízes, empoeiradas, enterradas e quase esquecidas no arquivo do tempo, pelo veloz transcurso de décadas e décadas de vertiginosa espiral progressista. Louve-se a propósito o artigo de Henry Veronesi (O ideal emancipacionista em São Caetano), publicado na revista *Raízes* nº 12, em janeiro de 1995, assim como outros artigos e entrevistas com autonomistas participantes daqueles episódios.

E, essa fascinante averiguação histórica, permite ainda relembrar-nos episódios marcantes que vivemos pessoalmente e que, a par de pitorescos, retratam e assinalam aquele clima político, nos idos de 1946 até para além do Ano Santo de 1950, quando o povo

Um grupo de autonomistas foi em caravana agradecer ao governador de São Paulo, Adhemar de Barros, a aprovação da emancipação política de São Caetano do Sul e ao mesmo tempo recebeu uma lembrança, em 24 de Dezembro de 1948



Acervo: Fundação Pró-Memória

destas paragens ramalhinhas, descontente inconformado e impaciente com o descaso das autoridades municipais andreenses para com o distrito de São Caetano, ainda pertencente a Santo André nessa época, retomou bravamente suas antigas aspirações para alcançar sua autonomia política.

Sim, porque a emancipação de São Caetano já fora uma paixão política local mais antiga entre 1925 e 1929. E posteriormente, também em 1935. Naqueles tempos de euforia da arte modernista e neo-nacionalismo político, a figura genial do engenheiro Armando de Arruda Pereira, acompanhado de Antonio Flaquer, Coronel Bonifácio Paulino de Carvalho, David Monteiro Gomes, Mateus Constantino, João Bisquolo, Pedro Cintra Silva, José Mariano Garcia Gomes, e outros líderes locais, empenharam-se junto ao Governo do Estado, com o objetivo de separar São Caetano do então Município de São Bernardo que agrupava todo o ABCDMR atual, (*vide*) José de Souza Martins - Quatro Séculos de História - Edição de 1957, patrocinada pelo Rotary Clube de São

Caetano do Sul). Na época, essa *bandeira* ensejou também o surgimento do São Caetano Jornal, dirigido por Raymundo Ciríaco de Carvalho, que em janeiro de 1928 lançava a campanha pela emancipação do distrito.

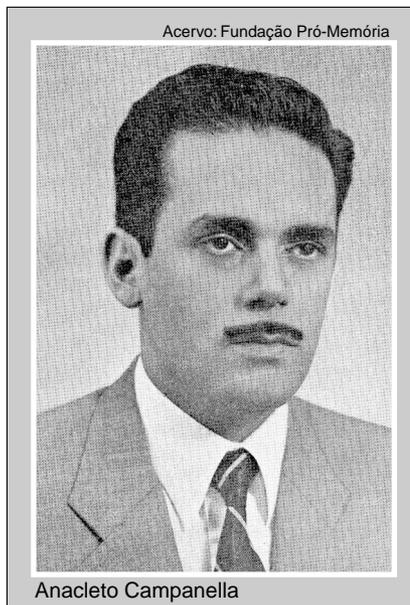
Em 1929, os deputados Gama Cerqueira, Antonio Feliciano, e Zoroastro Gouveia, apresentaram à Assembléia Legislativa projeto criando o município de São Caetano, preenchendo todos os requisitos exigidos por lei. Mas, a tentativa foi repelida pela maioria da Assembléia (então Congresso Legislativo) e o periódico, que se dispunha a defender a autonomia, teve curta existência, como o próprio movimento que, sem maior planejamento, mera paixão, teve vida efêmera e feneceu sem atingir o objetivo, pelas razões já trazidas por Henry Veronesi em seu artigo citado.

Muito interessante, entretanto, é notar que, nessa época, até Antonio Flaquer, de tradicional família de políticos andreenses, que vinte anos mais tarde seria o prefeito de Santo André, apoiava o movimento autonomista (era

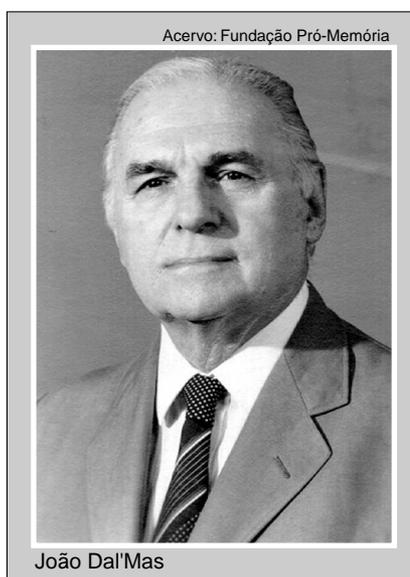
membro, 2º secretário, do Partido Municipal de São Caetano, ligado ao PRP), inimigo político que era do então prefeito de São Bernardo, o coronel Saladino Cardoso Franco. Os anos passaram e Antonio Flaquer, que fora um aliado da causa autonomista de São Caetano, na qualidade de membro do partido local e opositor da situação, assumiria em 1947/48, posição contrária, no ressurgimento do anseio autonomista, passando a defender, por dever de ofício, a integridade do território de Santo André, porque então era o prefeito do Município que perderia importante reduto eleitoral e fonte de receitas. São Bernardo se declarou independente em 1944, com Roberto Cockrane Simonsen, uma vez que em 1938, a sede do Município fora para Santo André, tendo São Caetano sido rebaixado de distrito para subdistrito...

DESPOTISMO - Na obra *A Cidade que dormiu três séculos*, de autoria do médico e historiador Octaviano Armando Gaiarsa (1ª Edição - 1968) lê-se, à página 166, o registro de diversos atos administrativos do então prefeito municipal nomeado, José Carvalho Sobrinho, condenados pela imprensa local. Nessa época (1945), o periódico *O Imparcial*, dirigido pelo combativo jornalista Severino Alves Guimarães, criticava corajosamente o que entendia ser abuso contra os cofres públicos pelo referido alcaide que tinha subsídios de Cr\$ 54.000,00 (US\$ 2.769,00), verba de representação de Cr\$ 27.000,00 (US\$ 1.385,00) e mais Cr\$ 36.000,00 (US\$ 1.846,00) para viagens (!). Ora, o total desses valores, determinava vencimentos da ordem de US\$ 6.000,00 (!), quantia considerada elevada para a época (o Banco Central de São Paulo, informou a cotação do dólar em dezembro de 1945 (US\$ 1,00 = Cr\$ 19,50), para a conversão.

Esse político viera de Minas Gerais, (ele era de Alfenas), tornando-se prefeito imposto ao povo ramalhino,



permanecendo por longos sete anos, quando chegou a ficar afastado do cargo, mas retornando vitorioso em 29 de Dezembro de 1945 e *O Imparcial* lamentava muito o fato, mas outro jornal local, seu congênere, *O Borda do Campo* não tomava conhecimento do episódio (era o jornal que editava as publicações da Prefeitura de Santo André). E, para culminar, Carvalho Sobrinho trouxera gente sua de Alfenas, de Botucatu (onde trabalhara na administração da Estrada de Ferro Sorocabana)



e ainda de São Paulo, onde contava com muitos amigos e conhecidos, para trabalhar na Prefeitura de Santo André, e estes *afilhados* evoluíram nos cargos e nos régios vencimentos, muito mais dos que os antigos funcionários de carreira. O nepotismo já grassava solto em terras do pobre ABC.

Desnecessário dizer que, enquanto aqueles e outros fatos prejudiciais aconteciam, o Município andava (todos os distritos) abandonado à própria sorte. Parecia haver um entorpecimento de grande parte da população, que não se queixava ou fazia movimentos, mas não entre os líderes de São Caetano, que sempre acalentavam idéias autonomistas. E o prefeito, dado também a colaborar com artigos na *Revista Econômica da Capital*, escrevia cinicamente que *a cidade (Santo André), destruída em 1560 não se pôs a chorar sobre as ruínas. Meteram mãos à obra e começaram a alicerçar uma grandeza que seria sem limites e que, com Carvalho Sobrinho, atinge culminâncias antecipadas (!)*. E, finalizando, insistia em que: *O município de Santo André, em todo o Brasil, é o que mais conforto recebe da Prefeitura...*"

O jornal *O Imparcial*, surgido ainda nos tempos em que o Município tinha sua sede em São Bernardo, combateu, sem descanso a má administração do presunçoso político até que, em abril de 1946, depois de sete anos de administração inútil aos munícipes, porque forçada e amparada pela ditadura Vargas (até 1945) e pelos interventores de São Paulo (primeiro Adhemar de Barros, depois Fernando Costa), começa a apagar-se a estrela de Carvalho Sobrinho. Pressionado pela imprensa local, ele muda-se para a Capital, na calada da noite, carregando seus pertences de modo a não ser percebido pela população. Após o caos, seguia-se a fuga antecipada do impopular político que criara e mantivera essa situação.

No meio desta barafunda, e por isto

mesmo, ressurgem notícias de que, em São Caetano, já há alguns meses desenvolvia-se a Campanha Autonomista. Na obra já citada, Octaviano Gaiarsa está: *O Jornal de São Caetano*, número 6, datado de 20 de Outubro de 1946 promove a arregimentação de forças, porque *o progressista núcleo industrial de São Caetano não se arriscará a continuar, por mais alguns anos, preso a infelizes administrações andrêenses...* (sic). E prossegue: *A sede assumiu feições diabólicas, animadas pelos seus administradores, assustando seus filhos pubescentes...*

ELEIÇÕES DE 1947 - Em 19 de janeiro de 1947 o povo do Município de Santo André (incluindo São Caetano), votava para governador, cujos resultados locais (e no Estado), selariam positivamente a sorte dos propósitos autonomistas de São Caetano:

Adhemar Pereira de Barros (PSP/PCB) . . .8.159 votos
 Hugo Borghi (PTB/PTN)4.469 votos
 Mário Tavares (PSD/PR)874 votos
 Antonio de Almeida
 Prado (UDN)295 votos

Eleito pelo estado líder da Federação, Adhemar de Barros, que tivera o apoio dos comunistas, e que em seguida aceitou a ilegalidade do PCB e o expurgo inevitável, tornou-se simpatizante da causa de São Caetano, incentivando o grupo dos autonomistas e influenciando a Assembléia Legislativa para que autorizasse o plebiscito. Foram mais de três centenas de municípios que se criaram nessa época.

De outro lado, o resultado das eleições para deputados à Assembléia Legislativa Paulista, mostrava também o descontentamento do povo local para com o então prefeito Carvalho Sobrinho e era o termômetro da paciência da população do ABC o que, por vias tortas, favorecia também a causa autonomista de São Caetano:

Armando Mazzo, do Partido Comunista . . .4.041 votos
 José Carvalho Sobrinho425 votos (!!)
 Outros—

Derrotado nas eleições para a Assembléia Legislativa Paulista, Carvalho Sobrinho continuava prefeito. Mas, no dia 10 de março de 1947, os opositores do malquisto prefeito foram para as ruas e fizeram manifestações públicas contra sua permanência no cargo, realizando seu *enterro simbólico*, muito comentado pelos periódicos locais.

Dois dias depois, em 12 de Março de 1947, José Carvalho Sobrinho deixava a Prefeitura. Foi exonerado, a

pedido, tomando posse interina o Dr. Henrique Pinho Artacho, Diretor Geral Administrativo. E o jornal *O Imparcial* assim se pronunciaria, em tom de desabafo: *Enfim, a tempestade passou(!)*

Em 18 de março, foi nomeado, por decreto, o cidadão Alfredo Maluf para o cargo de Prefeito de Santo André, até que pudesse tomar posse o mandatário a ser escolhido em eleições livres, marcadas para 9 de novembro de 1947. Alfredo Maluf assume e trabalha de forma incansável, nesses seis meses, pelo Município, enfrentando corajosamente todas as dificuldades e os jornais *Borda do Campo* e *O Imparcial* elogiavam sobremodo o dinamismo do prefeito nomeado.

Em julho de 1947 circula o número 418, o último número d'*O Imparcial*, que marcava o exaurimento da campanha vitoriosa contra o prefeito Carvalho Sobrinho. Ao mesmo tempo, surge um novo periódico *O Município*, para defender os interesses do povo de Santo André, sob a mesma direção do combativo Severino Alves Guimarães. Interessante notar como os periódicos locais podiam surgir e desaparecer em função de uma causa que, alcançada, podia determinar a extinção do jornal. Era, aliás, um modismo político e cultural desde os anos 20.

Em 9 de Novembro de 1947, realizaram-se, então, as eleições para Pre-



Concentração popular após o resultado do plebiscito de São Caetano do Sul na avenida Conde Francisco Matarazzo em 24 de Outubro de 1948



Armando de Arruda Pereira

feito e vereadores de Santo André, cujo resultado vai abaixo:

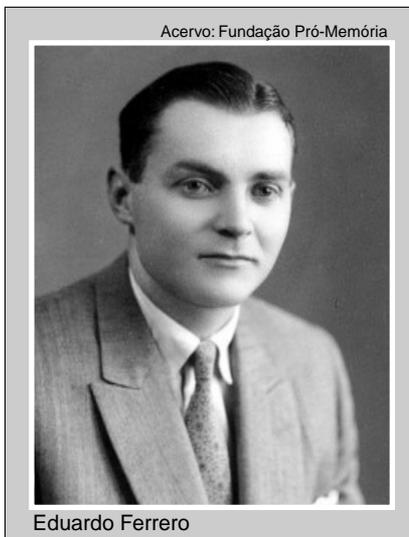
Para o cargo de Prefeito
de Santo André

Candidatos	votos
Armando Mazzo (33,7%) . . .	6.483
Antonio Flaquer	4.924
Ícaro Sidow	2.533
Luiz Meira	2.476
Nilton Silva	1.367
Antonio Braga	1.222
Ari Doria599

A propósito, o médico Octaviano Armando Gaiarsa (que se elegera vereador nessa eleição), comenta em sua obra já citada as abstenções: *que mais de um terço do eleitorado desinteressou-se pelo pleito*. Armando Mazzo e vários correligionários, saíram candidatos pelo PST (Partido Social Trabalhista, já que o PCB fora posto na ilegalidade), ele, para prefeito, os demais, para vereadores. Com isso, criou-se uma situação difícil e *o clima de suspense não se dissipou senão após o pronunciamento da Justiça Eleitoral que, diante dos fatos, viu-se obrigada a anular os votos dados aos candidatos do PST*.

A discricionária medida da Justiça Eleitoral ia contra a vontade popular, manifestada nas urnas. Para que eleições ditas *livres*, então? Ou, porque teriam aceito as candidaturas para depois proscrever suas vitórias? Os proscritos fizeram movimentos, comícios, incitando o povo, diante da Câmara de Vereadores e foram rechaçados pela Polícia e pelo Corpo de Bombeiros.

O certo é que, em conseqüência, o mandato de prefeito foi concedido ao segundo colocado nas eleições de 9 de Novembro de 1947, Antonio Flaquer, aquele mesmo político que, em 1927, figurou como membro e diretor do Partido Municipalista de São Caetano, empunhando a bandeira autonomista



de São Caetano, naquela memorável jornada, ao lado de Armando Arruda Pereira e outros.

Por outro lado, nessa eleição, os vereadores proclamados eleitos por Santo André, pela Justiça Eleitoral foram:

- Antonio Dardis Neto (São Caetano)
- Alfredo Maluf (Santo André)
- Humberto Detogni (Santo André)
- Anacleto Campanella (São Caetano)
- Aldo Aron (Santo André)
- Geraldo Benincasa (São Caetano)
- Nilo Miotto (Santo André)
- Francisco A. Barone (Santo André)
- Luís Boschetti (Santo André)
- João Dias Carrasqueira Filho (Paranapiacaba)
- Fioravante Zampol (Ribeirão Pires)
- José Benedito de Castro (Ribeirão Pires)
- Syr Evangelista de Oliveira Martins (Santo André)
- Waldemar Mattei (Santo André)
- João Rella (São Caetano)
- Armelindo Franchini (Santo André)
- Artur Albino da Rocha (São Paulo)
- José Araújo Freitas (São Paulo)
- Benedito Rodolfo Serff (Mauá)
- Henrique Poletto (Santo André)
- João Dal' Mas (São Caetano)

- Odilon Conceição (São Caetano)
- Octaviano Armando Gaiarsa (Santo André)
- Nicola Tortorelli (Santo André)
- Gilberto Menezes Cabral (Utinga)
- Eduardo Ferrero (São Caetano)
- Verino Segundo Ferrari (São Caetano)
- Luiz Lobo Neto (Santo André)
- Engenheiro Rodolfo Weigand (Santo André)
- Lauro Garcia (São Caetano)

A motivação, a força e a obstinação histórica de São Caetano manifestada anteriormente em tantas oportunidades, retornava agora com a eleição de nove vereadores pertencentes ao distrito postulante a novo Município, isto é, 30% da totalidade dos edis de Santo André, entre os quais, contavam-se vários autonomistas ferrenhos e inflamados e ainda outros, nem tanto entusiastas...

Hoje, analisados com serenidade, esses fatos históricos mostram que a autonomia era inevitável e iminente, mas a tensão se mantinha enquanto a conquista não vinha porque a idéia e a vocação criara uma ansiedade que permanecia de longa data atravessada na garganta daquele povo dinâmico.

Assim, em 1948, justamente com Tônico Flaquer na chefia da Municipalidade de Santo André, tudo parecia favorecer São Caetano, para o alcance do desiderato da facção denominada *chapa branca*, defensora da autonomia, contra a chapa preta que representava a oposição. Afinal, os tempos eram outros, as lideranças sancaetanenses estavam melhor preparadas e o descontentamento do povo local contra o desinteresse do poder público que relegara ao esquecimento o distrito, continuava um fato gritante e um argumento irresponsável para que as autoridades do legislativo estadual autorizassem o plebiscito que resultaria na emancipação.

E, incansáveis, os autonomistas trabalhavam para atingir seus objetivos.

Data dessa época o surgimento do *Jornal de São Caetano*, sob a liderança de Luiz Rodrigues Neves, Walter Thomé e Mário Porfírio Rodrigues, fundadores igualmente da Sociedade Amigos de São Caetano, surgida em setembro de 1948, e cuja personalidade jurídica assumiria e desenvolveria o movimento autonomista. Na edição de Julho de 1995 (nº 13), da revista *Raízes*, o próprio Luiz Rodrigues Neves dá entrevista a respeito.

IMPRENSA - "Enquanto se desenrolavam os eventos que culminariam com a autonomia de São Caetano, podemos relembrar fatos paralelos ao trabalho dos autonomistas e que tiveram maior ou menor influência na história, vividos em Santo André.

Corria o mês de janeiro de 1947. No jornal *Borda do Campo*, com 13 anos incompletos, já militava como revisor auxiliar, cuidava da redação, recebia anúncios, fazia a expedição do jornal e tudo mais. Era uma espécie de *foca mirim*, ao lado do professor Nicola Tortorelli, jornalista e diretor desse periódico, em edição hebdomadária que circulava aos domingos em todas as bancas de Santo André, São Caetano, Mauá, Ribeirão Pires e região. Detinha muitos assinantes em todo o ABCMR. Era preparado nas oficinas da Tipografia Linotipo, de propriedade do sr. Milesi, em São Paulo. A matéria era entregue às quartas feiras; a revisão se fazia na sexta feira na própria gráfica, localizada à Rua Piratininga, no Brás.

O jornal chegava pronto aos sábados e era adrede preparado para expedição aos assinantes, via correio e entregue às bancas de jornais na tarde do mesmo dia, onde os leitores o procuravam. No sábado seguinte recolhíamos os *encalhes* ao entregar a nova edição.

Havia outros jornais regulares na região, como *O Município*, *A Folha do Povo* e, por essa época, surgira em São Caetano *O Autonomista*. O *São Caetano Jornal* viveu até 1929; não



Edição do *São Caetano Jornal* de 11 de Outubro de 1928, com manifesto dirigido ao eleitorado pelos candidatos a vereador Armando de Arruda Pereira, José Mariano Garcia Júnior e João Bisquolo

foi além. Já o *Borda do Campo* era o noticiário emanado do centro da urbe ramalhina e o porta-voz oficial da Prefeitura de Santo André. Era de propriedade do Dr. Manoel de Góes, advogado e Procurador Municipal que residia em grande mansão atrás da Catedral do Carmo, hoje um próprio para atendimento do grande público do Município andreense.

A redação do *Borda do Campo* ficava na parte superior do prédio de número 147 da rua Coronel Oliveira Lima, no andar superior, com acesso por uma porta estreita no canto direito do prédio, pintada de verde, que se abria para a longa escadaria interna. Na sacada, a longa placa com o nome do jornal, protegido em seu frontispício pelas efígies de João Ramalho e Tibiriçá, seu sogro...

Contígua à redação havia, naquele tempo, uma loja de material elétrico denominada A Instaladora, propriedade de Durval Dal'Oglio, irmão de dona Olga Dal'Oglio, que mais tarde se tor-

naria esposa do professor Nicola Tortorelli e, na mesma calçada da redação, na esquina com a rua General Glicério, ficava a afamada farmácia do respeitado farmacêutico José Brancaglione, (o Zezinho), com aquela estátua enorme, em bronze, logo na entrada. O farmacêutico era amicíssimo do professor e muito influente na cidade.

Lá em cima, a redação abria-se espaçosamente em um amplo salão, com poucos móveis, um telefone antigo, de parede, número 100, mesa grande para o preparo e destinação dos jornais, uma escrivaninha particular do professor, com tampo retrátil, e em torno, muito espaço a ser *preenchido*.

OS CONFRONTOS - Entre os talentos do professor Tortorelli, além da forte inclinação à pedagogia, destacava-se a vocação política. E, já na primeira legislatura da edilidade ramalhina, após a queda da ditadura Vargas, e o advento da Constituição de 1946, o professor Nicola Tortorelli elegeu-se vereador em Santo André, nas eleições de 9 de Novembro de 1947, mercê de sua popularidade e uma notável habilidade nos contatos políticos.

Tive a felicidade de assistir a inúmeras sessões da Câmara de Vereadores, instalada no velho Edifício Sion que mais tarde abrigou a Biblioteca Municipal, ao lado dos Correios, no início da rua Coronel Alfredo Flaquer, num tempo em que ali pontificavam, ao lado de Nicola Tortorelli (de Santo André), Anacleto Campanella, Alfredo Maluf, João Dal' Mas, Antonio Dardis Neto, Syr Evangelista de Oliveira Martins, Luiz Lobo Neto e muitas outras figuras de proa da política local, já mencionadas, muitos deles residentes em São Caetano.

Foi nessa época que se registraram aqueles acalorados fatos políticos, hoje históricos, estampados em publicações jornalísticas, e que precipitariam a emancipação política de São Caetano, após a criação da Comissão dos Auto-



Jornal *Borda do Campo* de 8 de Outubro de 1947, dirigido pelo professor Nicola Tortorelli

nomistas e a partir da entrega, em 23 de Abril de 1948 à Assembléia Legislativa de São Paulo, do histórico Memorial, com 5.197 assinaturas de moradores de São Caetano, rogando a criação do novo Município.

Os periódicos da região estamparam numerosas notícias e artigos, publicados em São Caetano, primeiro no *Jornal de São Caetano* (que não deve ser confundido com o *São Caetano Jornal*) e também no *O Autonomista*, e em Santo André, na *Folha do Povo*, no *O Município* e no *Borda do Campo*. Eram artigos de fundo, manchetes, e reportagens de confrontos políticos na Câmara de Santo André, entre vereadores pró e contra a autonomia. Travavam-se duelos de muitos apartes. Todos sabiam que a Lei Orgânica dos Municípios de então já exigia a convocação de plebiscito e os autonomistas, cientes disso, recorriam aos juristas da Faculdade de Direito da USP, no Largo de São Francisco.

ESTUDANTE - Mas havia contradições dignas de nota entre os próprios autonomistas. No periódico *O Município*, dirigido por Severino Alves Guimarães, o combativo jornal que defendeu com imparcialidade a integridade de Santo André contra a autonomia de São Caetano, tinha como redator-chefe, Manoel Cláudio Novaes, com a indicação ao lado de seu nome: estudante de Direito. Manoel Cláudio era filho de

Accácio Novaes, autonomista militante, eleito vereador na Primeira Legislatura de São Caetano do Sul e primeiro presidente da Câmara de Vereadores local... Manoel Cláudio Novaes, autor de um livro de memórias sobre São Caetano, seria, anos depois, eleito para a Academia de Letras da Grande São Paulo, em março de 1994, tendo falecido em 1998.

Outra contradição notória foi o desentendimento político entre a Sociedade Amigos de São Caetano, responsável pela concretização da autonomia, e os interesses políticos para o apoio do primeiro prefeito. Instalado o Município em janeiro de 1949, a escolha geral, incluindo grande parte dos autonomistas, convergiu para o nome de Ângelo Raphael Pellegrino (que fechara questão como candidato único, se houvesse apoio da maioria dos partidos, o que exigiu renúncias), enquanto a Sociedade, ou pelo menos parte de seus membros, apoiava, inexplicavelmente, o nome de José Luiz Flaquer, membro da tradicional família Flaquer que dominava a política de Santo André na ocasião. Prova disso está na declaração de apoio político, feita pelo então presidente da Sociedade Amigos de São Caetano, José Homem de Bittencourt, como matéria paga, na *A Folha do Povo*, de 11 de março de 1949. O manifesto fazia a apologia da candidatura Flaquer.

PLANEJAMENTO - O trabalho braçal e burocrático para que o projeto da autonomia ganhasse corpo foi todo ele elaborado pelos integrantes proprietários (Luiz Rodrigues Neves, Walter Tomé e Mário Porfírio Rodrigues), do *Jornal de São Caetano*, por eles fundado nessa época (Fonte: revista *Raízes* nº 12 e nº 13, de Janeiro e Julho de 1995 respectivamente).

A segunda bandeira da autonomia, muito oportuna, foi então desfraldada por este periódico. Aliás, anteriormente, o *Jornal de São Caetano* conseguira a fundação do famoso Hospital São Caetano. Com o *Jornal de São Caetano* tiveram início os contatos com juristas que orientaram o movimento autonomista: a busca e coleta das assinaturas necessárias da população, que o Juiz de Paz de Santo André, João Evangelista de Paiva Azevedo (notário que morava em frente à futura Catedral do Carmo), se prontificou a reconhecer graciosamente, pois o Tabelião em São Caetano era Antonio Flaquer, então prefeito de Santo André inimigo dos autonomistas; as indispensáveis informações sobre a comprovação da renda para o novo Município e outros pormenores. O requerimento teve sua redação final elaborada por José Ataliba Nogueira (mestre de Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito da USP, mais tarde, em 1962).

Em 2 setembro de 1947 surgira a Sociedade Amigos de São Caetano, vanguarda da Frente Autonomista do então sub-distrito que já contava com 10.551 eleitores. A fundação ocorrera no dia 2 daquele mês e trazia um organismo mais apropriado para administrar a conquista da autonomia. Na gestão de 1948 (de 12 de Março a 31 de Dezembro de 1948) era presidente em exercício o cirurgião-dentista, José Homem de Bittencourt que, em 26 de Abril de 1948, acompanhado por João Jacob Lorenzini, Benedito Moretti e o Deputado Lincoln Feliciano, fez a en-

trega na Assembléia Legislativa de São Paulo, pelas mãos do então Deputado Estadual, Milliet Filho, (o processo foi registrado sob número 278) da histórica Representação que requeria a elevação de São Caetano à categoria de Município. O texto jurídico inicial dessa peça foi orientada pelo Dr. Daniel Ribeiro de Moraes e Silva, Sub-Procurador da Fazenda do Estado, depois definida por Ataliba Nogueira. A peça continha as 5.197 assinaturas de habitantes de São Caetano, todos maiores de 18 anos, conforme comprovações juntadas. Ela fora previamente inscrita no Cartório do Registro de Títulos e Documentos Dr. Alberto Neto em 30 de Março de 1948. Naturalmente, o plebiscito de consulta à população só seria levado a efeito entre os habitantes residentes dentro do território a ser desmembrado.

Uma vez entregue na Assembléia Legislativa, reuniu-se a Comissão de Estatística, do Legislativo paulista, onde São Caetano contava com bons aliados, entre os quais o político Porfírio da Paz que defendeu a proposta da autonomia, lembrando Olavo Bilac, com seu voto poético:

*"Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lira,
Hei de fazê-la rainha ! . . ."*

Este voto *sim* comoveu todos os presentes e a Comissão de Estatística acolheu o pedido, dando-lhe parecer favorável. Apenas a deputada Conceição Santa Maria votou contra. Estava, assim, aberto o caminho para garantir a autorização do plebiscito, cujo projeto, apresentado pelo Deputado Lincoln Feliciano, mereceu aprovação do Plenário da Assembléia Legislativa de São Paulo, quando se marcou o plebiscito para 24 de Outubro de 1948 no território circunscrito a São Caetano.

A Prefeitura de Santo André im-



petrou Mandado de Segurança contra o ato da Assembléia Legislativa do qual se defenderam a própria Assembléia e a Sociedade Amigos de São Caetano. O julgamento do mérito foi, naturalmente, favorável a São Caetano, com a manutenção da realização do plebiscito.

TUMULTO - Na Câmara da Edilidade andreense, no início de 1948, alguns meses antes daquela Representação, o Vereador Syr Evangelista de Oliveira Martins propunha um voto de pesar pela decisão popular do distrito de São Caetano de separar-se de Santo André, fazendo uma exposição em que pretendia demonstrar que havia mais probabilidades de fracasso e prejuízo do que de êxito para o novo postulante a Município, a exemplo do que ocorrera com Santo Amaro que ficara preso a São Paulo em posição muito inferiorizada e em estado de abandono.

Mas, longe de impressionar o plenário, esse pronunciamento ofendeu os vereadores autonomistas e choveram discursos defensivos, contra argumentos e impropérios sobre o vereador Syr Martins, da parte de seus colegas, os mais ardorosos autonomistas de São Caetano: Anacleto Campanella, João Dal'Mas, Antonio Dardis Neto e Geraldo Benincasa, estabelecendo-se grande e grave tumulto no plenário da Câmara. (*O Município*, edição de 6 de Março de 1948, pg 5).

Entretanto, *A Folha do Povo*, mais serena, registrava notícias locais sobre as atividades dos autonomistas e acompanhou o desenrolar de todo o processo, oferecendo informações até a festa de primeiro aniversário da autonomia. Entrementes, em setembro de 1948, os autonomistas prosseguiram com as *festas do povo*, organizando e realizando reuniões e comícios, incluindo mesmo a presença deputados e políticos mais radicais como Armando Mazzo, que a Justiça Eleitoral afastara da posse como prefeito eleito de Santo André, além de outros simpatizantes da causa sancaetanense, especialmente às vésperas do plebiscito determinado pela Assembléia Legislativa do Estado.

CRÍTICAS - Sob o título *Pseudo defensores de São Caetano, O Município*, publicou artigo de fundo de Severino Alves Guimarães, editor do jornal, que estampava, em manchete de primeira página, que os autonomistas estavam ligados a comunistas como Armando Mazzo, e que isso constituía caminho perigoso, pois corriam informações de que este político pretendia ser o primeiro prefeito local.

O clímax do movimento teve lugar com a realização do vitorioso plebiscito de 24 de outubro de 1948, em que a população de São Caetano votou favoravelmente à autonomia, (9.550 votos a favor e 1.029 contra a emancipação) e comemorou publica-

mente o resultado proclamado nesse mesmo dia, com ruidosa manifestação na Avenida Conde Francisco Matarazzo, graças àquele notável trabalho de planejamento, preparação, publicidade política e acompanhamento, desenvolvido desde 1946, pelos autonomistas, através da Sociedade Amigos de São Caetano e dos periódicos de apoio: *Jornal de São Caetano* e *O Autonomista*. (Henry Veronesi menciona que foram 8.463 votos a favor. Os números revelados anteriormente foram encontrados na obra de Octaviano Armando Gaiarsa).

Os autonomistas, eram integrantes das famílias Dal' Mas, Campanella, Pellegrini, Marchetti, Garbelotto, Massei, Dardis, Lorenzini, Cambaúva, Bittencourt, Pandolfi, Marcucci, Silva Cunha, Vellannes Régis, Curvelo, Marcondes, Constantino, Zago, Bisquolo, Chapeval, Novaes, Montanari de Melo, Rades, Vicenzi e muitas outras, e contaram com o apoio e o beneplácito do então Governador do Estado, Adhemar de Barros, e de diversos deputados, entre os quais se destacou Cunha Bueno. As negociações políticas tiveram êxito e, afinal, a reivindicação era muito justa e inadiável o seu atendimento.

Assim, São Caetano emancipou-se, alcançando sua maioria política. Tornava-se o mais jovem Município paulista e seguiria célere seu destino intrépido e meteórico rumo ao merecido destaque de que hoje desfruta no cenário paulista e brasileiro.

A Lei Estadual nº 233, de 24 de Dezembro de 1948 que criou 369 novos Municípios, entre os quais o de São Caetano do Sul, denominada Lei Quinquenal, ratificou definitivamente a autonomia tão sonhada, estabelecendo a instalação oficial do novo Município para 1º de Janeiro de 1949. Aliás, na véspera do Natal de 1948, uma comissão de autonomistas foi ao palácio do Governo, agradecer o



Folha do Povo de 21 de Janeiro de 1949: o drama das cassações dos vereadores autonomistas

apoio de Adhemar de Barros à autonomia de São Caetano.

VINGANÇAS - Mas, após a instalação do Município de São Caetano do Sul, os políticos autonomistas mais exacerbados, eleitos vereadores em Santo



Folha do Povo de 18 de fevereiro de 1949, página 3: os candidatos da coligação autonomista

André seriam objeto de vingança por seus arroubos separatistas. *A Folha do Povo*, dirigida por Paulo Zingg, surgiu em 26 de Novembro de 1948, em seu número 9, edição de 21 de Janeiro de 1949, estampava fotos cedidas pelo jornal *A Folha da Manhã* e trazia a manchete: "Cassados os mandatos de quatro vereadores... violentas discussões assinalaram a última sessão da Edilidade". Foram três longas horas de agitação e discussão, com muitos apartes. A Comissão de Justiça apresentou a proposição: "... com base na Lei Orgânica, art. 26, os vereadores são obrigados a residir no território do Município..."

Dos vereadores residentes em São Caetano, considerados autonomistas, apenas alguns tiveram seus mandatos cassados, pela Resolução de 1º de Janeiro de 1949, nessa agitada sessão de 15 de Janeiro de 1949, presidida por Fioravante Zampol, presidente da Câmara. Contra a injusta medida, eivada de incompreensível parcialidade, (só cassaram os que trabalhavam pela autonomia...), o vereador Alfredo Maluf ergueu sua voz de justiça, afirmando que havia outros seis vereadores residindo em São Caetano e gritava: "Ou todos ou nenhum...". E oferecia sua própria casa para ali residir Antonio Dardis Neto. Outros alegaram já residir no Município. A voz da Comissão de Justiça dizia: "essa mesma lei que os autonomistas invocam para a separação de São Caetano, está agora sendo invocada para declarar vagas suas cadeiras nesta Casa." Novos e tumultuados apartes, ameaçando degenerar-se em desforço pessoal. O vereador Sílvio Franco defende o mandato desses edis, alegando que na verdade "o Município de São Caetano ainda não existe e o distrito ficaria sem defensores." Mas, todas as intervenções foram inúteis e todos os argumentos, em vão. A Câmara votou e aprovou quatro cassações. Ou seja, apenas dos mandatos da-

queles que eram considerados "inimigos de Santo André." (*Folha do Povo*, edição de 21 de Janeiro de 1949).

Dias depois, os cassados ingressaram na Justiça com Mandado de Segurança, conseguindo ser reintegrados em seus postos. Eram eles: Anacleto Campanella, Lauro Garcia, João Dal'Mas e Antonio Dardis Neto. A edição da *Folha do Povo* de 18 de Fevereiro de 1949 (nº 13), trazia em manchete: "Concedido Mandado de Segurança aos vereadores de São Caetano". E, na edição seguinte do mesmo jornal (nº 14, de 25 de Fevereiro de 1949), a manchete diz: "Voltaram à Câmara os Vereadores de São Caetano. Vai decidir o seu destino político o Município de São Caetano do Sul. Pleito em 13 de março de 1949. Quem vencerá? Pelegrino ou Flaquer?"

E, de fato, retornavam todos os cassados. Lauro Garcia mudou-se, realmente para Santo André, Anacleto Campanella mais tarde, renunciou a seu mandato (em 20 de Outubro de 1949), cumprindo promessa que fizera ao povo do novo Município. Aliás, Campanella estava destinado a ter brilhante carreira em São Caetano (deputado estadual e duas vezes prefeito, infelizmente, com morte precoce em 1974, antes de completar 50 anos. Nessa época cumpria afastamento, por ter sido cassado pela Revolução de 31 de março de 1964. Era sua sina!). Quando da sua renúncia, em substituição, tomou o seu lugar de vereador em Santo André, o suplente Oswaldo Giampietro, outro autonomista que completou o mandato, trabalhando muito pela consolidação de São Caetano do Sul, vindo a falecer em 1998.

AUSÊNCIA - Com toda a agitação das cassações, vinganças políticas, renúncias e substituições, o vereador Eduardo Ferrero outro residente em São Caetano, que não se definira, após as muitas retaliações, sofria também a ameaça de cassação. Era um homem



O Município de 14 de Agosto de 1948, cujo redator chefe era Manoel Claudio Novaes, filho de Accacio Novaes, primeiro presidente da Câmara de São Caetano

frágil, de mediana estatura, já com os primeiros cabelos brancos e uma calvice precoce a toldar-lhe a fisionomia ainda jovem de menos de trinta anos. Ferrero morava em São Caetano e mantinha com o irmão Armando, pequena empresa, produtora de utilidades domésticas, vendida depois à Bom Bril. Era muito amigo do professor Nicola Tortorelli.

Quando a autonomia era ainda sonho, mas já aceita como certa até mesmo pelo prefeito de Santo André, Antonio (Tonico) Flaquer, para Eduardo Ferrero, ausente à efervescência política que envolvia as atividades dos autonomistas, aquela glória perseguida pelos sãocaetanenses trazia-lhe o cheiro funesto do fim da carreira política, pois os vereadores residentes em São Caetano, deviam, obviamente, perder sua cadeira na edilidade local, a não ser que mudassem sua residência para Santo André. Suas dúvidas e indecisões tiravam-lhe o sono.

Era mister que os edis andreenses mantivessem residência fixa no Município, caso contrário, teriam seu mandato cassado pela Câmara, cedendo a vaga ao primeiro suplente, aquela figura marginal mas sempre alerta, escondendo o secreto aplauso às desgraças do parlamentar que lhe poderia proporcionar uma vaga na edilidade... E isso acontecia até por indisfarçável vingança e represália política da *pau-listarum terra mater* (lema da bandeira

de Santo André), pela perda daquele importante reduto eleitoral, político e econômico. Afinal, tamanha traição precisava ser punida!...

Assim, resolvidos os casos dos líderes autonomistas, quando se concretizou a autonomia, ainda restava Eduardo Ferrero. E, nas indecisões e dúvidas que o assaltavam, ao ver seus companheiros perderem o mandato, o vereador Eduardo Ferrero, muito aflito, gemia suplicante ao professor Tortorelli:

– E agora, Nicola, que farei? Poderei ser cassado pela Resolução de 1º de janeiro e não pretendo renunciar como os demais.

O professor, embora simpatizante da autonomia, mas modelo também de solidariedade mercê de sua natureza pura, suas convicções religiosas e seu equilibrado senso de justiça, voltou-se para o assustado colega e, imperturbável, segredou-lhe:

– Não se aflija, amigo Ferrero, vamos dar um jeito...

Os processos de cassação se desenvolveram em janeiro, ocorrendo cassações entre o fim de janeiro e o início de fevereiro de 1949. Dias depois, marceneiros e auxiliares serravam e martelavam na redação do *Borda do Campo*, as tábuas e sarrafos de forro que ambos haviam comprado um dia antes, para construir, a um canto do amplo salão já descrito, um pequeno quarto no qual alojou-se uma cama bem arrumada,

dando vida àquele *jeito* a que o professor aludira e prometera.

Concluído o trabalho, o professor chamou-me e sentenciou sem muitas explicações nem razões:

– Pronto, agora o vereador Eduardo Ferrero reside aqui na redação comigo, ouviu bem, Cini? Quando aquela gente da Câmara mandar a Comissão fiscalizar, se eu não estiver aqui, você confirma que ele agora mora aqui, certo?

– Certo, professor, respondi com firmeza, mesmo sabendo que era meia verdade.

É claro que Eduardo Ferrero comunicou à Câmara Municipal a sua mudança para Santo André, no endereço da Rua Coronel Oliveira Lima, 147. E a legislatura da edilidade ramalhina prosseguiu tranqüila, sem tropeços, até que um belo dia, sem ninguém mais esperar, o grupo da tal fiscalização da Câmara veio, subiu as escadas da redação do jornal *Borda do Campo*, olhou e cheirou tudo, muito desconfiada. E, como o professor não estivesse, um deles perguntou-me de chofre:

– De quem é este quarto, menino?

E eu, inexperiente, mas industriado pelo professor, titubeando e meio asustado de início:

– Hem? Ah! Sim, é do vereador Eduardo Ferrero; ele agora mora aqui com o professor Tortorelli.

– Mas ele dorme aqui na redação?

– Claro, vejam a cama, as roupas, o pijama e o despertador dele, respondi, abrindo a porta e mostrando-lhes uma cama ainda desfeita...

Tudo para confirmar aquele *jeito* que o professor usara para legalizar o problema da residência do vereador Ferrero. E, a verdade é que algumas noites o vereador pousava realmente em seu novo dormitório de Santo André. Afinal, também o professor ali dormia, em seu quarto dentro da redação.

Assim mesmo, cenhos franzidos,

cochichando um tanto desconfiados, os membros da Comissão entreolhavam-se. Depois, deram de ombros e saíram pisando duro, dando o assunto por encerrado.

O vereador Eduardo Ferrero concluiu seu mandato encerrando sua carreira política, pois a obra histórica de Yolanda Ascêncio, editada pela Fundação Pró-Memória *Meio Século de Legislativo em São Caetano* não o registra como vereador no novo Município. É certo que depois de vender sua pequena empresa, Ferrero foi residir em



São Paulo. Consta que mais tarde, em 1995 estava residindo com com sua família em Santos. É certo que o professor Tortorelli continua igualmente muito vivo entre nós, pertencendo também à Academia de Letras da Grande São Paulo e pode atestar o fato pitoresco, não revelado nem comentado pela imprensa local da época. Um furo tardio de reportagem, sem dúvida...

Assim, analisando com serenidade a história, desde a chegada daquelas 28 famílias de imigrantes italianos (vênetos), trazidos pelo vapor Europa e a fundação do Núcleo Colonial de São Caetano em 28 de Julho de 1877, pas-

sando mais tarde, pela fundação da *Società di Mutuo Socorso Principe di Napoli*, como nos mostra, de forma impressionante, a obra *Diário de Fim de Século*, do historiador José de Souza Martins (edição de 1998, da Fundação Pró-Memória), até meados do século XX, são muitos os momentos políticos e históricos em que o povo de São Caetano deu mostras de pretender sua autonomia; de decidir e administrar sua própria vida; de ter o direito de errar sozinho para encontrar seu caminho, seu verdadeiro destino, sua saga intrépida, profícua, realizadora.

É certo que se sente, ainda hoje, em todos os moradores mais antigos desse Município, uma espécie de *saudável contaminação* com aquele entusiasmo que certamente já nasceu com os pioneiros vindos entre 1877 e 1900. Mas isto é assunto para novas pesquisas a serem divulgadas em outra ocasião.

Bibliografia

Gaiarsa, Octaviano Armando - *A Cidade que Dormiu Três Séculos* - 1ª Edição
1968 - Prefeitura Municipal de Santo André

2. Martins, José de Souza - *Quatro Séculos de História* - Edição 1957 - patrocinada pelo Rotary Club de São Caetano Sul
Diário de Fim de Século - (Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano), Edição da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul 1998

3. Revista *Raízes* - Coleção da revista *Raízes* (Fundação Pró-Memória São Caetano do Sul)

4. Coleções de jornais regionais, de 1930 a 1950, consultadas no Museu de História de São Bernardo do Campo: *O Imparcial*; *Jornal de São Caetano*; *O Município*; *A Folha do Povo*; *Borda do Campo*

(*) *Celso de Almeida Cini, 64, é advogado, com doutorado pela USP, sindicalista, professor de português e francês e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*

A formação de São Caetano no contexto da região metropolitana de São Paulo

João Carlos de MORAES(*)

O processo histórico formador do Município de São Caetano do Sul remonta à formação da região do Tijuçu nos séculos XVI e XVII.

A região do Tijuçu era constituída, no sentido Leste-Oeste, do Córrego do Moinho Velho ao Ribeirão do Moinho Velho e, no sentido Norte-Sul, pelos campos da margem direita do Tamandateí, do lado da Mooca até o Caminho do Mar, onde se praticava a agricultura itinerante (Martins, jul / 1991).

Outra etapa deste contexto histórico inicial é o da organização da Fazenda de São Caetano, produto de doações promovidas pelo Capitão Duarte Machado (1631) e por Fernão Dias Paes (1671), povoada por índios administrados e escravos negros. A Fazenda tomou esse nome a partir de 1717-20 com a construção da Capela dedicada ao santo, formada pela Ordem de São Bento e ocupando uma parte da região do Tijuçu.

Há que se considerar a existência de uma população caipira, que no século XIX concentra-se no Bairro de São Caetano, dedicando-se à agricultura, transporte de mercadorias etc. Essa população se integraria à vida local que seria definida a partir de 1877 com a Fundação do Núcleo Colonial de Imigrantes Italianos.

O Bairro de São Caetano era constituído principalmente pelos atuais bairros Barcelona, Santa Maria, Boa Vista, Nova Gerti e Mauá.

O núcleo de São Caetano foi fundado em 28 de janeiro de 1877 em terras da antiga Fazenda São Caetano, desapropriada pelo governo im-



Família Martini, imigrantes italianos, final do século XIX

perial, sendo a escritura de compra lavrada em 5 de julho de 1877:

"(...) outra história específica é a do Núcleo Colonial de São Caetano (...) O colono italiano foi logo vitimado pelo fracasso do Núcleo Colonial, na tentativa de instituir uma economia camponesa no seio de uma economia latifundista e escravista" (Martins, jul. / 1991:5).

Sobre a questão específica da Imigração, cabem aqui algumas reflexões necessárias: a vinda dos imigrantes italianos para São Caetano do Sul ocorre em pleno surto cafeeiro paulista de 1875 a 1883. Mas, apesar desse quadro econômico, os imigrantes fixam-se no núcleo colonial com incentivos do Estado, na então desapropriada Fazenda dos padres beneditinos.

É importante ressaltar que a utilização da terra como fonte de capital ocorre desde a formação do núcleo colonial em 1878.

"O núcleo de São Caetano teve 93

lotes rurais e urbanos, distribuídos entre 1878 e 1891, quando o último colono recebeu terras na localidade. Esses lotes foram entregues a 73 famílias, incluindo cinco famílias não italianas, quatro brasileiras e uma alemã... Das 68 famílias italianas, 17 (25%) venderam suas terras antes de passados 11 anos do seu recebimento, seis das quais as venderam menos de cinco anos depois de recebê-las. A maioria retirou-se da localidade..." (Martins, jan/1991:19).

Enquanto em quase todo o Estado de São Paulo predominava a grande propriedade monocultora cafeeira, em São Caetano prevaleceu a cultura de videiras e, posteriormente, a atividade ceramista, com as olarias.

Como afirma o pesquisador José de Souza Martins, a pobreza e o trabalho foram radiadores econômico-sociais importantes na vida cotidiana dos imigrantes em São Caetano, e os exemplos de organização coletiva reforçam esta informação, como a criação da *Società de Mutuo Soccorso Principe di Napoli* (1882) e a União Operária (1907).

Desde o período colonial, verificaram-se tentativas de incentivo à imigração para o local, mas limitaram-se aos chamados núcleos de povoamento, sendo essencialmente uma política de colonização.

As condições escravocratas permaneciam, dificultando num primeiro momento a caracterização de uma agricultura de bases capitalistas.

Com a abolição da escravidão e a necessidade de nova força-de-trabalho para a lavoura de exportação, formularam-se novas políticas imigracionistas. Foi necessário mudar o



Funcionários
da Indústria
Aliberti Ltda.,
1932

regime de ocupação das terras, que faria do imigrante não uma força-de-trabalho em potencial mas o tornaria pequeno proprietário.

Entre os anos de 1876 e 1890, foram fundados 15 núcleos coloniais em São Paulo, dos quais 14 eram oficiais (Martins, 1973). Essas colônias formadas nas imediações da capital e às margens da linha férrea, voltadas para a pequena indústria agrícola, teriam condições de se auto-abastecer e, através da ferrovia, enviar gêneros alimentícios para outras localidades.

A maior parte dos imigrantes italianos radicados em São Caetano proveio da Itália Setentrional, das regiões agrícolas mais atrasadas. Quando saíam da terra natal, tinham em mente fazer fortuna no Brasil e retornar ao local de origem; mas podemos verificar que grande parte se fixou no país, principalmente em São Paulo.

No caso de São Caetano do Sul, os dois grupos principais de colonos eram originários da província de Treviso no Vêneto (principal corrente migratória para o Brasil) e da Província de Mântua, na Lombardia.

A expansão do capitalismo na

Itália a partir do final do século passado produziu o empobrecimento em diversas áreas do país, propiciando os processos emigratórios.

O núcleo colonial de São Caetano enfrentou problemas de diversos tipos, mas podemos destacar as precárias condições de sobrevivência, pois as condições básicas de habitabilidade local não foram cumpridas pelo governo imperial. Os colonos ocupavam-se de construção de casas, ao invés da produção de alimentos; e ainda as terras não eram tão férteis e não estavam preparadas para a atividade agrícola. Sem contar com os constantes alagamentos de parte das várzeas do Tamanduatéi.

Apesar de o núcleo de São Caetano ter-se emancipado em 3 de junho de 1879, um relatório oficial do mesmo ano indicava o auxílio do Estado por mais algum tempo.

Além da agricultura e da incipiente atividade ceramista, a pecuária passou a possuir um papel destacado na economia do núcleo colonial.

A agricultura teve um papel efêmero no núcleo pelas condições locais já levantadas, bem como a competitividade no caso da produção do vinho, com o surgimento de bebidas

mais baratas. A pauperização do núcleo foi, portanto, agravada.

A partir deste quadro, a terra adquiriu a perspectiva de ser vendida pelo imigrante. O Banco União comprou terras com objetivo especulativo, dando preferência às áreas localizadas próximas à estrada de ferro. As transações imobiliárias iniciais em São Caetano ocorrem, portanto, num momento de crise agrícola local, com o processo de industrialização e crescimento da população urbana da cidade de São Paulo e a conseqüente valorização dos lotes residenciais ao redor da capital.

As terras das áreas mais baixas em São Paulo (como São Caetano), eram as mais caras no início do século, principalmente pela reservas de barro, utilizadas posteriormente pelas olarias da região e pela indústria ceramista. Havia ainda a maior proximidade com o mercado de mão-de-obra.

O início do século e, em particular os anos de 20 a 40 foram decisivos para o aperfeiçoamento da atividade manufatureira ceramista e, posteriormente, para a implantação da indústria de porte, inclusive com a ascensão da produção automobilística.

Sem a ferrovia, a mão-de-obra abundante (com os processos migratórios) e as condições de escoamento (vias e proximidades com o Porto de Santos), o quadro seria mais desfavorável aos investimentos. A formação e a expansão do núcleo urbano de São Caetano seguiu o curso da expansão do centro urbano paulistano, que ampliou seus limites periféricos, constituindo, posteriormente parte de região metropolitana.

A determinação da expansão urbana na Região Metropolitana de São Paulo é caracterizada pela implantação industrial, posterior ao ciclo do café e integrada aos processos imigratórios da virada do século.

O desenvolvimento do ciclo ca-

feeiro no final do século passado e início deste, possibilitou a organização da infra-estrutura urbana e a concentração de mão-de-obra e de capital em larga escala.

A Região Metropolitana de São Paulo, constituída pela capital e por quase quatro dezenas de municípios periféricos, tem a sua estruturação definida nos períodos de 1870 a 1930, quando observam-se o aumento e o declínio do ciclo cafeeiro e o apogeu da industrialização. É sempre bom especificar que este período determina profundas mudanças no ambiente urbano.

São Caetano do Sul, nesse contexto, passou da produção artesanal (olarias) na fazenda dos padres beneditinos e no curso da implantação do núcleo colonial (com a imigração italiana), para o desenvolvimento da indústria ceramista.

COLÔNIAS OFICIAIS – Em 1860 tem início a construção da Companhia Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (São Paulo Railway), desempenhando um papel determinante no desenvolvimento econômico da Grande São Paulo. Verifica-se a disseminação das máquinas de beneficiamento e a implantação industrial a partir de 1880, bem como o aparecimento das atividades relativas às empresas de serviços públicos, marcando uma etapa significativa no processo de diversificação do capital cafeeiro.

A cidade de São Paulo e sua periferia passam por modificações substanciais no final do século XIX e no decorrer do século XX, quando se verifica uma participação organizada das classes subalternas nas mobilizações trabalhistas e no crescimento significativo do contingente populacional, manifestando um crescimento acelerado das exigências do contexto urbano.

Fruto da acumulação capitalista, e apresentando dinâmicas próprias

na organização espacial, o espaço urbano da Grande São Paulo é produto e síntese dos fluxos migratórios e migratórios (ocorridos no final e nas primeiras décadas do século XX) com o advento da implantação e desenvolvimento industrial. Nesse contexto pode-se apontar para o surgimento de uma nova burguesia (industrial) originária da burguesia agrária, ainda com conceitos rudimentares e conservadores no trato das questões técnicas e sociais que compreendiam a industrialização brasileira.

O Município de São Caetano do Sul integra a Região Metropolitana da Grande São Paulo, a partir de 1967. Na região, São Caetano do Sul faz parte da sub-região Sudeste, oficializada em 1976 como sub-região Sul. As transformações de ordem política, necessariamente influenciam na organização do espaço urbano, mesmo considerando que esse fator, por vezes, se incidiu com algum atraso.

INDUSTRIALIZAÇÃO – Com a abo-

lição da escravatura e a organização do trabalho livre, houve o desenvolvimento de forças produtivas capitalistas, sob a direção da burguesia industrial emergente.

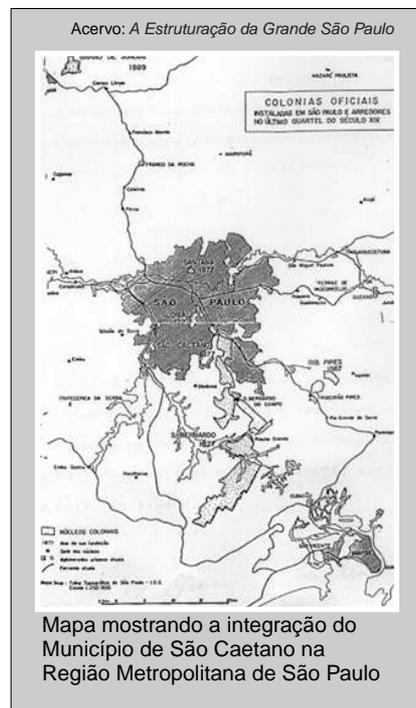
Progressivamente, a concentração industrial se acentuou em São Paulo, onde as indústrias regionais passaram a ter uma postura competitiva frente ao mercado interno nacional. Em especial fortalecem-se e expandem aquelas favorecidas por fatores como base regional poderosa; abundância de matérias-primas; especialização tecnológica; situação geográfica estratégica entre outros.

A agricultura de exportação forneceu ao desenvolvimento industrial de São Paulo uma acumulação originária de capital e um mercado regional com um potencial superior ao das outras regiões do país. Além disso, as fazendas de café eram de propriedade de residentes no Brasil e não do capital estrangeiro. Outros motivos incentivaram o desenvolvimento industrial em São Paulo: grande disponibilidade de força de trabalho imigrante; desenvolvimento da rede ferroviária; proximidade com o porto de Santos.

A imigração de trabalhadores livres para as fazendas de café, aumentou em muito o mercado, levando alguns fazendeiros a aplicar seus excedentes na montagem de fábricas. Alguns comerciantes também aplicaram na indústria, bem como os bancos, que adiantavam empréstimos para esta finalidade.

No início do século XX a exportação do café produz vultosos excedentes líquidos, cuja maior parte, desviou-se através dos bancos para o financiamento das indústrias.

"Daí em diante, a concentração industrial só fez se acentuar em São Paulo, na medida em que a reprodução ampliada do seu capital era impulsionada pelos mecanismos



das economias externas, das economias de escala e dos fatores multiplicadores. Em 1939, a produção da indústria paulista já representava 45,4% da produção industrial brasileira. Tal participação sobe para 47,9%, em 1949, para 55,6%, em 1959, e para 56,1% em 1969" (Gorender, 1981:36).

Apesar da indústria paulista ter tido como ponto de partida o café, isto não se deu de forma direta, pois foram poucos os cafeicultores que assumiram a atividade industrial. "Foi por via do mecanismo bancário e comercial, principalmente, que o capital acumulado na cafeicultura se transferiu à indústria" (Gorender, 1981: 38).

Ainda com a abolição se acentuou uma política oficial para a implementação de um conjunto de leis e programas de subsídios à imigração dos trabalhadores europeus. Dos 3.390.000 imigrantes que entraram no Brasil entre 1871 e 1920, os italianos constituíam mais de 1.373.000 (Maram, 1979).

Os imigrantes eram vistos como trabalhadores eficientes e de confiança e em condições de adaptabilidade à vida urbana. Avaliando-se os dados de Antonio Francisco Bandeira, em 1901, calcula-se que somente 10% dos operários industriais eram brasileiros, localizados no Estado de São Paulo (Maram, 1979).

Durante o período de prosperidade do café, a indústria desenvolveu-se em ritmo mais lento: "Em primeiro lugar, a expansão da cafeicultura absorve capitais que desvia da indústria (...). Em segundo lugar, a abundante disponibilidade de divisas decorrentes da prosperidade da exportação permite o afluxo impetuoso das importações, o que repercutirá negativamente, em especial, na indústria têxtil, precisamente numa fase em que se propunha concor-

rer na faixa de mercado dos tecidos mais finos" (Gorender, 1981:60).

A Revolução de 30 representou, no plano econômico, um marco fundamental na transição da economia agrário-exportadora para uma economia de base industrial, que possuía perspectivas de subsistir em função do seu mercado interno. E, a partir de 1940, o núcleo industrial paulista se interliga às demais regiões do país, devido à expansão rodoviária, facilitando o crescimento da indústria local.

O processo de urbanização desencadeou-se de maneira associada à homogeneização do território, dispersando-se no curso da expansão da rede viária, estendendo-se por todo o Estado, em que pese à Oeste a influência da ferrovia.

Há que se lembrar que, até 1930, o maior bolo do capital externo no país era composto pelo capital inglês, tendo a maior parte em investimento indireto, sob a forma de empréstimos contraídos pelo Estado e concentrando-se na área dos serviços básicos de utilidade pública. Nesse período é insignificante a presença de empresas estrangeiras na indústria de transformação.

Devemos ressaltar o papel do Estado como agente direto do processo de acumulação capitalista, numa sociedade onde o processo de urbanização é influenciado diretamente pela indústria moderna. A grande indústria organizada no período da década de 50 é favorecida por medidas protecionistas governamentais, reforçando as características ágeis da expansão urbana com a especialização do espaço, retalhado em pequenos lotes, vias de acesso etc. Nesse sentido, o novo contexto urbano influencia o uso do solo, no que se refere à infra-estrutura (serviços públicos e privados).

Há que se ressaltar que o Estado

Novo representou a concretização da transição da sociedade agrário-rural para a urbano industrial.

A política econômica adotada entre 1955 e 1961 foi marcada pela atuação estatal no sentido de viabilizar a implantação da indústria de bens de consumo e de produção: automobilística, plástica, química pesada, derivados de petróleo e petroquímico, máquinas e ferramentas.

Segundo Thomas Skidmore "(...) a base para o progresso foi uma extraordinária expansão industrial. Entre 1955 e 1961, a produção industrial cresceu 80% (em preços constantes), com as porcentagens mais altas registradas pelas indústrias de aço (100%), indústrias mecânicas (125%), indústrias elétricas e de comunicações (380%) e a indústria de equipamentos de transportes (600%). De 1957 a 1961, a taxa anual de crescimento real foi de 7%" (Skidmore, 1988:204).

De acordo com informações da Ciesp/Fiesp de 1957 num raio de 100 km da capital paulista concentravam-se 52% dos estabelecimentos industriais e 81% dos operários do Estado. Em relação ao valor da produção de manufaturas, pouco mais da metade originava-se na capital e cerca de 14% nos Municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul (Shiffer, 1989)

O VELHO E O NOVO – As olarias e a indústria ceramista motivaram no final do século XIX e início do século XX, a passagem do trabalho artesanal para a atividade industrial. Nesse período veremos a implantação dos núcleos coloniais em São Paulo e a instalação do núcleo São Caetano (1887), com a imigração italiana e com os incentivos oficiais. A atividade das olarias foi fundamental para a implantação e desenvolvimento do núcleo, dando vazão às indústrias de louças e cerâmicas artísticas. São

Caetano era então um grande lamaçal; os grandes estoques de barro e argila facilitaram as condições para a implantação das olarias.

As condições de habitabilidade no núcleo colonial eram precárias. Como afirma o professor José de Souza Martins, na época, os imigrantes viviam a fase da pobreza e do trabalho, com várias dificuldades de sobrevivência. A indústria Ceramista substituiu a velha atividade artesanal.

A Cerâmica Privilegiada (que posteriormente se denominou Cerâmica São Caetano), dirigida pelo Engenheiro Armando Arruda Pereira nos primórdios de sua atividade, existe até os tempos atuais no Município, constituindo-se numa das empresas principais do ramo.

A partir da sua implantação, a Cerâmica São Caetano instala em seu entorno a sua Vila Operária, dotada não só de moradias para seus funcionários, mas também de escola para os filhos dos mesmos.

Com esta atitude certamente o empresário garantia o controle político, funcional e econômico de seus funcionários e além disso, assegurava a formação e reprodução da força-de-trabalho e da família do trabalhador.

Atualmente, a Cerâmica São Caetano permanece no bairro denominado Cerâmica, mas funciona parcialmente: sua Vila Operária e a escola de formação estão desativadas há tempos.

As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo têm uma situação semelhante. Instalada na década de 20, no Bairro Fundação, área inicial do município, foi também com a atividade ceramista que evoluiu para outros ramos da economia, como o setor químico, têxtil dentre outros. A Vila Operária Matarazzo composta de um conjunto de habitações residenciais, não implantou escola de formação.

Atualmente, ainda podemos



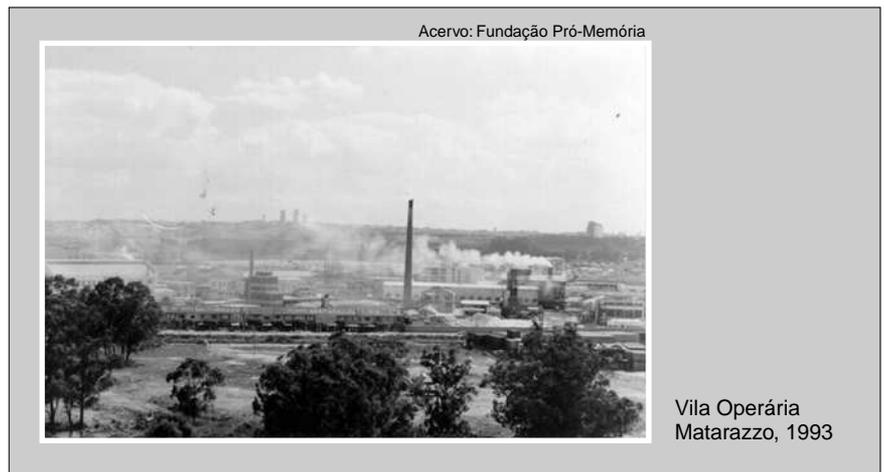
constatar a existência do conjunto de residências que compunham a Vila Matarazzo.

Avaliando as duas experiências de Vilas Operárias marcantes no Município, e que foram determinadas pelo processo de desenvolvimento industrial (a velha indústria) verificaremos que corresponderam a um determinado momento histórico da formação da classe trabalhadora em São Caetano do Sul. Não podemos nos furtar também de afirmar que as vilas foram produtos de uma atitude paternalista, e porque não dizer, perversa, de preservação e controle da força-de-trabalho pela empresa.

No livro denominado *Eu não te*

nho onde morar, Eva Blay diz que a Vila Operária é decorrência histórica e social da relação entre Casa Grande e Senzala, colonos e fazendas de café. Nesse sentido, as atitudes paternalistas dos empresários Francisco Matarazzo e Armando Arruda Pereira, concorreram para a execução da política de implantação das Vilas Operárias em São Caetano do Sul.

Nas décadas de 30, 40 e posteriormente 50 e 60, observamos em São Caetano do Sul a formação e o desenvolvimento da nova indústria e de novas modalidades de habitação operária. A indústria automobilística alterou de forma significativa o espaço físico do Município, principalmente porque acelerou o ritmo da especulação imobiliária, já visível nas





Estação São Caetano, final do século XIX

áreas próximas às velhas indústrias, incrementando as ondas migratórias. Esse processo, num primeiro momento, fixou o trabalhador à cidade, porque na época o operário possuía condições para efetivar tal fixação. Com o desenvolvimento da indústria automobilística e a especialização do espaço urbano, promovida pela especulação, elitiza-se gradativamente o acesso ao uso do solo na cidade, acarretando a expulsão dos trabalhadores de baixa renda. O encorticiamento também evoluiu a partir desse momento porque apresentou-se como a única opção de moradia para a população trabalhadora pobre.

A CAPITAL E OS ARREDORES – A formação de São Paulo e seus arredores vivenciou a agricultura comercial de exportação, através do cultivo do café e da cana-de-açúcar, apesar da cultura de subsistência possuir um largo emprego nesse período histórico. O cultivo da terra promovido pelos jesuítas ou vinculado aos aldeamentos, promoviam a atividade tradicional através do sistema de roças.

As principais vias de circulação, constituídas por estradas da província cortavam São Paulo, transformando a cidade num pólo de atração e distribuição de produtos, que faziam seu fluxo via o Porto de Santos.

Vários aglomerados dos arredores

paulistanos (inclusive São Caetano do Sul) se originaram através dos pousos de tropas.

"Os antigos aldeamentos indígenas haviam perdido suas funções originais e se transformavam étnica e funcionalmente em povoados "caipiras" (Langenbuch, 1971:75)

A atitude concentradora da cidade de São Paulo, demarca nos seus arredores o *cinturão das chácaras* (áreas mais próximas à região central) e o *cinturão caipira* (composto principalmente pelas áreas que hoje compõem a região metropolitana). Portanto, o *cinturão caipira* terá uma caracterização mais suburbana e o *cinturão das chácaras* uma caracterização urbana, por se situar junto ao centro da cidade de São Paulo.

O *cinturão caipira* possuía cultura de subsistência, agricultura extrativa, incluindo-se os produtos cerâmicos ou a cultura artesanal (objetos de barro). São Caetano do Sul enquadrava-se no *cinturão caipira* como uma das principais fontes econômicas da atividade extrativa do barro, a olaria.

De 1875 a 1915 ocorreram profundas modificações na área urbana e suburbana da cidade de São Paulo.

O *cinturão das chácaras* é anexado pela cidade e o *cinturão caipira* se valoriza de forma veloz, em virtude de sua posição geográfica e

da instalação de diversas atividades econômicas, disputando o mercado de capital.

Para o caso específico de São Caetano do Sul, salientamos a importância da vitivinicultura e a implantação do núcleo colonial. A iniciativa oficial de implantação do núcleo foi decisiva para a valorização dos arredores paulistanos.

Os vínculos entre São Paulo e o *cinturão caipira* foram aperfeiçoados, principalmente pela ação da ferrovia como meio de integração constituindo os *povoados-estação* e valorizando as áreas cortadas pela linha férrea. Em contrapartida, desvalorizavam-se as áreas mais distantes da mesma.

As ferrovias incentivaram a vocação industrial e o povoamento suburbano de diversas áreas paulistanas, dentre as quais, São Caetano do Sul.

Os principais núcleos suburbanos dos tempos atuais foram originados pelos povoados-estação.

"Santo André (então estação São Bernardo) já definia sua vocação de importante subúrbio industrial. Em escala menor, mas ainda expressiva, tal se verificou com São Caetano do Sul (então São Caetano) e Osasco" (Langenbuch, 1971:130).

Avaliando-se a evolução dos arredores paulistanos em 1915-40, verificamos alguns aspectos importantes: 1) os antigos bairros isolados se compactam através de loteamentos que se espalham entre os bairros e o núcleo central da cidade; 2) a industrialização se avoluma, principalmente na faixa próxima à ferrovia (estrada-de-ferro Santos-Jundiaí), exercendo importante papel no transporte dos operários e na fixação residencial próxima às indústrias e às ferrovias; 3) neste período, São Paulo vive o auge da especulação imobiliária, que atinge, em maior ou menor escala, os arredores mais próximos e distantes da capital.

Formam-se subúrbios residenciais e industriais.

A importância das ferrovias é destacada na avaliação do pesquisador J.R. Langenbuch: "*a) suas qualidades intrínsecas, b) o fato de ainda não se admitir grande indústria longe da ferrovia, c) a presença do trinômio ferrovia-terrenos grandes, planos e baratos - água fluvial em grandes extensões, importante atrativo para a implantação industrial, d) o fato de algumas ferrovias percorrerem ou atingirem a principal zona industrial da cidade, e assim atraírem a fixação de operários aos arredores das estações suburbanas, e) o desenvolvimento anterior já adquirido pelos povoados-estação, a atrair novas indústrias, assim como moradores, f) a quase inexistente participação da classe abastada da população na suburbanização residencial, a qual se o fizesse, provavelmente o faria através do automóvel*" (Langenbuch, 1971:177)

Em contraposição ao transporte ferroviário e ao *subúrbio-estação*, Langenbuch analisa que a circulação rodoviária participa do desenvolvimento dos subúrbios, dando origem ao *subúrbio-loteamento*, promovido pela ação imobiliária, com implantação local, onde o equipamento comercial e de serviços apresentam-se de forma dispersa (Langenbuch, 1971). Os ônibus possuem, também a função de aumentar a polarização dos bairros periféricos à capital, formando os sub-centros.

"*São Caetano - Santo André por uma série de fatores, se firma como a mais importante área suburbana de São Paulo*" (Langenbuch, 1971:177).

A evolução metropolitana de São Paulo, a partir de 1940, apresentou alguns indicadores essenciais no plano da urbanização e suburbanização de seus arredores.

A expansão metropolitana possui

o seu salto significativo a partir da década de 40. O processo de edificações e ocupação de lotes ganha velocidade e volume, onde o crescimento vertical já é visualizado em diversas partes da cidade. Existe a anexação por parte do centro urbano, de vários núcleos suburbanos e a urbanização crescente de espaços intermediários.

Os *subúrbios-estação* crescem de forma assustadora, como é o caso de São Caetano do Sul, enquanto a ferrovia prossegue dando continuidade a novos espaços suburbanos.

A implantação da grande indústria, a constituição dos mercados de trabalho e mão-de-obra, somados à polarização exercida pela ferrovia, foram os grandes atrativos para acelerar o processo de urbanização a partir da década de 40.

Gradativamente, o transporte de passageiros promovido pela circulação rodoviária vai substituindo o papel desempenhado pelas estações ferroviárias, tendo-se o início da implantação dos chamados *subúrbios-ônibus*.

O tráfego rodoviário de longo percurso, impulsionou a industrialização e aproximou as regiões de Guarulhos e São Bernardo do Campo. Enquanto o transporte ferroviário atingiu áreas longínquas, o rodoviário atingiu, num primeiro momento, as áreas próximas ao centro urbano.

Outros subúrbios foram organizados pela implantação da iniciativa imobiliária particular ou oficial. Nesse processo, o Banco Nacional da Habitação (BNH) desempenhou um papel decisivo tanto na ação imobiliária estatal quanto particular, a partir de vias de financiamentos para a construção de casas nessas *novas* localidades.

O retalhamento das diversas áreas postadas nos arredores paulistanos propiciou, por um lado, a autonomia de diversas áreas municipais,

mas dificultou uma ação globalizante dos serviços públicos na região metropolitana.

Ainda segundo Langenbuch: "*Alguns subúrbios conheceram um crescimento extraordinário, verificando-se paralelamente uma diversificação funcional, uma estruturação orgânica interna e um amplo equipamento em serviços. Com isto tais subúrbios viram ampliando seu grau de autosuficiência. São Caetano do Sul e Santo André apresentam estas características de modo muito significativo. Em função disto julgamos viável denominá-las de cidade-satélite - interna, devido à sua localização. As citadas características são ostentadas também por São Bernardo do Campo e - em menor escala - por Osasco e Guarulhos*" (Langenbuch, 1971:259)

ESPAÇO URBANO - A industrialização e a formação do espaço urbano de São Caetano do Sul é decorrência da expansão da malha urbana paulistana, na medida em que os investimentos econômicos em meados do século ganham expansão vertiginosa com a implantação da indústria moderna de bens duráveis e a multinacionalização da economia.

A ocupação industrial da região do ABC efetiva-se no final do século XIX, com o funcionamento de uma fábrica de sabão, graxa e velas e uma outra de formicida em São Caetano do Sul, além de outras indústrias nos demais municípios da região, como Santo André e Mauá.

Com a expansão industrial, aumenta a exigência da eletricidade, correspondendo ao surgimento de duas represas artificiais próximas à região: Guarapiranga (1907) e Billings (1925).

No período de 1870 a 1920 a região registra um aumento significativo da sua população, acompanhando o crescimento demográfico de São Paulo.

A ocupação da região do ABC, e

particularmente de São Caetano do Sul, foi influenciada pelas vias de fluxo comercial (Rio Tamanduateí, Ferrovia São Paulo Railway) e a existência de terrenos grandes, planos e baratos. A localização dos terrenos facilitou a ocupação na faixa entre o rio Tamanduateí e a ferrovia, nos perímetros de São Caetano do Sul e Santo André.

Nesse trecho são instaladas, no início do século, várias indústrias de porte, dentre elas: Cerâmica Privilegiada (atual Cerâmica São Caetano –1913); Refinadora de Óleo Brasil (1922 – São Caetano do Sul); I.R.F. Matarazzo (1926 – São Caetano do Sul); General Motors (1927 – São Caetano do Sul); Fichet (1923 – Santo André); Pirelli (1923 – Santo André).

No final da década de 30 o quadro industrial do ABC mostra São Caetano com 69 fábricas, empregando 8.127 operários (Andrade, 1983)

Em 1947, com a inauguração da Via Anchieta, consolida-se a ligação da região com o Porto de Santos. Essa via irá substituir o papel que o rio Tamanduateí e a ferrovia desempenharam no contexto formador de São Caetano do Sul, inclusive na implementação da oferta de mão-de-obra, através dos migrantes do Nordeste do país.

Os processos migratórios alteraram a configuração urbana do município através das vilas operárias e das habitações coletivas. O uso e a ocupação do solo na região do ABC e particularmente em São Caetano do Sul, seguiram seu curso sem a interferência do Estado, disciplinando tal ocupação.

No âmbito do espaço urbano, das relações de trabalho e da implantação industrial, é importante enfatizar que as vilas operárias tiveram um papel marcante no Município. Como exemplo, temos a que foi implantada através da instalação das indús-

trias Matarazzo no Bairro Fundação, próximo ao rio Tamanduateí.

Como diz Eva Blay: "(...) *as vilas operárias são como um sucedâneo da senzala e das colônias. O senhor construía junto à Casa Senhorial rural ou urbana, a senzala, onde preservava e protegia sua mercadoria, o escravo. O trabalhador rural livre era controlado e parcialmente remunerado pelo uso da habitação nas colônias, no interior das fazendas. As vilas operárias foram construídas ao redor das indústrias, no cenário urbano industrial, numa fase de formação do operariado paulista*" (Blay, 1985:30)

Mais à frente, percebemos que as áreas contíguas às indústrias começam a ganhar contornos especulativos imobiliários. No entanto verificamos que a implantação industrial determinou a formação do espaço urbano, através da especulação imobiliária.

Segundo Milton Santos, a produção do espaço está diretamente ligada ao ato da produção (Santos, 1978). Nesse sentido, o conceito de lugar e de *habitat* era o espaço de residência e trabalho, o *locus* de uma vida social, fruto de um processo produtivo.

A partir da década de 30, São Caetano do Sul se afirma como centro fabril, produto da extensão urbana paulistana, a partir do bairro de Ipiranga. Esse quadro favorece a valorização imobiliária e expansão da grande indústria. Aumentam as ofertas de terrenos próximos às indústrias como atesta o anúncio publicado no *São Caetano Jornal* de 17 de janeiro de 1929: "*Vendem-se três lotes de terreno em Villa Barcelona, próximo à General Motors*".

A cidade de São Caetano do Sul, no seu curso histórico, se confunde com a evolução histórica brasileira, à medida em que se localiza no eixo entre o litoral e a capital paulistana,

fazendo parte de sua expansão urbana periférica.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Antonio de. *Histórico da Industrialização e do Controle da Poluição Ambiental no Grande ABC*. CETESB, 1983.

BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar (vilas operárias na cidade de São Paulo)*. São Paulo, Livraria Nobel S.A., 1985.

GORENDER, Jacob. *A Burguesia Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

LANGENBUCH, Juergen Richard. *A Estruturação da Grande São Paulo (estudo de geografia urbana)*, tese de doutoramento apresentada à FFCL de Rio Claro, da Universidade de Campinas. Rio de Janeiro, IBGE, IIBG, Depto. de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e Movimento Operário Brasileiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

MARTINS, José de Souza. "*O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de São Caetano*". *Raízes* (4), São Caetano do Sul, janeiro de 1991.

MARTINS, José de Souza. "*A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano*". *Raízes* (5), São Caetano do Sul, julho de 1991.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo, Hucitec-EDUSP, 1978.

SHIFFER, Sueli Ramos. *As políticas nacionais e a transformação do espaço paulista 1955-1980*, São Paulo, tese de doutorado apresentado à FAU-USP, 1989.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

(*)*João Carlos de Moraes é arquiteto urbanista, mestre e doutorando em ciências sociais PUC-SP, vereador no município de São Caetano do Sul de 1982 a 1992 e professor universitário*

Empenho da comunidade construiu o primeiro Grupo Escolar

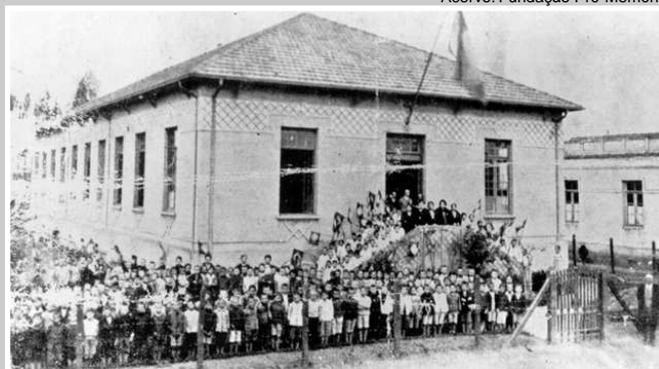
Eliane MIMESSE(*)

Até o ano de 1920 não existia um grupo escolar em São Caetano. Haviam as chamadas escolas isoladas, com salas femininas, masculinas e mistas. Legalmente para formar um grupo escolar era necessária a reunião de dez escolas isoladas - cada escola era na verdade uma sala de aula. As escolas isoladas ensinavam as matérias dos três anos do curso primário para todos os alunos juntos. Eles eram separados apenas por fileiras: cada fileira era um ano. No ano de 1919, funcionavam três escolas femininas, duas noturnas, duas mistas e quatro masculinas (embora tenha-se notícias de apenas duas escolas masculinas em funcionamento até esse ano). Totalizavam 11 escolas, o que possibilitava a criação do grupo.

A população mobilizou-se para a necessidade de construção de um prédio para reunir as escolas. Convocou-se uma reunião na sede da Societá di Mutuo Soccorso Principe di Napoli. Dona Esperança Martorelli Cairo conta como tudo começou:

Um dia chegou o irmão dela lá (o irmão da professora Amélia Marrey, da 2ª Escola Mista, José Adriano Marrey Junior, era advogado em São Paulo), com a mãe. Quando o irmão entrou na sala, assustou-se. Falou assim: Amélia, o que é isso, primeiro, segundo e terceiro ano, que negócio dentro de uma sala! Ela respondeu: Aqui é tudo assim. José Adriano retrucou: isso está tudo errado, não pode ser. Como é? O pessoal de São Caetano está pagando imposto para Santo André e eles têm tudo bonitinho, porque é que São Caetano tem que ficar assim? São Caetano não está longe da capital para fazer isso

Grupo Escolar Senador Fláquer em 1927, quando recebeu esta denominação. Até então chamava-se II Grupo Escolar de São Bernardo



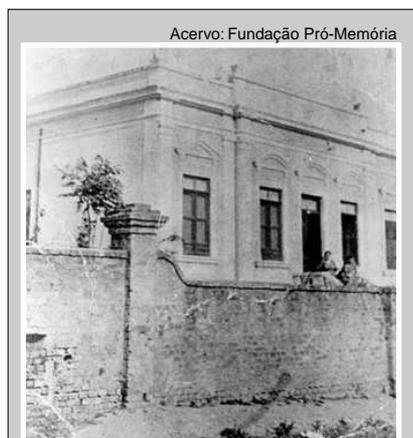
aqui tudo errado. Assim, disse para a irmã: chama o pai de alguma criança, que eu vou começar a explicar isso daí.

O pai de Dona Esperança foi chamado e convidou todos os sócios da Principe di Napoli para participar de uma reunião com o irmão da professora. Assim, a partir desse encontro resolveram fazer uma mobilização pela construção do prédio. A segunda reunião também foi na sede da Principe: compareceram os sócios, o irmão da professora, o prefeito municipal de São

Bernardo, coronel Saladino Cardoso Franco, e alguns proprietários de fábricas da cidade.

A comunidade de São Caetano contribuiu de todas as formas possíveis: fizeram várias quermesses organizadas pela Irmandade de São Caetano e jogos de futebol com venda de ingressos. Os donos das olarias cederam os tijolos, e os das serrarias cederam as madeiras. As empresas doaram as telhas e o terreno para a construção do prédio. Era praxe a participação da comunidade na construção de prédios públicos. A igreja foi reconstruída em 1900 com os donativos da população; o terreno do primeiro cemitério foi doado pelos moradores em 1911; e, neste momento, os materiais para a construção do grupo.

Em uma reunião na Prefeitura Municipal de São Bernardo, no mês de dezembro de 1919, foi criada a Comissão Executiva das Obras de Construção do Edifício Escolas Reunidas de São Caetano. Contou com a ajuda financeira do Governo do Estado, da Câmara Municipal de São Bernardo, das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, da Companhia Mecânica e Importadora de



Casa de Celeste De Nardi (atual Museu Histórico Municipal), que abrigou várias escolas isoladas



Primeira Escola Masculina de São Caetano. A escola era formada por esta sala, com meninos de idades e séries diferentes

São Paulo e de Armando Leal Pamplona e Mariano Paim Pamplona, proprietários da Companhia Melhoramentos de São Caetano, que doaram o terreno, localizado na rua Heloisa Pamplona.

Nessa reunião foram eleitos os membros da Comissão: *Antonio Barile, Armando Leal Pamplona, Carmine Perella, Ettore Lantieri, Francisco Figueiredo, Decio P. de Mattos, Giacomo Garbelotto, João Domingos Perella, João Dall'Antonia, João Spinello, João Rella, José Mariano Garcia Júnior, José Luiz Flaquer Dr., Luiz Petroni, Paulo Ayres Dr., Pedro Jorge, Silvério Perella, Seraphim Constantino, Saladino Cardoso Franco, Benedicto Firmo de Lima. Diz a ata: Procedendo-se a eleição da Directoria verificou-se o seguinte resultado: Presidente Honorário: Dr. José Luiz Flaquer; Presidente: Dr. Armando Leal Pamplona; Vice-Presidente: Seraphim Constantino; Thezoureiro: Cel. Saladino Cardoso Franco; 1º Secretario: Benedicto Firmo de Lima; 2º Secretario: Decio P. de Mattos; Conselho-fiscal: Antonio Barile; João Domingos Perella; João Rella; José Mariano Garcia Junior.*

O decreto de criação do grupo escolar data de 30 de abril de 1920. Nas férias do mês de julho, quatro escolas transferiram-se para a casa da família De Nardi (atual Museu Histórico Municipal), que

já abrigava duas. A casa tornou-se o *Grupo Escolar Provisório*. Foi neste momento que se formaram as Escolas Reunidas, que lá permaneceram por quase dois anos - o tempo que durou a construção do novo prédio. Essas escolas eram formadas por várias escolas isoladas e funcionavam em um mesmo prédio, mas continuavam desvinculadas entre si.

O professor Waldemar Freire assumiu a função de diretor provisório das escolas masculinas, que funcionavam no período da manhã, e das noturnas, e a professora Mariana de Almeida Moura tornou-se diretora provisória das escolas femininas e mistas, que funcionavam no período da tarde. Cada

período de funcionamento das escolas era de duas horas e meia, com intervalo de quinze minutos. Os professores que foram diretores provisórios exerceram esta função apenas durante a permanência das escolas na casa da família De Nardi. Quando mudaram para o prédio definitivo, Jorge Adalberto Perrenoud foi nomeado diretor.

Em reunião no dia 21 de outubro de 1921, a *Comissão Executiva das Obras de Construção do Edifício Escolas Reunidas de São Caetano* ficou encarregada de comunicar ao Governo do Estado sobre o término das obras. Mas, deveria angariar fundos com a população para liquidar as dívidas restantes. Segundo relato da época:

(...) se evidencia um deficit na importancia de seis contos trezentos e sessenta e sete mil oitocentos reis (Rs: 6:367/s 88s). (...) o senhor João Domingos Perella, declarou que applaudia com entusiasmo a proposta apresentada pelo Senhor Coronel Saladino Cardoso Franco e que, com prazer, declarava que subscrevia a quantia de um conto de reis, pois, entendia que todos os industriaes, negociantes e mesmo os moradores do districto, na medida de suas posses, deviam concorrer para o pagamento das contas, collaborando assim com o Governo do Estado



Primeira Escola Feminina de São Caetano. Algumas meninas, da mesma família, usam vestidos com a mesma estampa, fato que comprova as idades diferentes na mesma sala

e Camara Municipal de São Bernardo, na construção de um edificio proprio para o funcionamento das escolas reunidas de São Caetano, o que, por certo, muito contribuiu para o desenvolvimento da instrução e grande aproveitamento da infancia educanda, alem de concorrer, também, para o progresso e embellezamento local.

O decreto do mês de abril de 1920 foi efetivado somente quando as escolas masculinas, femininas, mistas e noturnas foram reunidas e transferidas para o grupo. O prédio do grupo seguia as especificações legais, estabelecidas pelo Código Sanitário: *Artigo 189. Sempre que fôr possível, as escolas deverão ter um só pavimento; Artigo 190. As salas de classe deverão estar collocadas acima do solo, 1 a 2 metros, no maximo; Artigo 196. A ventilação da sala deverá ser feita de modo mais completo e continuo e as correntes de ar deverão ser taes, que não prejudiquem a saúde das creanças; Artigo 200. As janellas das salas de classe deverão ser abertas na altura de 1,20 sobre o soalho e se approximarão do tecto, tanto quanto fôr possível. Também deverá ser cautelosamente escolhido o material de ensino.*

O prédio foi construído para abrigar 12 classes, mas formou apenas 10 pelo número de alunos existentes. No ano de 1919 foram criadas mais três escolas femininas e uma mista; somadas às 11 criadas anteriormente, eram 15 escolas ao todo. Estas últimas escolas foram instaladas em bairros mais distantes da estação de trem e suas proximidades, por existirem reclamações dos moradores na concentração de escolas nas proximidades da ferrovia.

Todos os professores das escolas isoladas de São Caetano foram para o novo e primeiro prédio construído para este fim, desde a criação das escolas há quase 40 anos. Na inauguração do grupo, foi denominado de II Grupo Escolar de São Bernardo, porque São Caetano ainda fa-

Bases para o horário do 2º ano primário dos grupos escolares

5 minutos - Canto - revista de asseio - chamada.

25 minutos - Leitura 6 dias

25 minutos - Arithmetica 4 dias e geometria 2 dias

20 minutos - Geographia 2 dias / Historia 2 dias/ Instrução moral e cívica 2 dias.

25 minutos - Linguagem escripta 6 dias

20 minutos - Sciencias physicas e naturaes: hygiene 6 dias

25 minutos - Recreio

20 minutos - Linguagem oral 2 dias/ desenho 2 dias/ grammatica 2 dias

25 minutos - Problemas oraes e escriptos, e calculo mental diariamente

20 minutos - Leitura suplementar 2 dias/ calligraphia 4 dias

30 minutos - Trabalhos manuaes 2 dias/ Gymnastica 2 dias/ Música 2 dias

Fonte: Anuario do Ensino do Estado de São Paulo. Typ. A. Siqueira & Cia, 1922

zia parte do Município de São Bernardo. **FUNCIONAMENTO** - Os grupos escolares surgiram para organizar e restaurar a instrução pública, instituindo novas formas de controle. Mantinha um diretor durante todo o seu tempo de funcionamento, existia um horário fixo para as aulas, um espaço físico adequado para as aulas e para os intervalos. O grupo era a demonstração da modernidade e do progresso na educação. As matérias eram melhor trabalhadas em função do tempo ordenado das aulas, apesar da redução no tempo em que os alunos permaneciam na escola, apenas por um período do dia, como já ocorria nas Escolas Reunidas.

Com a criação dos grupos escolares, os alunos deveriam ficar quatro anos estudando. Eram dois anos de curso primário e dois anos de curso médio. Em São Caetano, apenas os três primeiros anos funcionavam, porque não existiam alunos suficientes para abrir uma sala de quarto ano ou de segundo ano do curso médio. Nos documentos dos anos de 1920 a 1922, as informações sobre o grupo escolar confirmam as dificuldades em manter os alunos na escola até o último ano.

O horário das aulas nos grupos es-

colares foi sugerido pelo governo, com os minutos estipulados para cada atividade e o número de dias da semana que deveriam ser utilizados para o ensino de cada conteúdo. Nesta época, somente o domingo era considerado dia de descanso.

Em um documento do ano de 1927, é possível ainda deparar-se com as mesmas dificuldades: o baixo número de alunos na sala de segundo ano (quarto ano). Também reencontramos alguns professores que trabalhavam na cidade há mais de quinze anos, como o professor Waldemar Freire e o professor Joaquim Bellucci, ou as professoras Maria José Morato e Bernardina Jardim Martins. Nesse mesmo ano, após o falecimento de um político da região, o grupo escolar passou a chamar-se - em sua homenagem - Senador Flaquer. A legislação previa esta mudança quando a pessoa homenageada houvesse contribuído com a construção do prédio, ou por ser um integrante da comunidade, ou alguém considerado importante na história da localidade.

(*) *Eliane Mimesse, professora universitária, Mestre em Educação na PUC de São Paulo*

A corrida e as botinas: duas histórias de minha infância

Gisberto GRIGOLETTO(*)

Vários eventos ocorridos em minha infância bem que serviriam como roteiro aos atuais filmes de ação. Mas essas histórias perpetuadas em acetato saem de cartaz e mudam de acordo com a vontade do público. No entanto, minhas recordações, sempre que posso, repriso com prazer constante. Como já descrevi no caso da cobra, nós tínhamos uma égua, na qual eu montava todos os dias.

Na esquina da rua Minas Gerais, hoje José Benedetti, com a rua Maranhão, havia um açougue, cujo proprietário de nome Pedro possuía um cavalo branco, chamado *Pingo* o qual era utilizado na venda de *miúdos*, coração, fígado, bofe, rins, bucho, etc. etc., que eram vendidos de porta em porta, em uma carrocinha fechada, vulgarmente denominada *tripeiro*.

Virgílio, filho do açougueiro, menino de minha idade, também montava no *Pingo*. Éramos rivais, ele dizia que o *Pingo* corria mais que a minha égua *Estrela*, e eu que ela era mais veloz que o *Pingo*.

Dessa maneira, combinamos uma corrida para tirar a teima. Ela seria de mais ou menos quinhentos metros, da rua Rio de Janeiro, descendo a rua Amazonas, até a Piauí.

Certa manhã, voltando do pasto, sozinho, montado na *Estrela*, resolvi num repente, fazer um treino naquele itinerário. Assim, ao chegar na rua Rio de Janeiro, incitei o animal a correr, com a intenção de até chegar à rua Piauí, no menor prazo de tempo.

Mas... quando a égua chegou na entrada do quintal de casa, quase na rua Maranhão, deu uma inesperada

guinada para a direita, indo diretamente para a cocheira. Eu, que não esperava essa repentina mudança de rumo, fui arremessado ao chão, batendo com o queixo no moirão esquerdo, que sustinha a porteira, sofrendo um pequeno corte.

Não é necessário dizer que a corrida não foi realizada.

BOTINAS - Na minha infância, a maioria das crianças não usava calçados. As meninas, quando não descalças, estavam de chinélinhos, os meninos sem nada, pés no chão, sola calejada. Nas festas juninas, para ganharem mais pipocas, batatas assadas, ou pedaços de bolo de fubá, às vezes \$100 ou \$200 réis, pulavam as fogueiras ou andavam sobre as brasas espalhadas pelo chão.

Eu e meu irmão, um pouco mais velho, não fugíamos a regra, nossos pés não conheciam botinas; notem que naquela época os homens usavam muito pouco os sapatos, diziam que eram calçados de mulher; as botinas para os homens predominavam.

Mas chegou também para nós a hora de usarmos calçados, mesmo por pouco tempo. Tinha eu cerca de 10 anos e meu irmão 12, quando, na Matriz de São Caetano, ia ser ministrada a Crisma para os meninos e adolescentes. Nessa ocasião, também íamos receber os Santos Óleos. Mário Tizo foi o jovem convidado para ser meu padrinho, uma vez que era muito chegado à minha família.

Dias antes da Crisma, eu e meu irmão fomos de trem com minha irmã Antonia até o Bairro do Brás, para comprarmos as botinas na Casa Clark, que ficava na avenida Rangel

Pestana, bem próxima às porteirosas da São Paulo Railway.

Em São Caetano não havia lojas de calçados, mesmo a dos Irmãos Quaglia, que foi a pioneira, ainda não existia. A maioria dos habitantes comprava os calçados na Casa Clark ou na Irmãos Torino, ambas na avenida Rangel Pestana, próxima da Estação do Brás.

Eram poucos os que se aventuravam ir mais longe, ao centro por exemplo. Tinham medo de não mais encontrarem o caminho de volta. A *viagem* até o Brás era quase uma aventura. Na loja provamos diversos pares de botinas até que encontramos a que nos servia. Saímos calçados pela primeira vez.

A fim de evitar qualquer acidente, esperamos as porteirosas fecharem para a passagem do trem, para atravessarmos a avenida. Chegando do outro lado, como as porteirosas ainda estavam fechadas, subimos a ponte em direção à plataforma onde passava o subúrbio que nos levaria de volta a São Caetano.

Ao descer a ponte, não estando habituado a andar calçado, escorreguei no segundo degrau, indo ponte abaixo, em sentido horizontal, até o último degrau, onde cheguei bem antes de meu irmão e de minha irmã. Felizmente não sofreu lesão alguma.

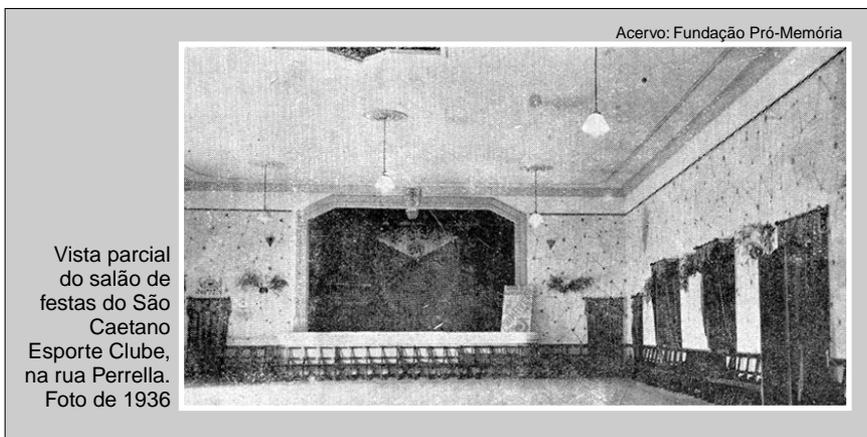
Devo salientar que, nas minhas botinas, além de meus pés, cabia mais alguma coisa. Alguns dias depois da Crisma, elas passaram para meu irmão, e eu fiquei mais um bocado de tempo andando descalço.

(*) *Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936.*

O Jornal *Argus* e as modernas transformações dos anos vinte

José Roberto GIANELLO(*)

A compreensão da memória social em São Caetano da década de 20 deve ser analisada no contexto das rápidas transformações da cultura urbana em contraposição ao mundo rural, com o surgimento da denominada modernidade. A *Semana de Arte Moderna*, realizada em São Paulo em 1922, foi pródiga na crítica dessa mudança, sem contudo reconhecer nas novas formas de sociabilidade, na linguagem, nos hábitos e comportamentos, os novos personagens da atuação, ou seja os trabalhadores dos subúrbios que se apresentavam, em São Caetano, através de um órgão de imprensa, o semanário *Argus*, como os protagonistas de uma nova forma de viver, namorar e de produzir em, seu próprio espaço físico, novas idéias de lazer e cultura. Essa época foi rica no aparecimento de uma imprensa, alternativa, desvinculada da imprensa diária, em que as questões políticas nacionais e estaduais ocupavam a maior parte do espaço, ao contrário dos novos jornais e revistas que se intitulavam *literários*, *recreati-*



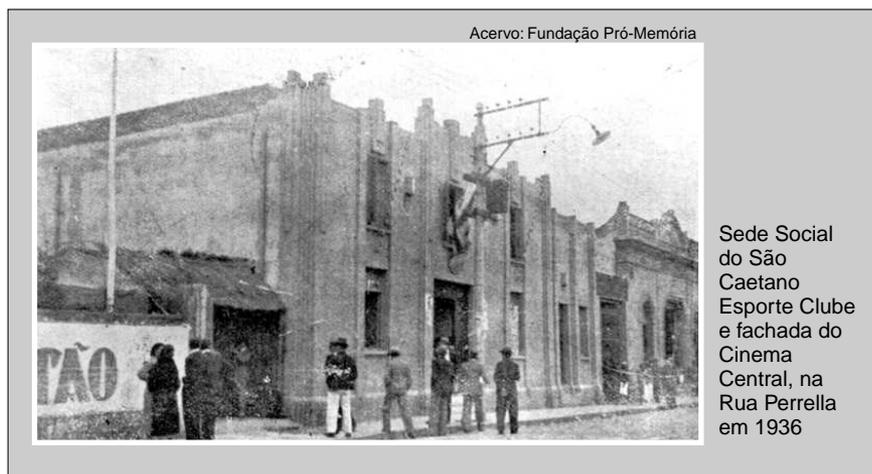
vos, *humanísticos* e refletiam de forma mais íntima, digamos assim, a vida na periferia da capital.

Este é o caso do semanário *Argus*, editado em São Paulo, que, auto-proclamando-se crítico, satírico, humorístico e literário, publicava comentários jocosos, entre 1923 e 1924, sobre os jovens de São Caetano, registrando o ambiente social, festivo e alegre de um então distante distrito da capital.

O semanário *Argus*, fundado em 1908, possuía quatro páginas e seis colunas, circulava no interior de São Paulo com uma tiragem de 3.500

exemplares. Custava \$100 (cem réis) o exemplar avulso e \$600 réis e \$1000 réis a assinatura semestral e anual, respectivamente. Além dos comentários maliciosos sobre o comportamento dos jovens sancaetanenses daquela época, o jornal publicava notas humorísticas, jogos de adivinhação, piadas, contos, poemas, e novelas. O que facilitava a propagação deste tipo de jornal em locais afastados de São Paulo foi a regularização dos serviços de correios e telégrafos, o desenvolvimento da estrada de ferro, melhorando o serviço de entregas por assinatura, principal forma de distribuição da imprensa alternativa da época.

Na década de 10 e 20, os subúrbios industriais em formação, como São Caetano, eram locais propícios à formação de associações recreativas, dançantes, artísticas, de grupos teatrais, literários e esportivos, onde o público desfrutava de lazer, criando no tempo e espaço uma história intimista sobre a vida cotidiana de um subúrbio invadido pela cultura metropolitana. Nas três primeiras décadas deste século, surgiram em São Caetano alguns clubes. Entre outros destacam-se os que listamos abaixo:



São Caetano Esporte Clube, fundado em 1º de Maio de 1914, com a fusão do Clube dos Amigos e o Rio Branco Futebol Clube. Além do futebol, o clube promovia em sua sede social, no atual Bairro Fundação, representações de dança e teatro, e contava com mais de mil sócios em seu quadro social. IAL Clube formado por funcionários das Indústrias Aliberti Ltda., foi fundado em 23 de Junho de 1923, para a prática de esportes, dedicando-se também à realização de *festivales dansantes*.

Grêmio Instrutivo e Recreativo Ideal: fundado em 11 de Janeiro de 1922, com o objetivo de formar um centro cultural e recreativo, proporcionava aos associados e frequentadores reuniões dançantes, vesperais, peças teatrais, e atrações de salão como declamações poéticas, monólogos e teatro religioso.

OPERÁRIOS – Clube Sportivo Lázio - fundado em 1º de Maio de 1930, era um clube modesto, formado em sua maioria por operários, que além das praças esportivas, possuía um corpo scenico e atletas praticantes de ginástica em barra-fixa, paralelas e cultura física em geral. Além desses clubes sociais e recreativos, a juventude sancaetanense divertia-se em piqueniques em Santos e frequentava o Cinema Central localizado na

rua Perrella, e o Cine Parque, no Bairro Monte Alegre.

Os comentários jocosos e engraçados que se encontram distribuídos pelas páginas do semanário *Argus* refletiam o ambiente alegre e descontraído da juventude, através do humor, mesmo tendo por objetivo ferir ou consolar as moças namoradeiras e os rapazes pretensiosos, frequentadores destes locais, que mesmo subsistindo com poucos rendimentos na nascente indústria local, já projetavam novos hábitos de comportamento, valorizando o seu local de vivência e trabalho.

A reconstituição destes fragmentos íntimos da vida suburbana, na década de vinte, expõem personagens em crises de geração, no confronto entre o comportamento típico de lavradores do final do século XIX, com trabalhadores industriais, formadores da nascente classe média de São Caetano.

Assim sendo, vamos relacionar todos os artigos publicados em 1923-1924 pelo semanário *Argus* respeitando a ortografia, a gíria, o modo de expressão usados na época, para que estes registros sirvam às novas gerações como documentos de pesquisa e análise das relações sociais que antecederam a revolução de 1930, e redefiniram a vida social de São Caetano e do próprio Brasil.

É público e notório que:

Se presume o melhor bailarino e o mais perfeito "goal keeper" da zona Felipe dos Anjos (por que, então, foi "barrado" do Flôr de Hespanha?);

- declarou Victoria Martins que não liga mais a zebras do bairro, porque arranjou namoro na Moóca (e acha que é bonito?);

- deram na vista dos cegos as fitas que fez no trem a srta. Graça Panariello com o Loteria, vulgo "onça pintada" (dêm parte aos paes della!);

- bebe até chumbo derretido Luiz Gallo (que mata borrão!);

- espalha que se casará com Domingos de Marcos a srta. Antonietta Grigoletti e temos alguma coisa com isso?;

- tal "fora" levou o presidente dos caipiras Jacomino Lorenzini, que todo o bairro tremeu (arre!);

- para namorar com Antônio Vitale, a srta. Ernesta Manile armou uma "encrenca" danada com a rival della (oh! moça levada!);

- juraram as srtas. Judith Bento, Pina Copini, Amelia Ferrari, Rosa Stolfi, Santina Lorenzini, a Mônica, Catharina Vicentini, Anella e Santa Cavasani, a Carolina, a Anna cinco e meia, Sal Barbosa e Amelia, turquinha que se descobrem o reporter mandarão seus mondrongos cascar-lhe a lenha (e eles tem coragem?);

- teve coragem de dar 20\$000 por um retrato a srta. Catharina Chinarelli;

- o Isidoro, Aquilino B., Antônio Verona e Francisco Martini aprenderam a rezar, para arranjarem pequenas (esta, agora...);

- na festa de S. João Clímaco foram arrematados os seguintes objectos: a "promptidão" de Antônio Laurice, a "pose" de Ernesto Perin, o zebrismo de Paulo Meneghel e Antônio Martini, a elegância de Angelo Parente e as fitas de Elvira Dalcin, Rosa Stolfi e Lucilla;

- andaram pegando balões, feitos crianças, os mondrongos Baptista Coan, João e Francisco F., José Gaio, Paulo Romano, B. M. , Humberto Cavana, e Eliseu



Acervo: Fundação Pró-Memória

Salão de festas do Gremio Instructivo Recreativo Ideal na rua Santa Catarina, em foto de 1936

Carnevale (despachem-nos para um grupo escolar!);

Jornal nº 739 - 23 de Julho de 1923

É público e notório que:

Jurou o Henrique que, não se casando com a srta. Helena Gallo, é capaz de suicidar-se (deixa de tolices e procura outra que saiba corresponder ao teu afecto!);

- pensa e diz que é a jovem mais bella da zona a srta. Elvira Paulilo (a culpa não é della, "seu" reporter; é dos espelhos, que estão sendo falsificados);

- lendo seu nome aqui, ficou com cara de bezerro Alberto Stefanin (devia ter ficado com cara de trouxa!);

- os cabras mais "promptos" da zona são Anthenor A. Antônio Fortini, Nicola Perrella e Bruno Maseti (coitados!);

- diz Gino Pessoti que o cabra mais valente de São Caetano é elle (e o carreirão que levou do futuro sogro?);

- chorou a Graça Panariello, quando viu seu nome aqui (porque não chora quando faz fitas?);

- foram proclamados os maiores "caixa d'água" do Monte Alegre Antônio Lanzieri, Felipe dos Anjos, Domingos de Marcos, Isaia Polido, Miguel Panariello e Luiz Gallo;

- declarou a srta. Maria Dalcin que não se importa mais com o Duílio, por que arranhou outro almofadinha;

- disse a srta. Isabel Fiore que não vai mais dançar na "Boa Esperança", porque o seu amigo mondrongo também não vae (ora esta!);

- para ser bem servido e gastar pouco dinheiro, o leitor deve mandar fazer seus impressos na typographia do "Argus";

- espalha Celeste D. que vae dar taboa a Antônio C. para namorar certo trouxa (que moça levada!)

Jornal nº 740 - 30 de Julho de 1923

É público e notório que:

Criou uma "baita" barba branca o namoro de Domingos de Marcos (e não pode cortá-lo?);

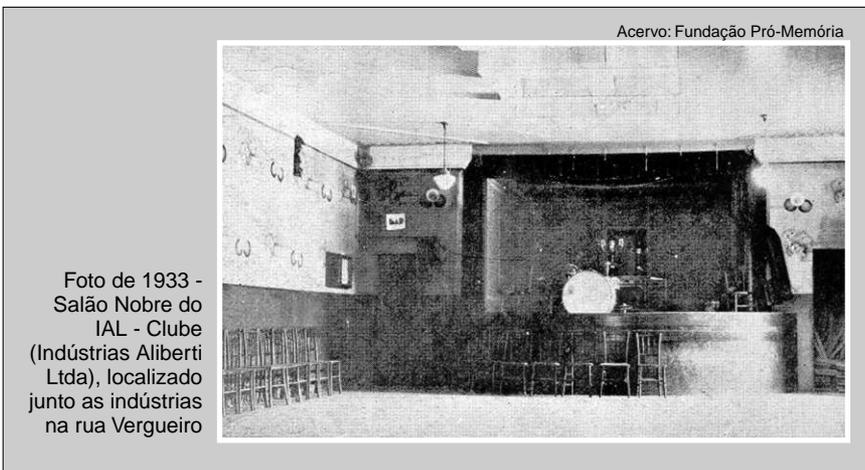


Foto de 1933 - Salão Nobre do IAL - Clube (Indústrias Aliberti Ltda), localizado junto as indústrias na rua Vergueiro

- chorou como um bezerro, quando viu seu nome aqui, a srta. Margarida Trevisan, (e quem a manda fazer fitas?);

- se proclama a Zezé Leone desta zona a srta. Elvira Paulilo (e acha que é, "seu" reporter?);

- espalha a srta. Nuccia Campanella que só se casará com um milionário (que vontade!);

- declarou o Alberto Stefanin que irá a capital exclusivamente para arranjar um detective, afim de descobrir quem é que o critica (pobre coió);

- Anthenor Alonso, agora vae a casa da menina, faz muito pouco caso dos amigos (cuidado com o chapa, urubú malandro!);

- afirmaram as irmãs Trevisan que si descobrem quem as critica lhe farão engolir uma arroba de "Argus" (si fôr uma macaronada, ainda serve);

- se proclama a moça mais séria da zona a srta. Santina Braido (só si ella quem a diz...);

- os maiores bocós da zona são Luiz Navile, João Galhardo, João Fiorotti e João Cavassani (lenha nelles!);

- está louco para cavar uma pequena o Archangelo Carnavalli (será que Luiza Miliati está á espera? É uma mocinha de 41 anos; aproveite a ocasião);

- teve a sorte de "cavar" namoro José Grandini e quando a pequena o convidou para ir ao cinema, respondeu que não podia, porque estava constipado (no bolso. Não é seu prompto?).

Jornal nº 741 - 6 de Agosto de 1923

É público e notório que:

Gosta a srta. Avelina Dalcin de ver o nome das suas companheiras nesta rubrica, mas, quando sae o della, até os dedos morde, de raiva (é bobice, porque as brincadeiras do "Argus" não offendem);

- a "miquiação" de Victorio Daniel, o engrosso de Amabile Barile e a sympathia das duas turquinhas serão vendidos em leilão, na primeira festa do São Caetano (e valem muito?);

- para commemorar a estréa do novo bonet, dia 12 a banda "scratch" tocará a symphonia do Guarany, o Mephistopheles, o Nabuco e as marchas 1, 2, 3, 4, 5 (que "baita" programma!);

- há dias, em vez de irem trabalhar em S. Bernardo, as srtas. Ines Mateis e Angelina Martorelli foram passear em companhia de dois almofadinhas (depois não querem ser criticadas!);

- os membros mais influente da referida sociedade são João Fiorotti, Joaquim Zauin, Cardenio Galeazzi, Pino Lodi, Carlos Marzani, José Baptista, José Molinari, José de Campos, Ernesto Perin, Angelo Lopes Pires, José Lovato, Joaquim Mariano e Antônio Benedito Sobrinho (que cambada!);

- si não deseja ver seu nome aqui precisa ser menos intrometido e tagarela o João, ferreiro;

"Gargantea" José G. que se fará re-

porter, com o único fim de criticar os ca-
loteiros (faz bem!).

Jornal nº 742 - 13 de Agosto de 1923

É público e notório que:

Serão arrematados, a ultima hora, no
leilão da festa de São Caetano, os seguintes
objectos: o fóra que levou a srta. Avelina
Dalcin de Domingues de Mattos, o luxo e o
pó de arroz das irmãs Crunfli, da R. C. Cae-
tano; a presumpção e o "civettismo da srta.
Victoria Daniele, o penteado da srta. Palmy-
ra Poli, os cabellos da namorada de Miguel
Farina, os namoriscos da srta. Margarida
Trevisan, o acanhamento, devido a falta de
"arame", de José Grandini; o modo de olhar
os namorados da srta. Elvira Paulillo, a ca-
ra de sapo triste na lagoa de Arcangelo Car-
nevale, a pretensão sem esperança da srta.
Nuccia Campanella, a idade da srta. Luíza
Miliatti, a paixão recolhida de Paulo Fioret-
ti, as tristezas de jeca de P. Dall'Antonia, as
bobices que costuma falar João Cavassani;
a vontade de querer ser reporter sem dinhei-
ro de Alberto Stefanin, a "promptidão" de
Arthur Alonso, os engrossos de Agostinho
Marinotti na igreja, o ar de príncipe, desde
que é pae, de S. Thomé; o dinheiro que ga-
nha Attilio Santarelli na festa, a vontade de
arranjar uma pequena procissão de Felice
Perella, o zebrismo de Luiz Naville, o tagare-
lismo das irmãs Gallo, a paixão que nutre
por certo rapaz a srta. Santina Braido, o
olhar de víbora que dirijo a certo mondrong-
o a srta. S. Lorenzini a grande amizade que
têm certas meninas com a srta. Amabile Ba-
rile e o gosto sem gosto da srta. Rosa Cava-
sani. Nesta arrematação concorrem também
os "prompts" porque taes objetos eram pa-
ra desoccupar logar;

- se proclama a moça mais bella do lo-
gar a srta. Palmyra Mantovani (com certeza
não tem espelho);

- cavou um passeio de automóvel, por
servir de correio a certo trouxa do Ypiranga,
a srta. Eleuteria Garcia (que bom achado!);

- Disse Mario Malerva que não liga a
srta. Palmyra M., porque se proclama a Zezé
Leone da zona (coitadinha!);

- contrataram liquidar tudo quanto é li-
quido, na festa, os conhecidos "esponjas" Ja-
como Astofi, Mario P., Gino C., Genaro A.,
Humberto V., Carlos, alemão, Antônio F., Ar-
cangelo C.;

Jornal nº 744 - 27 de Agosto de 1923

É público e notório que:

Francisco Capuan anda secco para fa-
zer "cavação" com Santina Lorenzini;

- devido á grande quantidade de azeite
derramado pelas srtas. Josepha Marconi,
Ida Thomé, Amabile Barile, Naria Rigoletti,
Angelina Martorelli, Marianina Campanel-
la, Nené Romano, Adele Navile, Seba Fasa-
ni, Regina Campanella, M. Salomé Barbosa,
Pina Juliani, Palmyra Poli, Luíza de Paula,
Maria Bento, Victória Daniele e Nella Cava-
na, o Matarazzo resolveu dar ligação da for-
ça para a commissão da festa, afim de pro-
veitar esse oleo, mas, a Light não deixou:

- a srta. Nuccia Campanella está doidi-
nha para namorar certo bocó da rua da Ma-
triz (e não há mais moços na zona?);

- deve deixar de falar da vida alheia Jo-
sé Campos, si não quiser que lhe arranquem
as orelhas;

- a srta. Margarida Trevisan disse que
dará uma gratificação a quem descobrir o
reporter que a critica (e porque não modera
as fitas que faz?);

- jurou o Anthenor Alonso que si desco-
bre o reporter lhe dará um puxão de orelhas
(e tem coragem?);

- deve deixar de mexer com quem passa

os zebras Silvio Manieli, vulgo "barril de
chops", Luiz Navile, vulgo "bicudo", e Ma-
noel Martinho, vulgo "frango d'agua";

- a srta. Elvira Paulillo anda mais incha-
da do que uma bola, depois que lhe deram o
título de Zezé Leone (e gostou tanto assim?).

Jornal nº 745 - 3 de Setembro de 1923

Para hoje dizemos que:

Foram vendidos em leilão, no dia da fes-
ta os seguintes objectos: o sobretudo do Luiz
M., as tolices de certos mondrongos de São
Bernardo, as operas e a farda do scratch
musical, o "civettismo" das Filhas de Maria,
a "promptidão" dos "mangia Guadagno", os
vestidos novos das irmãs Lorenzini, os cabel-
los da Pavãozinha, a "miquiiação" do Ama-
deu F., a sympatia da Victoria Daniele, a Se-
riedade das irmãs Giuliana, a tagarellice da
Palmyra P., a presumpção da Amabile Baril-
le e os chronicos namoros do Zoaquim Zani-
ni, Arthur Zago, Adriano Galeazzi, etc.;

- Angelina Romano está sequinha para
"cavar limpeza" com Julio Daniel, que nem
por sombra lhe liga (e não há mais rapazes
em São Caetano?);

- se gaba a srta. Antonietta Martins de ser
a jovem mais querida da zona (será mesmo?);

- no pic-nic effectuado em Santos, não
permiuiu Demetrio Bento que a srta. Nella
C. dansasse com outros (e elle é dono da
menina?);

- no referido pic-nic, a srta. Catharina
Fiore fabricou linhas p'ra burro, com certo
zebra do Ypiranga;



Sede Social do Gremio Recreativo Democrático Dançante Guarany na atual esquina
da Avenida Senador Roberto Simonsen e Castro Alves, em foto de 1935

- "guelia" Humberto Stefanin que seu nome não soe nesta rubrica, porque é reporter (arranquem-lhe as orelhas!);

- chega a procurar o pequeno na rua a srta. Nuccia Campanella (são efeitos do progresso do cinema!);

- por ter arranjado um pequeno com cara de sapo, anda toda orgulhosa a srta. Mafalda Trevisan (que faria, então, si o tal tivesse cara de gente?);

- pensam as srtas. Angelina Martorelli e Ignez Matheus que certo almofoadina morre por ellas, quando é sabido, que o tal é pae de filhos, genro da sogra e marido da mulher (é isso! Não ligando a torto e á direita!).

Jornal nº 746 - 10 de Setembro de 1923

Para hoje dizemos que:

Ulysses Spinelli, para se mostrar "grosso" com a pequena, irá sempre passear de machina, até que conseguiu levar um tremendo "fora";

- as moças que foram a Santos hão sido proclamadas as maiores "civettas" do lugar;

- Avelino Poli deve perder o costume de parar a alta hora da noite na esquina da rua Rio Branco;

- Antônio Vitale, dès que levou o "fóra" da pequena, desistiu de passear pela rua Perrella;

- jurou Alberto Stefanin que, não se casando com a srta. Elvira, turquinha, se enforçará num rabo de boi;

- a srta. Elvira Paulillo deve moderar suas fitas, si não deseja que o povo fale (pois é!);

- as moças mais comportadas da zona são Santina Braidó, Helena Boteon, Carolina Paulillo, Severina Biprotó e Angelina Garbelotti (será verdade?);

- depois de ter namorado o Abramo Cavassani, Gino Pessoti, Feliciano Capuan, Isidoro Braidó e Risieri Infanti, decidiu não mais fazer fitas a srta. Arsenia Santarelli ("per la madonna", quantos pequenos teve!).

Jornal nº 748 - 24 de Setembro de 1923

Todos falam que:

Jurou Alberto Stefanin que, não se casando com a srta. Elvira, Turquinha se enforçará num rabo de boi (não faça isso);

- Nicola Perrella parece um palhaço com seus gracejos pelas ruas (em casa com quem é que parece?);

- porque dançou 4 valsas especiais com certos mandrongos, a srta. Palmyra Mantovani vive só falando nisso;

- Margarida Trevisan, apesar de tirar linha com todo mundo não arranja namorado nem a cacete (si não fosse tão "civetta"...);

- O "esponja" Luiz Navile mandou uma "baita" declaração de amor à srta. Noemia Fortini (é ter sorte, menina!);

- espalha Amadeu Farinha que a sua pequena é segunda Zezé Leone;

- Victória M. presume ser a moça mais bonita do lugar (não estará enganada?);

- espalha a srta. Catharina V. que si não se casar com o Monéli, vulgo "Centenário" irá para um convento;

- os mais "civettas" da zona são as srtas. Gracia P., Maria Augusta, Cynira B., Lucilia D., Plácida Forest, Maria T., e a Mecherica;

- até que enfim levou a menina Emma ao cinema o conhecido "pafúncio" José Grandine, isso mesmo porque a entrada era grátis (que "promptidão"...);

- espalha Bernardo Lorato que quer fazer "cavação" com a srta. Yolanda T.

Jornal nº 749 - 1 de Outubro de 1923

Todos falam que:

Para ganhar o concurso de belezaza

Margarida Trevisan arranjaram um vestido e um par de óculos emprestados (e ganhou?);

- Ricciari Infanti deve perder o costume de offerecer sua prima Luiza como namorada aos seus collegas (sempre se ouve cada uma);

- Primo C. vulgo "chicória"; José C., Lourenço M., e Domingos M. gostam de contar os copos de vinho que bebem certos camaradas, na venda Biscuola (e elles não bebem nada?);

- disse Toni Benetti que ainda tem esperança de casar (e as meninas lhe ligam?);

- jurou Valentim Menegatti que si não se casar com a Ferrari, se enforçará (coitado!);

- também a srta. Catharina Verentini declarou suicidar-se, caso levar táboa do Manoel Pernilongo (que vontade!);

- mais fácil o diabo aparecer na terra do que a srta. Carolina Paolillo acabar com seus namoros depois dizem que o "Argus" é mal!;

- prometeu dar um presente ao reporter a srta. Amabile Barile, si elle criticar as srta. Helena Botteon e Santina Braidó:

- "gargantea" Amadeo farina que a Zezé Leone daqui é a pequena delle (cada coruja);

- certas meninas pediram ao reporter que criticasse Nicola Perrella por estar chupando ovos na rua;

- a srta. Técia Gallo corre ao portão, quando vê passar algum moço (e as comadres gostam?);

- si não deseja ver seu nome nesta rubri-

Salão de Festas do Gremio Recreativo Democrático Dançante Guarany, no Bairro Cerâmica. Foto de 1935



Acervo: Fundação Pró-Memória



A rua Perrella na década de 20 era a rua de maior movimento social de São Caetano e muito freqüentada pelos jovens. Foto de 1934

ca, a srta. Margarida Trevisan deve abandonar o azeite que derrama em presença de todos (depois digam que este jornal não aconselha bem!).

Jornal nº 750 - 8 de Outubro de 1923

Todos falam que:

- Bufou Anthenor Alonso que si descobriu quem o critica lhe pagará uma dúzia de garrafas de cerveja (e quem é que lhe dá o arame?);

- Foi representado no salão do São Caetano Esporte Clube um bello drama de 1 acto tendo sido o papel da tela desempenhado pela Zezé Mafalda Trevisan; o de criada por Palmyra Mantovani, e de trouxa por Nicola Perrella, o de comico por Luiz Naville e o de interprete por Humberto Stefanin (oh, pessoal correcto!);

- foram encaixotados e despachados para o interior, com frete a pagar os seguintes objetos: a promptidão de João Martorelli, e as fitas de Margarida Trevisan, a bancação de João Fiorotti com a Morrana C. e a sabedoria de Joana Balsamo. Para poder encher o caixão, foi preciso também, o "Tropel" que Eduardo de Paula levou de Francisco Paulillo;

- disse Antônio Fiorotti que, não se casando até o fim do ano se enforcará num pé de couve (não vá machucar-se!);

- disse Carolina Paulillo que não liga a Eduardo de Paula (e que temos nós com isso?);

- ficaram piores do que cabras Helena

Botteon e Amabile Barile por verem seus nomes aqui, tendo resolvido quebrar a cara do reporter (e julgam que seja algum boneco de papelão?);

- disse a srta. Mafalda Trevisan que não anda com as meninas daqui porque são umas bobinhas muito acanhadas (gosta, então, de andar com as meninas da Paulicéia?);

- foi muito reparada a srta. Angela Ruiz que na última festa, comeu folhas de repolho;

- ficaram furiosissimas as srts. Elvira Paulillo e Nícia Campanella por terem visto seus nomes aqui (não há motivos para se zangarem com uma simples brincadeira!).

Jornal nº 751 - 15 de Outubro de 1923

Murmuram que:

Deve ter callos nas costas Humberto Stefanin, de tanto escorar o portão do Sport Club São Caetano, para tirar linha (oh, cabra!);

- chorou um bezerro, quando viu seu nome aqui, a srta. Maria Pansarelli (e chora quando faz fitas?);

- Bufou Nicola Perrella que descobrindo o reporter é capaz de dar-lhe muitos bofetões (somente os trouxas se offendem com as brincadeiras deste jornal);

- se presume o cabra mais elegante da zona Luiz Naville (e não tem espelho?);

- vão á igreja para fazer fitas com o padre as srts. Helena Botteon e Amabile Barile (si os velhos souberem...);

- porque arranjou pequeno, criou um orgulho phenomenal a srta. Nuccia Campanella (deixe de fitas, que é melhor);

- declarou a srta. Elvira Paulillo que si promovessem outro concurso di beleza o primeiro premio seria ganho por ella (e você acha possível, "seu" reporter?);

- devia deixar a srta. Margarida Trevisan de ser tão faladeira (e ganha muito mais!);

- se gaba de ser a jovem mais linda da zona a srta. Santina Braidó (com certeza e espelho della não presta!);

- embora não tenham ainda largado a chupeta, já andam atraz dos almofadinhas. Carolina Paulillo e Elvira Natale (oh, meninas levadas!);

- tiveram coragem de brigar, por causa de Julio Danniell, as srts. Adina Furlotti, Angelina Romano e Justina Abate (zebras dessa marca os há, por este mundo, aos milhares!);

- "gueleia" Gildo Ferrari que si não "cava" namoro com a Pepinella passará o resto da vida comendo polenta e bananas (que "baita" economia!);

- Valentim Nenegotti vae construir um canhão, para matar todos os reporters que o criticam (arranquem-lhe as orelhas!).

Jornal nº 754 - 5 de Novembro de 1923

Murmuram que:

Se presumem as Zezés desta zona as srts. Genoveva Poli, Teclas Gallo e Fiora Fiorelli (e não o são);

- fala mal de todo mundo a srta. Antonieta Garbelotti (e que é que ganha?);

- "gargantea" Primo Daré que a srta. Ida Coppinia gosta delle (cortem-lhe o peçoço!);

- o maior trouxa dos arredores é Francisco Martins (e por que não se emprega, como Tony, num circo de cavalinhos?);

- acha a srta. Angelina Astolfi que o maior "sponja" depois é Julio M. (sem razão, menina!);

- mais uma taboa levou, um dia destes, a srta. Josephina S. (que tristeza?);

- as moças mais presumpçosas daqui

são Seconda M., Angelina A., Genoveva P. e Elisa T.;

- si não deseja entrar em lenha, deve deixar Feliciano Capuano de se engraçar com certas noivinhas (não tens amor ao lombo, rapaz?);

- para que a rapaziada não mexa mais com elle, Antônio Fiorotti tenciona casar-se;

- jurou a srta. Elvira Paulillo que si o seu nome continuar a sahir nesta rubrica arancará os cabellos da Santina Braido!;

- o Rades namora as srtas. Florinda Peireira e Henriquetta allemãsinha (não é arapuça não é nada!).

Jornal nº 760 - 18 de Dezembro de 1923

Consta que:

Dizem Vericiano G., João L., Gabriel P., José Gallo, Pedro Pilonato, Natale Magliano, o Chora e o Isaias que as melhores dançarinas de maxixe são as srtas. Victoria Martins, Angelina Garbelotti, Catharina V., Elisa P., Celestina e Avelina Dalcin, Maria M. Peireira, Dolores Mexerica, Placida Vicentini e Olga Veronesi;

- declarou Waldomiro Coppini que, "cavando" namoro com a italianinha da rua Baraldi, deixará de frequentar o cinema (e que tem uma coisa com outra?);

- a srta. Placida Fuerte resolveu dar taboa ao pequeno, por saber que elle namorava outra (bem feito!);

- tres dias a fio chorou a srta. Palmyra Mantovani quando viu seu nome aqui (e onde foi buscar tantas lágrimas?);

- jurou Francisco Martinho que si a sua pequena lhe der o "fóra" é capaz de se envenenar (isso é fita!);

- disse Luiz Naville que não ama a srta. Assumpta Fiorotti mas não pode esquecel-a (porque será?).

Jornal nº 761 - 1 de Janeiro de 1924

Consta que:

Jurou a srta. Justina Abate que, não casando com Julio Daniel se enforcara (casando também se enforca...);

- a srta. Tosca Veronesi mandou a um

certo zebra uma carta com uma fita de luto (porquê?);

- a maior fabricante de óleos destas paragens é a srta. Elvira Paolillo (e faz concorrência ao Matarazzo);

- "gueleia" Luiz Naville que Assunta Fiorotti morre por ele;

- espalha José Anunciata que é reporter deste jornal;

- se presume a jovem mais elegante do bairro a srta. Helena Perrella (si é ella quem o diz);

- ainda furioso Alberto Stefani, por Ter levado taboa da srta. Nuncia Campanella (coitado!);

- até em presença do público, faz fitas a srta. Angelina Martorelli (é para oferecer espetáculos gratuitos);

- acha a srta. Angelina Garbelotti que a maior zebra daqui é Anthenor Alonso (e querem ver que é verdade);

- criou um orgulho phenomenal a srta. Palmyra Mantovani depois que começou a namorar o Isidoro Braido (e pensa que ganhou a loteria do Natal?);

Jornal nº 762 - 8 de Janeiro de 1924

Consta que:

- Faz fitas p'ra burro com certo italianinho a srta. Amabile Barile;

- se presume a jovem mais bonita desta localidade a srta. Santina Braido (é capaz de mandar desafiar a Zezé);

- precisa contractar uma penteadeira a srta. Margarida Trevisan (porque seu reporter?);

- Alfredo Jorge brigou com o Lulú em frente as Escolas Reunidas (e achou bonito?);

- para o seu casório, a srta. Itália M. já contratou a orchestra do Gigio (tenor será o Marco pinga);

- a elegância de S. Rocha, o andar de A. Saioli e a garganta de I. Isatto serão vendidos em leilão;

- O Tónico se queixa de estar atrapalhado (aproveite a alta do café, rapaz!);

- "gargantheia" o Roberto, ferreiro que gastou 15 contos com a doença da fi-

lha (sarampo não dá para gastar tanto, homem de Deus);

- se gaba Herminio Sarli de ser o rapaz mais sympathico desta cidade (e os espelhos de tostão custam caros?);

- para M. L. Martins a vida é um sonho (podia ser pior, sem reporter).

Jornal nº 763 - 15 de Janeiro de 1924

Consta que:

- Paulo Uliana confessou que morre pela srta. Rosa L. (e a Rosa C. não sabe?);

- deram na vista de todos as fitas que Anthenor Alonso faz, com a sua pequena no cinema (e a assistência os tolera);

- disse a certas amigas, a srta. Lydia de Nardi que si seu nome sahir aqui dará parte aos irmãos (para fazer o que, menina?);

- Foi proclamado rainha das "Civettas" a srta. Ana, vulgo "cinco e meia" (e também ganhou algum premio?);

- troca de namorado como quem muda de camisa a srta. Maria Thereza Barazzi (e depois não quer que o povo fale);

- disse a srta. Maria S. Barbosa que Ter namorados é o mesmo que brincar com bonecas (sempre se houve cada uma!);

- porque fez as pazes com o Raymundo anda mais contente que si houvesse ganho a sorte grande, a srta. Assumpta Mazzei (que faria então si o tal a pedisse em casamento?);

- não percebeu, ainda a srta. Nella Cavana que o seu "elle" gosta de certa menina do Monte Alegre (isso é muito grave!).

Jornal nº 764 - 22 de Janeiro de 1924

Consta que:

Paulo Fiorotti está louco de amor pela srta. A. M. embora ella tenha dado o "fora" quatro vezes (que coragem);

- as moças ficaram contentes como nunca, quando souberam que Thomaz Thomé vai fixar sua residência nos Meninos, pois o julgam chefe dos reporteres do "Argus" (é engano, srtas.!);

- anda toda inchada, por ter, há pouco tempo recebido uma declaração de amor a srta. Amabile Barile (é o caso...);

S. PAULO, 24 DE SETEMBRO DE 1923

ARGUS

Semanário de LITERATURA, CRÍTICA, HUMORISMO e SPORT

O primeiro jogo do campeonato brasileiro

O Jornal Argus intitulava-se semanário de literatura, crítica, humorismo, sport, como se observa em seu logotipo de 24 de Setembro de 1923

- Tão alegre fica, quando, lê seu nome nesta rubrica, a srta. Helena Botteon, não come, não bebe, e nem dorme, (que entusiasmo!);

- João Levato, Domingos Matos e outros mondrongos da cerâmica devem perder o costume de querer namorar as meninas que os desprezam (pois é!);

- anda com cara de quem apanhou uma sova de rabo de tatu Alberto Stefanin (porque será?);

- deve moderar seu andar de creoula quando maxixa, a srta. Victória Daniele se deseja arranjar um namorado sério e trabalhador (isso lá, é);

- se julga a moça mais querida daqui a srta. P. Poli e, por via disso, parece ser patroa da zona, quando anda pela rua;

- a srta. Santina Lorenzini declarou que neste lugar não há moço bonito que seja do seu gosto (é por que não me conhece);

Jornal nº 766 - 5 de Fevereiro de 1924

Consta que:

- Há sido proclamado o moço mais feio da zona Alberto Stefanin, que se julga o rapaz mais bonito (ora bolas!);

- Anda com cara de quem arranhou um namorado rico a srta. Regina Campanella, por via disso não liga mais a certas pessoas!;

- certas civettas da matriz estão fazendo fitas até dizer chega, desde que o Thomas Thomé foi morar nos Meninos (olhe que há quem repare);

- Está gostando de certo bocó, a srta. Helena Botteon, mas o tal nem faz conta dela (coitada!);

- de tempo a esta parte, Anthenor Alonso anda feito homem sério, por gostar de certa moça de olhar severo (assim deve ser);

- Paulo Uliana e P. Fiorotti vão sempre ao Monte Alegre, ver si arranjam namoradas, porque as moças da estação não gostam delles nem a pau (pobrezinhos!);

- Felice Perrella anda triste que nem bezerro de segunda-feira a esta parte (por que será);

- as srts Helena Perrella, Elvira Natale, Marina Vicentina, Mafalda Trevisan, Palmira Mantovani, Helena Gallo e Elvira Paolillo, declaram que os rapazes mais feios e antipathicos de São Caetano são: Domingos Matos, Rizieri Biagi, J. de Paula, Gino Pezzotti, Primo Dare, Felipe dos Anjos, Nicola Perrella, Antônio Lanzieri, Miguel Parriello, Bruno Masetti, Isaías Polido, Antônio Festine, Agostinho Marinotti, Luiz Navile e Luiz Gallo (tem mais, srts, tem mais...).

Jornal nº 773 - 1 de Abril de 1924

Consta que:

- Enéas Sgarzi, vulgo "Pé Leve" no papel de caipira, que desempenhou na comédia do "Ideal" quase matou de vergonha os espectadores pela prosa que usou (e dizer que se julga o melhor amador da zona!);

- Todos os rapazes desta localidade perceberam que é uma das maiores namoradeiras a srta. Monica Cavassani por via das fitas amorosas que faz com certo gazo do Ypiranga (e o reporter dorme?);

- devido á paixão que nutre por uma moça do Ypiranga anda todo apalermado, José Palermo (coitadinho!);

- certos moços moradores dos meninos vieram propositadamente comprar o "Argus" do Caetano, porque Thomas Thomé foi morar naquelle lugar e prometeu que vai mexer com o pessoal (que reporter danado!);

- muitas moças não gostaram da serenata matinal que andaram fazendo Anthenor Alonso, Manuel Rosa e outros que estavam numa "agua" formidável;

- espalha que namora com a srta. Aldina Furlitti, o Cezar Cavassani (que grande cousa!);

- o vendeiro da esquina da rua Manoel Coelho anda com uma vontade louca de ver criticado nesta rubrica Leonardo Ferrari, ("poarim, parché"?);

- Rizzieri Biagi, Duilio Quaglia, Octávio Tegão, Paulo Uliani, Matheus Constantino, Adriano Galeazzi, Paulo Fiorotti, Geraldo Negrini, Felice Perrella, e Giacomo Ferrera descobriram que a senhorita B. A. se julga mais bonita das srts. Victoria Danielli, A. Negrini, Santina Lorenzini, Palmyra Poli, América Crunili, Fausta Mozin, Josephina Juliam, T. N. e a Marietta, vulgo Zeze Leoni de São Caetano (si ella soubesse que já foi proclamada a moça mais feia do lugar, nem, siquer, pensava nisso!).

Jornal nº 775 - 15 de Abril de 1924

Espantou a todos a briga entre Josephina Masutti, e Irene Estringa que além de quebrarem os guarda-chuvas, arrancaram os cabelos e se arranharam como gatas (quem mais escandalizou foi a Marietta);

- porque Waldomiro Coppini lhe deu taboa atirou-se num poço Avelina Dalcin (foi fita!);

- porque namora a srta. Assumpta Ferrari, anda mais estufado do que um Perú Antônio Benedicto Sobrinho (si o pai della souber...);

- Faz peteca de Demetrio Bento a srta. Nella avana (e elle não vê);

- Elle lê e eu faço crochet, quando namoramos - diz a todos Adele Nevile (e que temos nós com isso?);

- Anthenor Alonso anda chaleirando a Arthur Garbelotti, só para beber cerveja de graça (si o Antônio souber);

- pensa Angelina Lorenzini que o repórter não sabe das fitas que ella faz com o francez, vulgo pernalongo (quer fazer-se de santinha);

- acha a srta. Amabile Barile que o cabra mais lindo daqui é o pequeno della (ora muito obrigado!);

- Diz Salvador Rosa que não pensa em casório, para não ter mais sogra (e julga que tem graça?).

Jornal nº 776 - 29 de Abril de 1924

Consta que:

Sabado atrazado o vigário pregou um sermão em que há neste trecho "Os homens deste lugar vão ao Miramar mesmo que chova e aqui elles não vem, mas eu tenho na sachristia alguns guarda-chuvas para lhós emprestar, mas quero que venham á igreja mesmo que chova.

- José Reis, vulgo "injecção" morre pela senhorita Elisa Carreira e disse que é capaz de se matar, si não casar com ella (vá matar o boi!);

- garantiu a srta. Santana Braido que é a jovem mais bonita dessa localidade (quem se gaba, se baba...);

- O Atílio anda todo atrapalhado por não saber que que há de fazer para desfazer sua paixão pela srta. Regina Mantovani (que coió!);

- Deve deixar a srta. Angelina Romano de fazer fitas com certo bobo alegre do Ypiranga (e com os de outros bairros pode fazer, seu reporte?);

- Diz Angelo Capuano que é mechanico, quando não passa de um tijoleiro (para que mentir?);

- confessou a srta. Margarida M. que é louca pelo Luiz, que por sua vez declarou não gostar de moça feia (é uma calamidade!);

- Por que anda de acordo no seu namoro com a srta. C. F. vive todo satisfeito Paulo Dall'Antonia (e você queria que vivesse descontente, seu reporter);

- dès que levou taboa de certas meninas anda com cara de quem comeu laranja azeda sem querer José Fernandes (é um caso triste);

- Vae sempre ao curandeiro para arranjar namorado a srta. Maria Moro (e S. Vicente trata disso, menina).

Jornal nº 777 - 6 de Maio de 1924

- Deve deixar Henrique Lorenzini de se engraçar com a srta. Rosa Fiorotti (cuidado com o lombo, rapaz!);

- apesar de ter pequena, gosta de tirar suas linhas com a Mercedes, Abilio Polli (é o caso de levar taboa das duas);

- nem se mexe da estação Pompeu Andreucci por causa de uma jovem que nem lhe liga (calculem si lhe ligasse! Era capaz de dormir alli!);

- si a pequena de Antônio Domingues souber que elle arrasta aza á certas morenas, é capaz de lhe tirar a garganta (na certa bem feito!);

- diz Antônio Pavani que tem uma sorte brava pois conseguiu "cavar limpeza" com a srta. Angelina Gallo (mas si a Marquinha Ramos desconfiar...);

- os maiores bocós destas paragens são: Antônio Coppini, Benedicto de Mattos, Paulo Uliana, Agostinho Marinotti, Miguel Carnaval, Antônio Pereira, Joaquim Zanini, João Braido e Demento Bento;



- diz o José Augusto, cabineiro que tem namoradas p'ra burro (e alguém acredita?);

- tem esperança de ser chefes políticos daqui G. Pereira Araújo e José Zombotto (vocês podem ser chefes mas é do Instituto Franco da Rocha!).

Jornal nº 778 - 13 de Maio de 1924

Consta que:

Espalha José Fernandes, que se descobre que o criticou é capaz de lhe dar um tiro (só si for um tiro com balla de chupar!);

- vae ao circo somente para mostrar a saia bordada, a srta. Santana Braido (quem nunca viu melado...);

- anda espalhando Angelo Capuano que namorou 21 moças (tem coragem para mentir, "seu" zebra?);

- depois que arranjou namoro não liga as amigas a srta. Monica Cavassani (olhe que isso, é feio menina!);

- tornou-se ridículo, bobo e trouxa, Antônio Vitale, pois anda espalhando que a srta. Rosa Cavassani deu o fora a Paulo Uliana, só para namorar com elle, quando todas as comadres sabem que a moça nunca namorou com o tal (deixa de ser zebra!);

- o pessoal da "Maucia Guadagna" ficou contente porque em breve vem residir outra vez aqui e, deixa dos meninos, Thomaz Thomé (é o caso de lhe preparar uma banda de música, para quando chegar!);

- devem deixar certos bobos alegres, de propagar aos quatro ventos, que o Caetano é o reporter do logar ("o ômem já é pae de família!").

Jornal nº 779 - 20 de Maio de 1924

Consta que:

O Tonico se queixa de estar atrapalhado (aproveita a alta do café, rapaz!);

- há sido proclamado o moço mais feio da zona Alberto Stefanin, que se julga o rapaz mais bonito (ora Bollas!);

- faz fitas p'ra burro, com certo italianinho, a srta. Amabile Barile;

- "gargantea" o Roberto, ferreiro, que gastou 15 contos, com a doença da ficha (sarrampo não dá para gastar tanto!);

- anda com cara de quem arranjou namorado rico a srta. Regina Campanella; por via disso, não liga mais a certas pessoas;

- se presume a jovem mais bonita desta localidade a srta. Santina Braido (é capaz de mandar desafiar a Zezé);

- se gaba Hermínio Sarli de ser o rapaz mais sympathico desta cidade (e os espelhos de tostão custam caros?);

- Para M. L. Martins a vida é um sonho (podia ser pior, "seu" reporter?);

- precisa contractar uma penteadeira a srta. Margarida Trevisan (por que, "seu" reporter?);

Jornal nº 780 - 27 de Maio de 1924

Consta que:

Na última festa do São Caetano Esporte Clube todos os torcedores ficaram num "pileque" formidável, que foi preciso vir o caminhão do Mazetti, para carregá-los;

- José Fernandes e Mario P. precisam deixar de se engrossarem com certas senhoritas da Cerâmica (cuidado com as cortelas!);

- espalha Maria Moro que o seu pequeno é o rapaz mais sympathico da Cerâmica (- quem gava a louça é o louçeiro);

- vae a igreja só para criticar outros (será que não há nada que fazer na cozinha?);

- foi proclamado o moço mais mentiroso Angelo Capuano (e você sabe "seu" reporter?);

- disse a srta. Palmyra Mantovani que vae a igreja só para fazer fitas (si o Vigário souber).

Jornal nº 781 - 3 de Junho de 1924

Consta que:

A srta. Rosa B. que si não arranjar namorado até o fim do anno irá para a Itália (e tem esperança de arranjar ali?);

- anda contente a srta. Giovanna B., por ter cavado namoro com Manoel Marinho (grande cousa);

- diz Jeremias Borlotti que na primei-

ra vaga que se verificar na fábrica Giorgi e Picossi êlle sera promovido a gerente (que que!);

- espalha Victória Fiorotti que Angelina Romano não foi a Santos por não ter um panamá (coitada!);

- devem conter seu entusiasmo fiteirístico Edmea Mazine e Richetto Pamunzio quando vão á bailes;

- bufou Cezar Cavana que descobrindo o reporter lhe arrancará os olhos pela garganta (si fosse a garganta pelos olhos);

- as meninas mais fiteiras daqui são Maria Boneca, a allemãzinha, a Turquinha, Angelina Braido, Maria Panzarelli, Regina Mantovani, Amabile Barile, H. B. e Santina Lorenzini;

- se gaba a srta. Julia de namorar o José Gandolfi (e acha que é grande cousa?);

- tem nada menos de duas dúzias de namorados a "cinco e meia"(e para que tantos).

Jornal nº 791 - 9 de Setembro de 1924

Consta que:

- Deram na vista os engrossos "escalafético" do Alemão com a Adac, os quais chegam a sentarem na porta;

- Thomé e o seu Mé precisam largar de encostar na esquina da rua Duque porque a estão se tornando injeção da vizinhança;

- Si o Thomé não se emendar com sua insupportavel garganta, será despachado para um açougue;

- serão expostos no desinfectório por se acharem affectados os seguintes objetos: a antipathia de G. Brunelli, as immorredouras saudades do passado de Raphael, o andar de corvo louco de J. Morelli, o engrosso sem pé do Fortunato D. com ... e as Troças de alguns mandrongs na esquina da rua Duque;

- a srta. Ercilia V. deve moderar suas fitas com Otávio S.;

- a Ignez propala que, em breve, se casará com sapateiro de para-briza;

- declarou a E. P. que em Pindorama não tem uma moça séria e que todas são fiteiras (êlle que abra os olhos com ellas);

- está desajeitado o F. D. por causa da

menina ir para o collegio (há de voltar, moço!);

- a srta. Solidéa P. e suas primas bancaram o Mário N. por ter um Ford.(então namoravam o auto e não elle);

confessou L. Basso que não lhe foi possível "cavar limpeza" com a srta. V. G. (oh, azar!).

Analisando todos estes comentários, que trazem em si um leve espírito crítico aos novos hábitos e costumes dos jovens daqueles anos, percebe-se que a própria sociedade não conseguia bloquear os caminhos da irreverência, e nem destruir os símbolos e a jovialidade daquela geração. Na história oficial da cidade jamais, aparecerão as lembranças de um amor, uma festa, um baile, mas sobreviverão na memória os fragmentos destes registros, reconstituindo acontecimentos que marcaram a vida destes jovens pela vida afora.

Estes tempos charmosos do início dos anos vinte também foram marcados por sérios conflitos sociais, como a Revolução de 1924, transformada a rua Perrella em praça de guerra, e o Cinema Central servindo de hospital militar para as tropas legalistas que combatiam os revoltosos da general Isidoro Dias Lopes.

O próprio tempo se encarregaria de modificar a vida dos jovens sancaetanenses dos anos vinte. Muitos se engajaram no movimento revolucionário de 1932, e também criaram as bases sólidas para os movimentos autonomistas de São Caetano, em 1928 e 1948.

(*) José Roberto Gianello, é sociólogo e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Heranças coloniais no ABC Paulista

William PUNTSCHART(*)

Na época colonial, isto é, durante o período histórico em que o Brasil pertenceu ao domínio português, foram edificados diferentes estabelecimentos em toda colônia. Muitas dessas construções, ainda hoje, resistem, apesar do tempo e do progresso desordenado ocorrido no país, e nos transmitem importantes aspectos histórico-culturais existentes no período. São, entre outras, fortalezas militares, capelas, igrejas, chácaras, fazendas e residências, pertencentes a abastados proprietários rurais e/ou urbanos, e, até, caminhos e estradas, geralmente originárias de primitivas trilhas indígenas.

Na região do grande ABC paulista, podemos destacar pelo menos três patrimônios culturais edificados durante aquele período: o Casarão Bandeirista, onde atualmente funciona a Casa da Cultura e Museu Barão de Mauá, em

Mauá; a Igreja Nossa Senhora do Pilar, marco histórico em torno do qual formaram-se os núcleos populacionais de Pilar e Ribeirão Grande, hoje circunscrita ao Município de Ribeirão Pires e, ainda, a Estrada do Lorena, construída em 1792 por ordem do então governador da capitania, Bernardo José Maria de Lorena, cujas partes de seu traçado, localizadas no atual município de São Bernardo do Campo e adjacências, ainda podem ser apreciadas pelos interessados.

Relíquias de incontestável valor histórico, expressões de poder de uma época, esses bens culturais serão analisados, de forma resumida é verdade, neste artigo. Com isso pretendemos difundir entre os leitores a importância da preservação desses patrimônios e, simultaneamente, organizar e divulgar, em larga escala, algumas reflexões sobre os mesmos. Além destas perspectivas, objetivamos despertar o interesse de futuros pesquisadores para o tema, inclusive indicando

fontes para novos estudos, pois apesar da sua importância intrínseca à várias áreas do conhecimento tais como: História, Geografia, Arquitetura e Arqueologia, entre outras, poucos estudos foram realizados até então.

CASA BANDEIRISTA - Remanescente do período inicial da ocupação territorial paulista, o casarão em Mauá, construído provavelmente no decorrer do século XVIII é considerado, importante exemplar de *Casa Bandeirista* ou colonial paulista.⁽¹⁾ Na verdade, segundo os estudos sobre arquitetura brasileira, além de Mauá, pelo menos outras cinco cidades, no Estado de São Paulo, possuem Casas Bandeiristas, são elas: São Roque, Santana do Parnaíba, Itú, Cotia e a capital. Apesar de algumas variantes estéticas, podemos afirmar que devido tanto ao esquema de planta adotado como a técnica de construção empregada, denominada taipa de pilão, essas moradias caracterizam um estilo arquitetônico genuinamente paulista adequado à realidade local, com certa inspiração ibérica, não encontrado em nenhum outro estado brasileiro.⁽²⁾

Com isto em mente, discriminamos a seguir os principais indicativos ainda existentes na morada em Mauá, através dos quais podemos caracterizá-lo enquanto Casa Bandeirista, representante da arquitetura paulista dos primeiros séculos. Em primeiro lugar, como já observamos, o próprio esquema da planta de construção, cuja análise nos permite identificar inclusive alguns traços do *modus vivendi*

Acervo: Fundação Pró-Memória



A Casa do barão de Mauá se assemelha às casas bandeiristas, e foi construída em taipa de pilão

da elite paulista de então. Pois, de acordo com o projeto seiscentista, de origem renascentista, a utilização e disposição de cada espaço no interior da residência nos transmitem, dentre outros valores: *poder, riqueza e status*.

Dessa forma, na faixa fronteira da casa, tomada pelo alpendre central, encontramos a capela e o quarto de hóspedes. A primeira como expressão fé e poder patriarcal, já que eram construídas exatamente para que as mulheres da família não se ausentassem do lar com a argumentação de irem orar. O segundo, ou seja, o quarto de hóspedes, sem comunicação com o restante da casa, era o local adequado para receber os parentes e comerciantes em trânsito. Atrás dessa faixa, e conservando de certo modo as mesmas divisões da fachada, distribuem-se lateralmente os quartos de dormir e, na parte central, uma sala terminada por pequenos compartimentos de uso secundário. Acima do quarto do dono da casa, há o sótão, destinado ao armazenamento de parte da colheita e das ferramentas de trabalho.

Além desses fatores, devemos chamar atenção para o seu método de construção, baseado na técnica de taipa de pilão, isto é, a terra argilosa socada entre pranchões de madeira, proporcionando paredes de até sessenta centímetros de espessura. Também merecem destaque, as linhas retas de suas janelas, as quais encaixam-se naturalmente nos batentes sem a utilização de dobradiças, chamadas gonzos. Em alguns batentes, inclusive, ainda estão os orifícios quadrados nos quais eram introduzidas madeiras, formando assim grades protetoras, evitando a penetração de animais e/ou protegendo contra

ataques indígenas. Aliás, pesquisas recentes indicam que no antigo Caaguassú, hoje Mauá, habitavam os guaianás, conhecedores da arte de tecelagem e que tinham o hábito de enterrar seus mortos em grandes vasos de barro. Após um período de lutas, porém, são expulsos da região pelos tupiniquins, os quais, por sua vez, acabaram dizimados pela conquista portuguesa.⁽³⁾

Atualmente sobre as chamadas casas bandeiristas, nos restam, além dos próprios edifícios, fragmentos cuja interpretação desafia o pesquisador pelo aspecto de quebra-cabeças que assumem, principalmente em decorrência de lacunas tanto na documentação como na bibliografia histórica, a tal ponto que o arquiteto Carlos Lemos, investigando sobre o assunto, chegou a afirmar que essas moradas poderiam ser comparadas a uma esfinge semi-decifrada.⁽⁴⁾ De qualquer maneira, caso o leitor queira aprofundar-se sobre o tema poderá consultar, além das obras citadas: *Morada Paulista* de Luis Saia; *Quadro da Arquitetura no Brasil*, escrito por Nestor Goulart Reis Filho e, ainda, de Carlos Lemos os seguintes livros: *Arquitetura Brasileira e História da Casa Brasileira*. Infelizmente, porém, a morada bandeirista de Mauá não é citada em nenhuma das obras discriminadas, provavelmente por ter sido tombada, como vimos, somente em 1982 pelo Condephaat estadual, posteriormente à publicação dos textos citados. Já com relação à documentação primária e inédita na historiografia, referente a este importante bem cultural, os pesquisadores podem analisar, por exemplo, no setor de documentação do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, algumas

plantas e a Coleção Aguirra.⁽⁵⁾

IGREJA NOSSA SENHORA DO PILAR - De início, é importante observar que, com relação ao período da construção da Capela Nossa Senhora do Pilar, historiadores, cronistas e demais estudiosos apresentam divergências em suas interpretações. De um lado, acredita-se que ela tenha sido edificada ainda no século XVI, remanescente, portanto, da presença dos primeiros padres jesuítas no planalto. Partilham dessa idéia, entre outros, Affonso Taunay e Roberto Botacini.⁽⁶⁾

De acordo com esses autores, a igreja seria de fato a mais antiga no planalto paulista, erigida nos antigos Campos de Piratininga, entre 1549 e 1550, por obra dos fiéis integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Pilar. Por sua vez, Wanderley dos Santos defende a tese segundo a qual a capela foi construída somente no decorrer do século XVIII. Para tanto, baseia-se na extensa documentação que analisou junto ao Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. De acordo com suas observações, os autores que consideram a capela originária do século XVI na verdade a estariam confundindo com a capela de Santo Antonio, no atual bairro do Tatuapé, na capital.⁽⁷⁾

Seja como for, o fato é que a igreja do Pilar é considerada o principal marco histórico de toda região, responsável pelo surgimento dos primeiros núcleos populacionais locais. Além disso, é importante observar que a grande maioria dos autores aceita os argumentos apresentados por Wanderley dos Santos, inclusive o próprio Condephaat, órgão estadual de proteção ao patrimônio cultural. Por sinal, em seu proces-

so de tombamento, a capela do Pilar é discriminada enquanto importante exemplar arquitetônico paulista do século XVIII, de pequenas dimensões, apresentando em sua elevação frontal uma torre, acréscimo feito em 1809, e, no trecho que corresponde à nave, apenas uma porta, com verga em arco pleno. Lateralmente, a fachada apresenta uma varanda reentrante, típica das construções bandeiristas.⁽⁸⁾

A área onde está situada, próxima à Serra do Mar, a sudeste da capital, era denominada Caaguassú, distrito pertencente ao grande Município de Santo André da Bor-da do Campo. O termo em tupi significa *matas altas* e faz alusão às antigas características do meio ambiente local. Historicamente, além de foco de tensão entre colonos e tribos indígenas - guaianás, tupiniquins e maripaqueres - com presença marcante de membros das ordens dos jesuítas e dos beneditinos, no local havia intensa passagem de homens de negócios, mascates e comerciantes conduzindo suas tropas de mulas, com as quais animavam o vai-e-vem de mercadorias provenientes dos principais portos brasileiros e dos situados no além-mar.

Não obstante, no distrito vizinho, Ouro Fino, intensificara-se a partir do século XVIII a extração de ouro. Assim, a região tornou-se, além de importante artéria comercial, destacado centro de interesse financeiro para a metrópole. Por estes motivos, a Coroa portuguesa no Brasil nomeou, em 1766, Antonio Correa de Lemos, capitão-mor da região, o qual fixou residência nas proximidades de Ribeirão Grande, hoje Ribeirão Pires. Como se sabe, na época, os capitães-mor eram responsáveis

A capela do Pilar constitui-se em importante exemplar arquitetônico do século XVIII. A edificação chegou até os dias de hoje praticamente inalterada



por várias questões de ordem administrativa, política e policial nos territórios sob sua jurisdição. Além disso, tinham a prerrogativa de indicar à Coroa os terrenos vagos que poderiam ser cedidos a particulares, sob a forma de sesmaria. Em suma, eram os representantes locais da tirania portuguesa.

De qualquer forma, no exercício dessas funções, Antonio Correa de Lemos sofre grave acidente, em razão do qual, à beira da morte, faz a seguinte promessa à Nossa Senhora: caso fosse curado, construiria uma capela à sua santa devota. Restabelecido, não tardou em cumprir o prometido. Para tanto, contou com a ajuda de artesãos, taapeiros e entalhadores, além de escravos de sua propriedade. Além disso, a edificação da Capela do Pilar exigiu recursos, obtidos junto ao Juízo de órfãos de São Paulo. *Para o empréstimo, o Capitão Lemos hipotecou uma casa de morada junto de Santa Tereza, vizinhanças da atual Praça Clóvis Beviláqua.*⁽⁹⁾ Vale lembrar que Nossa Senhora do Pilar, originária de Zaragoza, na Espanha, é assim deno-

minada pelo fato de sua imagem ter sido encontrada sobre uma coluna de mármore, em forma de pilar, entre anjos.

Tombada como patrimônio cultural em 1975, a sua restauração só ocorreu em 1984, um ano após o desmoronamento parcial de uma de suas paredes de taipa, causado por um temporal. Por sinal, durante os trabalhos de restauro, os responsáveis verificaram que a capela apresentava importantes características da arquitetura colonial rural paulista, com expressivos detalhes do partido jesuítico. Além disso, observaram que a antiga estrutura da torre, anexa à capela, com aproximadamente 16 metros de altura, havia sido edificada com as madeiras guatambu, canela e perobinha, não existentes mais no local.⁽¹⁰⁾ Os técnicos notaram, também, que seu método de construção, baseado na técnica de taipa de pilão, proporcionara paredes de até sessenta centímetros de espessura, semelhantes às encontradas no casarão de Mauá, provavelmente seu contemporâneo.

CALÇADA DO LORENA - Na história econômica de São Paulo, a

transposição da Serra do Mar, segundo pesquisadores e estudiosos, era apontada como condição *sine qua non* para o progresso da Capitania. Além de comerciantes e proprietários rurais, integrados ao comércio internacional, as autoridades freqüentemente mencionam, em papéis oficiais, a necessidade de superar este obstáculo natural. Pois de uma vez possibilitaria o desenvolvimento de pelo menos quatro localidades interligadas comercialmente, a saber: Santos, principal porto de importação e exportação na época; a capital, sede política e administrativa da província; Sorocaba, destacado centro comercial devido a feira de muar - animal largamente utilizado no transporte de cargas - e, naturalmente, a região do quadrilátero do açúcar, formada por Jundiá, Piracicaba, Sorocaba e Mogi Guaçu, principal área açucareira, considerado o mais importante artigo paulista de exportação. Além disso, no contrafluxo, diferentes artigos nacionais e estrangeiros alcançariam a capital, o interior e capitânicas próximas.

Com tais perspectivas, Bernardo José Maria de Lorena, governador de São Paulo de 1788 a 1799, aproveitando-se da presença de oficiais e técnicos, integrantes do Real Corpo de Engenheiros de Portugal, então responsáveis pelos trabalhos de demarcação das fronteiras estabelecidas pelo Tratado de Santo Ildefonso, realizou importantes obras na capitania, entre as quais destacava-se, naturalmente, a Calçada do Lorena, assim denominada, mais tarde, justamente em reconhecimento ao seu idealizador. Profissionais habilitados, em cujo currículo constava a reconstrução de Lisboa, arrasada após o terremoto de 1755, esses

oficiais, antes mesmo de iniciarem a intervenção no local realizaram um profundo estudo sobre a Serra do Mar, no qual apontam as dificuldades que encontrariam. Entre estas relacionam, por exemplo, questões de ordem topográfica e hidrográfica, além do alto índice pluviométrico, responsável pelas enxurradas que desfaziam o próprio leito da estrada. Também propuseram, como estratégia de ação, a divisão dos trabalhos em três etapas contíguas da estrada: o trecho do planalto até o rio das Pedras, a descida da serra até o Cubatão e, finalmente, a baixada alcançando o porto de Santos.

A partir de então inicia-se, de fato, a construção da Calçada do Lorena, segundo as mais modernas técnicas construtivas existentes, adequadas a critérios práticos e estritamente racionais. Entre tantos recursos adotados devemos citar, por exemplo, o calçamento ou pavimentação da estrada com lajes de pedras, através do qual evitava-se as enxurradas e atoleiros, assegurando o trânsito permanente de tropas comerciais, durante todo o decorrer do ano. Outra inovação refere-se à adoção do caminho em zigue-zague a fim de atenuar o declive da serra, contornando a ladeira íngreme, tornando-a melhor transitável. Já com o intuito de desimpedir o fluxo de tropas de muarres quando deparavam-se em sentidos contrários, os engenheiros optaram pelo aumento da largura da estrada. Outra medida adotada e admirada até os dias de hoje refere-se a façanha de construírem a estrada vencendo a Serra do Mar sem, em nenhum momento, cruzar com algum rio ou curso d'água. Por tudo isto, a Calçada do Lorena é considerada verdadeira obra prima da engenharia colonial.

De acordo com a análise de Benedito Lima de Toledo, além do novo traçado que evitasse a aspe-reza do caminho, os engenheiros reais *empreenderam usar uma técnica totalmente desconhecida nas estradas da capitania: a pedra. A pedra usada na pavimentação, nos muros fabricados junto aos despe-nhadeiros, nos canais para prevenir os estragos que costumavam fazer as enxurradas.*⁽¹¹⁾ Contudo, além do fator épico, devemos mencionar também o grande número de trabalhadores envolvidos nos árduos serviços dessa empresa. Os responsáveis utilizaram-se, em sua grande maioria, de escravos indígenas, exímios conhecedores do local, capturados em suas próprias tribos ou em aldeamentos próximos; presidiários, operários contratados e escravos negros. Por sua vez, a Coroa pôde contar com elevadas quantias necessárias para a execução da obra, obtidas através da cobrança de impostos, que incidiam sobre a atividade comercial, além de contribuições e donativos voluntários arrecadados nas principais praças mercantis da capitania.

Fosse como fosse, o fato é que a Calçada do Lorena, concluída em 1792, tornou-se ao longo do período colonial a melhor estrada do Brasil, de acordo com as anotações de viajantes que a percorreram no início do século XIX. Por exemplo, segundo John Mawe, *poucas obras públicas, mesmo na Europa, lhe são superiores e, se considerarmos que a região por onde passa é quase desabitada, encarecendo, portanto, muito mais, o trabalho, não encontraremos nenhuma em país algum, tão perfeita, tendo em vista tais desvantagens.*⁽¹²⁾ Reforçam esta tese, estudos contemporâneos desenvol-

vidos por arqueólogos e historiadores internacionais, segundo os quais não há obra similar para a época em toda a Europa. Para São Paulo significou, sobretudo, a sua inserção definitiva no mercado transatlântico.

Ainda hoje subsistem, em meio a densa vegetação da Serra do Mar, trechos da calçada, apesar do crescente descaso das autoridades. Por sinal o uso inadequado, abandono, desrespeito e mesmo ignorância sobre o patrimônio público talvez sejam as principais causas da deterioração desse caminho colonial de importância nacional, apesar de existirem vários estudos sobre as possibilidades da implantação no local de um centro turístico, integrando cultura e lazer.⁽¹³⁾

Por fim, vale observar que inúmeros caminhos foram abertos desde o século XVI, durante o processo de penetração portuguesa em São Paulo. Aproveitando-se de passagens naturais e de várias trilhas de índios, indicativas dos meios de transpor obstáculos topográficos e, também, visando estabelecer novos povoados, estes caminhos frequentemente interligavam-se no planalto. Na área em estudo, podemos apontar ainda, além da Calçada do Lorena, aproveitada por D. Pedro I para alcançar São Paulo e decretar a Independência, a trilha utilizada pelo Padre José de Anchieta e a Estrada Nossa Senhora do Pilar, sobre as quais a historiografia brasileira espera estudos, tão necessários para entendermos o nosso passado colonial.

Notas

(1) De acordo com o processo número 00536/75, Livro 216 do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Arqueológico - CONDEPHAAT - o casarão de Mauá ficou tom-

A calçada do Lorena era um antigo caminho utilizado pelos viajantes e tropeiros, na Serra do Mar



Acervo: Fundação Pró-Memória

bado como bem cultural de interesse histórico arquitetônico, tornando-se Casa da Cultura e Museu Barão de Mauá somente em 27 de outubro de 1982, através do decreto nº 2854.

(2) AMARAL, Aracy A. A Hispanidade em São Paulo. São Paulo, EDUSP, 1981.

(3) Sobre a presença de índios na região ver: John Manuel Monteiro, Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

(4) CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos. Dicionário de arquitetura brasileira. São Paulo, Edart, 1972.

(5) Universidade de São Paulo. Museu Paulista, Setor de Documentação. Plantas referentes à Fazenda Bocaina, Várzea do Capitão João, Sítio Capuava, Fazenda Capitão João e Bocaina e, ainda, a correspondente à Fazenda Oratório.

(6) TAUNAY, Affonso de E. História da Abadia Antiga e BOTACINI, Roberto. Ribeirão Pires era assim. Editora Combrig, 1980.

(7) SANTOS, Wanderley dos Santos. Antecedentes Históricos do ABC paulista: 1550-1892. Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, São Paulo, 1992.

(8) KAMIDE, Edna H. M. (coord.) Patrimônio cultural paulista: Bens tombados, 1968-1998. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

(9) SANTOS, Wanderley dos. Obra citada, pg. 141.

(10) PUCHALA, Rosa Maria de Faria Braga. Restauração e revitalização do Pilar Velho. Ribeirão Pires, São Paulo, 1976.

(11) TOLEDO, Benedito Lima de. O Real Corpo de Engenheiros na Capitania de São Paulo. São Paulo, João Fortes S/A, 1981, pg. 105.

(12) MAWE, John Viagem ao interior do Brasil. São Paulo, EDUSP, 1978, pg. 61. Também deixaram suas impressões sobre a Calçada do Lorena, entre outros, os seguintes viajantes em suas obras: Luis D'Alincourt Memória sobre a viagem de Santos ao porto de Cuiabá e Auguste de Saint-Hilaire, Viagem a província de São Paulo.

(13) A este respeito deve-se consultar, por exemplo, o trabalho de Benedito Lima de Toledo, Projeto Lorena, no qual propõe a revitalização e valorização das construções e dos monumentos ao longo da Serra do Mar.

(*) William Puntchart, Mestre e Doutor em História Social do Brasil pela Universidade de São Paulo, possui artigos publicados em várias revistas especializadas referentes à sociedade colonial, assim como, em diferentes periódicos sobre a História de Mauá e região

Movimento Operariado do Grande ABC: a criação da JOC no Município

Domingo Glenir SANTARNECCHI(*)

No começo da década de 50, mais precisamente em 1953, Antonio Glayr Santarnecki, era operário da Indústria Elevadores Atlas (depois Aços Villares), onde exercia a função de aprendiz na Seção Mecânica. Mais tarde, no Senai cursou Ajustagem Mecânica, tornando-se ajustador ferramenteiro e em seguida Ferramenteiro, época de ouro em que o operariado de São Caetano do Sul era em grande número, haja vista existirem grandes indústrias na cidade que abrigavam não só a população local, mas também operários que vinham de São Paulo e de outros Municípios do Grande ABC, então chamado apenas de Triângulo do ABC. Desse contingente faziam parte imigrantes italianos e de outras nacionalidades, mas principalmente os oriundos dos estados nordestinos, que para cá vinham em busca de emprego para a subsistência, já que a seca assolava aquela região e, mais tarde, estabilizados na cidade, traziam seus familiares.



Grupo de Jocistas do Brasil defronte à Basílica de Lourdes, na França

Acervo: Antonio Glayr Santarnecki

Os *baianos* como eram conhecidos, foram incentivados pela primeira-dama, dona Nelly Ackeson Pellegrino, esposa do primeiro prefeito municipal da cidade, Ângelo Raphael Pellegrino, nascido em Pernambuco. Pellegrino teve um papel importante e decisivo para a consolidação de cidade que engatinhava e dava seus primeiros passos, logo após o memorável movimento autonomista, que se parou São Caetano de Santo André.

São Caetano progredia a olhos

vistos e necessitava de muita mão-de-obra em suas indústrias, das quais podemos destacar as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo; General Motors do Brasil; Cerâmica São Caetano; Indústria Elevadores Atlas; Mecânica São Caetano; Lúndia Willo; Aliberti; Tecelagem Nice; Mannesman.

CONSCIENTIZAÇÃO – Nessa época, o movimento sindical estava em eferescência, os operários organizavam-se para reivindicar seus direitos e Santarnecki veio a conhecer o líder sindical Atílio Bertocchi, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (mais tarde se tornaria vereador em São Caetano do Sul por vários mandatos), que o conscientizou da importância desse movimento para as conquistas dos operários, propiciando, assim, o ingresso naquele sindicato. Envolvido no movimento, veio a conhecer duas figuras importantes da época, Anastácio Brolezzi e depois Vicente Beviláqua, que eram líderes de outro movimento, o da Juventude Operária Católica (JOC). Eles o levaram à se-



Os Jocistas do Brasil posando na Praça Três Caravelas, em homenagem a Cristóvão Colombo, em Gênova, Itália

Acervo: Antonio Glayr Santarnecki

de da JOC em São Paulo, onde passou a conhecer as finalidades da entidade, que existia em 100 países, tendo como fundador o Monsenhor José Cardin, cuja sede internacional era na Bélgica e que brevemente iria estar visitando o Brasil.

Como sindicalista, Santarneckchi liderava movimentos junto aos operários da Elevadores Atlas, visando conscientizá-los, mostrando a necessidade e as vantagens de serem sindicalizados. Naquela, época a Elevadores Atlas já concedia um abono no fim do ano (mais tarde transformado pelo governo no 13º salário). Certamente havia algumas exigências feitas aos operários, como ter boa frequência no ano; não ter advertência ou suspensão. A luta se expandiu e agora os sindicalistas queriam que todas as fábricas da região concedessem esse abono.

Logo após a visita à sede central em São Paulo, Santarneckchi e Vicente Beviláqua, com a ajuda da JOC de Santo André, fundava a de São Caetano. Como projetava filmes no Salão Paroquial da Igreja Sagrada Família, colaborando com o Padre Ézio Gislimberti, para as crianças do Catecismo, jovens Marianos e frequentadores daquela Paróquia, foi fácil conseguir uma sede para a JOC, o que atraiu os jovens da época. O movimento foi tão próspero que logo surgiu a JOC Feminina e, mais tarde, a JOC Juvenil.

No início, Santarneckchi era responsável pelo lazer: exercia o cargo de Diretor de Esportes e Cultura, pois militava no atletismo da cidade e projetava filmes no Salão Paroquial, funções que condiziam com as atividades que exercia.

TEATRO – Tendo em vista que o Salão Paroquial ficava livre durante a semana, ele resolveu montar um Grupo Teatral. Conheceu nessa ocasião um Congregado Mariano, Mário Jorge,

novelista da Rádio São Paulo que residia na cidade e era muito amigo do vigário daquela igreja, Padre Ézio Gislimberti. Assim, foi constituído o grupo que tinha orientação segura de um profissional e logo se destacou na cidade (que não possuía grupo de teatro) e na região.

Com o sucesso, o grupo foi convidado a apresentar-se em várias cidades, chegando ao ponto de realizar cinco apresentações, numa semana, da peça: *O Marido sem Sorte*, tendo como atores Malerba e Santarneckchi.

A título de curiosidade, nessa peça havia dois maridos e duas mulheres. Em certa ocasião, como os homens sempre saíam mal, as atrizes passaram a ser motivo de chacotas e elas não queriam mais fazer a peça. Então foi necessário que Malerba e Santarneckchi se vestissem de mulher para poder fazer a apresentação daquele dia, pois a peça chegou a cerca de trezentas encenações e não poderia simplesmente ser suspensa. Em determinado momento as mulheres (que eram homens) foram jogadas em cima de uma mesa que quebrou e veio a desabar, constituindo-se numa cena cômica das mais engraçadas. O radialista Mário Jorge, presente nessa sessão, comentou na Rádio São Paulo, afirmando que o Grupo de Teatro da JOC de São Caetano era o melhor Grupo Amador que ele tinha visto, pois parecia filme americano. Mais tarde, Mário Jorge, escreveu uma novela baseada nessa peça da JOC, que teve muito sucesso naquela rádio.

Com a chegada do Natal, sempre era motivo de apresentação teatral, tendo um Papai Noel distribuindo presentes e balas para as crianças da platéia. As peças que mais marcaram essa época foram: *As Assombrações Voltam*; *O Engenheiro e o Burro*; *Chá*; *Um Dia da Caça e outro dia do Caçador*. As peças teatrais da JOC tinham entrada grátis e viviam

lotadas. Mantovani e Santarneckchi eram os mais cômicos nessas peças, tanto que eram chamados pelo público de os dois palhaços.

PIONEIRISMO – O movimento jocista começou a se espalhar pelas outras cidades do ABC e logo foi fundada a Federação da JOC da Diocese de Santo André que atendia toda região e tinha como sede a Cúria, instalada na Praça do Carmo em Santo André. Em São Caetano surgiram vários grupos da JOC, tais como o da Vila Marlene, da Vila Paula, da Vila Barcelona, da Vila Gerte, da Vila São José e da Fundação, que recebiam apoio integral dos vigários dessas paróquias.

Nas fábricas os grupos da JOC estavam em plena ação, realizando eventos das mais diversas atividades, como por exemplo, a Comunhão Pascal e a Festa de Natal na fábrica da Elevadores Atlas. Realizavam, com a ajuda de um padre, batismos de muitas pessoas que viviam amigadas e até montaram um Curso de Alfabetização, pioneiro para aquela época.

Como o Santarneckchi tinha uma hora e meio de almoço, treinava corrida da Villares até a Atlantic (na então Vila Prosperidade), tomava banho e almoçava. Na meia hora restante, dava aula de alfabetização para os operários dentro da oficina mecânica, onde instalou um quadro negro.

Com o passar do tempo, outras seções da fábrica se interessaram em alfabetizar seus operários, crescendo assim, o curso até chegar aos ouvidos da assistente social, dona Lígia, que montou uma sala de aula especialmente para o curso. Mas não tinha uma professora para se dedicar em tempo integral desse mister e ninguém se dispunha a ir dentro da fábrica ministrar aulas para o operariado. Santarneckchi insistiu muito com sua irmã Maria Lourdes Santarneckchi

(mais tarde De Nardi), que era professora no Grupo Escolar Senador Flaquer, no mesmo bairro, para que fosse dar aula naquela indústria. Por muitos anos a professora Lourdes trabalhou na Elevadores Atlas, alfabetizando operários, cujo resultado foi magnífico, tornando-se pioneira nesse ramo, tendo sido destaque nos jornais e rádios da época.

Nas paróquias a JOC restabeleceu o costume tradicional da realização de romarias que existiam antigamente, destacando-se a romaria a pé de São Caetano à Igreja da Penha; a romaria ciclística e também a pé, de São Caetano à Igreja da Aparecida (conhecida como Igrejinha da Rádio Record), na Paulicéia em São Bernardo do Campo, ao lado da Via Anchieta. Nos anos seguintes essa romaria contou com um andor feito sobre duas bicicletas, que passou a ser organizada pela Igreja de Vila Califórnia, ao lado de São Caetano e que continuou por vários anos. A chegada de volta dessa romaria ocorria na Praça Cardeal Arco Verde, defronte a Matriz Sagrada Família, onde era realizada uma prova ciclística em torno da praça e ganhava o que chegasse em último lugar.

Naquela época não aconteciam greves entre os operários do ABC, no entanto foi realizada, em 1954, uma paralisação nacional, envolvendo todo o Brasil, motivada pela morte do Presidente da República, Getúlio Vargas, que era conhecido como o *Pai dos Operários*, em virtude das leis de proteção aos mesmos, tendo a JOC participado. Essa primeira paralisação ensejou a realização de outros movimentos, como o da Elevadores Atlas, por melhores salários e outros benefícios. Nesse embalo, os operários e estudantes da cidade realizaram um protesto pelo aumento exagerado dos subsídios dos vereadores da Câmara Municipal, ocasião em



Acervo: Antonio Glayr Santarnechi
Visita de Santarnechi ao Seminário onde residia o padre Alexandre Grigolli, em Roma

que foi realizada uma passeata monstro e o enterro dos vereadores, no centro da cidade, culminando com um quebra-quebra defronte ao Edifício do Cine Vitória onde se localizava o Legislativo. Nessa ocasião hou-



Acervo: Antonio Glayr Santarnechi
Encontro em Roma de Santarnechi com o Padre Canizio, ex-vigário da Vila Marlene, da Vila Barcelona e ex-assistente religioso da JOC de São Caetano

ve necessidade, inclusive da intervenção de carros blindados com canhões de água, conhecidos como Brucutu, vindos de São Paulo. Esse fato foi muito divulgado nos jornais e rádios da região e da Capital.

Os jocistas construíram em Mauá uma Casa de Estudos, com alojamentos e uma capela, cujos ensinamentos eram ministrados pelos líderes jocistas e pelo Padre Eduardo Batista Roberto, que vinha de São Paulo especialmente para ensinar aos novos membros do movimento. Todos cursos, seminários, congressos e encontros dos jocistas, eram realizados nessa Casa de Estudos, que São Caetano também utilizava para suas atividades.

No entanto, o prefeito da época resolveu desapropriar aquele prédio construído com recursos dos operários para transformá-lo em um hospital. Os jocistas do ABC e de São Paulo se reuniram e realizaram um protesto contra aquele ato arbitrário perpetrado pelo prefeito. O protesto aconteceu numa noite, constando de uma passeata pela cidade carregando tochas de bambu e cartazes, que acabou sendo a única arma dos jovens operários contra o pessoal da Prefeitura Municipal e da Polícia Militar, que interceptaram os manifestantes utilizando-se de cacetetes, bastões, escudos e armas nas cinta, iniciando um quebra-quebra. Até hoje a Prefeitura de Mauá não pagou essa desapropriação feita naquela casa à JOC da cidade que existe até hoje em plena atividade, se constituindo na mais ativa do ABC.

A JOC desenvolvia muitos projetos voltados à classe pobre em todo o país, como é o exemplo do Rio de Janeiro, onde o Bispo Dom Helder Câmara, implantou um projeto habitacional visando urbanizar uma favela daquele Estado e que a JOC de São Caetano também participou, pois se

tratava de Programa do Ano da entidade denominado *Quem casa quer casa*.

ESPORTE – A JOC era uma entidade à Ação Católica da Igreja Católica, mas suas atividades eram diversas, além da religiosidade, atuava como movimento operário e sindical, educacional, político, teatral e esportivo, para que o jocista pudesse conhecer a realidade do país em que vivia e pudesse inteirar-se seus direitos, mas, principalmente, observar as suas obrigações perante a comunidade.

Dessa forma, as atividades esportivas cresceram muito já que os seus membros eram jovens e necessitavam de saúde física. No esporte existia uma grande equipe nas modalidades de Pedestrianismo, Atletismo e Andarilho, espalhados no Clube Botafogo (rua Alagoas) e no Corintinha (rua Pernambuco), ambas no centro da cidade. Depois os jocistas foram para o Clube Cruzada (rua Manoel Coelho), que era ligado à Igreja Sagrada Família e que tinha no Padre Ézio Gislimberti, seu incentivador, fundador e patrono.

Esses atletas disputavam competições em nome da cidade através da Comissão Municipal de Esportes (CME), que tinha como diretor José Joaquim Fernandes. Mais tarde, Santarnecchi assumiu esse cargo permanecendo por longos anos até se mudar da cidade. Através da CME participaram dos Jogos Operários Classistas, hoje conhecidos como Jogos Operários, então realizados no General Motors Esporte Clube.

No campo dos Andarilhos, foi realizada, em 1º de maio de 1958, a 1ª Volta do ABC à Pé, constituindo-se num grande sucesso e que pela repercussão e pelo seu pioneirismo marcou a fundação do Clube de Andarilhos de São Caetano do Sul, considerado o Berço dos Andarilhos, que até hoje permanece em atividade e espalhado por todo o país.

EDUCAÇÃO – Na área educacional, a JOC foi pioneira na realização de Cursos Profissionalizantes. Havia o Círculo Operário, com sede própria na rua Goitacazes, onde os operários católicos se encontravam para discutir problemas da categoria e da sociedade.

Havia um padre da Paróquia Sagrada Família, Dario Romédis, que era assistente religioso do Círculo Operário e também da JOC. Graças a isso, foi possível montar o primeiro Curso Profissionalizante, na década de 60. Lá os operários tinham a oportunidade de frequentar os cursos: desenho mecânico; metrologia e inspeção. Em seguida também foi realizado o curso de ajustagem; modelação e *shell molding*, sendo este o primeiro do Brasil.

Esses cursos propiciaram ao Círculo Operário fazer serviços para as indústrias, recebendo recursos que foram aplicados na escola, no Círculo Operário e na Colônia de Férias, localizada em Suarão, Itanhaém, no litoral Sul, onde os operários costumavam passar as férias anuais.

Assim, em 1964, como não era finalidade precípua do Círculo Operário e como não dispunha de espaço para ampliar esses cursos, a Indústria Germac, do alto da Mooca em São Paulo, montou na Rua Espírito Santo, no Bairro Santo Antonio em São Caetano, alugando um salão e transferindo esses cursos para lá, tornando-se assim, o primeiro Centro de Formação de *Shell Molding* de uma indústria, que servia de estágio para ser encaminhado para as fábricas. Assim, Santarnecchi que obteve conhecimentos desta técnica na viagem que empreendeu pela Europa em 1957 e outros companheiros ministravam os cursos gratuitamente.

Nessa época, em setembro de 1967, a Volkswagen de São Bernardo

viria a criar o seu Centro de Formação Profissional, para formar a sua mão-de-obra especializada. Um dos convidados foi o sindicalista e futuro vereador de São Caetano, Atílio Bertocchi, que em seguida convidou Santarnecchi para lecionar, da mesma forma como acontecia na Escola da Germac. Santarnecchi permaneceu ali na formação dos jovens operários durante 12 anos e somente saiu para ir montar o Centro de Formação Profissional da Volks em Taubaté, onde permaneceu durante sete anos, aposentando-se depois.

Dentre esses cursos ministrados ao longo desses anos, teve um destaque especial o Curso de *Shell Molding*. Ele se constituía num sistema de fundição em casca, que somente a Elevadores Atlas fundia no Brasil, por ser uma tecnologia avançada para aquela época, com autorização especial da Alemanha, com o nome Vimolde. Convém lembrar que Santarnecchi trabalhou nessa firma utilizando-se desse processo durante 10 anos e absorveu essa tecnologia.

Visando divulgar esse processo moderno, o curso do Círculo Operário realizou a 1ª Exposição para Escolas, Indústrias e Universidades, em sua sede. Nessa ocasião em que se inaugurou a exposição, esteve presente um grande colaborador da JOC e do Círculo Operário, o advogado Odilon de Souza Melo, então Vice-Prefeito de São Caetano, que em seu discurso ressaltou e elogiou a iniciativa dessas entidades.

JOC FEMININA E JUVENIL – Existia também a JOC Feminina formada por moças operárias que participavam das atividades do movimento, apenas elas possuíam uma diretoria própria. E São Caetano não ficou para trás, a Helena (Heleninha) Strabelli, foi a pioneira fundando essa Diretoria Feminina, que congregou muitas jovens da cidade.

A JOC Feminina não era outro movimento, mas atuava junto com a JOC, seguindo os mesmos princípios e programas. Sua sucessora foi Neide Grigoletto (depois casada com Santarnechi), que mais tarde tornou-se a Presidente da JOC da Diocese do ABC. No Bairro da Fundação, a JOC teve muitas realizações, com a ajuda decisiva do padre Dario Romédís, o que atraía os jovens daquele bairro. Destaque-se o trabalho desenvolvido pela Lourdes Matarasso (depois d'Agostini) e Jaime d'Agostini, que mais tarde tornaram-se marido e mulher, como ocorreu com outros casais do movimento jocista.

No início do movimento, o garoto ou garota ingressava na pré-JOC e depois iria para a JOC Juvenil e finalmente ingressava na JOC ou na JOC Feminina, seguindo os mesmos princípios e programas dos adultos, ditados pela Federação Internacional, localizada na Bélgica e pela Federação Nacional, instalada em São Paulo. O movimento das cidades do ABC estavam subordinadas à Federação Diocesana, instalada na Cúria de Santo André.

DOM JORGE – Em 1954, o ABC era elevado à categoria de Diocese e recebeu um bispo novo vindo do Rio de Janeiro, Dom Jorge Marcos de Oliveira e que ao chegar aqui ficou admirado com o movimento jocista já funcionando na região. Assim, o movimento passou a ter em Dom Jorge, uma figura de proa. Entusiasmado abraçou a causa do movimento, tanto que, anos depois ficou conhecido no Brasil, como o *Bispo dos Operários*, já que ele participava dos movimentos sindicais pelos direitos deles e se constituindo num defensor e num incentivador dos jocistas, objetivando integrá-los ao movimento operário, religioso, político, educacional, teatral e esportista.

Um exemplo de sua perseverança



Equipe esportiva da JOC de São Caetano em competição na Praça Cardeal Arco Verde. Ao fundo, a Igreja Matriz Sagrada Família

Acervo: Antonio Glayr Santarnechi

na luta pelos operários, destaca-se a atuação contra o costume vigente em que uma fábrica ao falir, os últimos a serem pagos eram os operários. Graças a sua intervenção junto aos deputados federais e senadores, essa falha foi corrigida e através de legislação própria, os operários passaram a ser os primeiros a serem indenizados.

Essa conquista foi tão expressiva, que pela primeira vez juntaram-se todas as correntes da sociedade para realizar uma festa em homenagem a Dom Jorge. Participaram católicos, sindicalistas, comunistas.

O bispo ficou conhecido também pela coragem de participar das greves dos operários, indo às portas das fábricas, liderando os manifestantes, incutindo-lhes o sentimento de luta pelas suas reivindicações. Outros padres destacaram-se nesses movimentos. Como exemplo temos o Assistente Religioso da Diocese, padre Afonso José Birck e seu auxiliar, padre Cirillo Ambrósio, além do padre Belisário Elias de Souza, que começava a destacar-se junto aos jocistas. Com a saída do padre Birck, o padre Belisário assumiu a função de Assistente Diocesano da JOC. Atualmente, o cônego Belisário é vigário da Paróquia Imaculada Conceição, em Mauá.

CONGRESSOS – Quando da realização do Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1955, cujo tema era

Cristo Redentor e Seu Reino Eucarístico, a JOC do ABC destacou-se principalmente na representação cênica no Maracanã, onde integrantes de todo o Brasil participaram. Esse Congresso reuniu todos os jocistas do Brasil e de diversos países do mundo.

Em 1957, iria ser realizado o Congresso Mundial da JOC, na cidade de Roma - Itália. A Diocese do ABC queria participar com o envio de um representante. Iniciou-se uma campanha de arrecadação de fundos para enviar o representante da Diocese, destacando-se o recolhimento de papel, vidro, lata, metais e jornais, além de rifas e listas. Também durante as apresentações do Grupo Teatral, cujo ingresso era grátis, foram também recebidas doações para essa campanha. No entanto, essas arrecadações não foram suficientes.

Ciente da situação, o Bispo Dom Jorge entrou em cena e empenhou-se para conseguir o fundo almejado junto à sociedade. Ele afirmava que gostaria que fosse enviada também uma jocista. Assim, com muita dificuldade conseguiu obter fundos para enviar dois representantes ao Congresso e como houve uma sobra, daria para mandar outro representante.

Dom Jorge convidou um representante de São Caetano, desde que, a cidade se prontificasse a arrecadar os fundos que faltavam. O padre Ézio Gislimberti, vigário da

Acervo: Antonio Glayr Santarneckchi



Festa de despedida dos Jocistas que embarcaram para o Congresso em Roma, no Salão Paroquial da Igreja do Carmo, em Santo André. Vê-se à frente e à direita, o bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira e, à esquerda, o monsenhor assistente religioso da JOC de Mauá

igreja Sagrada Família, arregaçou as mangas e trabalhou incessantemente até conseguir o que faltava. O padre Ézio, juntamente com amigos como o vereador Fábio Ventura, o líder sindical, Atílio Bertochi, o médico Jayme Tavares Soares, e tantos outros, colaboraram decisivamente com o próprio dinheiro para completar a quantia que faltava para o envio do representante da cidade naquele congresso.

A Diocese do ABC, esteve representada neste Congresso Internacional em Roma, pelo Presidente da Diocese Santo André (abrangendo todo ABC), Anastácio Brolezzi; a representante feminina da JOC de Santo André, Edméia Carollo Meireles, e São Caetano, Antonio Glayr Santarneckchi, que embarcaram no navio Laennec em Santos, em 30 de julho de 1957, retornando em 18 de agosto do mesmo ano.

Durante a travessia rumo à Europa, que demorou 10 dias, foram realizadas palestras, dias de estudos, encontros e lazer, orientando os jocistas para aquele congresso e na volta, preparando-os para a chegada ao Brasil. O navio que transportava os jocistas, o Laennec, em seu roteiro parou nas Ilhas Canárias, visitando Las Palmas, na Ilha da Madeira, em Portugal, no Porto e finalmente de-

sembarcaram em Vigo, sendo que a partir daí seguiram por terra. No roteiro dos romeiros, os jocistas percorreram nove países tendo visitado na Espanha, o Santuário de Santiago da Compostela; na França visitaram a Basílica de Santa Teresinha em Lisieux; visitaram também a Basílica de Lourdes, onde apareceu a Virgem Maria, assim como o Convento de Santa Bernardete. Visitaram em Paris a Catedral de Notre Dame, a Igreja de São Francisco Xavier e o Museu do Louvre. Nessa ocasião, os jocistas tiveram a oportunidade de andar pela primeira vez no metrô de Paris, novidade na época para os brasileiros.

Na Itália visitaram a Igreja de Santa Rita de Siena; as catacumbas; as

quatro maiores basílicas de Roma, o Coliseu; o anfiteatro onde os jocistas de todo o mundo fizeram apresentações. Conheceram ainda a Fonte Di Trevi; Torre de Pizza; Cemitério de Pistóia, onde foram enterrados os pracinhas brasileiros mortos na II Guerra Mundial. Em Gênova estiveram na casa onde nasceu o navegador Cristóvão Colombo. Ao visitarem a Bélgica, onde se localizava a sede Internacional da JOC, em Bruxelas, foram até as minas de carvão, conhecendo de perto o trabalho executado por aqueles operários. Em todos os países percorridos pelos jocistas, foram visitar os sindicatos locais, as fábricas e organizações de Operários, para conhecer de perto a realidade do operariado local.

Em Roma, Santarneckchi, ocasionalmente encontrou-se com o padre Canízio (Philipuff Hermann Vann Herkhuizen), que foi vigário da Igreja Nossa Senhora Aparecida do Bairro Barcelona, e depois vigário da Igreja Nossa Senhora das Graças em Vila Marlene, ambas em São Caetano do Sul e que era Assistente Religioso da JOC na Vila Marlene e Vila Nova. Na *Cidade Eterna*, os jocistas tiveram a oportunidade de visitar o Museu do Vaticano, repleto de relíquias e raridades de quase dois milênios do cristianismo e suas tradições.

Acervo: Antonio Glayr Santarneckchi



Inauguração da exposição de *Shell Molding*, no Centro de Formação Profissional da JOC, no Círculo Operários de São Caetano. Vê-se a partir da esquerda: Padre Ézio Gislimberti, duas crianças (?), (?), diretor do Círculo Operário, Santarneckchi, atrás (?), Dante Santarneckchi, (?), representante da (?), dirigentes da JOC de São Caetano

Como Santarneckchi era muito amigo do padre Êzio, o mesmo sabendo que ele iria à Roma, recomendou que procurasse num convento o seu antecessor, o padre Alexandre Grigolli, que tinha sido vigário da Igreja Sagrada Família. Assim, entrou em contato com o religioso, que ficou muito contente ao ter notícias da sua antiga Paróquia em São Caetano e feliz pela cidade ter um representante naquele Congresso.

Como o Papa, Pio XII, não se encontrava em Roma, os jocistas foram até a sua residência de verão, em Castel Gandolfo, onde foram recebidos especialmente pelo pontífice, que proferiu uma mensagem alusiva aos jocistas presentes e uma bênção especial.

ABERTURA – Em 25 de agosto de 1957, cerca de 30.000 jovens de várias partes do mundo reuniram-se na Praça de São Pedro para receber o Papa Pio XII que procedeu à abertura do Congresso, e na sua mensagem destacou o valor dos jovens como pessoa humana e não como máquinas que trabalhavam nas fábricas. Após a saudação do papa, os jocistas encenaram um tema referente aos operários do mundo inteiro.

Santarneckchi recorda-se com emoção daqueles dias que passou na Europa, cujos conhecimentos adquiridos trouxeram-lhe uma formação nova, diferente e que viria a mudar a sua vida futura.

"Na minha opinião, o Congresso Internacional da JOC, em Roma e a viagem aos nove países da Europa, visitando locais históricos e tradicionais da Civilização Ocidental, propiciou-me manter um intercâmbio cultural, religioso, artístico, político, social, sindical, educacional e esportivo, com outros povos mais evoluídos.

A JOC não era um movimento ideológico, mas atuava na formação do jovem operário através de ativi-

Monsenhor José Cardin

O monsenhor José Cardin - fundador da JOC Internacional (Juventude Operária Católica), nasceu na cidade de Schaerbeek, próximo à Bruxelas, na Bélgica. Filho do casal Luiza e Henrique Cardin, que eram trabalhadores domésticos, ela arrumadeira e cozinheira e ele jardineiro e cocheiro, tiveram quatro filhos: Joana, José (pai), Vitor e Carlos.

Como os pais não tinham condições de criar José, ele foi morar com os avós por dois anos. Voltando a morar com os pais, recebeu educação religiosa da mãe que ensinava aos filhos as passagens bíblicas. José muito se interessava pelo assunto e destacava-se nesse aprendizado.

Aos 14 anos, em 1897, tendo vocação para a religiosidade, ingressou no Seminário Menor na cidade de Malinas. Durante as férias, José voltou para casa, mas encontrou seus amigos diferentes e ficou preocupado, pois eles eram contra a vida sacerdotal. No seminário lia muito, participava de todas as palestras, procurava obter mais conhecimentos e era um jovem irrequieto.

Em 1906, o Monsenhor Mercier, conferiu-lhe a Ordenação Sacerdotal, o qual era considerado pelos professores muito inteligente, turbulento e imbuído de idéias avançadas e modernas para sua época. Em 1912, Cardin assumiu a Paróquia do Bairro de

Acervo: Antonio Glayr Santarneckchi



Monsenhor José Cardin, fundador da JOC Internacional

Laecken, onde iniciou as primeiras atividades da JOC, com grupos de operárias. Essa idéia vingou e espalhou-se por mais de cem países do mundo.

Monsenhor Cardin visitou o Brasil pela primeira vez em 1946, gostou do movimento no país e voltou por várias vezes na década de 50 e 60. Em 24 de julho de 1967, o monsenhor José Cardin veio falecer, mas o movimento até hoje existe. No Brasil houve um esvaziamento devido a ação do Governo Militar, que via no movimento uma ameaça à filosofia imposta ao país.

dades para a comunidade. O engajamento dos jovens foi de tal modo que a JOC do ABC cresceu e tornou-se parte integrante em acontecimentos registrados nos anais da história da região.

Esse congresso foi a maior experiência de minha vida, que até hoje estou aproveitando e transmitindo aos jovens aquilo que aprendi. Uma pena que os atuais jovens

operários não tenham a oportunidade que tive, pois foi enriquecedor para mim e iria ajudar muito para o crescimento cultural e intelectual" - ressalta.

() Domingo Glenir Santarneckchi, é jornalista, advogado e pesquisador da memória da cidade. É Assessor de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul*

Participação da sociedade local foi vital na fundação da CTBC

Mário Porfírio RODRIGUES(*)

O movimento autonomista que criou o Município de São Caetano do Sul, em 1948, teria de acontecer de qualquer forma. O estado de ânimo da população local, as queixas e reclamações, os comentários que se ouviam em qualquer canto da cidade, eram indicativos de que a tutela de Santo André havia chegado no ponto de saturação. Guardadas as devidas proporções, tomamos a liberdade de traçar um paralelo com o que aconteceu em 1822 com o Brasil, quando Dom Pedro I deu o grito de *Independência ou Morte*.

Outro fato importante ocorreu aqui na região do ABC em 1954, e teria que acontecer porque o reclamo popular já havia atingido o ponto máximo. Trata-se da fundação da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC).

Em 20 de agosto de 1952, foi publicada na primeira página do *Jornal de São Caetano* nº 248, a manchete *Deficiente o serviço telefônico em São Caetano*. Os subtítulos prosseguiram: *Em um ano foram instalados apenas 22 aparelhos - Denúncia feita na Assembléia Legislativa pelo candidato a prefeito Anacleto Campanella*. A reportagem comentava o discurso que afirmava a cidade possuir em 1950 somente 374 aparelhos instalados e, um ano depois, em 1951 somavam 396 aparelhos, havendo 800 pedidos de telefones pendentes de instalação. O orador falou dos problemas dos bairros e o que isso representava para o desenvolvimento do Município recém-criado.

A população em geral reclamava e não escondia o descontentamento com a situação. Nas reuniões semanais do Rotary Club, este assunto era constan-



temente abordado, mesmo porque os rotarianos eram empresários e era imprescindível comunicarem-se com clientes e fornecedores de outros estados e países. Assim, o *Jornal de São Caetano* destacava nas edições nº 287, de 7 de Janeiro de 1953 *Atraso injustificável* e nº 335, de 24 de Junho de 1953 *Causa irritação a falta de aparelhos e a demora nas ligações*.

Para entender como a Companhia Telefônica Brasileira (CTB) impedia o progresso do novo Município, basta citar que tínhamos somente 396 aparelhos telefônicos para toda a população, incluindo 450 indústrias importantes como General Motors, Villares, Matarazzo, Cerâmica São Caetano, Louças Adelinas e outras.

Anacleto Campanella, que vinha criticando a CTB, foi eleito Prefeito e tomou posse em Abril de 1953. Ao perceber que em São Paulo não conseguia nenhuma definição por parte dos executivos da empresa, foi à sede no Rio de Janeiro, juntamente com Fioravante Zampol, prefeito de Santo André.

Esse encontro foi histórico, com diálogos fortes e até ríspidos, pois, os

executivos principais da CTB tentavam fugir de uma definição completa, enquanto Campanella, com aquela forma pouco convencional de discutir, elevava a voz esclarecendo que o problema era crucial e exigia uma resposta definitiva, pois, estava em jogo o progresso do ABC. Campanella disse na reunião, em alto e bom som, que São Caetano do Sul não era o fundo do quintal da CTB. Foi publicada notícia sobre esta reunião no *Jornal de São Caetano* nº 403, de 22 de Fevereiro de 1954, sob o título *Grave o problema dos telefones*.

Os prefeitos de São Caetano e de Santo André regressaram dessa viagem ao Rio de Janeiro com a certeza de que os acionistas canadenses da CTB não tinham mais interesse em continuar com a empresa e estavam aguardando o término do contrato em 1959 para sair desse ramo de negócio.

Diante desse panorama, os presidentes do Rotary Club de São Caetano do Sul, Mário Porfírio Rodrigues, e de Santo André, Vicente Martins Júnior, tiveram várias reuniões com os dois prefeitos. Na primeira página do *Jornal de São Caetano* nº 406, de 13 de Mar-

ço de 1954, foi noticiada a reunião do Rotary Club de São Caetano do Sul do dia 8 de Março de 1954:

"Ao microfone o Prefeito Anacleto Campanella presta informações a respeito de um plano elaborado pelo Rotary Club de Santo André e Rotary Club de São Caetano do Sul, destinado a resolver o problema dos telefones locais. Esclarece que o rotariano Oliver Tognato estava presente com os planos e projetos elaborados nesse sentido e solicita a todos que participem de uma reunião a ser realizada logo em seguida na secretaria do Rotary para discussão desse assunto".

Duas semanas após essa reunião, no dia 22 de março de 1954, em seguida à reunião - jantar do Rotary Club de Santo André, foi realizada a Assembleia Geral de Fundação da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC). Participaram os seguintes rotarianos de São Caetano: Ângelo Raphael Pellegrino, Anacleto Campanella (prefeito), Francisco Braz, Jordano P.S. Vincenzi, João Cambaúva, João Dal'Mas, Manoel Gutierrez Durán, Odilon de S. Mello e Mário Porfírio Rodrigues, então presidente do Clube.

Em seu nº 429, de 5 de Junho de 1954, o *Jornal de São Caetano* publicou a manchete *No fim do suplício dos*

telefones comentando a publicação no *Diário Oficial do Estado* da constituição da Companhia Telefônica da Borda do Campo. Indicado pelo Rotary Club de São Caetano do Sul, Ângelo Raphael Pellegrino, com aprovação unânime, passou a ocupar o cargo de diretor-técnico.

Com a anuência da CTB, o diretor Carlos Reis Filho, membro do Rotary Club de São Paulo, passou a ocupar um cargo de diretor na CTBC. Coube a ele intermediar os entendimentos necessários para a sucessão pacífica da velha para a nova empresa de telefonia.

Os demais diretores pertenciam ao Rotary Club de Santo André: Oliver Tognato, presidente; Vicente Martins Júnior, diretor-comercial e Jorge Beretta, diretor. Participaram do Conselho Consultivo os seguintes rotarianos de São Caetano do Sul: Mário Porfírio Rodrigues, Jordano P.S. Vincenzi, Keigo Toyoda, Francisco Braz, Manoel Gutierrez Durán e Enás Chiochetti.

Ângelo Raphael Pellegrino, que já havia dado mostras de suas qualidades como primeiro prefeito do Município, impressionou aos demais diretores, atuando em todas as áreas da CTBC que demandavam trabalho de engenharia, assumindo os encargos de construção dos prédios, obras de canalização

da rede, instalação das centrais, entre tantas outras atividades.

O presidente Oliver Tognato e o diretor-comercial Vicente Martins Júnior, também de uma dedicação elogiável, foram coração e alma nos contatos com autoridades, fornecedores e clientes, conseguindo a confiança de empresários e da população do ABC. Foi uma diretoria digna dos maiores encômios.

Na relação dos primeiros acionistas, 16 são de São Caetano e 70 dos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, Mauá, Ribeirão Pires e Diadema, num total de 86 pessoas que acreditaram no empreendimento há 45 anos, tornando possível a concretização deste anseio da população do ABC.

Criada com um capital inicial de três milhões de cruzeiros, celebrou contratos de concessões com as prefeituras do ABC, elevou o capital social para 120 milhões de cruzeiros, inaugurou em 1958, quatro anos após 7.600 telefones automáticos, dos quais 2.000 em São Caetano e não parou mais.

() Mário Porfírio Rodrigues é fundador do Jornal de São Caetano (1946) e do Hospital Beneficente São Caetano. Foi líder Autonomista e Administrador*

Relação das 86 pessoas (físicas ou jurídicas) que nos idos de 1950 acreditaram no grupo de rotarianos que lutaram pela criação da Cia. Telefônica da Borda do Campo.

Abdias Fenicio, Abramo Canepa, Alcides Beccardi Beck, Amabile Teodolinda Pezolo, Amélio Francisco Dalla Verde, Amilcare Bacchi, André Romounoulou, Ângelo Raphael Pellegrino, Carlos Reis Filho, Celso Wlademiro Marchesan, Serraria Utinga, Indústrias Platzer, Dante Gerodetti, Dirceu Luiz, Dal'Mas S. A., Elias Aron Awada, Emanuel Degni, Ericsson do Brasil, Ettore Garbarino, Fábio Frederico Freire Kowarick, Correntes São Caetano, Fares Nemer Junior, Francisco Braz, Francisco Degni, Francisco Perro-ne, Gaspar Nunes Galvão, Gino Gambini, Gustavo Arthur Tognato, Henrique

Moll, Herman Platzer, Hilario Augusto Dalla Verde, Hugo Aurélio Luciano Borgognoni, Higino Baptista de Lima, Ignácio de Jesus, Cerâmica Utinga, Textil Santo André (Intex), Irineu Tognato, Iwao Ito, Jayme da Costa Patrão, Jayme Silva, João Batista Marigo Martins, João Simões, João Roberto Insuela, Jordano Pedro Segundo Vincenzi, Jorge Beretta, José Gitti, José Raul Poletto, José Vicente, Keigo Toyoda, Kurt Stahel, Lanifício Santo André, Lars Henry Clausen, Loris Vaccari, Masini & Giannotti, Manoel Gutierrez Duran, Marina Silva Tognato, Mário Guindani, Mário Porfírio Rodrigues,

Névio Tognato, Nicolino Paulo Campanella, Nilton Silva, Odilon de Souza Mello, Oity de Campos, Oliver Tognato, Orlando Luiz Gaiarsa, Chocolates PAN, Paulo Ludwig Platzer, Paulo Pyles Lozzano, Pedro Henry, Plínio Demétrio Guirardello, Poliprint S.A., Rodolpho Weigand, Roger Octave Eugene Mariot, Romeu Baldassari, Salvador Degni, Saniyuki Okumura, Sebastião Ladeia Filho, Sebastião Portugal Gouvêa, Urames Pires dos Santos, Vasco Di Giulio, Vicente Martins Júnior, Victor Mayerá Júnior, Walter John Le Var, Walter Gobatto, Walter Richard Stahel e Yolanda Beccardi Beck.

Observação: Dos 86 nomes acima, os 16 grafados em estilo *italico* são de São Caetano do Sul

Há 40 anos eram criados os Cursos de Orientação Prático-Industrial

José Odair da SILVA(*)

A Lei nº 803 de 14 de Julho de 1959 criou os Cursos de Orientação Prático-Industrial conhecidos como COPI. Os cursos deveriam funcionar em prédios pertencentes à municipalidade, sindicatos ou oficinas e no período noturno. As aulas seriam ministradas com equipamentos cedidos pelas indústrias graciosamente. As condições para inscrição de alunos eram ser alfabetizados e ter entre 14 e 65 anos. Para fazer frente às despesas decorrentes dessa lei, foi aberto na Diretoria da Fazenda um crédito especial de CR\$ 510 mil para as seguintes áreas: educação e cultura, pessoal fixo (CR\$ 377.710,00), material permanente (CR\$ 32.290,00), material de consumo (CR\$ 30.000,00) e despesas diversas (CR\$ 70.000,00). Era o 82º ano da fundação da cidade e o 11º ano de sua emancipação política.

O Brasil vivia a época do desenvolvimentismo, termo criado no país pelo presidente Juscelino Kubistchek (1956-1961) e tinha como tônica fundamental o desenvolvimento a qualquer preço, concentrado no setor industrial, confiança depositada na industrialização como detonadora de um processo global de desenvolvimento social e político.

Nesse contexto, o COPI tinha como finalidade tornar possível a aprendizagem rápida para determinadas profissões, promover pesquisas de interesse sócio-educacional, divulgando-as para o bem da coletividade. O curso funcionaria em íntima colaboração com as escolas profissionais e industriais do Estado e da União como por exemplo o Senai, Senac, SESI, SESC, estabelecimentos industriais e seus ór-

gãos de sindicalização. Esses convênios chegaram a atender quatro mil alunos por ano. Os alunos que faltassem cinco dias consecutivos ou oito dias alternados no mês, sem falta justificada, estavam eliminados dos cursos. Se houvesse vagas, alunos de outros Municípios seriam atendidos.

O COPI aceitava encomendas de terceiros mediante remuneração. Os trabalhos executados pelos alunos podiam ser vendidos e o produto de venda era recolhido para um Fundo Especial e contabilizado por um secretário, que apresentava mensalmente à direção um relatório sobre essas operações. As importâncias pertencentes ao Fundo Especial eram depositados em banco, e destinadas as seguintes porcentagens das rendas anuais arrecadadas como o funcionamento dos cursos: 15% aos alunos, proporcionalmente ao trabalho de cada um; 35% ao professor responsável pelo curso como trabalho extraordinário e 50% ao Fundo Especial dos cursos.

COPI - Cursos
profissionalizantes
em convênio
com a indústria.
Ano de 1992

Acervo: José Odair da Silva



Acervo: Fundação Pró-Memória



Foto de 1999,
da nova sede
do COPI na rua Lisboa,
399

O primeiro diretor do COPI foi Argemiro de Barros Araújo, que implantou os cursos e dirigiu a escola entre 1959 e 1961. No ano de 1972, o estabelecimento criou dois telepostos para ministrarem aulas do antigo curso de madureza ginásial. A experiência era inédita na região, pois pela primeira vez a televisão seria usada como instrumento de aprendizagem. Nessa época, o COPI funcionava na rua Maranhão, 22, no bairro Santo Antônio, onde hoje se localiza a Escola Bartolomeu Bueno da Silva. Em 1975, foi implantado o curso supletivo de 1º grau que tinha como objetivo *proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.*

Nessa mesma década de 70, o COPI já contava com um trabalho pioneiro para a época, o Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), que desenvolvia novos programas educacionais,

incentivava de forma inédita o uso de material didático audiovisual, mantinha uma série de gráficos estatísticos do aproveitamento geral da escola. Outra novidade era o sistema de avaliação do rendimento escolar, objetivo e simplificado, obedecendo à seguinte escala de conceitos: E (excelente) de 75 a 100%; B (bom) de 50% a 69%; R (recuperação) de 0% até 49%. Outro fato que expressa a qualidade da escola pode ser observado no artigo 66 do seu Regimento Escolar que garantia remuneração condigna aos professores nunca inferior à média do salário regional da categoria.

Por ocasião da implantação do supletivo do Primeiro Grau, a procura foi tão grande que a escola chegou a ter 805 inscrições para apenas 50 vagas, o curso iniciou com uma sala. A partir daí, o COPI não parou de crescer e nos anos seguintes iria sempre ter em torno de mil alunos.

Em 1977, a escola mudou-se para a Estrada das Lágrimas, 515, na Vila São José, onde funcionava o antigo Grupo Escolar Roberto Simonsen. A nova biblioteca começou a funcionar com mais de 600 títulos das mais diversas áreas do conhecimento. As aulas práticas de laboratório eram ministradas no CIM Professora Alcina Dantas Feijão, que já contava com um dos melhores laboratórios da cidade.

Em 1978, o COPI estava entre as 11 únicas escolas do Estado de São Paulo a manter um curso permanente de Teatro. Mantinha também de forma regular mais de 30 cursos profissionalizantes, entre eles Enfermagem, Prática de Comércio, Mecânica de Autos, Desenho Mecânico, Secretariado, Corte e Costura, Computação, Teatro, Eletricidade. Eram atividades cotidianas da escola o ciclo de cinema e política, cursos de prevenção de incêndio, concurso de desenhos, ciclos de palestras, teatro popular, visitas a museus. A segunda diretora do COPI foi a professora

Maria Evani Souza de Moraes que dirigiu a escola entre 1961 até 1982. Já a vice-diretora era a professora Sidnei que ainda continua atuando na escola.

No início da década de 80, o COPI mudaria de nome: passou a chamar-se Escola Municipal de Ensino Supletivo de São Caetano do Sul. Em 1985, sob direção do terceiro diretor, o professor Schimizu Sizuma que dirigiria a escola entre 1983 e 1992, é implantado o Supletivo de Segundo Grau que começou com apenas 90 alunos. Em 1986, é implantado o curso de mecânica para mulheres, algo inédito no Brasil.

Chegando a década de 90, mais precisamente em 1996, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo transferiu para o Município a responsabilidade do funcionamento dos cursos de suplência. O COPI assumiu a tarefa imposta e para atender a demanda foi obrigado a desmembrar-se em quatro unidades, sendo elas: Copi localizado na Estrada das Lágrimas, 515; EEPG Senador Roberto Simonsen na Estrada das Lágrimas, 1630, bairro Mauá; EEPG Professor Ângelo Vaquero na Avenida Conselheiro Antônio Prado, 305, Centro, e Eepsg Matheus Constantino na Rua Lisboa, 399, bairro Oswaldo Cruz. Nesse mesmo ano, o quarto diretor do COPI, Mauro Sérgio Juarez Cáceres, que dirigiu a escola entre 1992 até 1996, conseguiu a autorização para funcionamento do curso de Suplência I (1ª a 4ª séries). Ao final da década de 90, sob a atual direção assumida em 1997, pela professora Maria Teresinha Dario Fiorotti, o COPI esbanja qualidade. Mantém um corpo docente onde pelo menos 20% possui pós-graduação, os alunos brilham nos mais variados setores de atividade humana, são atletas profissionais, modelos, pequenos empresários, religiosos, funcionários públicos. Os funcionários da escola são profissionais qualificados e disputados pelo mercado. Em 1998, o COPI foi homenageado pela prefeitura

como a melhor Diretoria de Educação do ano, fato inédito em sua história. Nesse mesmo ano, exatos 50 alunos de um total de 120 formandos do 3º colegial, iniciaram suas carreiras em várias universidades de São Paulo. Foi uma marca também histórica, mais de 40% de aprovação para o ensino superior. Todo o Curso de Supletivo do COPI é orientado por apostilas que servem como termômetros mais sensíveis para que se possa avaliar a resposta ao trabalho em conjunto de ensino e pesquisa, assim como as conseqüências de todo o esforço na construção do processo educativo de interesse social e participativo. A proposta curricular tem um caráter informativo e sua infra-estrutura temática também procura incentivar alunos e professores a pensar melhor sobre atributos e problemas de seus pais, nacional e regionalmente. Apostilas bem elaboradas, organizadas e redigidas são utilizadas no estabelecimento para satisfazer as exigências do trabalho de ensinar e aprender.

Agora o COPI está numa nova etapa de sua história. A escola funcionou durante 18 anos no bairro Santo Antônio, depois mais 22 anos na Vila São José e agora instalou-se na rua Lisboa, 399, na antiga Eepsg Matheus Constantino, no bairro Oswaldo Cruz.

O prédio foi totalmente reformado para receber os alunos e sem dúvida já é um dos mais belos prédios de educação da cidade, contando inclusive com o único teatro de arena de São Caetano do Sul. Instalações modernas para os modernos tempos que estão aí. Nesses 40 anos o COPI não fez outra coisa a não ser inovar, mantendo a vanguarda e a qualidade de ensino que com certeza vão continuar por muitos anos.

() José Odair da Silva é Mestre em História*

Uma jornada gloriosa de um jovem atleta do basquetebol

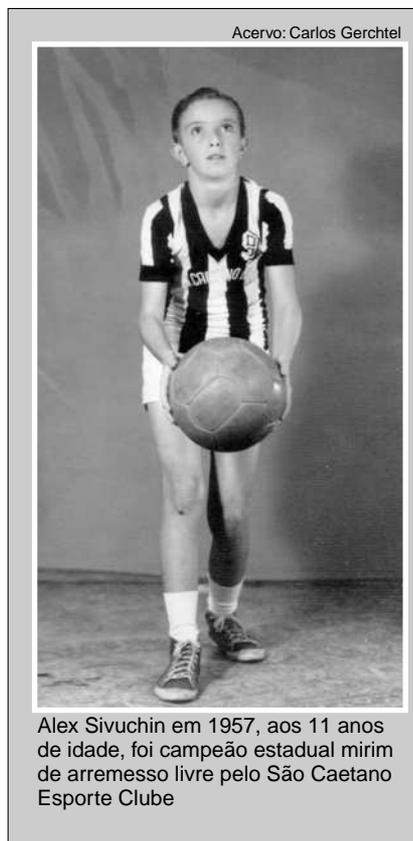
Carlos GERCHTEL(*)

Ao folhear um jornal local, conforme é o meu costume, de repente me deparo com uma notícia desagradável, através da seguinte manchete: *São Caetano perde um grande atleta do passado. Faleceu Alex Sivuchin, o lépido, inteligente, competente jogador de bola ao cesto, uma das maiores revelações dos anos 60; despontando como tantos outros, pelas mãos de José Crivellaro, o descobridor de talentos; apareceu com destaque nas equipes menores do São Caetano Esporte Clube, tendo jogado com muita personalidade nas categorias, mirim, infantil juvenil e adulto.*

Bastante chocado com a notícia, mal podia acreditar no acontecido. Então meu pensamento se voltou para muitos anos atrás e passei a relembrar um fato que marcou profundamente a minha vida como esportista. Assim, essa lembrança por ser um fato relevante, sempre que tenho a oportunidade de comentá-lo, cito como exemplo, uma lição que jamais deve ser esquecida.

COMPETIÇÃO - Havia naquela ocasião uma competição anual entre dois tradicionais colégios de São Caetano do Sul, Instituto de Ensino e o Colégio Bonifácio de Carvalho, que foi denominada *Insti-Esta*.

De um modo geral, na modalidade bola-ao-cesto, o Bonifácio de Carvalho sempre levava a melhor, pois, possuindo uma equipe com os melhores jogadores da cidade, não tinha a menor dificuldade em vencer as contendidas. Não havia como o



Alex Sivuchin em 1957, aos 11 anos de idade, foi campeão estadual mirim de arremesso livre pelo São Caetano Esporte Clube

Instituto vencer. A parada era duríssima e as chances de vitória, remotíssimas.

Mas a rivalidade já existia em grande escala e o desmedido sonho era um dia o imbatível *Bonifácio* cair derrotado nesta modalidade, pelo *Instituto*. Chegaria este dia?

Para o tão aguardado jogo, fui convidado para dirigir a equipe do Instituto, que não era a favorita, apesar de possuir um grupo razoavelmente bom e poderia jogar de igual para igual, com o fortíssimo adversário, isto porque, figurava nela, além de outros bons jogadores, Alex, que na época já estava se sobressaindo como uma promessa.

Seria nesta partida, a quebra do tabu? Seria esta, finalmente, a vez do Instituto? Haveria surpresa no resultado?

Jogo iniciado; a quadra inteiramente tomada; torcida entusiasmada, nervosismo à flor da pele; expectativa fora do normal; jogo renhido e equilibrado; nada indicava um vencedor evidente; poderia ser tanto um, como o outro colégio. Porém, uma decepção à vista de todos: Alex não estava jogando bem, não estava de acordo com as suas possibilidades. Queria decidir a partida sozinho; estava errando em demasia e, com isto, irritando os seus companheiros.

O que estaria acontecendo com este promissor menino? Por que não estava reeditando suas grandes apresentações? Qual seria o verdadeiro motivo dos seus exageros, da ansiedade em mostrar aquilo que normalmente fazia facilmente?

Vim a saber, mais tarde, que sua namorada estava assistindo à partida e ele, desejando impressioná-la, adotou aquela maneira de jogar, mal sabendo, de como estava se prejudicando, além de causar transtornos para os demais.

Não tive alternativa: fui obrigado a substituí-lo e mantê-lo no banco de reservas comigo pelo resto do primeiro tempo. Ao tirá-lo, notei um ar de desânimo, de abatimento, de frustração. Percebendo esse seu estado de espírito, aproveitei para dizer o seguinte: *Você agora irá ficar ao meu lado, para meditar sobre os erros cometidos, verificar o motivo da sua péssima atuação, avaliar a sua conduta e da mesma*

Acervo: Carlos Gerchtel



Equipe de basquete do Instituto de Ensino de São Caetano, na quadra do Bonifácio de Carvalho. Da esquerda para direita, em cima: Carlos Gerchtel, Fontana, Paulo Agrella, Sidnei Colleone, (?), José João Dario. Agachados: Bonifácio de Carvalho, Alex Teodoro Sivuchin, Paquito, João Lopes, João Genga e Dacio Orlando

forma, readquirir seu autocontrole, pois, você estava jogando afobado demais. Comentava os lances com ele; alertava-o para determinadas jogadas e procurava transmitir-lhe a tranqüilidade necessária.

Primeiro tempo encerrado. Contagem apertada. O jogo continuava equilibrado. Naquele instante, ainda não era possível indicar-se o vencedor.

Durante o intervalo, reparei a sua aflição em retornar e observei isso no seu jeito de olhar: quase uma súplica. Era como se ele estivesse me implorando para voltar ao jogo.

Com toda a sinceridade, a intenção era fazê-lo retornar rapidamente, porquanto continuava sendo o meu maior trunfo para a vitória final, continuava sendo o fiel da balança, a esperança daqueles que ainda acreditavam na sua reação.

Ao colocá-la no reinício da partida, apenas solicitei-lhe que jogasse com a equipe e para a equipe, em conjunto, não individualmente, que pusesse na sua mente, que um só jogador, não teria condições de resolver; que jogasse como ele sabia, que já era mais do que suficiente. Como eu estava enganado!

Não há palavras para exprimir o

que ocorreu, o que foi visto no segundo período; não há como descrever a fantástica transformação daquele menino; o que ele fez no segundo tempo; como ele jogou, *estrapalhou*, brilhou, acabou com o jogo. Enfim, sobre o seu comportamento, uma vez que estava presente, pois era o técnico, o orientador, o dirigente, o fã, o torcedor. Portanto tive o prazer de ver uma atuação fora do comum, excepcional, a tal ponto que levou a maioria ao delírio, agitando de tal modo, que até a torcida adversária, passou a aplaudi-lo incessantemente. Posso dizer, foram momentos indescritíveis, memoráveis, inenarráveis, magistrais.

Os jogadores do *Bonifácio* ficaram aparalhados, aturdidos, estáticos, completamente dominados, totalmente entregues, sem o mínimo poder de reação; verdadeiros autômatos, não acreditando no que estava se passando.

Outra surpresa estava reservada, para abalar mais minhas emoções.

Ao terminar a partida, na confusão geral, fugindo das comemorações, das badalações, dos cumprimentos, o pequeno grande herói fez questão de vir a mim para me abra-

çar e festejar comigo a vitória; na sua alegria, na sua humildade, no seu jeito peculiar disse: *muito obrigado pelo que você fez por mim*. Imaginem, o grande herói do dia, agradecendo-me por aquilo que eu tinha obrigação de fazer, que eu precisava fazer, porque ele realmente provou ser o melhor, sabendo como agir nos momentos decisivos; se superando, como nenhum outro seria capaz nas circunstâncias; mostrando que de fato, era um craque, um espetacular e sensacional craque. Só necessitou de um chacoalhão no momento exato.

O Instituto afinal, tornara-se o afortunado ganhador, quebrando o tabu, ao derrotar o rival, graças à proeza.

Todos aqueles que participaram direta ou indiretamente, daquele inesquecível evento por certo, jamais se esquecerão do exuberante desempenho de Alex, menino franzino, na compleição física, contudo, um gigante na habilidade de jogar basquetebol.

Finalizando gostaria de acrescentar um fato importante. *A namoradinha presente naquela jornada de enorme felicidade, tornou-se posteriormente a esposa de Alex, o que vem comprovar claramente este relato - ela ter sido o motivo principal, a musa inspiradora, a razão da sua atitude. Na verdade, naquele dia, Alex jogou especialmente para ela, para a menina dos seus sonhos, para o amor da sua vida, para a sua primeira namorada. Não irei dizer adeus, direi apenas: Até a vista Alex! Que Deus o tenha em um ótimo lugar!*

(*)Carlos Gerchtel, foi professor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul e do CIM Alcina Dantas Feijão

Desaparecimento dos campos de várzea não diminuiu o aparecimento de craques

Narciso FERRARI(*)

A cidade de São Caetano do Sul foi um celeiro de jogadores de futebol e continua sendo, embora o crescimento desenfreado tenha feito desaparecer os campos de várzea que faziam com que acontecessem aos domingos os principais eventos da cidade. Vários futebolistas saíram daqui para seguir carreira nas equipes de prestígio do interior paulista, nas principais equipes da capital de São Paulo e alguns até em equipes da Europa, Ásia e América do Norte.

Na década de 30, o futebol no Brasil era um esporte relativamente novo, porém, seus adeptos e aficionados cresciam tanto que em muitas localidades sua apreciação e prática beirava a unanimidade. Até então, em São Caetano, apenas o São Caetano Esporte Clube conseguia revelar jogadores, pois a cidade não possuía outros times com a sua estrutura. Assim os bons jogadores da cidade que não jogavam nesse clube ficavam invariavelmente alheios aos



O jogador Francisco Gonçalves saiu de São Caetano para jogar no Nacional. Nesta foto, ele aparece no antigo bar dos Autonomistas, na esquina da Rua Conde Francisco Matarazzo com a rua João Pessoa

observadores dos centros esportivos. A partir daí, com melhor organização, times como Cerâmica, Monte Alegre e outros, também começaram a revelar bons jogadores e alguns deles saíram desses times para clubes de centros maiores, como demonstrado abaixo.

Além de jogadores, tivemos muitos técnicos de futebol, como José Fiorotti, que foi dirigir o Sport Reci-

fe e a seleção pernambucana; Francisco Marinotti, que dirigiu o São Caetano Esporte Clube e classificou-o para o quadrangular final, em três oportunidades; Reinaldo Zamaí, dirigindo o São Caetano Esporte Clube e o Cerâmica São Caetano Futebol Clube; Antônio Carlos Fedatto, dirigiu o Palmeiras e posteriormente foi para a Arábia; Eugênio Bérghamo e Fernando Paolillo (Landola), percorreram o interior de São Paulo em vários clubes e, finalmente Aurélio Loureiro Bastos, que dirigiu o Saad Esporte Clube, e conseguiu disputar o quadrangular final de Acesso em 1973, somente perdendo a oportunidade de ascender à Divisão Especial (Série A-1 da época) por perder do Marília A. C. por um gol a zero, no Parque Antarctica.

Quanto aos dirigentes a cidade ofereceu Joseph Fuchs, que foi diretor esportivo (hoje seria vice-presidente de Futebol), do Corinthians, quando este se sagrou campeão em 1954; Felipe Freitas, ocupou o mesmo cargo na Portuguesa de Desportos e ambos saíram do São Caetano Esporte Clube.

Embora não fosse vinculado a nenhum clube esportivo e sim ao Clube Comercial, Humberto Gregnanin ocupou o mesmo cargo na Sociedade Esportiva Palmeiras, entretanto ele comparecia ao São Caetano Esporte Clube todos os domingos para cantar com a orquestra do Batista nas costumeiras domingueiras dançantes.

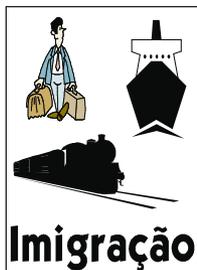
(*)Narciso Ferrari, contador, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube



Em 1972, dois jogadores que iniciaram a carreira em São Caetano do Sul, Luiz Pereira e Fedato, participavam da equipe titular da Sociedade Esportiva Palmeiras. Em pé, da esquerda para direita: Eurico, Leão, Luiz Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca. Agachados: Edu, Fedato, Leivinha, Ademir da Guia e Nei

NOME OU APELIDO	POSIÇÃO	CLUBE DE ORIGEM	CLUBE DE DESTINO	OBSERVAÇÃO
José Fiorotti	Zagueiro	São Caetano Esporte Clube	Portuguesa/São Paulo	Seleção Paulista
Capuano	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Santos Futebol Clube	Divisão Principal
Francisco Marinotti	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Palmeiras/Ipiranga/Juventus	Divisão Principal
Albino Martorelli	Meio-Campo	São Caetano Esporte Clube	Pernambuco	Divisão Principal
Osvaldo Albenzio - Vado	Goleiro	C. A. Monte Alegre	Guarani de Campinas	Campeão Interior
Bezouro	Atacante	C. A. Monte Alegre	Corinthians	Aspirante
Manjuba	Goleiro	Monte Verde - Teuto	Palmeiras	Aspirante
José Riera	Atacante	Cruzada Esporte	C.A.Ipiranga/Cerâmica	Aspirante
Antônio Braz (Bobeira)	Atacante	Lazio	C.A.Ipiranga	Aspirante
Eduardo Lucas (Sulão)	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Corinthians	Aspirante
Mário de Sordi (Chipiú)	Goleiro	Lazio	Nacional da Capital	Aspirante
Reinaldo Zamai	Meio-Campo	Cruzada Esporte	C.A.Ipiranga/Portuguesa	Divisão Principal
Radamés Nobile (Fifiú)	Atacante	Corinthinha	Portuguesa Santista	Divisão Principal
Miguel Negro Neto (Guegué)	Meio-Campo	Corinthinha	Santos Futebol Clube	Divisão Principal
Valentino Chies	Goleiro	General Motors E. C.	Ipiranga/Corinth./Nacional	Divisão Principal
Sergio Lorenzini	Meio-Campo	Cruzada Esporte	Clube Atlético Ipiranga	Divisão principal
Dionizio Sturaro	Atacante	Cruzada Esporte	Cerâmica/Juventus da Capital	Divisão Principal
Natalino Borsari	Atacante	Atlético Vila Alpina	Portuguesa/Nacional Capital	Aspirante
Alexandre Orasmo (Balila)	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Portuguesa Santista	Divisão Principal
Antônio Carlos Fedatto	Atacante	Cerâmica/S. Caetano F. C.	Palmeiras	Divisão Principal
Sidney	Zagueiro	São Caetano Esporte Clube	Leixões (Portugal)	Exterior
Luiz Pereira	Zagueiro	General Motors E. C.	S.Bento/Palmeiras/At. Madri	Exterior
Freitas	Atacante	América do Sul F. C.	Palmeiras	Divisão Principal
Landola	Zagueiro	América do Sul F. C.	São Paulo/Ferrovária	Divisão Principal
Vilmar	Atacante	C. A. Ipiranguinha	Prudentina	Divisão Principal
Pedrina	Atacante	C.A. California	São Bento/Sorocaba	Divisão Principal
Armando	Meio-Campo	São Caetano Esporte Clube	Portuguesa Santista	Divisão Principal
Valter Marciano Queiroz	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Ipiranga/Santos/Vasco/	Valencia Exterior
Elzo Lazuri	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Ipiranga/Palmeiras	Divisão Principal
Marcio Della Maggiora	Meio-Campo	Atlético Vila Alpina	Portuguesa/Botafogo	Divisão Principal
Vitor	Goleiro	E. C. Vila Bela	São Caetano E. C./Palmeiras	Divisão Principal
Gonçalves 1º	Zagueiro	Vila Prosperidade F. C.	C. Atlético Ipiranga	Divisão Principal
Francisco Gonçalves	Meio-Campo	Vila Prosperidade F. C.	Nacional/São Bento/ Corinthians	Oper. M. Grosso
Nilo	Meio-Campo	São Caetano Esporte Clube	XV de Piracicaba	Divisão Principal
José Carlos Molina	Goleiro	São José Futebol Clube	Portuguesa/Nacional/S. André	Divisão Principal
Nelson A. Oliveira (Titaco)	Atacante	América do Sul F. Clube	Portugal	Exterior
Canhotinho	Meio-Campo	Corinthinha	EUA	Exterior
Crush	Atacante	Atlético Vila Alpina	EUA/Canadá	Exterior
Arenghi	Zagueiro	S.Thiene Futebol Salão	Portuguesa/Londrina	Divisão Principal
Goes	Zagueiro	Saad Esporte Clube	Corinthians/ Guarani de Campinas	Divisão Principal
Rui Ramos	Atacante	Saad Esporte Clube	Verdy Kawasaki (Japão)	Exterior
Ailton Francisco Dias	Atacante	São Caetano E. C. (Fut.Salão)	São Paulo/ Internacional de Porto Alegre	Divisão Principal
Benê	Atacante	Flamengo - V.S.José	Corinthians	Divisão Principal
Pedro Bernardi (Mosquito)	Atacante	Swing Clube	Palmeiras/Juventus	Divisão Principal
Rubens de Almeida	Meio-Campo	São Caetano Esporte Clube	Comercial da Capital	Divisão Principal
Feijão	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Noroeste de Bauru	Campeão Interior
Olegário	Meio-Campo	São Caetano Esporte Clube	Radium de Mococa	Campeão Interior
Nivaldo V. Timpani	Meio-Campo	Corinthinha	Corinthians	Aspirante
Luiz Munari	Atacante	São Caetano Esporte Clube	Portuguesa de Desportes	Aspirante
Gomes	Zagueiro	Saad Esporte Clube	Guarani/Coritiba	Divisão Principal
Rinaldo Martorelli	Goleiro	General Motors E. Clube	Palmeiras	Divisão Principal

Depoimentos de imigrantes ressaltam o valor e a coragem desses heróis anônimos



Yolanda
ASCENCIO(*)

A história de uma comunidade é sempre marcada por uma série de

acontecimentos individuais, mas que na somatória constrói-se o todo. Afinal, o tecido social é o principal responsável pelo corpo de uma nação. No caso do Brasil, é no Município que se desenrolam essas epopéias de pessoas vindas de todos os cantos do mundo, construindo e reconstruindo aqui a unidade nacional. Em São Caetano não poderia ser diferente, assim, resultado da chegada de imigrantes, são inúmeras as histórias de pessoas com costumes, ideais e culturas que graças ao seu esforço contribuíram para o engrandecimento da cidade. Nesta edição são mais cinco depoimentos, dois de imigrantes espanhóis, dois de italianos e um lituano revelam a coragem desses heróis anônimos.

Em 1895, a bordo de um navio espanhol, vieram para o Brasil, como imigrantes, Henrique Garcia Luques e a esposa Antonia Gomes. Procedentes de Málaga, Espanha, o jovem casal trazia consigo uma pequena filha, Clara, que faleceu durante a viagem, sendo o corpo lançado ao mar. Chegando a São Paulo, o casal de imigrantes passou a morar num cortiço, na rua Caetano Pinto, Bairro do Brás.

Henrique, embora alcoólatra, era um excelente sapateiro e mantinha a família, fazendo calçados para senhoras e crianças, por encomendas,



para diversas lojas da cidade. A mulher, Antonia, fazia linguiça para vender na vizinhança.

Logo, os filhos foram chegando. Assim, no dia 4 de outubro de 1898, nascia a primeira filha brasileira do casal: Antonietta. Depois dela, vieram Henrique, Francisca, Josefa e uma segunda Clara.

Em 1910, com apenas 12 anos de idade, Antonietta já trabalhava, como empregada doméstica. Gostava muito de frequentar as festinhas do bairro, onde se divertia, cantando tangos, dançando e tocando castanholas. Numa festa de casamento, já com 13 anos de idade, Antonietta conheceu o jovem soldado Gumercindo de Castro Perroni Filho, que era barbeiro do Comandante Geral do 2º Batalhão da Avenida Tiradentes. Antonietta e Gumercindo enamoraram-se e, contrariando todas as tradições da família e da época, a jovem engravidou.

Como o soldado se recusava a casar com ela, Antonietta, em companhia da mãe, foi procurar o Comandante. Este se propôs a manter Gumercindo, sob vigilância, até o nascimento da criança.

No dia 9 de julho de 1913, nasceu Henrique, filho de Antonietta e Gumercindo. Comprovada a paternidade, Gumercindo, por ordem do Comandante, casou-se com Antonietta, no cartório civil que, segundo ela, se localizava ao lado do cortiço, onde sua família morava. Gumercindo casou-se, recusando-se, porém, a constituir família.

Assim, repudiada também pelo pai, que não aceitava o neto, a jovem Antonietta, morando em casa de quem a acolhesse com o filho, trabalhava incansavelmente para o sustento de ambos.

Com muita luta, mas sem esmorecimento, Antonietta viu seu filho crescer. Embora não convivendo com o pai, Henrique também se decidiu pela carreira militar, ingressando na Guarda Civil. No bairro do Canindé, Henrique conheceu Laurinda, com quem se casou.

Foi, então, que a jovem mãe e o filho, já casado, vieram para São Caetano, em 1934, passando a residir na rua Maranhão, 726. Enquanto o filho prosseguia na carreira militar, Antonietta continuava a trabalhar, fazendo flores, vendendo perfumes.

Com tanto trabalho, conseguiu montar uma pequena loja de armários, na rua São Paulo. No mesmo local, Antonietta criou e conduziu, com muito sucesso, durante 33 anos, o conhecido *Hospital das Bonecas*.

Atualmente, dona Antonietta

Garcia Boscolo, já com 101 anos de idade, vive de recordações. Declara ter sido muito feliz em seu segundo casamento com Napoleão Boscolo, também já falecido. Continua morando só, na mesma casa da rua Maranhão, 726, fundos.

CLAUDIA AMALIA SPERTINI PIOTTO - Nascida na cidade de Como, Itália, no dia 12 de outubro de 1912, filha do pintor Joaquim Spertini e da decoradora Giacinta Lucrécia Monteggia teve desde o início da vida inúmeras dificuldades. Seu pai faleceu logo após o nascimento da pequena Claudia, obrigando dona Giacinta a vir para o Brasil, em 1915, chamada por José Alexandre Rossetti, ex-namorado, que havia imigrado, em fins do século passado.

José Alexandre Rossetti, que se instalara em São Caetano com os primeiros imigrantes, recebeu, com alegria, a chegada de Giacinta, com quem se casou, aceitando a menina Claudia, como sua verdadeira filha. Matriculou-a no Colégio Santa



Acervo: Família Piotto

Chegada da Itália a Santos, em 14 de Novembro de 1928. Da esquerda para a direita: Claudia, Brasílio, Ângelo Raphael Pellegrino e patricios italianos

Inês, em São Paulo, um dos melhores colégios da época. Em 1920, nascia o único filho do casal, Brasílio Rossetti.

Quatro anos depois, quando Claudia tinha 12 anos de idade, dona Giacinta faleceu e, a seu pedido, José Alexandre Rossetti enviou as duas crianças para a Itália, onde ficaram aos cuidados da avó, senhora Amália Monteggia.

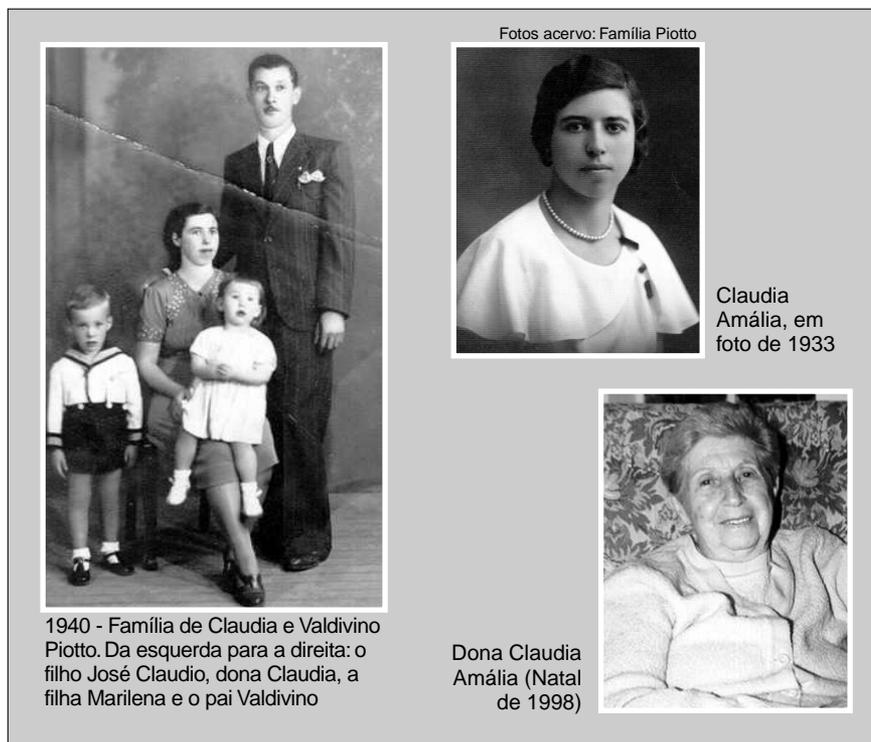
Permanecendo no Brasil, mais precisamente, em São Caetano, o José Alexandre Rossetti mantinha os filhos na Itália e se dedicava, inteiramente, ao trabalho. Foi o primeiro engenheiro químico industrial da Cerâmica São Caetano, onde fez a primeira mistura para a produção de ladrilhos e azulejos.

Em sociedade com Ângelo Raphael Pellegrino, união produtiva que durou 40 anos, Rossetti foi proprietário da Cerâmica São Caetano, Cerâmica Ita Brasil, da Cerâmica Mauá, possuindo também campos de extração de caulim em Santo Amaro.

Em 1934, quando Amália Monteggia faleceu, Claudia e seu irmão Brasílio deixaram a Itália e voltaram para a companhia do pai, em São Caetano. Dois anos após, Claudia casou-se com Valdivino Piotto, funcionário da Cerâmica Ita Brasil, onde trabalhou até aposentar-se.

Após o casamento, Claudia e Valdivino Piotto moraram, durante dois anos, na Rua Espírito Santo e, atualmente, há já 60 anos, residem na rua Joaquim Nabuco 325. Tiveram dois filhos: Marilena e José Claudio que lhes deram quatro netos.

Todos os membros da família Piotto recordam, com muita grati-



Fotos acervo: Família Piotto

Claudia Amália, em foto de 1933

Dona Claudia Amália (Natal de 1998)

1940 - Família de Claudia e Valdivino Piotto. Da esquerda para a direita: o filho José Claudio, dona Claudia, a filha Marilena e o pai Valdivino

dão, a pessoa de José Alexandre Rossetti, que faleceu com 87 anos de idade, legando-lhes, além de seu patrimônio, um grande exemplo de vida e de trabalho.

FRANCO BIONDI - Nascido na cidade de Adria, Itália, no dia 8 de maio de 1937, teve como pais Valentino Biondi, natural da Toscana, e Amabile Beltrame, de nacionalidade brasileira. Seu pai era militar e prestava serviço, como enfermeiro durante a Primeira Guerra Mundial. Assim, Valentino e Amabile, por causa da guerra, casaram-se por procuração, em 1918. Tiveram oito filhos.

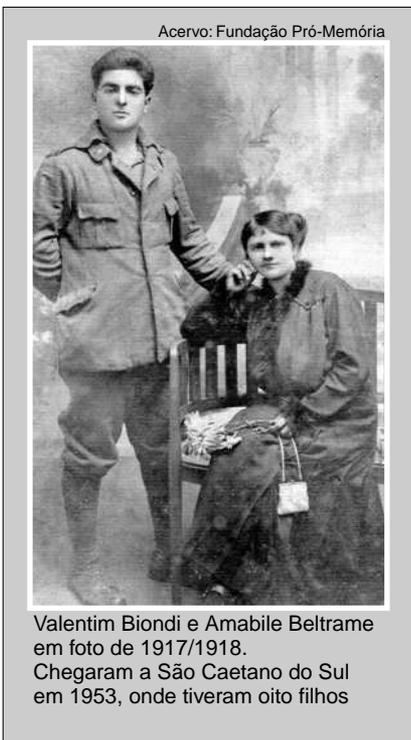
Em 1952, Valentino Biondi e os filhos imigraram para o Brasil. No entanto, dona Amabile, por ser brasileira, não pôde acompanhar a família, permanecendo, na Itália, por mais seis meses. Após uma longa e difícil viagem de navio, a família chegou a São Paulo, instalando-se numa fazenda, em Santa Cruz do Rio Pardo.

Segundo depoimento de Franco Biondi, nessa fazenda, eles eram tratados como escravos. Além da dificuldade da língua, eram obrigados a trabalhar demais, comiam apenas polenta em todas as refeições e dormiam pouco.

Após um ano de permanência em Santa Cruz do Rio Pardo, conseguiram fugir. Foi, então, que, em 1953, a família Biondi chegou a São Caetano do Sul, onde foi acolhida primeiramente, pela família Zanon. Pouco depois, passaram a residir na rua Castro Alves.

Em 1956, o senhor Franco Biondi conheceu Maria Neide Bozio, com quem se casou no dia 6 de junho de 1959, na Matriz Sagrada Família. Desse casamento, nasceram quatro filhos: Elizabete, Luiz Roberto, Geancarlo e Gianfranco.

Já em 1958, Franco, em sociedade com um dos irmãos, comprou um



bar na Vila São José, mais precisamente, na rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 1342.

Dois anos depois, Franco Biondi começou a trabalhar na Firestone, onde permaneceu durante 36 anos. Ingressou na empresa, como ajustador mecânico, chegando a ocupar postos de chefia. Atualmente, já aposentado, ele reside na travessa Panati, 26 e recorda, comovido, sua história, sendo muito grato a São Caetano do Sul que tão bem o acolheu.

MARIANA CAPARRÓS GUEVARA - Nasceu em Almagem, província de Málaga, Espanha, no dia 4 de fevereiro de 1907. Enquanto a mãe, Antonia Salguero Gomes, cuidava da casa e dos filhos, o pai, Juan Morales Romero, trabalhava no campo e, para complementar o orçamento da família, prestava serviço extra, como padeiro.

Filha mais velha, Mariana gostava muito de estudar, mas cada vez que a matriculavam na escola do governo, segundo ela, chegava um be-

bê em casa e era obrigada a deixar os estudos para cuidar do novo irmãozinho. Assim, o pouco que aprendeu, Mariana declara dever à mãe, dona Antonia, que sabia ler e escrever muito bem.

Um dia, a família foi atingida por um duro golpe: a casa ficava junto à linha do trem que atropelou e matou um dos meninos menores. Resultado da tragédia, dona Antonia ficou traumatizada, não podendo ouvir o apito do trem sem sofrer demais. Nesse tempo, Juan teve notícias boas sobre a imigração para o Brasil e decidiu partir.

Em 1925, quando Mariana tinha 18 anos, a família (pai, mãe e seis filhos) chegava ao Porto de Santos, sendo encaminhada para o centro de imigrações. Tudo foi feito, para que a família fosse para o campo, mas Mariana implorava ao pai que ficasse na cidade. Seu pedido foi atendido e se instalaram na Capital, onde alugaram uma pequena casa, na rua Caetano Pinto.

Mariana trabalhava numa fábrica de tecidos, enquanto o pai prestava serviços no Prédio Martinelli e, como sempre, complementava o orçamento, trabalhando em padarias e, à noite, cuidando de animais.

Após um ano de muita luta, o pai de Mariana conseguiu comprar um



Acervo: Marta Kunigonis



Foto de passaporte, quando vieram da Lituânia em 1927. Da esquerda para direita, em baixo: Marta, Augusta e Eduardo. Em cima: Jorge, Adolfo e Augusto (gêmeos)

pequeno terreno, em São Caetano, na rua Marechal Deodoro. Aí, com a ajuda dos amigos, construíram uma pequena casa, para a qual se mudaram, em 1926.

Nos primeiros tempos, Mariana e o pai levantavam-se às cinco horas para tomar o trem, pois continuavam a trabalhar em São Paulo. Foi numa dessas viagens, que Mariana, já com 20 anos, conheceu o jovem Antonio Caparrós Guevara, de quem se enamorou. De acordo com dona Mariana, o jovem Antonio viajava lendo o tempo todo e por isso, segundo ela, demorou para descobrir sua presença.

Em busca de melhores chances, Mariana conseguiu um emprego no Lanifício São Paulo, em São Caetano. Assim, as viagens de trem terminaram, mas o namoro continuou até o dia 3 de agosto de 1929, quando Mariana e Antonio se casaram. Até conseguirem sua casa própria, o que não demorou muito, moraram na rua São Paulo, na casa dos pais de Antonio.

Inteligente e trabalhador, Antonio Caparrós Guevara resolveu dedicar-se ao ramo de calçados. Com a ajuda da esposa Mariana, que pespontava chinelos e sapatos em casa, o negócio foi prosperando e Antonio, em

pouco tempo tornou-se um empresário respeitável.

O casal teve quatro filhos: Flora, Lila, Arlindo e Luci. Hoje, dona Mariana Caparrós Guevara, já com 93 anos de idade, mora só, em seu apartamento. Ela diz que não quer morar com os filhos que a cercam de todos os cuidados. Recorda, com muita saudade, o marido, falecido em 1993. Confessa, emocionada, que ama o Brasil, onde sempre foi muito feliz. Orgulha-se em dizer que seus 10 netos e 11 bisnetos são brasileiros, nascidos em São Caetano do Sul.

MARTA KUNIGONIS - A história de Marta começa numa pequena al-

deia da Lituânia, onde em 1910, casaram-se Ionas Mockaitis e Augusta. O casal passou a morar num sítio, onde plantavam frutas e verduras. Ionas tinha também um cavalo, um boi e uma vaca. Com a venda de mel e manteiga, o casal conseguia comprar alimentos que não podiam produzir.

Em 1914, já com dois filhos, João e Jorge, Ionas Mockaitis partiu para lutar na Primeira Grande Guerra, deixando a mulher grávida. Com o marido na guerra, a senhora Augusta deu à luz a Augusto e Adolfo, gêmeos. Completamente só, ela tinha que cuidar do sítio e dos quatro filhos. Não bastasse isso e a jovem mãe era, muitas vezes, obrigada a receber, em sua casa, os soldados russos e alemães. Nessas ocasiões, escondia as crianças no porão, a fim de protegê-las. Conversava com os soldados, em russo e em alemão e, caso pedissem comida, servia-lhes o que podia: batatas com leite azedo.

Com o final da guerra, em 1918, o Ionas voltou para a família. Passado quase um ano, no dia 14 de março de 1919, nascia a única filha mulher do casal: Marta. Dois anos depois, chegou o filho caçula: Eduardo.

Acervo: Marta Kunigonis



À direita, Antanas Kunigonis como motorista de ônibus

Entusiasmado com a propaganda que se fazia sobre a imigração para o Brasil, Ionas Mockaitis embarcou, com a esposa e seis filhos, no navio espanhol *Serra Morena*, em 1927.

Chegando em Santos, a família Mockaitis foi encaminhada para a fazenda Junqueira, em Minas Gerais. Lá permaneceram, durante oito meses, trabalhando na plantação de cana de açúcar. Em seguida, foram para uma fazenda de café, em Ribeirão Preto, onde também permaneceram por pouco tempo.

Em 1930, a família veio para São Paulo, instalando-se na rua Lavapés, no bairro do Cambuci. Enquanto o pai e o filho mais velho trabalhavam na Antártica, dona Augusta prestava serviços à Armour. Logo, porém, mudaram-se para o Paraná, como colonos da Fazenda União.

Três anos mais tarde, em 1933, a família voltou para São Paulo, passando a morar na Ponte Pequena, onde havia muitos lituanos. Foi então, que Ionas resolveu voltar, sem a família, para a Lituânia, a fim de vender a propriedade lá deixada. Porém, durante sua permanência na Lituânia, veio a fale-

cer, num acidente. Assim, a família perdeu os bens que ficaram na Lituânia.

Já em 1935, a senhora Augusta Mockaitis conseguiu comprar um terreno e construir uma casa no bairro de Vila Bela, próximo a São Paulo. Aí também, moravam muitos lituanos. Para ajudar a família, a jovem Marta trabalhava, como empregada doméstica. Depois, aprendeu a costurar e começou a trabalhar numa oficina de confecção. Finalmente, passou a costurar em casa.

Passados 12 anos, já em 1947, Marta Mockaitis casou-se com Antanas Kunigonis, também imi-

grante lituano. Em 1948, nasceu a única filha do casal: Marta Sandra.

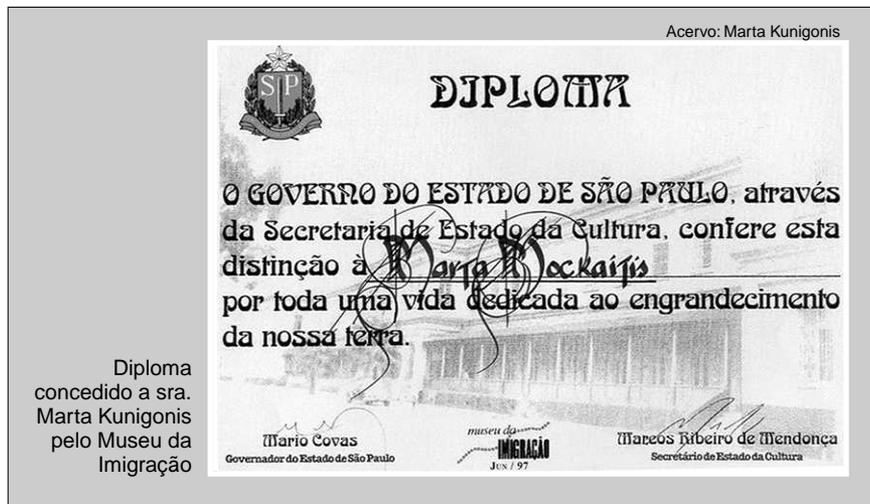
No ano de 1954, Antanas Kunigonis veio, com a família, para São Caetano do Sul. Compraram uma casa na rua Benjamim Constant, 135 no Bairro Barcelona. Antanas trabalhava como motorista de ônibus e a esposa Marta, como costureira. Passados 20 anos, já em 1974, Antanas faleceu e Marta continuou morando com a filha, na mesma casa.

Atualmente, dona Marta Kunigonis, já aposentada como costureira, reside no mesmo local, onde cuida dos bisnetos e declara gostar muito de viver.

Luterana por tradição familiar, orgulha-se por conseguir expressar-se em sete idiomas: Português, Lituano, Russo, Alemão, Inglês, Italiano e Castelhana.

Faz questão de registrar que adora São Caetano do Sul.

(*) *Yolanda Ascencio, professora de Português e Inglês, advogada, escritora. Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*



Diploma concedido a sra. Marta Kunigonis pelo Museu da Imigração



Marta Sandra Kunigonis, carregando a terceira bandeira no desfile do Colégio Bonifácio de Carvalho, ano de 1960

Isola Maria Marques Teani.

Trinta e sete anos de Magistério



A pesar de muitos historiadores afirmarem que a memória é sempre masculina, uma vez que as mulheres na maioria

das vezes foram deixadas em compartimento à parte, surgindo às vezes como sombras esmaecidas, em São Caetano várias mulheres, com muito esforço, dedicação e fé inquebrantável conseguiram vencer, deixando suas histórias como exemplo vivo de perseverança. Filha de Ilídio Marques e Ida Negrelli, Isola Maria Marques Teani nasceu no dia 6 de maio de 1939, em São Caetano do Sul, na rua Rio Grande do Sul, 41, onde, segundo ela, hoje se situam um estacionamento e um banco.

Seu pai nasceu no dia 28 de setembro de 1903, em Portugal, numa aldeia chamada Cortiço da Serra Celorico da Beira. Segundo tradição da família Marques, um dos filhos deveria seguir a carreira religiosa. Sendo Ilídio o escolhido pelos pais, o jovem foi para o seminário, onde permaneceu por alguns anos. Não tendo, porém, vocação para ser padre, Ilídio fugiu do seminário e imigrou para o Brasil, sem o consentimento dos pais.

Já Ida Negrelli, mãe de Isola, nasceu em Paranapiacaba, São Paulo, no dia 28 de setembro de 1905. Seus pais, Nicola Negrelli e Isola Penco, eram imigrantes italianos.

Infelizmente, seu Nicola morreu atropelado, quando voltava para a casa, nos trilhos da estrada de ferro, onde trabalhava. Sua morte mudou por com-

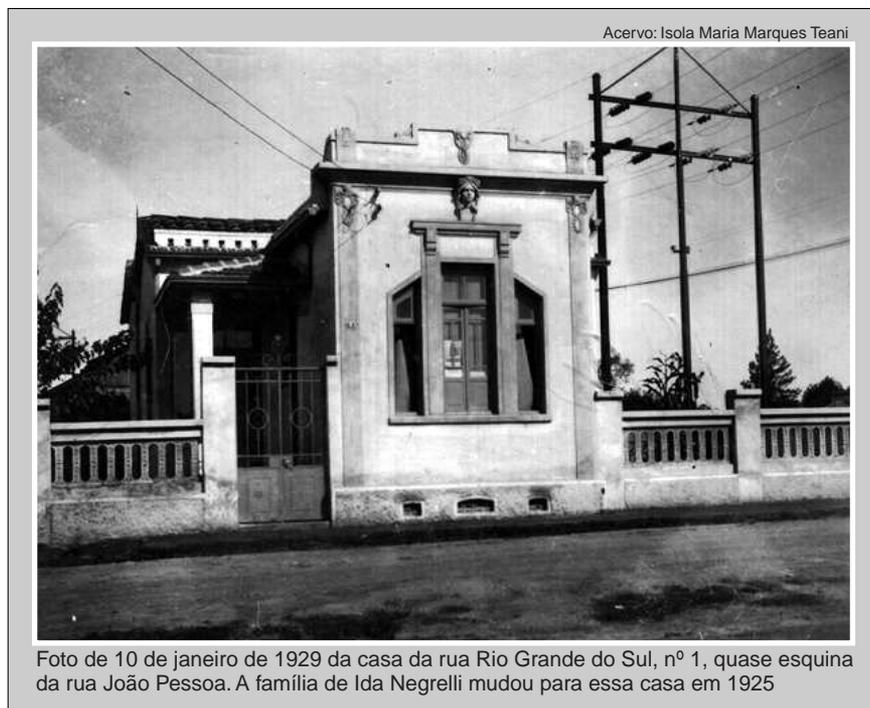


Foto de 10 de janeiro de 1929 da casa da rua Rio Grande do Sul, nº 1, quase esquina da rua João Pessoa. A família de Ida Negrelli mudou para essa casa em 1925

pleto a vida da família. Os filhos, Walter e Guido, estudavam e coube à jovem Ida a maior responsabilidade pelo sustento da casa. Assim, Ida Negrelli começou a trabalhar no Café Ouro, localizado na estação da Luz, enquanto Walter também dava aulas para ajudar a manter a família.

Transcorrido algum tempo, ao passar pelo Brás a caminho do trabalho, Ida Negrelli conheceu Ilídio Marques, o imigrante português, que trabalhava na Texaco. Teve início um namoro que terminou em casamento, em 1937. Dessa união nasceu uma única filha: Isola Maria, cujo primeiro nome foi uma homenagem à avó materna.

Quando Isola tinha cinco anos, Ilídio Marques soube que a mãe havia falecido. Com o intuito de cuidar da herança da família, par-

tiu para Portugal deixando mulher e filha. Nunca mais voltou.

DESAFIO - Abandonada pelo marido, a senhora Ida Negrelli Marques tinha pela frente um grande desafio: educar e preparar para a vida a pequena filha Isola Maria. Hoje a professora Isola Maria faz questão de dizer: *Por tudo que passou, minha mãe foi uma heroína.*

A senhora Ida, de fato, para manter a casa, fazia de tudo um pouco: tricô, crochê, renda, doces e salgados para festas. Comprava tecidos na rua 25 de Março, em São Paulo, e costurava roupas que eram vendidas por Samuel Klein, vendedor ambulante, na época. Por fim, tornou-se ela mesma vendedora ambulante de roupas feitas, que comprava na Capital e vendia em São Caetano do Sul. Quando vinha das

compras, pagava duas passagens no ônibus: uma para ela e outra para os pacotes, tantos eram.

Isola Maria fez o Curso Primário no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, na rua Monte Alegre. Segundo Isola, um sobradão amarelo, muito velho, com uma sacadinha de madeira e paredes sustentadas por barras de ferro. Em 1949, quando terminou o Curso Primário, novo problema: como pagar uma escola particular? Apenas o Instituto de Ensino São Caetano tinha o ginásio. Foi, então, que se criou a primeira bolsa de estudo municipal. Naquela época eram oferecidas três bolsas inteiras e três meias bolsas. A bolsa inteira pagava a escola e o material escolar. A chamada meia bolsa pagava apenas a escola.

Para se candidatar a uma bolsa de estudo, o aluno deveria apresentar atestado de pobreza e de residência. Uma vez inscritos, os alunos prestavam exames no Curso de Admissão ao Ginásio e os seis primeiros classificados recebiam as bolsas de estudo oferecidas pelo Município. Isola Maria conseguiu uma bolsa inteira, graças à sua mãe, que a levava todas as noites a Osasco para receber aulas do tio Walter Negrelli. Saíam as duas de São Caetano, com o trem das 17 horas e voltavam pelo primeiro trem da manhã seguinte, isto durante três meses.

Assim, Isola Maria pôde fazer o Curso Ginásial no Instituto de Ensino São Caetano. Enquanto a mãe trabalhava, a filha estudava e cuidava da casa.

Quando Isola terminou o Ginásio em 1954, havia uma lei estadual, segundo a qual, o aluno que terminasse o curso Normal (hoje Magistério), em primeiro lugar e com média acima de 90, conseguia uma Cadeira Prêmio. Por isso, sempre seguindo as orientações inteligentes e práticas da mãe, Isola foi fazer o curso Normal na Escola Estadual Alexandre de Gusmão, no Ipiranga. Conseguiu formar-se com



Acervo: Isola Maria Marques Teani

Fotografia tirada em 1947 no Ginásio Escolar Bartolomeu Bueno da Silva. Na primeira fila, em baixo, a do meio é Isola

média acima de 90, mas não obteve o primeiro lugar. Ao formar-se, também não podia lecionar no Estado, porque não tinha 18 anos.

Seu primeiro emprego foi no SESI, com carteira profissional de menor. Lecionava para crianças de quatro a sete anos, todas na mesma classe, no chamado Curso Infantil, que funcionava na Cerâmica São Caetano.

MAGISTÉRIO - Em 1958, Isola Maria inscreveu-se como professora substituta na Rede de Ensino Estadual, continuando a trabalhar no SESI. Pouco tempo depois, já no mês de Agosto, a jovem professora ingressou na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Segundo dona Isola, o trabalho não era remunerado. Ela recorda ainda que, embora a placa da EMEI Primeiro de Maio seja de Janeiro de 1959, já havia crianças frequentando em fins de Setembro de 1958. Desde então, a professora Isola deixou o Estado e continuou a lecionar no SESI e na EMEI Primeiro de Maio. Agora, já contratada pela Prefeitura Municipal. Com ela, foi contratada também a Professora Marli Rosa, com quem trabalhava no SESI.

O Prefeito Osvaldo Samuel Massei encarregou as duas professoras de montar a escola, juntamente com o diretor da Fazenda, Claudio Musumeci. Conforme recorda a professora Isola,

tudo foi preparado com extremo cuidado, carinho até, talvez por ser a primeira escola para crianças em idade pré-escolar, gerida pelo Município.

Em Janeiro de 1959, a EMEI Primeiro de Maio começou a funcionar, em caráter oficial. Crianças de todas as famílias tradicionais da cidade lá estavam inscritas.

Na época, a EMEI não tinha salas, mas apenas um grande galpão. Funcionava em dois períodos, com quatro professoras e duzentas crianças. No período da manhã, lecionavam as professoras Isola Maria Marques e Marli Rosa. À tarde, as professoras Marilena Pioto e Lidia Rochelli do Amaral. Cada professora tinha sob sua responsabilidade cinquenta crianças. Outro fato curioso é que as professoras não tinha férias. Por isso, quando uma delas estava em férias, a colega cuidava das cem crianças do período, porque também não havia professora substituta.

O pátio da EMEI ocupava toda a extensão do estacionamento da Prefeitura Municipal até a rua Rio Grande do Sul e ainda não havia árvores. Assim, o uniforme das crianças, além do tradicional (blusa xadrezinho branco e vermelho, calção azul e conguinta azul), incluía um chapéuzinho de palha para proteger os alunos do sol.

No centro da escola Primeiro de



Casamento de Isola e Sergio, realizado no dia 29 de Junho de 1959, na Igreja Matriz Sagrada Família

Fotos acervo: Isola Maria Marques Teani



Casamento do sr. Ildio Marques e Ida Negrelli Marques no dia 17 de Julho de 1937 na Matriz Sagrada Família.

Maio, havia um quiosque coberto de sapé. Em dias de sol, as professoras se revezavam, indo uma para o quiosque contar histórias para suas crianças, enquanto a outra ficava no galpão. O problema maior era se comunicar com cem crianças, em dias de chuva.

EDUCAÇÃO FÍSICA - Como não havia nenhuma orientação pedagógica, pois a Prefeitura Municipal contava apenas com uma Seção de Educação, o Prefeito entregou a coordenação da EMEI Primeiro de Maio ao Departamento de Educação Física de São Paulo (DEF). A partir de então, as professoras começaram a freqüentar cursos de treinamento, periódicos e obrigatórios, oferecidos pelo DEF. Ao final de cada ano letivo, as professoras deviam entregar relatório das atividades desenvolvidas, em três vias (uma para arquivo da escola, uma para a Seção de Educação e a terceira, para o DEF).

Em 1961, o Prefeito Anacleto Campanella decidiu ceder os quatro prédios de educação infantil (EMEI Primeiro de Maio, EMEI Fortunato Ricci, EMEI João Barile e EMEI Irineu da Silva) ao Estado que passou a geri-los.

Com esta decisão, as nove professoras que tinham estágio probatório completo, inclusive a professora Isola Maria,

ficaram quatro anos à disposição da Prefeitura Municipal, prestando serviços burocráticos em vários departamentos.

Quatro anos depois, quando o Prefeito Hermógenes Walter Braido assumiu a Prefeitura, pediu ao Estado que devolvesse os prédios cedidos anteriormente, com o objetivo de implantar uma grande Rede de Ensino Pré-Escolar. Assim, as professoras, em disponibilidade ou demitidas, foram voltando à Pré-escola Municipal, gradativamente.

Nessa época, a professora Isola Maria passou a lecionar na EMEI Emilio Carlos, na rua Gonzaga, cujo prédio fora construído pelo Prefeito Anacleto Campanella. Só em 1970 é que ela voltou a trabalhar na EMEI Primeiro de Maio, onde permaneceu até 1983, quando assumiu a direção da EMEI Irineu Fiorelli, no Bairro Prosperidade.

Em 1989, a professora Isola Maria deixou sua escola para fazer parte da Comissão Técnica do Departamento de Educação e Cultura (Deppec), criada pela gestão do Prefeito Luís Olinto Tortorello.

Seis anos depois, aposentou-se.

A par de uma carreira de 37 anos de magistério, a professora Isola Maria também constituiu família, sendo esposa e mãe extremosa. Casou-se com

Sergio Roberto Pacheco Teani no dia 29 de Junho de 1959. Segundo dona Isola, seu marido foi o primeiro e único namorado. Conheceram-se no ginásio, quando ela tinha 12 anos e ele, 16.

Sergio Roberto era brasileiro, descendente de imigrantes italianos. Estudou Direito, mas não concluiu o curso, era Analista de Sistemas e seu último trabalho, antes de adoecer, era de encarregado da lista de despesas e manufatura em uma empresa de Guarulhos. O casal teve quatro filhos: Eduardo (engenheiro), Fernando (administrador de empresa), Marcelo (médico) e Ariane (administradora de empresa).

A professora Isola conta emocionada que o marido e a mãe faleceram ambos no mês de Março de 1993.

Atualmente, a professora Isola Maria Marques Teani continua residindo na rua Baraldi 540, onde mora há 34 anos. Com ela, estão Marcelo, seu filho ainda solteiro, dona Augusta que trabalha na casa há 21 anos e seu filho Pedro, afilhado da professora Isola.

No momento, a próxima chegada de duas netinhas, é sua mais doce expectativa.

(Yolanda ASCENCIO)

Odette Fraissat Paez, mulher evoluída e atualizada para sua época

Sônia Maria Franco XAVIER(*)

N uma tarde chuvosa do dia 5 de Setembro de 1996, o Museu Histórico de São Caetano do Sul recebeu a visita de Odette Fraissat Paez que, por iniciativa própria, veio falar um pouco da História de São Caetano, dos movimentos que ela presenciou e de muitos que participou.

Deixou com a filha, Maria Francisca, verdadeiras preciosidades em fotos, documentos, lembranças, medalhas, troféus e títulos que durante toda a vida foi guardando. De posse desse material, procuramos ressaltar o grande valor desta mulher na História do Município. Assim, ao mesmo tempo os depoimentos foram sendo utilizados, vieram à tona aspectos de sua cultura e de seu trabalho que se confundem com os grandes movimentos de benemerência que aconteceram em São Caetano do Sul.

Natural de Guaxupé, Minas Gerais, nasceu em 11 de Junho de 1914, filha do dentista José Fraissat e de dona Clarinda Fraissat. Passou a infância em Ribeirão Preto, onde estudou e conseguiu o título de Bacharel, existente naquele tempo. Completou os estudos na Escola Normal Padre Anchieta, no ano de 1935. Esta formatura é marcada por algumas características que a tornaram peculiar e, por que não dizer, especial.

Duzentas moças tornaram-se educadoras comemorando o término de seus estudos com uma missa em ação de graças na Basílica de São Bento. À noite, no Teatro Municipal, houve a solene entrega de diplomas. Após a solenidade foi dada a palavra ao paraninfo, o poeta Guilherme de Almeida (*Integra do discurso no final da matéria*).



COMENTÁRIOS - O ponto alto desta formatura foi mesmo a solenidade de colação de grau no Teatro Municipal, onde os aplausos maiores ficaram para o 2º secretário da escola. Era um funcionário dedicado que enfeitava as normalistas com suas poesias ainda inéditas. Era Guilherme de Almeida que já despontava como poeta de grande valor.

Outro ponto marcante é que estas professoras continuaram se encontrando e fundaram a associação das ex-alunas da Escola Padre Anchieta. Com estatuto, regulamento e uma Diretoria Executiva, a Aeaepa se propôs a trabalhar para prestigiar o patrono do estabelecimento, Padre José de Anchieta, cooperar em iniciativas para aperfeiçoar o magistério, promover a aproximação dos sócios com o corpo docente e promover círculos de cultura e publicação de pesquisas. O nome dessa associação foi publicado no *Diário Oficial* como participante do 23º

Concurso Literário Anchieta que se realizou em 1990.

O grupo chegou a comemorar, no ano de 1985, o Jubileu de Ouro de sua formatura. Já não eram tantas, mas a alegria foi grande e as lembranças foram muitas. Foram realizadas várias comemorações como missa no mosteiro, visita a antiga escola e um grande bate papo cheio de saudades.

Elas não se esqueceram de momentos marcantes que antecederam a Revolução Constitucionalista de 1932, quando estudantes do Largo São Francisco iam à porta da escola para suas pregações democráticas. Muito se falou também da beleza que era o Centro de São Paulo e da importância de se preservar aquela história.

FAMÍLIA - Recordando fatos ocorridos há mais de meio século, dona Odette relembra sua chegada à cidade. *Vim para São Caetano no ano de 1937, morando inicialmente na rua Francisco Matarazzo, Bairro Fundação. Casei-me no dia 12 de Julho de 1939, com Carlos Paez, dentista com quem tive uma filha Maria Francisca (respeitada pianista da nossa cidade, internacionalmente conhecida). Ela é casada com Itamar Andrade Junqueira. Deles temos os netos: Álvaro Paez Junqueira e Rodrigo Paez Junqueira. Vivemos sempre nesta cidade lutando por melhores condições de vida.* Católica, como toda a família, pertenceu a várias irmandades, onde se destacam: Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, do Rosário e Congregação Mariana, como filha de Maria. Pertencia à Paróquia de São João Batista.

ATIVIDADES - Em 1932, na época da Revolução Constitucionalista, trabalhou pela causa, arrecadando roupas,

mantimentos e outras coisas que seriam úteis aos soldados.

Foi professora substituta do Grupo Escolar *Senador Flaquer*, logo depois foi diretora da Escola Municipal Bartira. Nessa época São Caetano era 2º Subdistrito de Santo André. Perdeu o cargo quando de sua participação no movimento autonomista, apoiando totalmente o marido no movimento. *O dr. Flaquer, prefeito de Santo André, chamou-me em seu gabinete para que fizesse o Carlos afastar-se do processo de autonomia de São Caetano. Como eu me recusei, então fui despedida do cargo que ocupava.*

Retornou à atividade de professora, por concurso público, vindo a trabalhar no Grupo Escolar Bartholomeu Bueno da Silva, posteriormente no Grupo Escolar D. Benedito Paulo Alves de Souza, Grupo Escolar Silvio Romero e Grupo Escolar Senador Flaquer.

Enquanto professora, ocupou sempre cargos de secretária das Associações de Pais e Mestres ajudando sempre nas campanhas, para melhoramento da escola, reforma de prédio e organização de bibliotecas. Foi homenageada como Professora do Ano pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

Logo depois da autonomia municipal de São Caetano, a cidade não contava com muitos recursos. Para tentar amenizar a situação, Odette Fraissat Paez com um grupo de idealistas começou a trabalhar pelo Natal das crianças pobres.

Outro grande movimento benéfico de que fez parte foi o da construção do Hospital São Caetano. Alcançada a primeira parte do edifício, seu trabalho não cessou e ela passou a ocupar cargos sempre importantes e não remunerados. Também foi voluntária tanto na diretoria como na tesouraria do Hospital Beneficente São Caetano. Dessa instituição recebeu



um cartão de prata pelos relevantes serviços prestados.

Dedicada à comunidade, acompanhou e trabalhou bem de perto pelo desenvolvimento da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), onde ocupou o cargo de tesoureira.

Trabalhou juntamente com as Irmãs Clarissas Franciscanas e com muitas senhoras da sociedade sancaetanense para a fundação e construção do Colégio Nossa Senhora da Glória.

Foi sócia-fundadora da Associação



de Proteção e Assistência a Maternidade e à Infância (Apami), fundada no ano de 1952, na rua Marechal Deodoro nº 300. Composta por senhoras de nossa sociedade, foi presidida inicialmente pela esposa do prefeito na época, Aracy Torres Campanella. Essa organização formou-se com a finalidade de proteger os recém-nascidos, começando com um trabalho de orientação com as gestantes carentes, distribuição de enxovais de bebê, leite em pó e outros materiais necessários a sua subsistência e desenvolvimento. Exerceu também nesta instituição, como voluntária, o cargo de secretária e de tesoureira. Ali recebeu o título de mãe-símbolo em 9 de maio de 1982.

Pertenceu à Rede Feminina de Combate ao Câncer de São Caetano do Sul, da qual foi secretária-geral e tesoureira por mais de 20 anos, de 1977 até o ano de 1997, quando recebeu um cartão de prata pelos relevantes serviços prestados. A instituição foi fundada e presidida inicialmente por Santina Giampietro Moretti no ano de 1971. Atualmente é presidida por Neusa Lacava.

Pertenceu também a Legião Brasileira de Assistência, da qual foi vice-presidente. Contribuiu com o Roupeiro de Santa Rita, entidade assistencial da Paróquia Sagrada Família, que funciona na rua Espírito Santo, 362, enti-

dade fundada no dia 25 de maio de 1972. Por último foi coordenadora da *Manchetinha das Domadoras*, uma publicação do Lions Clube São Caetano do Sul - Centro, sendo a Domadora do Leão Carlos Paez e obedecendo o lema: *servir, mas servir bem*. A publicação bimensal teve início em Agosto de 1976. Foi idealizada pela domadora Aparecida Borges, com a colaboração das demais domadoras do Lions-Centro e com a participação dos Leões. Com aspecto bem variado, traz assuntos gerais, notícias da cidade, instruções leonísticas, atividades desenvol-

vidas pelo clube, lazer, cultura, instrução cívica, literatura, culinária e notícias internas como casamentos e aniversários do grupo. A *Manchetinha* continua a ser editada e faz um registro de todas as atividades do grupo e de seus participantes, sendo enviada para todos os outros clubes leoninos. Recebeu prêmios leoninos nas convenções internacionais,

Odette Fraissat recebeu o título de cidadã emérita de São Caetano do Sul, no ano de 1992 em solenidade na Câmara Municipal de São Caetano do Sul.

Em 9 de Outubro de 1997, faleceu num dos locais que ajudou a construir, Hospital Beneficente São Caetano. Segundo as amigas que deixou no Lions, Apami, Hospital São Caetano e de outros que a conheceram, Odette Fraissat foi uma mulher evoluída, atualizada e muito dinâmica para a sua época.

(*) *Sônia Maria Franco Xavier, professora, dirige o Museu de São Caetano do Sul, integra o Grupo de Pesquisadores de Memória do ABC, e o do Conselho Diretor da Fundação Pro-Memória*

Integra do discurso proferido pelo dr. Guilherme de Almeida, paraninfo da Turma de Professoras de 1935 da Escola Normal Padre Anchieta, no dia 17 de Dezembro de 1935:

De que inúmeros, pequenos, dori-dos adeuses, senhoras professorandas, é feito o vosso único, enorme, festivo adeus desta noite! É toda uma vida passada de todo um mundo passado que vos estende, neste minuto comovido, gestos de adeus longos e tremulos, como ao sol das tardes fugidias, humildemente se atiram todas as extáticas gesticulações da terra: o aceno verde das palmas, o vôo desfiado das andorinhas, o último beijo das rosas desfallecentes, o lenço alvo de fumo dos telhados calmos, as mãos-postas dos campanarios soluçantes de sinos...Tanta, tanta cousa voz diz adeus! Aquella despreocupada simplicidade da saia azul-marinho e da blusa branca que, uniformizando, irmanava; aquella boina ao acaso sobre os cabelos, mal prendendo o acaso delicioso dos pensamentos soltos...; aquella pasta de couro dentro da qual tão bem se entendiam e combinavam o livro austero e o romance frívolo, o caderno e o espelho, o lapis e o "baton"... Todas essas cousas voz dizem, já de longe, já quase nas fronteiras escorregadias do

esquecimento, o seu silencioso, despedaçado adeus...

No entanto - alegradoras de tantas horas do meu trabalho! - vejo-vos ahi, olhos, sorriso claro e sedas claras, encantadas e encantadoras, como se partisseis para uma grande festa que fosse vosso sonho, para um grande baile onde estivesse o vosso amor...Sabeis velar assim de felicidade e beleza o melancolico dilaceramento de uma despedida. Porque sois moças e sois mulheres; e só a mocidade tem a verdadeira sciencia da vida, e só a mulher tem a verdadeira arte da vida. Um sensitivo poeta da França já sentiu finamente, num verso de crystal, toda essa delicada magia da alma feminina: "...une femme peut rire a son enfant que meurt".

E é justamente essa vossa peculiar, preciosa e subtilissima virtude de dignificadoras e embellezadoras de tudo, que eu agora invoco e em que ora confio para que se torne aceitável aqui, da minha pessoa inutil e da minha inutil palavra como vosso paranymphe.

Paranymphe...

Mas precisarão mesmo de outro paranymphe, precisarão de alguem mais que presida e abençoe o promissor ingresso na sua carreira nobilissima de educadoras as diplomadas por

uma escola que se chama Escola Normal "Padre Anchieta"? as professoras que tais se fizeram sob a invocação e a tutela deste nome santo: padre Anchieta? ... Porventura não será este - Anchieta - só de si e necessariamente o seu constante e legitimo paranymphe?

Afilhadas de Joseph de Anchieta, professoras paulistas: - Ides ensinar sob o mesmo tecto de ceu e entre as mesmas paredes de montanhas onde o vosso padrinho primeiro ensinou. Com a mesma adolescencia de alma e de corpo, o mesmo anseio mystico de devotamento e martyrio, o mesmo suave espirito de renuncia heroica com que, em 1554, o ameno canarim - pés calçados de alpargatas de cardos bravos raspando o cascalho áspero da serra - vinha soccar a taipa grossa do Collegio ao ar lavado do altiplano; assim chegaes agora tambem a um planalto desconhecido. Eil-o, o Mundo Novo para uma vida nova! Elle é vosso! entrae-o e possuui-o!

Sem duvida, ardua será a luta, mas santificadora. Aqui, na Escola de Piratininga, tereis que operar milagres, que desfiar de novo todo aquelle rosario de prodigios verdes - verdes de selvas, de rios e de mares - que Anchieta desfiou entre os dedos: collar suspirado das verdadeiras,

pasmosas esmeraldas que só cento e vinte anos mais tarde o Caçador iria buscar e rebuscar em vão... E de todos aquelles portentos sereis, sem duvida, capazes, se tiverdes, como Anchieta, a fé no vosso apostolado, a esperança na vossa gente e o amor à vossa terra!

Vêde! Anchieta, o doce iluminado, o suave thaumaturgo, é aqui o domador christão de todas as forças selvagens emboscadas na terra, suspensas no ar, boiando na agua, espiralando no fogo...É o santo milagroso da catechese.

Do pó das suas sandalias, erguido deste nosso solo como se chão de Piratininga quizesse subir ao ceu; do pó das suas sandalias brota o primeiro milagre. Em uma única noite, o santo andarilho faz trinta leguas, serra-abaixo e serra-acima, indo de São Paulo a São Vicente, e tornando com a bulla do Jubileu para a festa do orago de Ibirapuera. Um anjo, o leva e traz, pelos ares na alva, carisiosa penugem das azas longas...Quando, pela vossa terra e pela vossa gente, tiverdes que saltar montanhas e transpôr horizontes, nunca haverá distancia sob os vossos pés! Desabrocha mais um milagre. Junto ao adro ingenuo da pequena igreja de São Vicente, todo bordado de rosinhas e cravinas, representa-se um auto de Anchieta. Está ali, a ouvil-o, toda a Capitania; barbaros nus ou vestidos, da terra ou de fora. Ora, coroada de raios, uma nuvem de tempestade desce, disforme, preta, pesada, bruta, grotajando já. O povo, assustado quer debandar. Mas eis que uma janella assoma o irmão Joseph. O seu gesto brando estende-se e estende-se a sua voz branda sobre a turba "Não choverá enquanto durar a representação!" E a nuvem docil paralysa-se arqueada no ar com uma aboboda protectora. Assim fica até o final do ato... - Submissas à vossa vontade - sempre que ella fôr pelo

bem desta terra e desta gente - as celeras do ceu hão de parar no ceu ao vosso mando!

Eis scintilla novo milagre. A fragil "uba" da "bandeira" christan - a canôa de Araguassu - desce o rio encachoirado. Os remadores de bronze arquejam. Anchieta resa as Horas de Nossa Senhora da Conceição. Mas o lenho pressente a cachoeira proxima. Hypnotisado pelo abysmo, treme no dorso violento da agua espumosa, e dispara, e empina-se, e despenca, despedaça-se, e some no ronco da catarata. Os naufragos salvam-se a nado, todos. Todos, menos Anchieta! No fundo do rio, sob as aguas rapidas, como uma imagem sob uma redoma de vidro, todo clareado de reflexos verdes, Anchieta, sereno, sentado, lê as Horas... - Cachoeiras arrastantes da vida, abysmos magneticos do mundo não hão de prevalecer contra a força da vossa fé na força da vossa gente e na força da vossa terra...

Outro milagre ilumina o mundo cathecumeno. Anchieta prega um dia do Espirito Santo. Uma luz celeste envolve-o todo. O seu pensamento é um incenso. O seu gesto é uma ascensão. A sua voz é um gorgueio. Os fieis olham-no surpresos; e veem, pousado, no seu hombro magro e ciliciado, um passaro fulgurante, como de crystal e de sol, que var sublinhando de uma divina melodia a palavra clara do meigo provincial... - Assim arrebatadora, poderosissima será sempre a palavra, que pronunciares, de ensinamento puro, puramente, por esta vossa terra, para esta vossa gente!

E logo esplende ainda outro milagre. Da Bertioga a Santos voga a "igara" leve. O ar é parado e candente. A luz estranha o mar. É a calmaria e é a soalheira. Nem uma sombra de nuvem nem um halito de brisa. Sobre os remadores polidos de suor paira um bafo morno de insolação. Os musculos, pouco a pouco se afrouxam; o sangue esta-

la nas veias; rodopia a vertigem; a cegueira fere. Anchieta, então, tem os olhos de piedade. De pé, na prôa, conjura os passaros. E elles vêm, coloridos e chilreantes em revôos leves. Chegam. Pára sobre o barco a chusma cicicante. Tocam se as aza distendidas; tramam-se os remigios; cruzam-se os pios finos como fios tirados por bilros escorregadios. E trança-se e tece-se sobre o batel um toldo alado, alto e aereo de vôos, côres e cantos que o segue, alçado contra o sol, desprendendo uma sombra buliçosa e fresca do bater de pennas...Os remadores reanima-se. A canôa voga veloz... - Vejo-vos, na hora incerta do desanimo, chamando convictamente, em nome da vossa missão as criancinhas da vossa terra e da vossa gente; e ellas - pequenas forças omnipotentes da nossa terra - obedecendo, afluindo a voz e alentando a vossa atribuladora, santa jornada...

E, afinal, o ultimo milagre - o milagre maximo - resplandece. Immaterial e esfarrapado sob a sotaina de canhamo, na solidão desesperante de Iperoing - refem por amor de Piratininga - o apostolo-poeta traça na areia, com o seu bordão de ipê, o primeiro verso à Virgem do Ceu que vela pela terra virgem:

"Eloquar? Na sileam...?"

E o bordão de ipê floresce toda numa umbella de ouro. E a areia - o chão de Anchieta, o seu desejo e o seu amor - floresce toda num rythmo de ouro.

"Tu desiderium cordis, amorque mei"...

Refens do vosso mister, em todo o desalento, quando tudo em torno, fôr secura e aridez, traçae, embora com um galho morto sobre uma areia embora esteril, um cantico de amor; amor puro a esta vossa terra e a esta vossa gente: e o galho morto ha de florir; e ha de florir a areia esteril!

Afilhadas e successoras de Joseph de Anchieta na Escola de Piratininga: - ide e maravilhae o mundo!

Ideal e Izabel Bendazzolli: 64 anos casados e 73 anos como munícipes

Diz o refrão de uma canção popular que “*recordar é viver...*” Prova concreta do fato é o depoimento do casal Izabel e Ideal Bendazzolli. São histórias de momentos inesquecíveis cuja somatória de detalhes cria um mosaico cheio de tons marcantes.

A saga tem início através do patriarca Mário Bendazzolli que chegou ao Brasil como seminarista da Ordem Estigmatina, em companhia do padre Alexandre Grigoli, pioneiro da ordem em São Caetano, abandonando a carreira eclesiástica e a partir daí tornando-se lavrador na cidade de Itapira, São Paulo, onde criou numerosa família. Na década de 10, o Brasil passava por uma série crise econômica, com o sistema agrário sofrendo as consequências da queda do valor do café no mercado mundial, desempregando milhares de lavradores nas fazendas paulistas, obrigando os chefes de família a optar pela transferência para a capital do Estado onde a indústria necessitava de mão-de-obra e oferecia melhores oportunidades de emprego para toda a família. Assim, em 1917, Mário Bendazzolli chegava ao Bairro do Belenzinho com mulher e oito filhos, abrindo-os numa casa da rua dr. Arthur Mota, e entre os filhos, Ideal Bendazzolli, de quem colhemos este depoimento. Em 1926, a família Bendazzolli transfere-se para São Caetano, por indicação de conhecidos e estabelece-se na rua Paraíba, nas casas que pertenciam ao industrial Loureiro e Monteiro de Barros, proprietários da Louças Adelinas. Nesta época, Ideal Bendazzolli já com 12 anos de idade, empregava-se nas Indústrias Aliberti Ltda., para o trabalho



Retrato de parede do casal Ideal e Izabel Bendazzolli na época do casamento, 1935

Jair Bendazzolli, filho do casal, em 1958 no final da rua São Paulo, onde havia a Lagoa dos Parentes, posteriormente aterrada. Neste local hoje funciona o Clube Atlético Tamoio



de *quebra-coco* onde obtinha-se a matéria-prima usada na fabricação de botões para vestuário.

No ano de 1926, outra família de lavradores paulistas, passava pelos mesmos problemas dos Bendazzollis. Era a família do imigrante espanhol Idalécio Gonçalves, de Ribeirão Preto que também se deslocava para São Caetano, trazendo entre os filhos, a menina Izabel de nove anos de idade, indo morar em uma pequena casa da rua São Paulo, onde Idalécio adquiriu uma pequena venda para comércio de gêneros alimentícios.

UNIÃO – Os jovens Ideal e Izabel viam-se a se conhecer e a namorar quando ambos trabalhavam na Louças Adelinas. Ele na manutenção elétrica e Izabel na seção de pintura, ocupação que exerceu durante três anos. Em 1935, Izabel e Ideal casaram-se e fo-

ram morar na rua Manoel Coelho. Além do amor que os unia na época e até hoje, ambos eram crentes e frequentavam a Congregação Cristã do Brasil. Em 1936 foram batizados na igreja do Bairro do Brás, mas frequentavam a igreja da rua Santa Catarina, que naquela época era apenas uma salinha nos fundos do terreno. Dona Izabel lembra que a Congregação Cristã tinha poucos frequentadores naquela época e que hoje existem cinco igrejas espalhadas pela cidade, sendo que o pastores naqueles tempos chamavam-se *cooperadores* diferente do termo atual *an-ciãos*. Ela relembra alguns nomes: João Salvo e Benedito Rolim, o primeiro de São Caetano e o outro de Santo André.

A vida do casal Ideal e Izabel transcorreu durante sete décadas numa simplicidade de amor e trabalho que se



Rua Dr. Mário Freire, travessa da rua São Paulo, Bairro Santo Antônio, onde morou o casal Bendazzoli. Foto de 1950



Casal Bendazzoli em foto de 26 de Março de 1999, durante depoimento à Fundação Pró-Memória

prolonga até os dias de hoje. A carreira profissional de Ideal Bendazzoli como eletricitista ocorreu em diversas fábricas da cidade como a Indústrias Adria, Companhia de Porcelana Sul-Americana, General Motors, Indústrias Dal'Mas, e encerrando a sua vida de trabalho como aposentado, no serviço de zeladoria e portaria em um edifício da rua Monte Alegre, gozando de muito respeito e carinho dos moradores, de onde ele chega a recordar que durante um recente final de ano chegou a receber de presente setenta litros de vinho, em uma única noite.

LEMBRANÇAS – São muitas as histórias que o casal Bendazzoli guarda na memória, constituindo-se em verdadeiro arquivo vivo de todos os acontecimentos políticos, sociais e até trágicos da cidade. Um dos fatos que o senhor Ideal relembra em detalhes foi a morte de um rapaz chamado Claudino, morador em uma chácara junto ao rio dos Meninos, que em tarde de domingo visitando a namorada em Santo André, brincou com a arma de fogo, acabando por se matar acidentalmente, o que provocou verdadeira comoção na cidade.

Na vida profissional, Ideal Bendazzoli relembra os anos trabalhados na Indústria Dal'Mas onde conviveu com todos os irmãos proprietários da fábrica, guardando na lembrança fatos pitorescos com cada um deles. Segundo

ele, desta época ainda guarda uma relíquia com muito carinho. Trata-se de um quadro de pintura em tecido com as imagens das instalações da indústria Dal'Mas onde aparece toda a área da fábrica desde a portaria da rua Major Carlos Del'Prete até as instalações de destilação de ossos junto ao rio dos Meninos.

Outra relíquia guardada pelo casal é uma fotografia do ex-presidente Getúlio Vargas, aos oito meses de idade que segundo a dona Izabel foi oferecida pelo próprio Getúlio Vargas à Gervásio Custódio, gaúcho e grande amigo do seu pai, que durante toda a vida garantiu a veracidade da foto, e ao morrer solicitou que esta foto fosse mantida pela família através das gerações, sendo que Ideal a mantém até hoje e não admite a mínima desconfiança em relação à sua autenticidade, pois Gervásio Custódio, primeiro receptor da foto era uma pessoa de princípios e alegava ter sido amigo de Getúlio Vargas em 1920, no desbravamento do Estado do Rio Grande do Sul.

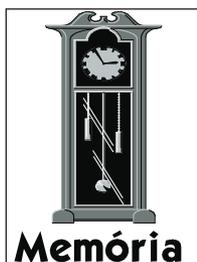
Outros crimes ocorridos em São Caetano que ficaram retidos na memória popular são lembrados com a maior naturalidade pelo casal Bendazzoli, ricos em detalhes, dos quais dificilmente sobraram registros documentais ou processuais, como o ocorrido em 1928 quando Paolo Micheline, funcio-

nário das Indústrias Aliberti matou o casal Casteli ou a trágica morte de Ernesto Baraldi, ocorrida no Natal de 1944.

Pela memória de Ideal, passam as imagens dos primeiros prefeitos de São Caetano, quando ainda jovens, principalmente Anacleto Campanella, vestido apenas com um calçãozinho e brincando na rua esburacada, rua Alagoas, em 1930. Dos seus próprios parentes na cidade, Ideal Bendazzoli relembra com saudades do tio Silvestre Bendazzoli, construtor do Cine Parque da rua Maranhão em 1929 e do seu irmão Arthur Bendazzoli, fundador da tradicional Pizzaria Brasil, instalada em 1938, na rua Baraldi esquina com a rua Paraíba, e até hoje, 61 anos depois ainda em plena atividade.

Hoje, *seu* Ideal está com 84 anos de idade, a dona Izabel com 82 anos e ambos não param de trabalhar, continuam fabricando produtos caseiros, como vinhos, perfumes, e sabão, para a alegria dos parentes e vizinhos. Tiveram dois filhos, Jair e Nair, possuem cinco netos e quatro bisnetos. Vivem felizes e alegres na cidade que os acolheu há 73 anos, lembram com alegria de uma São Caetano perdida nas sombras do passado, que para eles, era uma só família, e nem por isto perderam a fé e o amor por São Caetano, constituindo-se em verdadeiro patrimônio humano de nossas raízes.

Nicolau Delic: um batalhador dono de grande capacidade política



Raimundo da Cunha
LEITE(*)

Nicolau Delic teve como pais Nikolay George Delic e Teodora Delic, conhecida como dona Dora. O casal, ao que tudo indica, faz parte dos primeiros imigrantes búlgaros a chegar ao Brasil e fixar-se na nascente Vila Alpina, periferia da capital de São Paulo. A exemplo da Vila Bela e Vila Zelina, era mais conhecida como a vila dos *bichos d'água*, termo pejorativo da época para demonstrar que naquele local predominavam poloneses, húngaros, ucranianos, lituanos e até alguns alemães, todos refugiados da Primeira Guerra Mundial, final da década de 20.

Foi ali que nasceu Nicolau Delic, bem próximo às margens do rio Tamanduateí, final da antiga Avenida Industrial. Por isso mesmo, já bem cedo, ainda menino, Nicolau Delic integrava-se à comunidade sancaetanense, onde, como engraxate, procurava ajudar no orçamento familiar. Aliás, quando se recordava desses fatos, fazia com justificado orgulho; afinal sempre foi um lutador.

Nascido no dia 27 de Agosto de 1929, tornou-se depois figura de real destaque da vida pública e empresarial de São Caetano do Sul, razão pela qual, exercendo a chefia do Executivo, quando da construção do Terminal Rodoviário da cidade, perpe-

tuamos seu nome naquele próprio municipal, denominando-o Terminal Rodoviário Nicolau Delic.

FORMAÇÃO – Realizou os primeiros estudos na Vila Alpina, cursando posteriormente Contabilidade e Curso de Auxiliar de Escritório no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, antiga Escola Técnica de Comércio de São Caetano, fundada pelo professor Vicente Bastos, juntamente com o professor Celso Wladimir Marchesan. Isso, nos idos de 1942, tendo sido eles, portanto, os precursores da implantação do ensino médio e superior na cidade.

De 1950 a 1951, foi chefe do Departamento de Pessoal das Organizações Têxteis Irmãos Chamas S/A. Nessa época, a General Motors do Brasil decidiu-se pela

construção de sua Fábrica 2, adquirindo para tanto áreas então ocupadas pelas Indústrias Fidelidade S/A, do grupo Anderson Clayton; Cotonifício São Paulo, mais conhecida como a velha *Cazemira*, e Usina Colombina S/A. Esta foi talvez, na época, a maior fabricante do tão apreciado lança-perfume, acessório de antigos carnavais, cuja fabricação foi proibida pelo então presidente Jânio da Silva Quadros, decisão que passou a fazer parte do folclore político nacional.

Para levar avante o empreendimento, a General Motors do Brasil contratou os serviços da Construtora Rangel, onde Nicolau Delic atuava como representante da empresa na execução da obra. Por outro lado, pela GM trabalhava o autor dessas linhas. Foi desse encontro fortuito que nasceu duradoura amizade entre nós, participantes de muitos outros acontecimentos que marcaram a vida pública de São Caetano do Sul.

Concluída a obra, Nicolau Delic foi convidado a ingressar na GM, exatamente no Departamento de Custos, ali trabalhando até 1958. Nos anos seguintes (1958 a 1964) passou a dirigir o *Jornal de São Caetano*, período em que o semanário viveu a melhor de suas fases, contando para tanto com uma equipe de jornalistas como Walter Thomé, Mário Porfírio Rodrigues, Otto Diringer e Rafael Guilherme, entre outros. Foi nesse tempo também que fiz parte dessa equipe de trabalho.

Em 1964, Delic fundava jun-



Nicolau Delic falando na Tribuna da Câmara Municipal de São Caetano, onde foi vereador na Quinta e Sexta Legislaturas, de 1965 a 1973



Nicolau Delic foi diretor do *Jornal de São Caetano*, advogado e vereador. Foto de de 1970

tamente com Celso Wladimir Marchesan, o CEBI, que inicialmente se chamava Cérebro Eletrônico Bancário e Industrial, com sede na Rua João Pessoa, um prédio que foi sede dos Correios e Telegráfos. Posteriormente, a empresa passou a ter seu nome atual Centro Eletrônico Bancário e Industrial Ltda., mais conhecido pela sigla CEBI, tendo aí como sócios-fundadores os ex-bancários Alberto Custódio e Eurico da Silva Laranjeira, instalado à Rua Rio Grande do Sul, nº 436. Isso por volta de 1977. Nessa empresa, Nicolau Delic demonstrou toda capacidade de organização e de empresário dinâmico e empreendedor, atuando como diretor-superintendente até a data de seu falecimento. Hoje, o CEBI voltou ao antigo endereço na Rua João Pessoa, nº 207.

Em 1970, Delic formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais – Direito, pela Faculdade de Direito de Bragança Paulista, sendo

colega de turma de Ruth Arlete Ranciaro, futura advogada que posteriormente tornar-se-ia sua esposa.

POLÍTICA – Reconhecido como um dos membros mais ativos do Diretório Municipal da extinta União Democrática Nacional (UDN), em São Caetano do Sul, seu primeiro partido, foi suplente de vereador de 1957 a 1961. Em 1958, candidatou-se a deputado federal pela UDN e, em 1961, foi novamente eleito suplente de vereador. Sete anos depois, já em 1965, obteve uma cadeira efetiva na Câmara Municipal e, em 1966, concorreu ao mandato de deputado federal, agora pela Aliança Renovadora Nacional (Arena). Três anos depois, em 1969, foi reconduzido à Câmara Municipal como vereador pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), tendo em 1973 abandonado a política.

No período que vai de 1971 a 1973 foi secretário-geral do Ins-

tituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (IMES). Posteriormente, em 1977, exatamente a 1º de Fevereiro, foi nomeado assessor especial para Assuntos Jurídicos e Políticos da Prefeitura, cargo que ocupou até a morte, em 1º de Outubro de 1980.

PERFIL – Dotado de extraordinária vitalidade de trabalho aliada a uma inteligência brilhante e combatividade fora do comum, traços característicos de sua personalidade, Nicolau Delic no princípio da carreira política, e principalmente como jornalista, caracterizou-se como um crítico implacável, destemido, corajoso e atuante.

Posteriormente, a partir do seu mandato efetivo de vereador, em 1965, predominou a característica de moderador, conciliador, quando se impôs como político de grande capacidade catalisadora, inteligente, astuto ao extremo, sagaz e dotado de extraordinária habilidade. Contribuía para isso a enorme facilidade em fazer amigos, já que não possuía inimigos pessoais.

Como assessor especial do Gabinete do prefeito de São Caetano demonstrou, de maneira plena, a extraordinária capacidade política, sendo hábil, moderado, conciliador e conhecedor profundo dos problemas dos homens e da vida pública do Município.

(*) *Raimundo da Cunha Leite é ex-prefeito de São Caetano*

A criação da Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio

Mariza Lima GONÇALVES(*)

Na década de 60 era comum, em São caetano, as escolas serem denominadas de acordo com o bairro onde estavam ou seriam situadas. No caso da atual Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio também não foi diferente. Criada durante o governo estadual de Adhemar de Barros e de Hermógenes Walter Braido no Município, através da Lei nº 8.489, de 12 de Dezembro de 1964, recebeu inicialmente a denominação de Ginásio Estadual de Vila Paula e, como seu prédio definitivo ainda seria construído, funcionou em caráter provisório, somente no período noturno na Rua Castro Alves, 1,220, onde ficava o Grupo Escolar Silvio Romero (atualmente Escola Estadual de Primeiro Grau Silvio Romero), ocupando 16 salas.

Assim, somente em 20 de Maio de 1966 é que a escola foi inaugurada em sua nova e atual sede, na Avenida Tijuçu (em Ata o registro da escrita se fez com cê cedilha. Atualmente, a grafia da avenida é com esses) com uma solenidade de instalação. O primeiro diretor nomeado foi Ubirajara de Moraes, que naquela data, na sala da Secretaria, às 7h30, declarou a sessão aberta. Foram convidados a compor a mesa de autoridades as seguintes pessoas: Ubirajara de Moraes, diretor da Escola; Roberto Bueno, Inspetor Regional de Ensino Secundário; Hermógenes Walter Braido, Prefeito Municipal; Claudio Musumeci, representando o deputado estadual Osvaldo Samuel Massei; Carmelo Salvador Crispino, diretor do Instituto de Educação Coronel Bonifácio de Carva-

Aspecto da solenidade do lançamento da pedra fundamental da Escola Estadual Primeiro Grau Professora Yolanda Ascencio em 2 de outubro de 1966



Acervo: Fundação Pró-Memória

lho; Osvaldo Martins Salgado, vereador da cidade; José Teixeira Gonçalves, ex-diretor do Instituto de Educação Coronel Bonifácio de Carvalho; Altamiro Dias da Motta, diretor-administrativo da Prefeitura; Nilo de Figueiredo, oficial do Gabinete da Prefeitura e o professor de Português José Luiz Brandão, que secretariou, redigindo a primeira Ata.

Entre os convidados estavam Hermelina Maria Pretto, do Ginásio Estadual de Vila Barcelona e os seguintes professores: Theóphilo Carnier, Maria Salete Ferreira bento, Judite Milanez, Hélia mantovani, Gregóri Rodrigues Espelho, José Luiz Brandão, In-sides Gardine, Claudio João Dall'Anese, Antonio Ianoralli Neto, Terezinha Edine dassié, Claudio Carrassoni, Mario Marcon, Hsu Woh Hsian, Erendy Carvalho Fernandes, Terre Ogihara, Antonio Salvador Testa, Manoel Artur Amorisini, Oeli Gouvea, Sizumase Negano, Maria Neylla Luvizotto, Wounito Antonio Perrela, Lais Pinto Martinelli de Sordi, Fábio Teixeira, Jaime Marques Ferreira, João Leonardo, Olavo Hilá-

rio de Campos e o capitão Alberto Constantino Peredne, Comandante da 2ª Companhia do 10º Batalhão da Força Pública⁽¹⁾.

Na ocasião, o diretor convidou os presentes a percorrerem as alas de aula, onde os professores da escola estavam exercendo suas funções. Na primeira série A, o prefeito Hermógenes Walter Braido escreveu o primeiro ponto de Matemática, cuja docência caberia ao professor José Rodolfo Hülse: Introdução à Teoria dos Conjuntos. Na primeira série B, o professor Roberto Bueno registrou a aula de História, de responsabilidade da professora Terezinha Edine Dassié: conceito e divisão da História. Na primeira série C, a professora Lais Pinto martinelli de Sordi, registrou a aula de Desenho: Definição de desenho e seu valor na vida prática. Na primeira série D, a professora Maria Neylla Luvizotto, registrava a aula de Geografia: Campo de Estudo da Geografia. Na primeira série E, a professora Maria Michaela Vergely Fraga, ministrava aula de Francês, quando o professor Altamiro Dias da Motta,

anotou no quadro-negro o exercício inicial. Na primeira série F, o professor Gregório Rodrigues Espelho, Diretor do Grupo Escolar 28 de Julho, discorreu sobre o valor da escola e sobre os deveres dos alunos. Em todas as salas os visitantes foram recebidos com palmas pelos alunos.⁽²⁾

Naquela oportunidade, o diretor agradeceu a presença de todos, manifestando sua honra pela confiança a ele depositada para ocupar o cargo, e fez questão que se registrasse em Ata o nome dos três primeiros classificados no primeiro Exame de Admissão, realizado em 11, 12 e 13 de Maio de 1966, que teve 722 inscritos para 282 vagas: José Paulo Gonçalves, Cesar Myashiro e Vagner Cardoso Machado.

DISCIPLINA – Em 7 de Março de 1967, exatamente às 20 horas, e sob a secretaria de Neusa Moraes, professora de Português (atualmente trabalhando no CIM Professora Alcina Dantas Feijão) foi realizada a primeira reunião de professores da escola. Estavam presentes o diretor, Ubirajara de Moraes; os professores Jaime Marques Ferreira e Osvaldo Assalim, de Matemática; Anna Eliet Tonet e Michaela Vergely Fraga, de Francês; Neusa Moraes e Eunice Greco, de Português; Neylla Luvizoto e Maria Geralda Alves da Costa, de Geografia; Zizi e Lais Martinelli de Sordi, de Desenho; Terezinha Dassié, de História; Hale Bechara, de Canto e Elias Francisco Bargeuil, de Ciências. Nessa reunião o diretor salientou a força moral, como pressuposto para a disciplina. Discorreu sobre o negativismo do uso do fumo, proibindo-o nas dependências da escola, e o exemplo que os mestres deveriam dar, não só neste ponto, como em todos os demais aspectos para servirem de paradigma ao corpo discente.

Cerca de 30 dias depois, em 4 de Abril de 1967, realizou-se a primeira

reunião específica da área de Português, onde ficou decidido que a nota de conceito ficaria a cargo do professor. Na ocasião, o diretor reforçou a necessidade de se fazerem muitos ditados, exercícios de vocábulos, acentuação e enfatizar a morfologia, explorando menos a sintaxe. O professor teria livre arbítrio nas lições de casa, desde que houvesse tempo hábil para que os alunos as realizassem.

Naquele tempo, para os alunos frequentarem o ginásio (atualmente de quinta a oitava séries) faziam um curso denominado Admissão e prestavam o exame para o ingresso na escola de sua livre escolha. No próprio Ginásio de Vila Paula funcionava o curso de Admissão. Yaci de Mello Lopes, Maria do Carmo Camargo, Cleide Altieri e Marilucia Carelli Machado eram algumas das professoras deste curso. Tanto o curso como o exame eram bastante concorridos.

HOMENAGEM – Por sugestão da primeira-dama Maria Braidó, esposa de Walter Braidó, (prefeito daquela época) o Ginásio de Vila Paula teve, através do Decreto Municipal 3.078 de 5 de Março de 1968, seu nome alterado para Professora Yolanda Ascencio, com o objetivo de homenagear a mestra que trabalhava no curso Municipal de Línguas, que havia sido criado em 1.961, especialmente para que ela, deficiente visual, tivesse sua primeira oportunidade profissional oficial, como professora de Inglês e Português. Para ratificar a homenagem, em âmbito estadual, a participação do deputado Osvaldo Samuel Massei foi decisiva, com a apresentação de Projeto de Lei na Assembléia Legislativa. Em 27 de Dezembro de 1968 a Lei 10.336, na gestão do Governador Roberto Costa de Abreu Sodré, confirmava a nova denominação: Ginásio Estadual Professora Yolanda Ascencio.

Em 2 de Abril de 1.968, oito me-

ses antes da aprovação da lei estadual, foi realizada a primeira reunião já com o nome atual, cuja pauta era verificar quem iria gerir a cantina da escola. Para gerenciá-la foi feita uma concorrência pública, publicada no jornal *News Sellers* de 3 de Março de 1968. O ganhador da concorrência foi Juraci Miguel Dias, representando a firma Dias e Filhos e pela primeira vez é citado, em Ata, o endereço da escola como sendo a Avenida Tijucuçu.

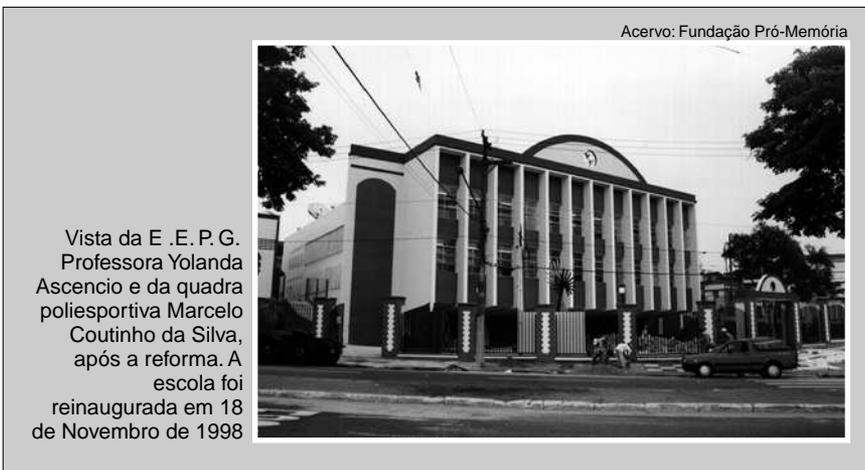
Em 24 de Agosto de 1.968 discutia-se, em reunião, (diretores e professores) sobre a Lei nº 10.038 que regulamentava o ensino colegial (secundário e normal). Essa lei visava estabelecer e adaptar as escolas para cursos vocacionais.

Em 1º de Novembro de 1968, às 20 horas, foi realizada no Cine Primax, na Rua Amazonas, 1.140, a primeira reunião de Pais e Mestres. Na ocasião, o diretor Ubirajara de Moraes saudou os presentes, falou sobre o aprimoramento educacional e fez um breve histórico sobre o Ginásio, dizendo que no primeiro ano (1966) a escola apresentava 274 alunos. Em 1967 havia 764 alunos, além do que o curso de Admissão foi desdobrado em dois períodos: vespertino e noturno. Neste ano a escola ressentia a falta de funcionários. Em 1.968, conforme discorria o diretor, a escola mudou de prédio, onde aumentou o número de funcionários e de professores. O diretor também comunicou aos pais o auxílio que a prefeitura havia dado para que a melhora se tornasse efetiva. Ainda na ocasião foi apresentado um balancete para que os pais soubessem onde estava sendo empregado o dinheiro do Órgão de Cooperação Escolar, (órgão que seria extinto no mês seguinte, sendo organizada a Associação de Pais e Mestres) e solicitado aos pais que observassem o traje dos filhos, pois tanto

direção, como professores e funcionários, estariam atentos para manter e elevar o conceito moral e intelectual do Ginásio.

Em 1969 assumia a direção da escola, Maria Lucia Aguiar Morégo-la, e precisamente na reunião de 3 de Maio de 1969, apresentou-se aos professores e disse sobre a necessidade dos presentes assinarem o livro de Ata, evitando algum problema posterior. Nesta Ata consta a assinatura do atual prefeito da cidade, Luis Olinto Tortorello, que lecionou no Português no ginásio, e em Junho de 1969 tornou-se o responsável, durante a ausência da diretoria, pelo período letivo da tarde, juntamente com Clodomiro Dias da Motta. Também encontra-se registrado que o professor João Rodrigues, Rui Menegoni Pedroso e Antonio Odracir B. Golden foram convidados a responder pelo período noturno.

Na gestão de dona Maria Lucia, Neusa Moraes e Eunice Greco foram responsáveis pela montagem da biblioteca; Dircinéia Galves e Benedito Pinheiro Campo pelo jornal da escola; Walter Weiss, pelo clube estudantil e José Antonio de Moraes pela fanfarra. Dona Maria Lucia também tomou algumas medidas disciplinares, entre elas a perda de provas, a marcação de ausência e zero para os alunos que fossem penalizados com suspensão. Também não seria mais permitida a entrada de alunos atrasados e nem a entrada de vendedores de livros nas salas de aula. Quanto às sabatinas, ficou decidido que os alunos só teriam autorização para se ausentarem da escola nas últimas aulas. Em sua gestão os professores questionavam a direção sobre os horários de reuniões, que muitas vezes eram incompatíveis com seus outros afazeres. Num desses momentos de questionamento, dona Maria Lucia declarou: *Já que a escola é uma, e a*



reunião é fonte de informação para solucionar problemas comuns, nunca poderei dividir um grupo para realizar reuniões.

Nesse período os alunos que vinham transferidos de outras escolas eram submetidos ao exame de adaptação, tendo em vista que a escola possuía algumas matérias diferenciadas, como Práticas Comerciais. A curiosidade desse tempo fica por conta das aulas de Educação Física, que para meninos era lecionada por professor, e por professora para meninas.

Em 1971 foi feita a primeira atribuição de aulas para o colegial, que estava sendo implantado na escola. Em 1972 assume a direção em caráter substitutivo Rita Maria da Silva Stella. Coube a Carlos Humberto Volpon assumir a direção em 1976. Segundo funcionários daquele tempo que ainda hoje se encontram na escola, *ele foi um pai, um homem muito generoso.* Em Junho desse mesmo ano a direção convocava os professores para aplicarem os Exames Supletivos.

Quase um ano depois, exatamente a 21 de Julho de 1977, acontece um fato inusitado. Toma posse em caráter efetivo na cadeira de Português a patronesse da escola, professora Yolanda Ascencio. Nesta mesma data também assumia uma cadeira de Português, a professora Maribel Aparecida

Marana, atual diretora da Escola de Primeiro Grau Silvio Romero.

CIVISMO – Nessa época, o ensino também sentia os efeitos do regime militar, cuja influencia fazia-se sentir através da existência de matérias como Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política e Estudos Sociais, até na participação das escolas em eventos cívicos. Na Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio não era diferente, seguindo o padrão das demais escolas do país, e para cada evento cívico havia uma comemoração: Tiradentes, Dia do Trabalho, Dia da Independência do Brasil, Dia da Proclamação da República. Em 5 de Setembro de 1977, há o registro da convocação dos professores, pelo diretor Carlos Humberto Volpon, para o hasteamento da Bandeira Nacional nas dependências da escola e logo a seguir, os alunos, acompanhados pelos professores de Educação Física, participariam do Desfile Cívico na Avenida Goiás. Dentre todos os professores que assinaram a Ata de Convocação, consta lá a assinatura do atual diretor do CIM Professora Alcina Dantas Feijão, Professor Pacífico Nagamassa Koyama, que deu aulas de Organização Social e Política, foi Orientador de Educação Moral e Cívica, coordenando o Centro Cívico da Escola, cuja atribuição nesse cargo,

se deu em 31 de Janeiro de 1.978. O professor Pacífico permanece até hoje no quadro de professores da escola.

Em 21 de Abril de 1978, os professores foram novamente convocados para a solenidade cívica, alusiva a Tiradentes. É nessa Ata que se pode encontrar a assinatura de dona Darcy Resende Suarez, professora contratada, que somente assumiu como efetiva em 1983 e foi diretora do Externato Santo Antonio, por aproximadamente 18 anos, até seu falecimento em Julho de 1997.

Seis anos depois assumiu a direção, por um curto período, Cleide Augusto, que deixou seu estilo registrado em Ata. Na de 30 de Junho de 1.984 após dar orientações gerais sobre diário de classe, antecipação de aula, saída de alunos, avaliação e recuperação de alunos, termina com o pensamento: *O mínimo que se espera de cada um, é que cumpra seu dever.*

Clenira Cortez Ramos Calvoso assumiu a direção em 1985 e em sua gestão ocorreu o Recadastramento Eleitoral, ficando tanto nessa ocasião, como nas eleições de 15 de Novembro de 1986, governo de Franco Montoro e de 15 de Novembro de 1989, governo de Orestes Quércia, funcionários, professores e diretoria à disposição da Justiça Eleitoral.

Em 1991 assumiu a direção da escola e permanece até o momento, Maria Cleusa Dias. Em sua gestão houve e está havendo muitas alterações, algumas por força de política educacional como o funcionamento dos cursos de Publicidade e Administração de Empresas, em 1990, que existiram até a formação das primeiras turmas e se extinguíram com a transformação da escola em Escola Padrão, em 1992; a reestruturação de quinta a oitava séries e segundo grau em 1996 (o ensino de primeiro grau passa a ter prédio específico em todo o Estado).

Em 1998 as Escolas Estaduais tiveram autonomia para criarem seu próprio Regimento Escolar, sua Proposta Pedagógica e seu Plano de Gestão. A Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio discutiu com os professores, pais, através do colegiado (Conselho de Escola) e da APM a modificação de conceitos A,B,C,D e E para notas de zero a 10 e rendimento semestral. A média passou a ser cinco, sendo a nota composta de: Prova Oficial de zero a quatro pontos; Outros Instrumentos de Avaliação (-OIA) de zero a quatro pontos e dois pontos de Prova Interdisciplinar, onde todas as disciplinas atuam na mesma fonte, para que o aluno perceba a interdisciplinaridade.

A Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio segue atualmente a seguinte proposta pedagógica: *Atendendo que a fonte legítima da cidadania não deve ser o mercado, mas o direito do ser humano ao trabalho, este não somente como emprego ou ocupação reconhecida, mas como todas as formas de participação efetiva na construção da riqueza social, propomos : - assegurar, pois este direito distribuindo bem não-material, saber considerado superior, pelo seu nível de elaboração e sistematização; - garantir que o ensino da Língua Portuguesa, o ensino de Ciências Físicas e Sociais e outros conteúdos básicos sejam, trabalhados de forma mais real e mais próxima da experiência vivenciada pelo aluno, articulando as disciplinas do currículo de modo a assegurar os conteúdos orgânicos; - acompanhar o rendimento dos alunos e prever formas de suprir possíveis requisitos, sem rebaixar o nível de ensino.*

No ano de 1998, gestão do prefeito Luis Olinto Tortorello, foi construída Quadra Poliesportiva Marcelo Coutinho da Silva, montado o Laboratório, com equipamentos de

última geração e executada a reforma interna e externa do prédio. Logo na entrada da escola, em incentivo à arte e à cultura, há um trabalho apresentado no 1º Simpósio Internacional de Escultura Monumental, nesse mesmo ano, e que foi doado pelo autor Ernesto Lallard, do México à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Na placa alusiva à obra estão os seguintes dizeres:

Conjuncion: La unión de los Pueblos/ La unión de sus Costumbres/ La unión de sus Culturas/ La unión de sus Creadores/ Todos como Hermanos.../ Girando como Estética armonia/ Em torno a nuestra gran diversidad.

Atualmente foi implantado na escola a coleta seletiva de lixo, preparando os alunos para o futuro e num exemplo de real cidadania.

Da fundação da escola até o presente, funcionando em três períodos, com 1.064 alunos, muitos profissionais fizeram e fazem da escola um marco na educação dos cidadãos: diretores, professores, secretários, zeladores, inspetores, serventes, bibliotecários. Um contingente à serviço do maior bem que é a Educação. Uma instituição que tem acolhido crianças e adolescentes e devolvido à comunidade verdadeiros cidadãos.

(1) A Força Pública foi transformada em Polícia Militar durante o regime militar instalado no País a partir de 1964

(2) As primeira série registradas correspondem atualmente às quintas séries do primeiro grau. Os termos quadro-negro e ponto eram usados e o Francês era obrigatório nos dois primeiros anos e somente na terceira e quarta séries é que o Inglês era introduzido.

(*) *Mariza Lima Gonçalves é poetisa, escritora, membro da Academia de Letras da grande São Paulo e professora de Português e Literatura*

Índice onomástico remissivo da revista *Raízes*, por título de artigo e/ou texto jornalístico

A

A. A. São Bento: o futebol no Morro dos Ventos Uivantes (1954-1957). **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 18, pp. 47-51, dezembro de 1998;

A Agência da Prefeitura e Luiz (Luivigino) Neri. **Buso**, Silvio José. **Raízes**, 8, pp. 59-61, dezembro de 1992;

A arquitetura religiosa no Núcleo Colonial de São Caetano. **Tessitore**, Nívio. **Raízes**, 18, pp. 19-22, dezembro de 1998;

A arte pictórica de João Fernandes Ribeiro. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 7, pp. 4-6, julho de 1992;

A árvore da amizade. A presença de Paul Harris em São Caetano. **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 15, p. 53, julho de 1997;

A Autonomia, vista por Verino Segundo Ferrari. **Lorenzini**, Hélcio José. **Raízes**, 15, pp. 45-48, julho de 1997;

A Bulgária também conta história. **Sperate**, Joci-mara. **Raízes**, 8, pp. 11-12, dezembro de 1992;

A Casa da Fábrica Formicida (Crônica de um pas-sado). **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 12, pp. 26-28, janeiro de 1995;

A centenária festa do padroeiro da cidade: São Caetano. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 10, pp. 36-40, janeiro de 1994;

A cidade em que escola não é problema. **Musumeci**, Claudio. **Raízes**, 10, p. 47, janeiro de 1994;

A corrida e as botinas: duas histórias de minha in-fância. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 20, p. 38, de-zembro de 1999;

A criação da Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio. **Gonçalves**, Mariza Lima. **Raízes**, 20, pp. 85-88, dezembro de 1999;

A educação de São Caetano já passou pela Tai-lândia. **Raízes**, 15, pp. 33-34, julho de 1997;

A família de Fernando Capuano. **Botteon**, Mário. **Raízes**, 3, p. 49, julho de 1990;

A fé Bab'í também está presente em São Caeta-no do Sul. **Vahdat**, Fariba S. **Raízes**, 16, pp. 53-57, dezembro de 1997;

A felicidade está no ar: memória do rádio e da ra-dionovela. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 16, pp. 32-39, dezembro de 1997;

A formação de São Caetano no contexto da região metropolitana de São Paulo. **Moraes**, João Carlos de. **Raízes**, 20, pp. 27-34, dezembro de 1999;

A formação do espaço regional do Tijucuçu e de São Caetano. **Martins**, José de Souza. **Raízes**, 5, pp. 4-16, julho de 1991;

A herança cultural da Cerâmica São Caetano S/A. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 16, pp. 15-18, de-zembro de 1997;

A herança de Atilio Bertochi. **Bertochi**, Sonia. **Raízes**, 7, pp. 71-74, julho de 1992;

A história dos Paços Municipais revela fatos im-portantes da cidade. **Santarneckchi**, D. Glenir. **Raízes**, 16, pp. 42-44, dezembro de 1997;

A Indústria Primitiva. **Marques**, Antonio José. **Raízes**, 9, pp. 64-66, julho de 1993;

A influência da imigração eslava na arquitetura paulista. **Tessitore**, Nívio. **Raízes**, 15, pp. 4-6, julho de 1997;

A influência da imigração europeia na arquitetura paulista. **Tessitore**, Nívio. **Raízes**, 14, pp. 4-5, julho de 1996;

A Literatura no ABC (Da contemplação à resistência). **Veras**, Dalíla Teles. **Raízes**, 4, pp. 44-47, janeiro de 1991;

A Maçonaria em São Caetano. **Buso**, Silvio José. **Raízes**, 5, pp. 35-37, julho de 1991;

A memória do caminhão brasileiro trafega pelo ABC. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 13, pp. 34-37, julho de 1995;

A Metalúrgica Uliana completa 42 anos de ativida-des constantes. **Buso**, Silvio José. **Raízes**, 16, pp. 40-41, dezembro de 1997

A paixão pela cidade: memórias de Maria Scarpa-ro. **Raízes**, 8, pp. 65-66, dezembro de 1992;

A participação da imprensa na emancipação políti-ca (1928-1959). **Petrolli**, Valdenizio. **Raízes**, 2, pp. 14-17, dezembro de 1989;

A passeata do Silêncio e o Movimento Estudantil

na década de 60. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 3, pp. 24-26 e 31-35, julho de 1990;

A presença espanhola em São Caetano do Sul. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 8, pp. 13-21, dezembro de 1992;

A presença espanhola em São Caetano do Sul. **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 8, pp. 13-21, dezembro de 1992;

A primeira equipe juvenil de basquetebol masculino teve José Crivelaro como treinador. **Gerchtel**, Carlos. **Raízes**, 17, pp. 57-58, julho de 1998;

A retificação do Ribeirão dos Meninos. **Santos**, Urames P. **Raízes**, 5, pp. 66-67, julho de 1991;

A Revolução de 32: o ataque ao capão de mato e o rapaz de São Caetano. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 18, pp. 13-18, dezembro de 1998;

A Revolução de 1924 e seus reflexos na cidade. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 20, pp. 4-16, dezembro de 1999;

A saga vêneta. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 10, pp. 21-34, janeiro de 1994;

A Sociedade Internacional de Imigração e os debates sobre as liberdades no Brasil. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 17, pp. 35-39, julho de 1998;

A Taberna do Theresina. **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 11, p. 39, julho de 1994;

A velha estação na vida de um ferroviário. **Buso**, Silvío José. **Raízes**, 11, pp. 42-43, julho de 1994;

A viagem do vapor Europa ao Atlântico Sul, em julho de 1877. **Martins**, José de Souza. **Raízes**, 13, pp. 4-11, julho de 1995;

A visita do imperador D. Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano, em 1878. **Martins**, José de Souza. **Raízes**, 2, pp. 4-10, dezembro de 1989;

A volta do Vigilante Rodoviário. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 12, pp. 34-37, janeiro de 1995;

As irmãs clarissas em São Caetano do Sul. **Giannello**, José Roberto. **Raízes**, 17, pp. 41-43, julho de 1998;

As lembranças da vida política de Genésio Carlos Alvarenga. **Raízes**, 18, pp. 5-8, dezembro de 1998;

As lembranças de Priscila Mezadri (Depoimento). **Raízes**, 9, pp. 49-51, julho de 1993;

As lembranças de Rosalina De Nardi Zapparoli e Marcelino De Nardi (Depoimento). **Raízes**, 8, pp. 62-64, dezembro de 1992;

As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto. **Vincenzi**, Giordano P. S. **Raízes**, 11, pp. 40-41, julho de 1994;

As Raízes na aldeia. Rufini, Claudinei. **Raízes**, 2, pp. 44-45, dezembro de 1989;

As ricas lembranças de um pioneiro Bahá'i na cidade. **Bonventti**, Rodolfo Carlos. **Raízes**, 18, pp. 57-60, dezembro de 1998;

As vilas que São Caetano não tem mais. **Santarnecchi**, D. Glenir. **Raízes**, 7, pp. 33-34, julho de 1992;

Academia de Letras da Grande São Paulo. **Gisso**, Rinaldo. **Raízes**, 15, pp. 50-51, julho de 1997;

Águas da História, história das águas. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 4, pp. 48-50, janeiro de 1991;

Albino Martorelli: um herói romântico dos velhos tempos do futebol. **Ruffini**, Claudinei. **Raízes**, 18, pp. 45-46, dezembro de 1998;

Alegres lembranças. **Lopes**, Armando. **Raízes**, 11, p. 50, julho de 1994;

Amargas lembranças. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 6, pp. 59-65, janeiro de 1992;

Angelo Raphael Pellegrino. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 3, pp. 50-53, julho de 1990;

Anita Malfatti - Exposição Anita Malfatti e Seu Tempo (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

Aniversário de metalúrgica revela passado de duas famílias. **Ficarelli**, Flávio. **Raízes**, 14, pp. 14-16, julho de 1996;

Antonio Marinotti. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 5, p. 85, julho de 1991;

Antônio, santo dos italianos, dos portugueses...e de todo mundo. **Petrolli**, Valdenízio. **Raízes**, 13, pp. 26-33, julho de 1995;

Antropologia - Uma Introdução. **Marcondes**, Marina de Andrade. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

Antropologia - Uma Introdução. **Presotto**, Zélia Maria Neves. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

Aqui nasceu a indústria automobilística brasileira (General Motors). **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 6, pp. 30-32, janeiro de 1992;

Arma dos fundadores de São Caetano era a esperança. De Lucca, Armando. **Raízes**, 13, p. 73, julho de 1995;

Armando de Arruda Pereira. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 4, pp. 13-17, janeiro de 1991;

Artes Plásticas - A I Exposição de Pintura Contemporânea do Grande ABC - Talento e Expressão. (Registro) **Raízes**, 20, p. 117, dezembro de 1999;

Ataliba da Silva, empresário idealista à frente de seu tempo. **Gerchtel**, Carlos. **Raízes**, 19, pp.45-46, julho de 1999;

Atualização constante assegura eficiência e prestígio da escola. **Junquetti**, Dulce. **Raízes**, 10, pp. 50-51, janeiro de 1994;

Augusta Dalcin Botteon, um exemplo de fé, trabalho e muita perseverança. **Botteon**, Mário. **Raízes**, 18, pp. 61-62, dezembro de 1998;

Autonomia - Exposição São Caetano 50 anos de Autonomia (Registro). **Raízes**, 18, p.73, dezembro de 1998;

Autonomia revela passado em exposição (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Aviadores de São Caetano. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 9, pp. 8-10, julho de 1993;

B

Bairro Prosperidade: A História da sua anexação a São Caetano do Sul. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 17, pp. 15-18, julho de 1998;

Banco do Brasil, presente na História de São Caetano do Sul. **Marques**, Eva Bueno. **Raízes**, 16, pp. 45-48, dezembro de 1997;

Banco Real: o que ficou na memória. **Ferrari**, Verino Segundo. **Raízes**, 10, p. 7, janeiro de 1994;

Beneficência Portuguesa - Exposição Beneficência Portuguesa - 50 anos a serviço do povo. (Registro) **Raízes**, 20, p. 91, dezembro de 1999;

Biaggio Cersosimo. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 11, p. 49, julho de 1994;

Biblioteca Paul Harris, 40 anos (1954-1994).

Bertochi, Sônia Regina. **Raízes**, 11, pp. 22-26, julho de 1994;

Boletim - Principais assuntos abordados do nº 1 ao 16 (Registro). **Raízes**, 16, pp.73-74, dezembro de 1997;

Brasão e bandeira de São Caetano do Sul (origem, cronologia e crítica). **Petrolli**, Valdenízio. **Raízes**, 3, pp. 46-48, julho de 1990;

Bravas, mulheres. Cairo, Esperança Martorelli. **Raízes**, 4, pp. 43-44, janeiro de 1991;

Bravas, mulheres. **Rufini**, Claudinei. **Raízes**, 4, pp. 43-44, janeiro de 1991;

Bruna Mazzoni de Melo: uma lição de amor e de vida para nossa geração. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 15, p. 52, julho de 1997;

Bruna Ricci, a LBA e a campanha do Hospital São Caetano. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 7, pp. 75-78, julho de 1992;

C

Calças semicurtas, caminhadas, litros de água: lembranças nostálgicas de meu trabalho. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 17, pp. 68-69, julho de 1998;

Carmine Guerriero - a vida de um prisioneiro de guerra. **Sperate**, Jocimara. **Raízes**, 10, pp. 17-18, janeiro de 1994;

Casas populares nos anos 40. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 8, pp. 43-46, dezembro de 1992;

Castores, clube de jovens que agitou a cidade nos anos 60/70. **Sperate**, Jocimara. **Raízes**, 8, pp. 53-55, dezembro de 1992;

Cavaliere Zapparoli, um contador de histórias. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 2, pp.11-13, dezembro de 1989;

Cenas de minha infância. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 9, p. 58, julho de 1993;

Cenas do Bairro da Ponte (1920-1940). **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 6, pp. 50-58, janeiro de 1992;

Centro de São Caetano na década de 1940. **Ferrari**, Narciso. **Raízes**, 19, pp. 59-60, julho de 1999;

Centro formador de artistas, características da Fundarte. **Manzo**, Roberto. **Raízes**, 10, p. 52, janeiro de 1994;

Cerâmica, uma arte milenar presente também no

Município. **Coelho Neto**, Antonio Augusto. **Raízes**, 17, pp. 25-28, julho de 1998;

Chico Mendes - Exposição Ruas de São Caetano I (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

Chiea Indústria e Comércio S/A: cinquenta anos de serviços prestados. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 18, pp. 53-55, dezembro de 1998;

Cinquenta anos - Lançamento carimbo Postal Comemorativo ao Cinquentenário, Inauguração busto Ângelo Raphael Pellegrino; Inauguração Monumento da Autonomia (Registro). **Raízes**, 18, p. 70, dezembro de 1998;

Claudio Musumeci: 42 anos de vida política no Município (História Política). **Raízes**, 13, pp. 46-48, julho de 1995;

Clubes recreativos. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 4, pp. 58-60, janeiro de 1991;

Colégio Alcina Dantas Feijão: 32 anos de atividades ininterruptas. **Gonçalves**, Mariza Lima. **Raízes**, 19, pp. 55-58, julho de 1999;

Colombo e a América. Quinhentos anos depois. **Amado**, Janaína. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

Colombo e a América. Quinhentos anos depois. **Figueiredo**, Luiz Carlos. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

Com mais de 50 anos, Tamoyo é um dos clubes mais antigos da região. **Araújo**, Alberto do Carmo. **Raízes**, 13, pp. 66-67, julho de 1995;

Comemoração - Exposição Três Décadas de Arte (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

Comemoração - Projeto Museu na Escola exibiu exposição itinerante São Caetano 50 anos de Autonomia (Registro). - **Raízes**, 18, p. 70, dezembro de 1998;

Como apareceu o Instituto de Ensino Sagrada Família. **Ferrari**, Verino Segundo. **Raízes**, 9, pp. 38-39, julho de 1993;

Como, quando e por que a moeda brasileira apodreceu. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 13, pp. 57-63, julho de 1995;

Comunicação ambiental: o pioneiro Boletim Cicpaa. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 7, pp. 13-16, julho de 1992;

Congresso de História do ABC abre os festejos de São Caetano (Registro). **Raízes**, 12, pp. 75-76, janeiro de 1995;

Conhecido por todos, Seu Juca era uma fonte de informação confiável. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 18, p. 56, dezembro de 1998;

Conjuntos musicais contribuíram muito para o desenvolvimento artístico da cidade. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 17, pp. 19-24, julho de 1998;

Conversa entre amigos em São Caetano - 1940. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 9, pp. 4-7, julho de 1993;

Coronel Saladino, prefeito. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 4, pp. 4-12, janeiro de 1991;

Costumes Antigos 1 e 2. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 13, pp. 21-25, julho de 1995;

Cotidiano. Exposição Nossas Imagens, Nossa História (Registro). **Raízes**, 18, pp. 72-73, dezembro de 1998;

Crescimento demográfico e adensamento acelerado (o caso de São Caetano). **Moraes**, João Carlos de. **Raízes**, 12, pp. 56-57, janeiro de 1995;

Crescimento do Município é resultado de longa marcha através da História. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 16, pp. 30-31, dezembro de 1997;

Crônicas da rua Baraldi. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 3, pp. 36-39, julho de 1990;

Cruzada: **Raízes** na fé e no amor dos integrantes. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 15, pp. 63-66, julho de 1997;

Cultura Inglesa - Exposição Um Olhar Viajante - A Natureza (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

D

Da velha capela de 1877 à Matriz Velha de 1927: o símbolo da religiosidade dos pioneiros. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 1, pp. 4-6, julho de 1989;

Da Itália a São Caetano: a trajetória da família de Cândido Piccolo. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 2, pp. 39-43, dezembro de 1989;

De Caetano do Tijucuçu a São Caetano do Sul, uma longa marcha de conquistas. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 17, pp. 29-32, julho de 1998;

De volta à velha fábrica. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 6, pp. 45-49, janeiro de 1992;

Depoimentos de imigrantes ressaltam o valor e a

coragem desses heróis anônimos. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 20, pp. 69-73, dezembro de 1999;

Desaparecimento dos campos de várzea não diminui o aparecimento de craques. **Ferrari**, Narciso. **Raízes**, 20, pp. 67-68, dezembro de 1999;

Dez anos da Revista Raízes - Exposição Raízes - 10 anos de história (Registro). **Raízes**, 20, pp. 116-117, dezembro de 1999;

Diário de um imigrante vindo da Província de Campobasso (Nápoles). **Buso**, Silvio José. **Raízes**, 13, pp. 12-15, julho de 1995;

Dionízio Campazi, o Loiro barbeiro, completou 57 anos de trabalho (Depoimento). **Raízes**, 19, pp. 61-64; julho de 1999;

Diva Cassetari Grassi - primeira farmacêutica de São Caetano do Sul. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 16, pp. 65-66, dezembro de 1997;

Doação - 27 livros da primeira administração do Município (Registro). **Raízes**, 18, p. 75, dezembro de 1998;

Documentos - Homenagens ao ex-vice-prefeito Lauro Garcia e família de Fernando Piva (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

Dom Jorge - o bispo dos operários. **Petrolli**, Valde-nízio. **Raízes**, 7, pp. 24-27, julho de 1992;

Dona Amélia sábia professora que semeou os frutos do conhecimento. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 16, p. 69, dezembro de 1997;

Dorival Fuina, um escultor herdeiro de tradição secular. **Rufini**, Claudinei. **Raízes**, 19, pp. 51-52, julho de 1999;

E

E então chegou a televisão. **Andrade**, Antonio. **Raízes**, 9, pp. 67-70, julho de 1993;

Educação pelo rádio. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 8, pp. 41-42, dezembro de 1992;

Elvira Paulillo Braido. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 6, pp. 89-91, janeiro de 1992;

Elvira Paulillo Braido. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 6, pp. 89-91, janeiro de 1992;

Em busca das próprias Raízes (Reportagem). **Raízes**, 3, p. 54, julho de 1990;

Em memória de um rio. **Rufini**, Claudinei. **Raízes**, 7, pp. 17-20, julho de 1992;

Empenho da comunidade construiu o primeiro Grupo Escolar. **Mimesse**, Eliana. **Raízes**, 20, pp. 35-37, dezembro de 1999;

Empresa de 80 anos revela todo pioneirismo de Antonio Garbelotto. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 13, pp. 38-41, julho de 1995;

Engenheiro Billings, visionário que acelerou o desenvolvimento do progresso. **Almeida**, Octávio Camillo Pereira de. **Raízes**, 17, p. 40, julho de 1998;

Era uma rua chamada Rui Barbosa. **Buso**, Silvio José. **Raízes**, 5, pp. 54-57, julho de 1991;

Era uma rua chamada Rui Barbosa. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 5, pp. 54-57, julho de 1991;

Era uma vez... (crônica de uma época). **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 4, pp. 38-42, janeiro de 1991;

Escola literária em São Caetano. **Marques**, Antonio José. **Raízes**, 7, pp. 35-39, julho de 1992;

Escoteiros - Exposição A Trajetória do Escotismo em São Caetano (Registro). **Raízes**, 20, p. 116, dezembro de 1999;

Escoteiros. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 5, p. 74, julho de 1991;

Escoteiros do Senador Flaquer nos festejos de setembro de 1922. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 15, p. 49, julho de 1997;

Esforço e sucesso na trajetória do imigrante libanês Mustaphá Abdouni. **Ficarelli**, Flávio. **Raízes**, 14, pp. 46-47, julho de 1996;

Esquinas - Exposição Esquinas de ontem e de Hoje (Registro). **Raízes**, 19, p. 72, julho de 1999;

Estação de São Caetano, obra de arte que chamava a atenção. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 13, p. 69, julho de 1995;

Estradas: um novo elemento na moderna paisagem paulista. **Fidélis**, Guido. **Raízes**, 16, pp. 51-52, dezembro de 1997;

Evento cultural recupera dados sobre a fundação de São Caetano (Registro). **Raízes**, 13, p. 71, julho de 1995;

Ex-vereador autonomista relembra acontecimen-

tos vividos na Câmara (Depoimento). **Raízes**, 14, pp. 33-36, julho de 1996;

Exposição comemora 45 anos de autonomia (Eventos). **Raízes**, 10, p. 60, janeiro de 1994;

Exposição mostra história do rádio (Registro). **Raízes**, 12, p. 77, janeiro de 1995;

Exposição mostra trajetória de imigrantes italianos, de Vittorio Veneto a São Caetano. **Raízes**, 10, p. 62, janeiro de 1994;

Exposição natalina revela várias tradições (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Exposição recupera passado do cinema (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Exposição Ruas de São Caetano (Registro). **Raízes**, 18, p. 73, dezembro de 1998;

Externato Santo Antonio: tudo começou num jardim de infância. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 14, pp. 21-26, julho de 1996;

F

Família Dall'Anese (de Vittorio Veneto e São Caetano do Sul). **Gallo**, Márcia. **Raízes**, 5, pp. 75-78, julho de 1991;

Família Garbelotto e sua trajetória de Cappella Maggiore a São Caetano. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 8, pp. 6-10, dezembro de 1992;

Família Sáfrány encontrou melhores dias em São Caetano. **Heras**, Paulo. **Raízes**, 9, pp. 19-21, julho de 1993;

Família Scartozzoni, uma história de 1889... **Raízes**, 15, pp. 54-57, julho de 1997;

Famílias Coppini - Dellanegra, uma união de fibra e muito caráter. **Mariano**, Ilma Dias. **Raízes**, 17, pp. 48-50, julho de 1998;

Fantasia e medo transformam fatos simples em acontecimentos fantásticos. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 19, p. 14, julho de 1999;

Fatos históricos, batalhas políticas e jornalísticas que envolveram a autonomia. **Cini**, Celso de Almeida. **Raízes**, 20, pp. 17-26, dezembro de 1999;

FEB, cinquenta anos depois. **Buso**, Silvio José. **Raízes**, 6, pp. 10-16, janeiro de 1992;

Ferramentas ressaltam capacidade criadora (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Festa Italiana - Lançamento livro São Caetano - das várzeas a Príncipe dos Municípios, de Wilson Loducca (Registro). **Raízes**, 20, p. 117, dezembro de 1999;

Florence, Langsdorff e nós. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 8, pp. 38-40, dezembro de 1992;

Foi uma vez uma sociedade. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 5, pp. 17-24, julho de 1991;

Formação Urbana e Espaço Habitável em São Caetano do Sul. **Moraes**, João Carlos de. **Raízes**, 8, pp. 47-49, dezembro de 1992;

Francisco Garcia, o Paco. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 11, p. 52, julho de 1994;

Fundação das Artes comemora jubileu. E confirma espaço no contexto cultural. **Raízes**, 10, pp. 49-52, janeiro de 1994;

Fundação Municipal Anne Sullivan - arte e amor do caminho dos deficientes. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 12, pp. 51-55, janeiro de 1995;

Fundação Pró-Memória abre acervo para pesquisadores (Registro). **Raízes**, 11, p. 46, julho de 1994;

Fundação Pró-Memória apresenta novo Centro de Documentação e Núcleo do Arquivo Municipal (Registro). **Raízes**, 16, p. 71, dezembro de 1997;

Fundação Pró-Memória estabelece convênio com Museu da Imigração (Registro). **Raízes**, 20, p. 115, dezembro de 1999;

Fundação Pró-Memória participa de programa da União Européia (Registro). **Raízes**, 19, pp. 69-70, julho de 1999;

Fundação Pró-Memória promove exibição de vídeos sobre o Município (História). **Raízes**, 12, p. 79, janeiro de 1995;

Fundação Pró-Memória recebe prêmio como Destaque do Ano (Registro). **Raízes**, 18, p. 72, dezembro de 1998;

Fundador do Jornal de São Caetano foi destaque no movimento autonomista (História Política). **Raízes**, 13, pp. 43-45, julho de 1995;

Futebol - união de empresários e comerciantes fez nascer o São Caetano Atlético Clube. **Pastore**, Humberto Domingos. **Raízes**, 9, pp. 40-43, julho de 1993;

Futebol Amador - Exposição Cruzada Esporte (Registro). **Raízes**, 18, p. 75, dezembro de 1998;

Futebol varzeano da cidade teve época marcante nos anos 40. **Ferrari**, Narciso. **Raízes**, 18, pp. 41-44, dezembro de 1998;

G

Garbelotti e sua paixão pela imprensa. **Raízes**, 9, p. 73, julho de 1993;

General Motors - Exposição Revista Vida na GM-50 (Registro). **Raízes**, 19, p. 71, julho de 1999;

Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, experiência fascinante mas reprimida. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 9, pp. 34-36, julho de 1993;

Giovanni Moretti, o "Belo". **Moretti**, João. **Raízes**, 5, pp. 81-82, julho de 1991;

Gisela, quase meio século de tradição. **Araújo**, Alberto do Carmo. **Raízes**, 12, pp. 66-68, janeiro de 1995;

Governo Itinerante - Exposição As Olarias de São Caetano (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

Governo Itinerante - Exposição São Caetano em Imagens (Registro). **Raízes**, 19, pp. 70-71, julho de 1999;

Graciliano Ramos - Exposição Graciliano Ramos (Registro). **Raízes**, 18, pp. 74-75, dezembro de 1998;

Grupo Escolar Senador Flaquer (1926-1930). **Vincenzi**, Jordano P. S. **Raízes**, 4, p. 65, janeiro de 1991;

H

Há 40 anos eram criados os Cursos de Orientação Prático-Industrial. **Silva**, José Odair da. **Raízes**, 20, pp. 63-64, dezembro de 1999;

Há 76 anos foram inauguradas as primeiras linhas do tramway municipal. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 19, pp. 5-10, julho de 1999;

Helena Kaminska, ou 88 anos de memória de uma ucraniana. **Bernardi**, Leda Paula. **Raízes**, 14, pp. 42-43, julho de 1996;

Heranças coloniais no ABC Paulista. **Puntschart**, William. **Raízes**, 20, pp. 49-53, dezembro de 1999;

História de vida e História vivida (a casa, a rua, a fábrica). **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 4, pp. 24-32 e 37, janeiro de 1991;

História Política do Grande ABC: um tema a ser

desvendado. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 7, pp. 21-23, julho de 1992;

Histórias dos anos 40, na Agência da Prefeitura. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 15, pp. 29-32, julho de 1997;

Humberto Piccolo, um esportista exemplar. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 12, pp. 62-65, janeiro de 1995;

Húngaros também contribuíram positivamente na formação da cidade. **Raízes**, 19, pp. 43-44, julho de 1999;

I

Ideal e Izabel Bendazolli: 64 anos casados e 73 anos como munícipes (Depoimentos). **Raízes**, 20, pp. 81-82, dezembro de 1999;

Imagens II. Exposição São Caetano em Imagens II (Registro). **Raízes**, 18, p. 72, dezembro de 1998;

Imagens do passado, luzes do futuro: reflexões sobre os 119 anos da cidade. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 14, pp. 9-11, julho de 1996;

Imagens dos Rodrigues Vieira. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 11, pp. 27-29, julho de 1994;

Imagens e fatos de duas cidades-irmãs realçam seus laços. **Coelho Neto**, Antonio Augusto. **Raízes**, 15, pp. 1-15, julho de 1997;

Imagens vênetas (breve história da trajetória dos homens simples que fundaram uma cidade na América). **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 5, pp. 25-34, julho de 1991;

IMES comemora 25 anos. Autorização para transformar-se em universidade. **Raízes**, 10, pp. 44-46 e 48, janeiro de 1994;

IMES resultado de trabalho e perseverança. **Minciotti**, Silvio A. **Raízes**, 10, p. 45, janeiro de 1994;

Imigração e a presença da família de Antonio Gallo. **Gallo**, Orlando. **Raízes**, 9, pp. 22-24, julho de 1993;

Imigração espanhola remonta ao início da colonização do Brasil. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 19, pp. 23-30, julho de 1999;

Imigrante Francesco Botteon relembra passado dos familiares. **Botteon**, Mário. **Raízes**, 16, p. 70, dezembro de 1997;

Imigrantes espanhóis que lutaram venceram em

São Caetano: Família Pereira Otero. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 17, pp. 44-45, julho de 1998;

Imigrantes - Exposição São Caetano de Todos os Povos (Registro). **Raízes**, 19, p. 70, julho de 1999;

Imigrantes lituanos, açorianos e libaneses participam da História sancaetanense. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 18, pp. 33-36, dezembro de 1998;

Implantação de taxímetros causou polêmica há 36 anos. **Raízes**, 14, pp. 27-28, julho de 1996;

Inaugurada reserva técnica do Museu Municipal (Registro). **Raízes**, 20, p. 116, dezembro de 1999;

Índios - Exposição Índios - O início de uma história (Registro). **Raízes**, 19, p. 70, julho de 1999;

Indústria - Exposição Memórias da Indústria (Registro). **Raízes**, 19, p. 72, julho de 1999;

Iniciativa inédita integra Museu com rede escolar pública (Registro). **Raízes**, 17, p. 78, julho de 1998;

Instituto Mauá de Tecnologia: 29 anos de atividades. **Barbosa**, Marli. **Raízes**, 10, pp. 53-56, janeiro de 1994;

Instituto Rocha Pombo. **Rezende**, Noemia Rodrigues de. **Raízes**, 7, pp. 40-41, julho de 1992;

Isola Maria Marques Teani. Trinta e sete anos de Magistério (Depoimento). **Raízes**, 20, pp. 74-76, dezembro de 1999;

Italianos e oriundi na I Guerra Mundial. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 6, pp. 4-9, janeiro de 1992;

J

Jabaquara: um clube com mais de meio século de tradições e glórias. **Araújo**, Alberto do Carmo. **Raízes**, 18, pp. 37-40, dezembro de 1998;

Jaffa Grynberg, uma lição de vida, coragem e muita esperança. **Ficarelli**, Flávio. **Raízes**, 14, pp. 48-50, julho de 1996;

Jantar - Cinquentenário da Autonomia de São Caetano do Sul (Registro). **Raízes**, 18, p. 69, dezembro de 1998;

João Aguiar e suas memórias de guerra. **Sperate**, Jocimara. **Raízes**, 9, pp. 52-57, julho de 1993;

João Anhê, dedicação à cidade e também ao esporte amador. **Raízes**, 13, pp. 64-65, julho de 1995;

João Dal'Mas. **Paes**, Valdirene A. Dal'Mas da Rocha. **Raízes**, 8, pp. 70-71, dezembro de 1992;

João De Conti: 44 anos no serviço cartorário. **Maregatti**, Kelly Cristina. **Raízes**, 19, pp. 53-54, julho de 1999;

João Giorgetti. Cavioli, Giorgetti Odila. **Raízes**, 6, pp. 95-96, janeiro de 1992;

João Migliani. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 6, pp. 94-95, janeiro de 1992;

João Tessarini: a trajetória. **Martins**, Caio. **Raízes**, 17, pp. 70-76, julho de 1998;

Jordano Vicenzi revela diversas histórias sobre a autonomia. **Raízes**, 12, pp. 10-17, janeiro de 1995;

L

La mistura del salamin (o tamanho do salaminho). **Perin**, Nelson. **Raízes**, 14, p. 58, julho de 1996;

La Siempre Habana - Exposição La Siempre Habana (Registro). **Raízes**, 19, p. 72, julho de 1999;

Laços renovados na Itália. **Raízes**, 4, p. 66, janeiro de 1991;

Liga - Exposição Liga de Futebol de São Caetano (Registro). **Raízes**, 19, p. 72, julho de 1999;

Livro de charges lançado no Museu Municipal (Registro). **Raízes**, 18, p. 69, dezembro de 1998;

Livros resgatam História da cidade, **Raízes**, 6, p. 85, janeiro de 1992;

Lodi, 78 anos de São Caetano, E muitas lembranças interessantes. **Almeida**, Ana Lúcia Machado. **Raízes**, 12, pp. 69-70; janeiro de 1995;

Lorenzo da Ponte, o filho mais ilustre de Vittorio Veneto. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 15, pp. 35-39, julho de 1997;

Luiz Alvarenga Meira e a criação do primeiro cartório da Comarca. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 18, p. 65, dezembro de 1998;

Luiz Gama, história de lutas, sacrifícios e conquistas. **Araújo**, Alberto do Carmo. **Raízes**, 14, pp. 65-66, julho de 1996;

M

Manoel Claudio Novaes: um cidadão com grande

participação junto à comunidade. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 19, pp. 67-68, julho de 1999;

Manoel Gutierrez Duran. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 5, pp. 83-84, julho de 1991;

Marcofilia: a rica filatelia de São Caetano do Sul. **Petrolli**, Valdenízio. **Raízes**, 1, pp. 17-20 e 25-28, julho de 1989;

Mário Romano, 40 anos de mensagens e prêmios. **Raízes**, 8, pp. 67-68, dezembro de 1992;

Mário Romano: uma lição de vida edificante e repleta de muita emoção. **Martins**, Caió. **Raízes**, 16, pp. 67-68, dezembro de 1997;

Martins - Lançamento livro Diário de fim de século (Registro). **Raízes**, 18, p. 75, dezembro de 1998;

Martins, na Inglaterra, pensando em São Caetano. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 10, pp. 4-5, janeiro de 1994;

Mauá, o barão, e o desenvolvimento do ABC. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 3, pp. 43-45, julho de 1990;

MCTA, 20 anos de atividades teatrais ininterruptas na cidade. **Valentim**, Osmar Costa. **Raízes**, 14, pp. 51-53, julho de 1996

Medicina caseira nas primeiras décadas da fundação de São Caetano. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 10, pp. 41-43, janeiro de 1994;

Meio Ambiente - Billings: memória da insensatez. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 5, pp. 61-65, julho de 1991;

Meio século de História. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 6, pp. 39-44, janeiro de 1992;

Meio século de Via Anchieta rememora marco da engenharia. **Senço**, Wlastemir di. **Raízes**, 16, pp. 49-50, dezembro de 1997;

Memória de(o) cinema: os anos silenciosos. **Scliar**, Moacyr. **Raízes**, 5, p. 38, julho de 1991;

Memória do trabalho e do trabalhador. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 1, pp. 32-35, julho de 1989;

Memória e Cultura: um jogo de espelhos. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 12, pp. 21-25, janeiro de 1995;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 1, pp. 21-24, julho de 1989;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 2, pp. 25-28, dezembro de 1989;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 3, pp. 27-30, julho de 1990;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 4, pp. 33-36, janeiro de 1991;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 5, pp. 86-99, julho de 1991;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 6, pp. 99-115, janeiro de 1992;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 7, pp. 82-99, julho de 1992;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 8, pp. 73-83, dezembro de 1992;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 9, pp. 76-91, julho de 1993;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 10, pp. 63-75, janeiro de 1994;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 11, pp. 53-63, julho de 1994;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 12, pp. 82-91, janeiro de 1995;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 13, pp. 77-83, julho de 1995;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 14, pp. 71-75, julho de 1996;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 15, pp. 67-75, julho de 1997;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 16, pp. 75-83, dezembro de 1997;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 17, pp. 79-87, julho de 1998;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 18, pp. 76-79, dezembro de 1998;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 19, pp. 73-79, julho de 1999;

Memória Fotográfica. **Raízes**, 20, pp. 118-123, dezembro de 1999;

Memorialista vêneta recupera passado distante

através de versos. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 19, pp. 31-36, julho de 1999;

Memórias do Bonifácio de Carvalho (ou os bons e velhos tempos do Ginásio). **Gonçalves**, José Teixeira. **Raízes**, 14, pp. 37-41, julho de 1996;

Metalúrgico aposentado faz relato da vida escolar e profissional. **Rodrigues**, Francisco. **Raízes**, 19, pp. 47-50, julho de 1999;

Metrô Sé - Exposição Um Olhar Viajante (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

Metrópoles - Exposição Metrôpoles do Mundo (Registro). **Raízes**, 19, p. 72, julho de 1999;

Meu amigo inesquecível. **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 6, pp. 73-80, janeiro de 1992;

Migração e Urbanização. A presença de São Caetano na região do ABC. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 10, p. 59, janeiro de 1994;

Ministério da Cultura aprova três projetos da Fundação Pró-Memória (Registro). **Raízes**, 17, p. 78, julho de 1998;

Monte Alegre. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 6, pp. 91-92, janeiro de 1992;

Mostra - Exposição Fui Médico, Rebelde, Soldado (Registro). **Raízes**, 18, pp. 73-74, dezembro de 1998;

Mostra revela o passado de olarias (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Motociclismo: as provas de São Caetano. **Gallo**, Márcia. **Raízes**, 11, pp. 44-45, julho de 1994;

Movimento fundado por Baden Powell conta com três grupos em São Caetano. **Heras**, Paulo. **Raízes**, 10, pp. 9-11, janeiro de 1994;

Movimento Operariado do Grande ABC: a criação da JOC no Município. **Santarnecchi**, D. Glenir. **Raízes**, 20, pp. 54-60, dezembro de 1999;

Mulher - Exposição Memórias de Mulher (Registro). **Raízes**, 18, p. 73, dezembro de 1998;

Museu Histórico elabora amplo programa para 89. **Raízes**, 1, pp. 38-42, julho de 1989;

Museu Histórico Municipal promove exposição Arte, Argila e Cerâmica (Registro). **Raízes**, 16, p. 72, dezembro de 1997;

N

Na década de 70, o Município já teve parquímetros nas principais vias. **Santarnecchi**, Domingo Glenir. **Raízes**, 18, pp. 23-24, dezembro de 1998;

Na foto de 1961, recordações. **Della Coleta**, Jerônimo. **Raízes**, 11, p. 51, julho de 1994;

Nicola Perrella marcou uma época. **Raízes**, 1, pp. 36-37, julho de 1989;

No apito de uma fábrica, um timbre que marcou uma história de amor. **Gonçalves**, Mariza Lima. **Raízes**, 17, pp. 63-64, julho de 1998;

No tempo da gabirola. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 1, pp. 10-12, julho de 1989;

No tempo dos ladrilhos de cimento. **Botteon**, Mário. **Raízes**, 1, p. 13, julho de 1989;

Natal: oficinas e Exposição (História). **Raízes**, 12, p. 81, janeiro de 1995;

Neto de Emílio Rossi pesquisa suas origens. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 9, pp. 25-26, julho de 1993;

Nicolau Delic: um batalhador dono de grande capacidade política. **Leite**, Raimundo da Cunha. **Raízes**, 20, pp. 83-84, dezembro de 1999;

Nicolau, escravo de São Bento. **Piratininga Jr.**, Luiz Gonzaga. **Raízes**, 6, pp. 87-88, janeiro de 1992;

Nossa Terra (Biquinho de Lacre). **Braco**, Cláudio Rogério. **Raízes**, 13, pp. 74-76, julho de 1995;

Nostalgia: carros de boi, milho, carvão... **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 15, pp. 40-41, julho de 1997;

Núcleo de convivência Lar Menino Jesus completa 40 anos no Município. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 16, p. 58, dezembro de 1997;

O

O acervo histórico da General Motors. **Bolognini**, Dalva Soares. **Raízes**, 2, pp. 32-35, dezembro de 1989;

O aprendiz de figurante. **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 5, pp. 58-60, julho de 1991;

O bairro de São Caetano no censo de 1765. **Martins**, José de Souza. **Raízes**, 3, pp. 12-19, julho de 1990;

O Banco Real do Progresso e o capitalismo circunstancial. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 10, pp. 6 e 8, janeiro de 1994;

O Bloco dos Treze. **Garbelotto**, João. **Raízes**, 11, p. 48, julho de 1994;

O bondinho das professoras (crônica de uma época). **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 3, pp. 20-22, julho de 1990;

O casarão dos Matarazzos, e algumas outras histórias. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 14, p. 56, julho de 1996;

O comércio tem história para contar. **Rufini**, Claudinei. **Raízes**, 1, pp. 14-16, julho de 1989;

O cotidiano escolar em São Caetano. **Mimesse**, Eliane. **Raízes**, 10, pp. 57-58, janeiro de 1994;

O Cruzeiro, TV, MASP... coisas de Chateaubriand. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 15, pp. 25-28, julho de 1997;

O dia em que Dom Pedro visitou São Caetano. **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 17, pp. 65-67, julho de 1998;

O eixo em São Caetano. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 11, pp. 46-47, julho de 1994;

O gosto pelo teatro amador. **Botteon**, Mário. **Raízes**, 2, pp. 36-38, dezembro de 1989;

O Grêmio Estudantil 28 de Julho. **Raízes**, 9, p. 37, julho de 1993;

O hino do Ideale - música e letra (Memória). **Raízes**, 12, p. 71, janeiro de 1995;

O ideal emancipacionista de São Caetano. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 12, pp. 4-9, janeiro de 1995;

O imigrante José Ferrari. **Ferrari**, Verino Segundo. **Raízes**, 4, pp. 63-64, janeiro de 1991;

O imigrante Pedro Braido. **Braido**, Geraldo. **Raízes**, 5, pp. 79-80, julho de 1991;

O incipiente consórcio. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 8, p. 69, dezembro de 1992;

O jornal Argus e as modernas transformações dos anos vinte. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 20, pp. 39-48, dezembro de 1999;

O leonismo em São Caetano do Sul. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 11, pp. 34-38, julho de 1994;

O mártir do Calvário. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 8, pp. 34-37, dezembro de 1992;

O meu pai Silvano. **Fleury**, Silvia Tintori. **Raízes**, 9, p. 48, julho de 1993;

O novo Parque D. Pedro II. A retomada do Parque. **Tessitore**, Nívio. **Raízes**, 16, pp. 4-10, dezembro de 1997

O Núcleo Colonial e sua evolução vista pelas Festas de São Caetano (1883-1927). **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 15, pp. 18-24, julho de 1997;

O Operário e a Fábrica - Exposição O Operário e a Fábrica (Registro). **Raízes**, 19, p. 71, julho de 1999;

O passado de uma escola guarda a história de 70 anos de lutas contínuas. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 16, pp. 11-14, dezembro de 1997;

O passado revisitado através do olhar do tempo. **Martins**, Caio. **Raízes**, 15, pp. 16-17, julho de 1997;

O Paulistinha nascia no ABC. E voava pelo mundo. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 10, pp. 14-16, janeiro de 1994;

O pioneirismo dos irmãos Aldo e Guido Aliberti na década de 30. **Gianello**, José Roberto. **Raízes**, 19, pp. 11-13, julho de 1999;

O povo e sua voz. **Rufini**, Claudinei. **Raízes**, 5, pp. 70-73, julho de 1991;

O que foi o futebol profissional do SCEC. **Ferrari**, Narciso. **Raízes**, 15, pp. 59-62, julho de 1997;

O Rol dos Confessados do Bairro de São Caetano. **Santos**, Wanderley dos. **Raízes**, 9, pp. 62-63, julho de 1993;

O Rotaract Club é uma entidade que busca servir toda a comunidade. **Riera**, Erica. **Raízes**, 18, pp. 31-32, dezembro de 1998;

O Rotary em São Caetano. **Santos**, Urames P. **Raízes**, 6, pp. 83-84, janeiro de 1992;

O Sol Nascente brilha em São Caetano. **Sperate**, Jocimara. **Raízes**, 7, pp. 7-12, julho de 1992;

O surgimento do IMES. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 10, p. 48, janeiro de 1994;

O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de S. Caetano. **Martins**, José de Souza. **Raízes**, 4, pp. 18-23, janeiro de 1991;

O Tiro de Guerra de São Caetano do Sul. **Lucca**, José Claudino. **Raízes**, 16, pp. 28-29, dezembro de 1997;

Os caminhos de Giácomo Basso: Itália, Estados Unidos... São Caetano. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 17, pp. 46-47, julho de 1998;

Os campos de futebol de São Caetano Esporte Clube. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 4, pp. 51-55, janeiro de 1991;

Os cinemas em São Caetano. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 5, pp. 39-45, julho de 1991

Os desfiles da General Motors. O "motorista" Edmundo J. Thomé. **Raízes**, 14, p. 64, julho de 1996;

Os diversos fatores que motivaram a imigração italiana. **Rufini**, Claudinei. **Raízes**, 16, pp. 23-27, dezembro de 1997;

Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 9, pp. 11-18, julho de 1993;

Os filhos de Israel nas terras do Tijucuçu. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 8, pp. 22-33, dezembro de 1992;

Os grandes números de um pequeno Município. **Gimenes**, Silvana Pereira. **Raízes**, 2, pp. 22-24, dezembro de 1989;

Os grandes números de um pequeno Município. **Romeiro**, Maria do Carmo. **Raízes**, 2, pp. 22-24, dezembro de 1989;

Os hinos de São Caetano do Sul. **Santarneckchi**, D. Glenir. **Raízes**, 4, pp. 61-62, janeiro de 1991;

Os imigrantes ao longo dos trilhos da The São Paulo Railway. **Monteiro**, Arlete Assumpção. **Raízes**, 19, pp. 37-42, julho de 1999;

Os metalúrgicos nas origens do novo sindicalismo. **Negro**, Antonio Luigi. **Raízes**, 12, pp. 38-41, janeiro de 1995;

Os pães e as frutas trazem um doce sabor do passado distante. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 14, p. 57, julho de 1996;

Os Passatempos Prediletos. **Rufini**, Claudinei. **Raízes**, 3, pp. 39-42, julho de 1990;

Os primeiros representantes políticos de São Caetano. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 17, pp. 05-14, julho de 1998;

Os Serchelís, búlgaros da Bessarábia, em São Caetano. **Telpis**, Maria. **Raízes**, 14, pp. 44-45, julho de 1996;

Odette Fraissat Paez, mulher evoluída e atualizada para sua época. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 20, pp. 77-80, dezembro de 1999;

Olarias trazem industrialização à cidade. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 1, pp. 7-9, julho de 1989;

Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano. **Heras**, Paulo. **Raízes**, 11, pp. 11-15, julho de 1994;

Olhar Viajante I. Exposição Um Olhar Viajante (Registro). **Raízes**, 18, p. 72, dezembro de 1998;

Omissões históricas (as mulheres de São Caetano). **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 14, pp. 12-13, julho de 1996;

Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Mossolini**, João. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Bérgamo**, Hermínio. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Filgueiras**, Anselmo. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Sá**, Adilson P. de. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

Origens históricas da cidade dividem-se em dois períodos distintos. **Vincenzi**, Jordano. **Raízes**, 19, pp. 15-16, julho de 1999;

Osasco e sua história. **Oliveira**, Neyde Collino de. **Raízes**, 9, p. 74, julho de 1993;

Osasco e sua história. **Negrelli**, Ana Lúcia M. Rocha. **Raízes**, 9, p. 74, julho de 1993;

Oswaldo Gimenez foi com certeza, na década de 50, o Collor do Grande ABC. **Fidelis**, Guido. **Raízes**, 13, pp. 49-56, julho de 1995;

P

Pan, uma doce indústria. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 8, pp. 4-5, dezembro de 1992;

Panorama folclórico da cidade (alguns aspectos)

tos). **Ward**, José Antipa. **Raízes**, 7, pp. 28-29, julho de 1992;

Papel ativo na Independência. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 5, p. 38, julho de 1991;

Para entender a formação da Grande São Paulo. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 9, pp. 59-61, julho de 1993;

Paróquia Sagrada Família e a evolução da catequese. **Foroni**, Leila Dario. **Raízes**, 9, pp. 71-72, julho de 1993;

Participação da sociedade local foi vital na fundação da CTBC. **Rodrigues**, Mário Porfírio. **Raízes**, 20, pp. 61-62, dezembro de 1999;

Patrono do Senai tem busto restaurado (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Patrolheiros Mirins, quarta década de atuação incessante. **Raízes**, 14, pp. 29-32, julho de 1996;

Petrobrás - breve história dos dutos e terminais do Centro-Oeste e São Paulo. **Buzelin**, Luiz de Lima. **Raízes**, 12, pp. 58-61, janeiro de 1995;

Pietro Pajetta - Exposição Pietro Pajetta (Registro). **Raízes**, 19, p. 71, julho de 1999;

Pietro Pajetta, o pintor do cotidiano de Vittorio Veneto. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 16, pp. 19-22, dezembro de 1997;

Pioneirismo na luta contra a poluição do meio ambiente. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 1, pp. 29-31, julho de 1989;

Poesia e visualidade - Exposição Poesia e Visualidade (Registro). **Raízes**, 18, p. 75, dezembro de 1998;

Por que aqui?. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 2, pp. 18-21, dezembro de 1989;

Português especializou-se para vir trabalhar em São Caetano (A história de Diogo A. D. da Silva). **Raízes**, 10, pp. 19-20, janeiro de 1994;

Prefeitura realiza I Conferência Municipal de Educação (Registro). **Raízes**, 12, p. 78, janeiro de 1995;

Preservação do patrimônio cultural consolida identidade local. **Tessitore**, Nívio. **Raízes**, 19, pp. 17-20, julho de 1999;

Primeiro Grupo Escolar do Município festeja passagem do 75º aniversário. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 13, pp. 16-20, julho de 1995;

Primeiras entidades de socorro de São Caetano. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 18, pp. 9-12, dezembro de 1998;

Professor Vicente Bastos: uma vida a serviço da educação. **Ascencio**, Yolanda. **Raízes**, 19, pp. 65-66, julho de 1999;

Pró-Memória - Exposição Meio Século de Autonomia (Registro). **Raízes**, 18, pp. 69-70, dezembro de 1998;

Pró-Memória - Lançamento livro Meio Século de Legislativo em São Caetano (Registro). **Raízes**, 18, p. 70, dezembro de 1998;

Pró-Memória - Lançamento edição especial revista **Raízes** (Registro). **Raízes**, 18, p. 70, dezembro de 1998;

Pró-Memória inaugura espaço cultural no Shopping São Caetano (Registro). **Raízes**, 17, p. 77, julho de 1998;

Q

Quadrinhistas e cartunistas do ABC (Eventos). **Raízes**, 10, p. 61, janeiro de 1994;

Qualidade, a marca registrada. **Silva**, Marco Antonio Santos. **Raízes**, 10, p. 46, janeiro de 1994;

Quase quatro décadas de marcha atlética pioneira. **Santarnecchi**, D. Glenir. **Raízes**, 14, pp. 67-69, julho de 1996;

Quarenta anos de política, na análise de Walter Braidó. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 11, pp. 4-10, julho de 1994;

Quatro Gerações - Depoimentos de Flórido Roveri. **Buso**, Silvio José. **Raízes**, 9, pp. 44-46, julho de 1993;

R

Raízes 18 - Exposição Um Olhar Viajante - Os Costumes (Registro). **Raízes**, 19, p. 70, julho de 1999;

Reconstrução do passado. **Dal'Mas**, Mário. **Raízes**, 4, pp. 56-57, janeiro de 1991;

Recordar é viver. **Patrão**, Rubens da Costa. **Raízes** 6, p. 44, janeiro de 1992;

Recordar e viver; conquistas do vôlei da cidade na década de 60. **Perin**, Nelson. **Raízes**, 17, pp. 59-62, julho de 1998;

Relato de Francisco Dester (Depoimento). **Raízes**, 9, p. 47, julho de 1993;

Retratos familiares de velhos moradores. **Médici**, Ademir. **Raízes**, 7, pp. 30-32, julho de 1992;

Revolução de 32 e o E. C. São Caetano. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 16, pp. 59-64, dezembro de 1997;

Revolução de 1924. **Novaes**, Manoel Claudio. **Raízes**, 6, p. 86, janeiro de 1992;

Rezas, benzeduras e simpatias. **Ward**, José Antipa. **Raízes**, 6, pp. 80-82, janeiro de 1992;

Roberto Simonsen (1889-1948) e sua ligação com São Caetano. **Raízes**, 12, pp. 42-45, janeiro de 1945;

Romantismo - Exposição Retratos de Casamento (Registro). **Raízes**, 19, p. 72, julho de 1999;

Romaria. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 12, p. 72, janeiro de 1995;

Rua Major Carlos Del Prete: estranha honra dada a uma rua de São Caetano. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 5, p. 48, julho de 1991;

Ruas de São Caetano. Exposição Ruas de São Caetano I, integrante série Nossas Imagens, Nossa História. (Registro). **Raízes**, 18, p. 72, dezembro de 1998;

S

Salvo-conduto para pagar promessa. **Grigoletto**, Gisberto. **Raízes**, 11, pp. 48-49, julho de 1994;

São Caetano comemora 46º aniversário de autonomia (História). **Raízes**, 12, p. 80, janeiro de 1995;

São Caetano di Thiène: o santo padroeiro da cidade. **Santarnecchi**, D. Glenir. **Raízes**, 6, pp. 97-98, janeiro de 1992;

São Caetano Esporte Clube, 80 anos (alguns fatos que marcaram sua história). **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 11, pp. 16-21, julho de 1994;

São Caetano, nas lembranças de Casério Veronesi. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 2, pp. 46-50, dezembro de 1989;

São Caetano recebe delegação italiana (Registro). **Raízes**, 12, pp. 73-74, janeiro de 1995;

São Caetano: uma face do ABC. **Sadek**, Maria Teresa Aina. **Raízes**, 3, pp. 23-24, julho de 1990;

Saúde Pública é lei suprema que não pode nem deve ser desrespeitada. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 15, pp. 7-9, julho de 1997;

Século XIX: uma professorinha no distrito de São Caetano. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 7, p. 46, julho de 1992;

SESI, 26 anos de atuação no Município (Depoimento). **Raízes**, 15, p. 58, julho de 1997;

Sessão especial da Câmara Municipal presta homenagem aos autonomistas (Registro). **Raízes**, 18, pp. 66-68, dezembro de 1998;

Sessenta anos - Exposição 60 anos da Aciscs (Registro). **Raízes**, 18, p. 74, dezembro de 1998;

Sete de outubro de 1951: Beniamino Gigli dá récita na Igreja Matriz da Sagrada Família (Pesquisa). **Raízes**, 19, pp. 21-22, julho de 1999;

Setembro marca o centenário do nascimento do professor Fernandes (Registro). **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 13, p. 72, julho de 1995;

Simpósio prepara II Congresso de História do ABC (Reportagem). **Raízes**, 7, pp. 80-81, julho de 1992;

Sociedade Beneficente Internacional União Operária, 89 anos de história. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 14, pp. 6-8, julho de 1996;

Sociedade dos Amigos de São Caetano, a entidade que liderou a autonomia. **Petrolli**, Valdenízio. **Raízes**, 5, pp. 49-53, julho de 1991;

Subsídios para a discussão de uma política urbana. **Moro Jr.**, Enio. **Raízes**, 5, p. 69, julho de 1991;

Subúrbio - Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do fim do império ao fim da República Velha. **Martins**, José de Souza. **Raízes**, 8, p. 72, dezembro de 1992;

T

Telefone - Exposição Falando da Rua (Registro). **Raízes**, 19, pp. 71-72, julho de 1999;

Televisão e cotidiano em transformação. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 11, pp. 30-33, julho de 1994;

Templos - Exposição Os Templos e o Tempo (Registro). **Raízes**, 19, p. 70, julho de 1999;

Testemunhas de uma época. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 7, pp. 50-58, julho de 1992;

Tijucussu, um clube autêntico das gerações dos anos 70/80. **Heras**, Paulo. **Raízes**, 9, pp. 27-33, julho de 1993;

Tio Vicente: recordações de um doceiro iugoslavo (Depoimento). **Raízes**, 18, pp. 63-64, dezembro de 1998;

Torcedores de Rua - Exposição Patriamada (Registro). **Raízes**, 20, p. 116, dezembro de 1999;

Trabalho rude das olarias foi precursor da economia de São Caetano. **Ficarelli**, Flávio. **Raízes**, 14, pp. 61-63, julho de 1996;

Três cenas de bastidor político. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 2, pp.29-31, dezembro de 1989;

U

Ucranianos, sete décadas de presença marcante. **Jovanovic**, Aleksandar. **Raízes**, 6, pp. 17-29, janeiro de 1992;

Última Moda - Exposição A moda no final do milênio (Registro). **Raízes**, 20, p. 117, dezembro de 1999;

Um comboio distante da memória passeia pelo campo de futebol. **Novaes**, Manoel Claudio. **Raízes**, 14, p. 60, julho de 1996;

Um dia todo especial. **Patrão**, Jayme da Costa. **Raízes**, 7, pp. 69-70, julho de 1992;

Um passado não tão distante onde brilhou uma importante escola. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 17, pp. 33-34, julho de 1998;

Um Sábado de Aleluia no São Caetano Esporte Clube. **Garbelotto**, Oscar. **Raízes**, 18, p. 52, dezembro de 1998;

Uma história que vem desde a década de 50: Sindicato dos metalúrgicos de São Caetano. **Pastore**, Humberto Domingos. **Raízes**, 12, pp. 46-50, janeiro de 1995;

Uma jornada gloriosa de um jovem atleta do basquetebol. **Gerchtel**, Carlos. **Raízes**, 20, pp. 65-66, dezembro de 1999;

Uma página de colonização, escrita com o suor do trabalho. **Dal'Mas**, Mário. **Raízes**, 14, pp. 54-55, julho de 1996.

Uma pequena história sobre o passado relembra um lugar feliz. **De Vita**, Diva. **Raízes**, 14, p. 59, julho de 1996;

Uma preciosa lembrança. **Xavier**, Sônia Maria Franco. **Raízes**, 7, pp. 65-68, julho de 1992;

Uma questão de cidadania ao contrário: indefinições sobre a política de preservação. **Escamilla**, Sergio Farah. **Raízes**, 5, pp. 68-69, julho de 1991;

Uma questão de cidadania ao contrário: indefinições sobre a política de preservação. **Kleeb**, Suzana Cecília. **Raízes**, 5, pp. 68-69, julho de 1991;

W

Walter Veronesi, um veterano relojoeiro (Depoimento). **Raízes**, 15, pp. 42-44, julho de 1997;

V

Vamos falar de São Caetano II (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Velho soldado reclama: "Há prazo certo para heroísmo?". **Santarnecchi**, D. Glenir. **Raízes**, 17, pp. 51-56, julho de 1998;

Velhos Carnavais. Exposição São Caetano dos Velhos Carnavais (Registro). **Raízes**, 18, p. 73, dezembro de 1998;

Vera Cruz: do Planalto para as telas do mundo. **Andrade**, Antonio de. **Raízes**, 14, pp. 17-20, julho de 1996;

Ventura, seis mandatos de vereador. E inúmeras histórias para recordar (Depoimento). **Raízes**, 12, pp. 18-20, janeiro de 1995;

Verona - a pérola do Vêneto. **Trebilcock**, Arnaldo. **Raízes**, 12, pp. 29-33, janeiro de 1995;

Vicentinos atuam há 160 anos no combate à miséria e fome. **Voltarelli**, Geny. **Raízes**, 10, pp. 12-13, janeiro de 1994;

Vicentinos atuam há 160 anos no combate à miséria e fome. **Voltarelli**, José. **Raízes**, 10, pp. 12-13, janeiro de 1994;

Vida de Morávia. **Morávia**, Alberto. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

Vida de Morávia. **Elkann**, Alain. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

Vida Política - Exposição Flashes de um Passado Político (Registro). **Raízes**, 19, p. 71, julho de 1999;

Villares e sua história. **Miranda**, José Menino. **Raízes**, 5, pp. 33-38, janeiro de 1992;

Villares e sua história. **Uberti**, Adroaldo. **Raízes**, 5, pp. 33-38, janeiro de 1992;

Visita de Witter define escavações (Registro). **Raízes**, 14, p. 70, julho de 1996;

Viúva reconstitui algumas memórias do Cine- Parque Central. **Lorenzini**, Victória Gomes. **Raízes**, 13, p. 70, julho de 1995;

Volta ao passado. **Veiga**, Luiz Augusto. **Raízes**, 7, pp. 59-64, julho de 1992;

Volta da escola num dia do passado. **Veronesi**, Henry. **Raízes**, 3, pp. 4-11, julho de 1990;

Z

Zanini e Andrade, velhos comerciantes. **Andrade**, Walter. **Raízes**, 8, pp. 56-58, dezembro de 1992;

ZF do Barsil, três décadas de atividades ininterrupta na cidade. **Santos**, Sergio Proto dos. **Raízes**, 18, pp. 25-30, dezembro de 1998;

ZYR-41, Rádio Cacique. **Petrolli**, Valdenízio. **Raízes**, 6, pp. 66-73, janeiro de 1992;

Índice onomástico remissivo da revista *Raízes*, por autor

A

ALMEIDA, Ana Lúcia Machado - Lodi, 78 anos de São Caetano, E muitas lembranças interessantes. **Raízes**, 12, pp. 69-70; janeiro de 1995;

ALMEIDA, Octávio Camillo Pereira de - Engenheiro Billings, visionário que acelerou o desenvolvimento do progresso. **Raízes**, 17, p. 40, julho de 1998;

AMADO, Janaína - Colombo e a América. Quinhentos anos depois. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

ANDRADE, Antonio de - Pioneirismo na luta contra a poluição do meio ambiente. **Raízes**, 1, pp. 29-31, julho de 1989;

ANDRADE, Antonio de - Por que aqui?. **Raízes**, 2, pp. 18-21, dezembro de 1989;

ANDRADE, Antonio de - Mauá, o barão, e o desenvolvimento do ABC. **Raízes**, 3, pp. 43-45, julho de 1990;

ANDRADE, Antonio de - Águas da História, história das águas. **Raízes**, 4, pp. 48-50, janeiro de 1991;

ANDRADE, Antonio de - Meio Ambiente - Billings: memória da insensatez. **Raízes**, 5, pp. 61-65, julho de 1991;

ANDRADE, Antonio de - Amargas lembranças. **Raízes**, 6, pp. 59-65, janeiro de 1992;

ANDRADE, Antonio de - Comunicação ambiental: o pioneiro Boletim Cicpaa. **Raízes**, 7, pp. 13-16, julho de 1992;

ANDRADE, Antonio de - Florence, Langsdorff e nós. **Raízes**, 8, pp. 38-40, dezembro de 1992;

ANDRADE, Antonio de - E então chegou a televisão. **Raízes**, 9, pp. 67-70, julho de 1993;

ANDRADE, Antonio de - O Banco Real do Progresso e o capitalismo circunstancial. **Raízes**, 10, pp. 6 e 8, janeiro de 1994;

ANDRADE, Antonio de - Televisão e cotidiano em transformação. **Raízes**, 11, pp. 30-33, julho de 1994;

ANDRADE, Antonio de - A volta do Vigilante Rodoviário. **Raízes**, 12, pp. 34-37, janeiro de 1995;

ANDRADE, Antonio de - Vera Cruz: do Planalto para as telas do mundo. **Raízes**, 14, pp. 17-20, julho de 1996;

ANDRADE, Antonio de - O Cruzeiro, TV, MASP... coisas de Chateaubriand. **Raízes**, 15, pp. 25-28, julho de 1997;

ANDRADE, Antonio de - A felicidade está no ar: memória do rádio e da radionovela. **Raízes**, 16, pp. 32-39, dezembro de 1997;

ANDRADE, Walter - Zanini e ANDRADE, velhos comerciantes. **Raízes**, 8, pp. 56-58, dezembro de 1992;

ARAÚJO, Alberto do Carmo - Gisela, quase meio século de tradição. **Raízes**, 12, pp. 66-68, janeiro de 1995;

ARAÚJO, Alberto do Carmo - Com mais de 50 anos, Tamoyo é um dos clubes mais antigos da região. **Raízes**, 13, pp. 66-67, julho de 1995;

ARAÚJO, Alberto do Carmo - Luiz Gama, história de lutas, sacrifícios e conquistas. **Raízes**, 14, pp. 65-66, julho de 1996;

ARAÚJO, Alberto do Carmo. Jabaquara: um clube com mais de meio século de tradições e glórias. **Raízes**, 18, pp. 37-40, dezembro de 1998;

ASCENCIO, Yolanda - Educação pelo rádio. **Raízes**, 8, pp. 41-42, dezembro de 1992;

ASCENCIO, Yolanda - Bruna Mazzoni de Melo: uma lição de amor e de vida para nossa geração. **Raízes**, 15, p. 52, julho de 1997;

ASCENCIO, Yolanda - Núcleo de convivência Lar Menino Jesus completa 40 anos no Município. **Raízes**, 16, p. 58, dezembro de 1997;

ASCENCIO, Yolanda - Imigrantes espanhóis que lutaram venceram em São Caetano: Família Pereira Otero. **Raízes**, 17, pp. 44-45, julho de 1998;

ASCENCIO, Yolanda - Imigrantes lituanos, açorianos e libaneses participam da História sancaetanense. **Raízes**, 18, pp. 33-36, dezembro de 1998;

ASCENCIO, Yolanda - Chieia Indústria e Comércio S/A: cinquenta anos de serviços prestados. **Raízes**, 18, pp. 53-55, dezembro de 1998;

ASCENCIO, Yolanda - Professor Vicente Bastos: uma vida a serviço da educação. **Raízes**, 19, pp. 65-66, julho de 1999;

ASCENCIO, Yolanda - Manoel Claudio Novaes: um cidadão com grande participação junto à comunidade. **Raízes**, 19, pp. 67-68, julho de 1999;

ASCENCIO, Yolanda - Depoimentos de imigrantes ressaltam o valor e a coragem desses heróis anônimos. **Raízes**, 20, pp. 69-73, dezembro de 1999;

B

BARBOSA, Marli - Instituto Mauá de Tecnologia: 29 anos de atividades. **Raízes**, 10, pp. 53-56, janeiro de 1994;

BÉRGAMO, Hermínio - Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

BERNARDI, Leda Paula - Helena Kaminska, ou 88 anos de memória de uma ucraniana. **Raízes**, 14, pp. 42-43, julho de 1996;

BERTOCHI, Sônia Regina - A herança de Atílio Bertochi. **Raízes**, 7, pp. 71-74, julho de 1992;

BERTOCHI, Sônia Regina - Biblioteca Paul Harris, 40 anos (1954-1994). **Raízes**, 11, pp. 22-26, julho de 1994;

BOLOGNINI, Dalva Soares - O acervo histórico da General Motors. **Raízes**, 2, pp. 32-35, dezembro de 1989;

BONVENTTI, Rodolfo Carlos. As ricas lembranças de um pioneiro Bahá'i na cidade. **Raízes**, 18, pp. 57-60, dezembro de 1998;

BOTTEON, Mário - No tempo dos ladrilhos de cimento. **Raízes**, 1, p. 13, julho de 1989;

BOTTEON, Mário - O gosto pelo teatro amador. **Raízes**, 2, pp. 36-38, dezembro de 1989;

BOTTEON, Mário - A família de Fernando Capuano. **Raízes**, 3, p. 49, julho de 1990;

BOTTEON, Mário - Imigrante Francesco Botteon relembra passado dos familiares. **Raízes**, 16, p. 70, dezembro de 1997;

BOTTEON, Mário - Augusta Dalcin Botteon, um exemplo de fé, trabalho e muita perseverança. **Raízes**, 18, pp. 61-62, dezembro de 1998;

BRACO, Cláudio Rogério - Nossa Terra (Biquinho de Lacre). **Raízes**, 13, pp. 74-76, julho de 1995;

BRAIDO, Geraldo - O imigrante Pedro Braido. **Raízes**, 5, pp. 79-80, julho de 1991;

BUSO, Silvio José - A Maçonaria em São Caetano. **Raízes**, 5, pp. 35-37, julho de 1991;

BUSO, Silvio José - Era uma rua chamada Rui Barbosa. **Raízes**, 5, pp. 54-57, julho de 1991;

BUSO, Silvio José - FEB, cinquenta anos depois. **Raízes**, 6, pp. 10-16, janeiro de 1992;

BUSO, Silvio José - A velha estação na vida de um ferroviário. **Raízes**, 11, pp. 42-43, julho de 1994;

BUSO, Silvio José - A Agência da Prefeitura e Luiz (Luivigino) Neri. **Raízes**, 8, pp. 59-61, dezembro de 1992;

BUSO, Silvio José - Quatro Gerações - depoimento de Flórido Roveri. **Raízes**, 9, pp. 44-46, julho de 1993;

BUSO, Silvio José - Diário de um imigrante vindo da Província de Campobasso (Nápoles). **Raízes**, 13, pp. 12-15, julho de 1995;

BUSO, Silvio José - A Metalúrgica Uliana completa 42 anos de atividades constantes. **Raízes**, 16, pp. 40-41, dezembro de 1997;

BUZELIN, Luiz de Lima - Petrobrás - breve história dos dutos e terminais do Centro-Oeste e São Paulo. **Raízes**, 12, pp. 58-61, janeiro de 1995;

C

CAIRO, Esperança Martorelli - Bravas, mulheres. **Raízes**, 4, pp. 43-44, janeiro de 1991;

CAVIOLI, Giorgetti Odilla - João Giorgetti. **Raízes**, 6, pp. 95-96, janeiro de 1992;

CINI, Celso de Almeida - Fatos históricos, batalhas políticas e jornalísticas que envolveram a autonomia. **Raízes**, 20, pp. 17-26, dezembro de 1999;

COELHO NETO, Antonio Augusto - Imagens e fatos de duas cidades-irmãs realçam seus laços. **Raízes**, 15, pp. 1-15, julho de 1997;

COELHO NETO, Antonio Augusto - Cerâmica, uma arte milenar presente também no Município. **Raízes**, 17, pp. 25-28, julho de 1998;

D

DELLA COLETA, Jerônimo - Na foto de 1961, recordações. **Raízes**, 11, p. 51, julho de 1994;

DAL'MAS, Mário - Reconstrução do passado. **Raízes**, 4, pp. 56-57, janeiro de 1991;

DAL'MAS, Mário - Uma página de colonização, escrita com o suor do trabalho. **Raízes**, 14, pp. 54-55, julho de 1996.

DE LUCCA, Claudino - Arma dos fundadores de São Caetano era a esperança. **Raízes**, 13, p. 73, julho de 1995;

DE VITA, Diva - Uma pequena história sobre o passado relembra um lugar feliz. **Raízes**, 14, p. 59, julho de 1996;

E

ELKANN, Alain - Vida de Morávia. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

ESCAMILLA, Sergio Farah - Uma questão de cidadania ao contrário: indefinições sobre a política de preservação. **Raízes**, 5, pp. 68-69, julho de 1991;

F

FERRARI, Narciso - O que foi o futebol profissional do SCEC. **Raízes**, 15, pp. 59-62, julho de 1997;

FERRARI, Narciso. Futebol varzeano da cidade teve época marcante nos anos 40. **Raízes**, 18, pp. 41-44, dezembro de 1998;

FERRARI, Narciso. Centro de São Caetano na década de 1940. **Raízes**, 19, pp. 59-60, julho de 1999;

FERRARI, Narciso - Desaparecimento dos campos de várzea não diminui o aparecimento de craques. **Raízes**, 20, pp. 67-68, dezembro de 1999;

FERRARI, Verino Segundo - O imigrante José Ferrari. **Raízes**, 4, pp. 63-64, janeiro de 1991;

FERRARI, Verino Segundo - Como apareceu o Instituto de Ensino Sagrada Família. **Raízes**, 9, pp. 38-39, julho de 1993;

FERRARI, Verino Segundo - Banco Real: o que ficou na memória. **Raízes**, 10, p. 7, janeiro de 1994;

FICARELLI, Flávio - Aniversário de metalúrgica revela passado de duas famílias. **Raízes**, 14, pp. 14-16, julho de 1996;

FICARELLI, Flávio - Esforço e sucesso na trajetória do imigrante libanês Mustaphá Abdouni. **Raízes**, 14, pp. 46-47, julho de 1996;

FICARELLI, Flávio - Jaffa Grynberg, uma lição de vida, coragem e muita esperança. **Raízes**, 14, pp. 48-50, julho de 1996;

FICARELLI, Flávio - Trabalho rude das olarias foi precursor da economia de São Caetano. **Raízes**, 14, pp. 61-63, julho de 1996;

FIDELIS, Guido - Oswaldo Gimenez foi com certeza, na década de 50, o Collor do Grande ABC. **Raízes**, 13, pp. 49-56, julho de 1995;

FIDÉLIS, Guido - Estradas: um novo elemento na moderna paisagem paulista. **Raízes**, 16, pp. 51-52, dezembro de 1997;

FIGUEIREDO, Luiz Carlos -Colombo e a América. Quinhentos anos depois. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

FILGUEIRAS, Anselmo - Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

FLEURY, Silvia Tintori - O Meu Pai Silvano. **Raízes**, 9, p. 48, julho de 1993;

FORONI, Leila Dario - Paróquia Sagrada Família e a evolução da catequese. **Raízes**, 9, pp. 71-72, julho de 1993;

G

GALLO, Márcia - Família dall'Anese (de Vitória Veneto e São Caetano do Sul). **Raízes**, 5, pp. 75-78, julho de 1991;

GALLO, Márcia - Motociclismo: as provas de São Caetano. **Raízes**, 11, pp. 44-45, julho de 1994;

GALLO, Orlando - Imigração e a presença da família de Antonio Gallo. **Raízes**, 9, pp. 22-24, julho de 1993;

GARBELOTTO, Oscar - Da velha capela de 1877 à Matriz Velha de 1927: o símbolo da religiosidade dos pioneiros. **Raízes**, 1, pp.4-6, julho de 1989;

GARBELOTTO, Oscar - Da Itália a São Caetano: a trajetória da família de Cândido Piccolo. **Raízes**, 2, pp.39-43, dezembro de 1989;

GARBELOTTO, Oscar - A passeata do Silêncio e o Movimento Estudantil na década de 60. **Raízes**, 3, pp. 24-26 e 31-35, julho de 1990;

GARBELOTTO, Oscar - Os campos de futebol de São Caetano Esporte Clube. **Raízes**, 4, pp. 51-55, janeiro de 1991;

GARBELOTTO, Oscar - Imagens vênetas (breve história da trajetória dos homens simples que fundaram uma cidade na América). **Raízes**, 5, pp. 25-34, julho de 1991;

GARBELOTTO, Oscar - Cenas do Bairro da Ponte (1920-1940). **Raízes**, 6, pp. 50-58, janeiro de 1992;

GARBELOTTO, Oscar - Elvira Paulillo Braido. **Raízes**, 6, pp. 89-91, janeiro de 1992;

GARBELOTTO, Oscar - Testemunhas de uma época. **Raízes**, 7, pp. 50-58, julho de 1992;

GARBELOTTO, Oscar - Família Garbelotto e sua trajetória de Cappella Maggiore a São Caetano. **Raízes**, 8, pp. 6-10, dezembro de 1992;

GARBELOTTO, Oscar - Cenas de minha infância. **Raízes**, 9, p. 58, julho de 1993;

GARBELOTTO, Oscar - A centenária festa do padroeiro da cidade: São Caetano. **Raízes**, 10, pp. 36-40, janeiro de 1994;

GARBELOTTO, Oscar - O surgimento do IMES. **Raízes**, 10, p. 48, janeiro de 1994;

GARBELOTTO, Oscar - São Caetano Esporte Clube, 80 anos (alguns fatos que marcam sua história). **Raízes**, 11, pp. 16-21, julho de 1994;

GARBELOTTO, Oscar - Francisco Garcia, o Paco. **Raízes**, 11, p. 52, julho de 1994;

GARBELOTTO, Oscar - Humberto Piccolo, um esportista exemplar. **Raízes**, 12, pp. 62-65, janeiro de 1995;

GARBELOTTO, Oscar - Empresa de 80 anos revela todo o pioneirismo de Antonio Garbelotto. **Raízes**, 13, pp. 38-41, julho de 1995;

GARBELOTTO, Oscar - O Núcleo Colonial e sua evolu-

ção vista pelas Festas de São Caetano (1883-1927). **Raízes**, 15, pp. 18-24, julho de 1997;

GARBELOTTO, Oscar - Escoteiros do Senador Flaquer nos festejos de setembro de 1922. **Raízes**, 15, p. 49, julho de 1997;

GARBELOTTO, Oscar - Revolução de 32 e o E. C. São Caetano. **Raízes**, 16, pp. 59-64, dezembro de 1997;

GARBELOTTO, Oscar - Os caminhos de Giacomino Basso: Itália, Estados Unidos... São Caetano. **Raízes**, 17, pp. 46-47, julho de 1998;

GARBELOTTO, Oscar - Um Sábado de Aleluia no São Caetano Esporte Clube. **Raízes**, 18, p. 52, dezembro de 1998;

GARBELOTTO, João - O Bloco dos Treze. **Raízes**, 11, p. 48, julho de 1994;

GERCHTEL, Carlos - A primeira equipe juvenil de basquetebol masculino teve José Crivelaro como treinador. **Raízes**, 17, pp. 57-58, julho de 1998;

GERCHTEL, Carlos - Ataliba da Silva, empresário idealista à frente de seu tempo. **Raízes**, 19, pp. 45-46, julho de 1999;

GERCHTEL, Carlos - Uma jornada gloriosa de um jovem atleta do basquetebol. **Raízes**, 20, pp. 65-66, dezembro de 1999;

GIANELLO, José Roberto - Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, experiência fascinante mas reprimida. **Raízes**, 9, pp. 34-36, julho de 1993;

GIANELLO, José Roberto - O Paulistinha nascia no ABC. E voava pelo mundo. **Raízes**, 10, pp. 14-16, janeiro de 1994;

GIANELLO, José Roberto - Fundação Municipal Anne Sullivan - arte e amor do caminho dos deficientes. **Raízes**, 12, pp. 51-55, janeiro de 1995;

GIANELLO, José Roberto - A memória do caminhão brasileiro trafega pelo ABC. **Raízes**, 13, pp. 34-37, julho de 1995;

GIANELLO, José Roberto - Cruzada: **Raízes** na fé e no amor dos integrantes. **Raízes**, 15, pp. 63-66, julho de 1997;

GIANELLO, José Roberto - A herança cultural da Cerâmica São Caetano S/A. **Raízes**, 16, pp. 15-18, dezembro de 1997;

GIANELLO, José Roberto - Bairro Prosperidade: A História da sua anexação a São Caetano do Sul. **Raízes**, 17, pp. 15-18, julho de 1998;

GIANELLO, José Roberto - As irmãs clarissas em São Caetano do Sul. **Raízes**, 17, pp. 41-43, julho de 1998;

GIANELLO, José Roberto. A. A. São Bento: o futebol no Morro dos Ventos Uivantes (1954-1957). **Raízes**, 18, pp. 47-51, dezembro de 1998;

GIANELLO, José Roberto. O pioneirismo dos irmãos Aldo e Guido Aliberti na década de 30. **Raízes**, 19, pp. 11-13, julho de 1999;

GIANELLO, José Roberto - O jornal Argus e as modernas transformações dos anos vinte. **Raízes**, 20, pp. 39-48, dezembro de 1999;

GIMENES, Silvana Pereira - Os grandes números de um pequeno Município. **Raízes**, 2, pp. 22-24, dezembro de 1989;

GISSONE, Rinaldo - Academia de Letras da Grande São Paulo. **Raízes**, 15, pp. 50-51, julho de 1997;

GONÇALVES, José Teixeira - Memórias do Bonifácio de Carvalho (ou os bons e velhos tempos do Ginásio). **Raízes**, 14, pp. 37-41, julho de 1996;

GONÇALVES, Mariza Lima - No apito de uma fábrica, um timbre que marcou uma história de amor. **Raízes**, 17, pp. 63-64, julho de 1998;

GONÇALVES, Mariza Lima - Colégio Alcina Dantas Feijão: 32 anos de atividades ininterruptas. **Raízes**, 19, pp. 55-58, julho de 1999;

GONÇALVES, Mariza Lima - A criação da Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio. **Raízes**, 20, pp. 85-88, dezembro de 1999;

GRIGOLETTO, Gisberto - Clubes recreativos. **Raízes**, 4, pp. 58-60, janeiro de 1991;

GRIGOLETTO, Gisberto - Escoteiros. **Raízes**, 5, p. 74, julho de 1991;

GRIGOLETTO, Gisberto - Monte Alegre. **Raízes**, 6, pp. 91-92, janeiro de 1992;

GRIGOLETTO, Gisberto - O incipiente consórcio. **Raízes**, 8, p. 69, dezembro de 1992;

GRIGOLETTO, Gisberto - Salvo-conduto para pagar promessa. **Raízes**, 11, pp. 48-49, julho de 1994;

GRIGOLETTO, Gisberto - Romaria. **Raízes**, 12, p. 72, janeiro de 1995;

GRIGOLETTO, Gisberto - Estação de São Caetano, obra de arte que chamava a atenção. **Raízes**, 13, p. 69, julho de 1995;

GRIGOLETTO, Gisberto - Os pães e as frutas trazem um doce sabor do passado distante. **Raízes**, 14, p. 57, julho de 1996;

GRIGOLETTO, Gisberto - Nostalgia: carros de boi, milho, carvão... **Raízes**, 15, pp. 40-41, julho de 1997;

GRIGOLETTO, Gisberto - Dona Amélia sábia professora que semeou os frutos do conhecimento. **Raízes**, 16, p. 69, dezembro de 1997;

GRIGOLETTO, Gisberto - Calças semicurtas, caminhas, litros de água: lembranças nostálgicas de meu trabalho. **Raízes**, 17, pp. 68-69, julho de 1998;

GRIGOLETTO, Gisberto - Conhecido por todos, Seu Juca era uma fonte de informação confiável. **Raízes**, 18, p. 56, dezembro de 1998;

GRIGOLETTO, Gisberto - Fantasia e medo transformam fatos simples em acontecimentos fantásticos. **Raízes**, 19, p. 14, julho de 1999;

GRIGOLETTO, Gisberto - A corrida e as botinas: duas histórias de minha infância. **Raízes**, 20, p. 38, dezembro de 1999;

H

HERAS, Paulo - Família Sáfrány encontrou melhores dias em São Caetano. **Raízes**, 9, pp. 19-21, julho de 1993;

HERAS, Paulo - Movimento fundado por Baden Powell conta com três grupos em São Caetano. **Raízes**, 10, pp. 9-11, janeiro de 1994;

HERAS, Paulo - Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano. **Raízes**, 11, pp. 11-15, julho de 1994;

HERAS, Paulo - Tijucussu, um clube autêntico das gerações dos anos 70/80. **Raízes**, 9, pp. 27-33, julho de 1993;

J

JOVANOVIC, Aleksandar - Três cenas de bastidor político. **Raízes**, 2, pp. 29-31, dezembro de 1989;

JOVANOVIC, Aleksandar - Papel ativo na Independência. **Raízes**, 5, p. 38, julho de 1991;

JOVANOVIC, Aleksandar - Ucrânianos, sete décadas de presença marcante. **Raízes**, 6, pp. 17-29, janeiro de 1992;

JOVANOVIC, Aleksandar - Elvira Paulillo Braido. **Raízes**, 6, pp. 89-91, janeiro de 1992;

JOVANOVIC, Aleksandar - História Política do Gran-

de ABC: um tema a ser desvendado. **Raízes**, 7, pp. 21-23, julho de 1992;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Os filhos de Israel nas terras do Tijuçu. **Raízes**, 8, pp. 22-33, dezembro de 1992;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano. **Raízes**, 9, pp. 11-18, julho de 1993;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Quarenta anos de política, na análise de Walter Braido. **Raízes**, 11, pp. 4-10, julho de 1994;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Memória e Cultura: um jogo de espelhos. **Raízes**, 12, pp. 21-25, janeiro de 1995;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Imagens do passado, luzes do futuro: reflexões sobre os 119 anos da cidade. **Raízes**, 14, pp. 9-11, julho de 1996;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Lorenzo da Ponte, o filho mais ilustre de Vittorio Veneto. **Raízes**, 15, pp. 35-39, julho de 1997;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Pietro Pajetta, o pintor do cotidiano de Vittorio Veneto. **Raízes**, 16, pp. 19-22, dezembro de 1997;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - A Sociedade Internacional de Imigração e os debates sobre as liberdades no Brasil. **Raízes**, 17, pp. 35-39, julho de 1998;

JOVANOVIĆ, Aleksandar - Memorialista vêneta recupera passado distante através de versos. **Raízes**, 19, pp. 31-36, julho de 1999;

JUNQUETTI, Dulce - Atualização constante assegura eficiência e prestígio da escola. **Raízes**, 10, pp. 50-51, janeiro de 1994;

K

KLEEB, Suzana Cecília - Uma questão de cidadania ao contrário: indefinições sobre a política de preservação. **Raízes**, 5, pp. 68-69, julho de 1991;

L

LEITE, Raimundo da Cunha - Nicolau Delic: um batalhador dono de grande capacidade política. **Raízes**, 20, pp. 83-84, dezembro de 1999;

LOPES, Armando - Alegres lembranças. **Raízes**, 11, p. 50, julho de 1994;

LORENZINI, Hécio José - A Autonomia, vista por Verino Segundo Ferrari. **Raízes**, 15, pp. 45-48, julho de 1997;

LORENZINI, Victória Gomes - Viúva reconstitui algumas memórias do Cine- Parque Central. **Raízes**, 13, p. 70, julho de 1995;

LUCCA, José Claudino - O Tiro de Guerra de São Caetano do Sul. **Raízes**, 16, pp. 28-29, dezembro de 1997;

M

MANZO, Roberto - Centro formador de artistas, características da Fundarte. **Raízes**, 10, p. 52, janeiro de 1994;

MARCONDES, Marina de Andrade - Antropologia - Uma Introdução. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

MAREGATTI, Kelly Cristina - João De Conti: 44 anos no serviço cartorário. **Raízes**, 19, pp. 53-54, julho de 1999;

MARIANO, Ilma Dias - Famílias Coppini - Dellanegra, uma união de fibra e muito caráter. **Raízes**, 17, pp. 48-50, julho de 1998;

MARQUES, Antonio José - Escola literária em São Caetano. **Raízes**, 7, pp. 35-39, julho de 1992;

MARQUES, Antonio José - A Indústria Primitiva. **Raízes**, 9, pp. 64-66, julho de 1993;

MARQUES, Eva Bueno - Banco do Brasil, presente na História de São Caetano do Sul. **Raízes**, 16, pp. 45-48, dezembro de 1997;

MARTINS, Caio - O passado revisitado através do olhar do tempo. **Raízes**, 15, pp. 16-17, julho de 1997;

MARTINS, Caio - Mário Romano: uma lição de vida edificante e repleta de muita emoção. **Raízes**, 16, pp. 67-68, dezembro de 1997;

MARTINS, Caio - João Tessarini: a trajetória. **Raízes**, 17, pp. 70-76, julho de 1998;

MARTINS, José de Souza - A visita do imperador D. Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano, em 1878. **Raízes**, 2, pp. 4-10, dezembro de 1989;

MARTINS, José de Souza - O bairro de São Caetano no censo de 1765. **Raízes**, 3, pp. 12-19, julho de 1990;

MARTINS, José de Souza - O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de S. Caetano. **Raízes**, 4, pp. 18-23, janeiro de 1991;

MARTINS, José de Souza - A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. **Raízes**, 5, pp. 4-16, julho de 1991;

MARTINS, José de Souza - Subúrbio - Vida Cotidiana

e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do fim do império ao fim da República Velha. **Raízes**, 8, p. 72, dezembro de 1992;

MARTINS, José de Souza - A viagem do vapor Europa ao Atlântico Sul, em julho de 1877. **Raízes**, 13, pp. 4-11, julho de 1995;

MÉDICI, Ademir - Memória do trabalho e do trabalhador. **Raízes**, 1, pp. 32-35, julho de 1989;

MÉDICI, Ademir - Crônicas da rua Baraldi. **Raízes**, 3, pp. 36-39, julho de 1990;

MÉDICI, Ademir - Coronel Saladino, prefeito. **Raízes**, 4, pp. 4-12, janeiro de 1991;

MÉDICI, Ademir - Era uma rua chamada Rui Barbosa. **Raízes**, 5, pp. 54-57, julho de 1991;

MÉDICI, Ademir - De volta à velha fábrica. **Raízes**, 6, pp. 45-49, janeiro de 1992;

MÉDICI, Ademir - Retratos familiares de velhos moradores. **Raízes**, 7, pp. 30-32, julho de 1992;

MÉDICI, Ademir - Casas populares nos anos 40. **Raízes**, 8, pp. 43-46, dezembro de 1992;

MÉDICI, Ademir - Para entender a formação da Grande São Paulo. **Raízes**, 9, pp. 59-61, julho de 1993;

MÉDICI, Ademir - Martins, na Inglaterra, pensando em São Caetano. **Raízes**, 10, pp. 4-5, janeiro de 1994;

MÉDICI, Ademir - Migração e Urbanização. A presença de São Caetano na região do ABC. **Raízes**, 10, p. 59, janeiro de 1994;

MÉDICI, Ademir - Imagens dos Rodrigues Vieira. **Raízes**, 11, pp. 27-29, julho de 1994;

MÉDICI, Ademir - Os primeiros representantes políticos de São Caetano. **Raízes**, 17, pp. 05-14, julho de 1998;

MIMESSE, Eliane - O cotidiano escolar em São Caetano. **Raízes**, 10, pp. 57-58, janeiro de 1994;

MIMESSE, Eliane - Empenho da comunidade construiu o primeiro Grupo Escolar. **Raízes**, 20, pp. 35-37, dezembro de 1999;

MINCIOTTI, Silvio A. - IMES resultado de trabalho e perseverança. **Raízes**, 10, p. 45, janeiro de 1994;

MIRANDA, José Menino de - Villares e sua história. **Raízes**, 5, pp. 33-38, janeiro de 1992;

MONTEIRO, Arlete Assumpção - Os imigrantes ao longo dos trilhos da The São Paulo Railway. **Raízes**, 19, pp. 37-42, julho de 1999;

MORAES, João Carlos de - Formação Urbana e Espaço Habitável em São Caetano do Sul. **Raízes**, 8, pp. 47-49, dezembro de 1992;

MORAES, João Carlos de - Crescimento demográfico e adensamento acelerado (o caso de São Caetano). **Raízes**, 12, pp. 56-57, janeiro de 1995;

MORAES, João Carlos de - A formação de São Caetano no contexto da região metropolitana de São Paulo. **Raízes**, 20, pp. 27-34, dezembro de 1999;

MORÁVIA, Alberto - Vida de Morávia. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

MORETTI, João - Giovanni Moretti, o "Belo". **Raízes**, 5, pp. 81-82, julho de 1991;

MORO JR., Enio - Subsídios para a discussão de uma política urbana. **Raízes**, 5, p. 69, julho de 1991;

MOSSOLINI, João - Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

MUSUMECI, Claudio - A cidade em que escola não é problema. **Raízes**, 10, p. 47, janeiro de 1994;

N

NEGRELLI, Ana Lúcia M. Rocha - Osasco e sua história. **Raízes**, 9, p. 74, julho de 1993;

NEGRO, Antonio Luigi - Os metalúrgicos nas origens do novo sindicalismo. **Raízes**, 12, pp. 38-41, janeiro de 1995;

NOVAES, Manoel Claudio - Revolução de 1924. **Raízes**, 6, p. 86, janeiro de 1992;

NOVAES, Manoel Claudio - Um comboio distante da memória passeia pelo campo de futebol. **Raízes**, 14, p. 60, julho de 1996;

O

OLIVEIRA, Neyde Collino de - Osasco e sua história. **Raízes**, 9, p. 74, julho de 1993;

P

PAES, Valdirene A. Dal'Mas da Rocha - João Dal'Mas. **Raízes**, 8, pp. 70-71, dezembro de 1992;

PASTORE, Humberto Domingos - Futebol - união de empresários e comerciantes fez nascer o São Caetano Atlético Clube. **Raízes**, 9, pp. 40-43, julho de 1993;

PASTORE, Humberto Dominos - Uma história que vem desde a década de 50: Sindicato dos metalúrgicos de São Caetano. **Raízes**, 12, pp. 46-50, janeiro de 1995;

PATRÃO, Jayme da Costa - O bondinho das professoras (crônica de uma época). **Raízes**, 3, pp. 20-22, julho de 1990;

PATRÃO, Jayme da Costa - Era uma vez... (crônica de uma época). **Raízes**, 4, pp. 38-42, janeiro de 1991;

PATRÃO, Jayme da Costa - O aprendiz de figurante. **Raízes**, 5, pp. 58-60, julho de 1991;

PATRÃO, Jayme da Costa - Meu amigo inesquecível. **Raízes**, 6, pp. 73-80, janeiro de 1992;

PATRÃO, Jayme da Costa - Um dia todo especial. **Raízes**, 7, pp. 69-70, julho de 1992;

PATRÃO, Jayme da Costa - A presença espanhola em São Caetano do Sul. **Raízes**, 8, pp. 13-21, dezembro de 1992;

PATRÃO, Jayme da Costa - A Taberna do Theresina. **Raízes**, 11, p. 39, julho de 1994;

PATRÃO, Jayme da Costa - A Casa da Fábrica Formicida (Crônica de um passado). **Raízes**, 12, pp. 26-28, janeiro de 1995;

PATRÃO, Jayme da Costa - A árvore da amizade. A presença de Paul Harris em São Caetano. **Raízes**, 15, p. 53, julho de 1997;

PATRÃO, Jayme da Costa - O dia em que Dom Pedro visitou São Caetano. **Raízes**, 17, pp. 65-67, julho de 1998;

PATRÃO, Rubens da Costa - Recordar é viver. **Raízes** 6, p. 44, janeiro de 1992;

PERIN, Nelson - La misura del salamin (o tamanho do salaminho). **Raízes**, 14, p. 58, julho de 1996;

PERIN, Nelson - Recordar e viver; conquistas do vôlei da cidade na década de 60. **Raízes**, 17, pp. 59-62, julho de 1998;

PETROLI, Valdenízio - Marcófilia: a rica filatelia de São Caetano do Sul. **Raízes**, 1, pp. 17-20 e 25-28, julho de 1989;

PETROLI, Valdenízio - A participação da imprensa na emancipação política (1928-1959). **Raízes**, 2, pp. 14-17, dezembro de 1989.

PETROLI, Valdenízio - Brasão e bandeira de São Caetano do Sul (origem, cronologia e crítica). **Raízes**, 3, pp. 46-48, julho de 1990;

PETROLI, Valdenízio - Sociedade dos Amigos de São

Caetano, a entidade que liderou a autonomia. **Raízes**, 5, pp. 49-53, julho de 1991;

PETROLI, Valdenízio - ZYR-41, Rádio Cacique. **Raízes**, 6, pp. 66-73, janeiro de 1992;

PETROLI, Valdenízio - Dom Jorge - o bispo dos operários. **Raízes**, 7, pp. 24-27, julho de 1992;

PETROLI, Valdenízio - Antônio, santo dos italianos, dos portugueses...e de todo mundo. **Raízes**, 13, pp. 26-33, julho de 1995;

PIRATININGA JR., Luiz Gonzaga - Nicolau, escravo de São Bento. **Raízes**, 6, pp. 87-88, janeiro de 1992;

PRESOTTO, Zélia Maria Neves - Antropologia - Uma Introdução. **Raízes**, 7, p. 79, julho de 1992;

PUNTSCHART, William - Heranças coloniais no ABC Paulista. **Raízes**, 20, pp. 49-53, dezembro de 1999;

R

REZENDE, Noemia Rodrigues de - Instituto Rocha Pombo. **Raízes**, 7, pp. 40-41, julho de 1992;

RIERA, Erica. O Rotaract Club é uma entidade que busca servir toda a comunidade. **Raízes**, 18, pp. 31- 32, dezembro de 1998;

RODRIGUES, Francisco - Metalúrgico aposentado faz relato da vida escolar e profissional. **Raízes**, 19, pp. 47-50, julho de 1999;

RODRIGUES, Mário Porfírio - Participação da sociedade local foi vital na fundação da CTBC. **Raízes**, 20, pp. 61-62, dezembro de 1999;

ROMEIRO, Maria do Carmo - Os grandes números de um pequeno Município. **Raízes**, 2, pp. 22-24, dezembro de 1989;

RUFINI, Claudinei - O comércio tem história para contar. **Raízes**, 1, pp. 14-16, julho de 1989;

RUFINI, Claudinei - As **Raízes** na aldeia. **Raízes**, 2, pp. 44-45, dezembro de 1989;

RUFINI, Claudinei - Os Passatempos Prediletos. **Raízes**, 3, pp. 39-42, julho de 1990;

RUFINI, Claudinei - Bravas, mulheres. **Raízes**, 4, pp. 43-44, janeiro de 1991;

RUFINI, Claudinei - O povo e sua voz. **Raízes**, 5, pp. 70-73, julho de 1991;

RUFINI, Claudinei - Em memória de um rio. **Raízes**, 7, pp. 17-20, julho de 1992;

RUFINI, Claudinei - Os diversos fatores que motivaram a imigração italiana. **Raízes**, 16, pp. 23-27, dezembro de 1997;

RUFINI, Claudinei - Albino Martorelli: um herói romântico dos velhos tempos do futebol. **Raízes**, 18, pp. 45-46, dezembro de 1998;

RUFINI, Claudinei - Dorival Fuina, um escultor herdeiro de tradição secular. **Raízes**, 19, pp. 51-52, julho de 1999;

S

SÁ, Adilson P. de - Ordem Rosacruz, uma semente que germinou. **Raízes**, 8, pp. 50-52, dezembro de 1992;

SADEK, Maria Tereza Aina - São Caetano: uma face do ABC. **Raízes**, 3, pp. 23-24, julho de 1990;

SANTARNECCHI, D. Glenir - Os hinos de São Caetano do Sul. **Raízes**, 4, pp. 61-62, janeiro de 1991;

SANTARNECCHI, D. Glenir - São Caetano di Thiène: o santo padroeiro da cidade. **Raízes**, 6, pp. 97-98, janeiro de 1992;

SANTARNECCHI, D. Glenir - As vilas que São Caetano não tem mais. **Raízes**, 7, pp. 33-34, julho de 1992;

SANTARNECCHI, D. Glenir - Quase quatro décadas de marcha atlética pioneira. **Raízes**, 14, pp. 67-69, julho de 1996;

SANTARNECCHI, D. Glenir - A história dos Paços Municipais revela fatos importantes da cidade. **Raízes**, 16, pp. 42-44, dezembro de 1997;

SANTARNECCHI, D. Glenir - Velho soldado reclama: "Há prazo certo para heroísmo?". **Raízes**, 17, pp. 51-56, julho de 1998;

SANTARNECCHI, D. Glenir - Na década de 70, o Município já teve parquímetros nas principais vias. **Raízes**, 18, pp. 23-24, dezembro de 1998;

SANTARNECCHI, D. Glenir - Movimento Operariado do Grande ABC: a criação da JOC no Município. **Raízes**, 20, pp. 54-60, dezembro de 1999;

SANTOS, Sergio Proto. ZF do Barsil, três décadas de atividades ininterrupta na cidade. **Raízes**, 18, pp. 25-30, dezembro de 1998;

SANTOS, Urames P. - A retificação do Ribeirão dos Meninos. **Raízes**, 5, pp. 66-67, julho de 1991;

SANTOS, Urames P. - O Rotary em São Caetano. **Raízes**, 6, pp. 83-84, janeiro de 1992;

SANTOS, Wanderley dos - O Rol dos Confessados do Bairro de São Caetano. **Raízes**, 9, pp. 62-63, julho de 1993;

SCLIAR, Moacyr - Memória de(o) cinema: os anos silenciosos. **Raízes**, 5, p. 38, julho de 1991;

SENÇO, Wlastemir di - Meio século de Via Anchieta rememora marco da engenharia. **Raízes**, 16, pp. 49-50, dezembro de 1997;

SILVA, José Odair - Há 40 anos eram criados os Cursos de Orientação Prático-Industrial. **Raízes**, 20, pp. 63-64, dezembro de 1999;

SILVA, Marco Antonio Santos - Qualidade, a marca registrada. **Raízes**, 10, p. 46, janeiro de 1994;

SPERATE, Jocimara - O Sol Nascente brilha em São Caetano. **Raízes**, 7, pp. 7-12, julho de 1992;

SPERATE, Jocimara - A Bulgária também conta história. **Raízes**, 8, pp. 11-12, dezembro de 1992;

SPERATE, Jocimara - Castores, clube de jovens que agitou a cidade nos anos 60/70. **Raízes**, 8, pp. 53-55, dezembro de 1992;

SPERATE, Jocimara - João Aguiar e suas memórias de guerra. **Raízes**, 9, pp. 52-57, julho de 1993;

SPERATE, Jocimara - Carmine Guerriero - a vida de um prisioneiro de guerra. **Raízes**, 10, pp. 17-18, janeiro de 1994;

T

TELPIS, Maria - Os Serchelis, búlgaros da Bessarábia, em São Caetano. **Raízes**, 14, pp. 44-45, julho de 1996;

TESSITORE, Nívio - A influência da imigração europeia na arquitetura paulista. **Raízes**, 14, pp. 4-5, julho de 1996;

TESSITORE, Nívio - A influência da imigração eslava na arquitetura paulista. **Raízes**, 15, pp. 4-6, julho de 1997;

TESSITORE, Nívio - O novo Parque D. Pedro II. A retomada do Parque. **Raízes**, 16, pp. 4-10, dezembro de 1997;

TESSITORE, Nívio - A arquitetura religiosa no Núcleo Colonial de São Caetano. **Raízes**, 18, pp. 19-22, dezembro de 1998;

TESSITORE, Nívio - Preservação do patrimônio cultural consolida identidade local. **Raízes**, 19, pp. 17-20, julho de 1999;

TREBILCOCK, Arnaldo - Rua Major Carlos Del Prete: estranha honra dada a uma rua de São Caetano. **Raízes**, 5, p. 48, julho de 1991;

TREBILCOCK, Arnaldo - Aqui nasceu a indústria automobilística brasileira (General Motors). **Raízes**, 6, pp. 30-32, janeiro de 1992;

TREBILCOCK, Arnaldo - Século XIX: uma professora-nha no distrito de São Caetano. **Raízes**, 7, p. 46, julho de 1992;

TREBILCOCK, Arnaldo - Pan, uma doce indústria. **Raízes**, 8, pp. 4-5, dezembro de 1992;

TREBILCOCK, Arnaldo - Conversa entre amigos em São Caetano - 1940. **Raízes**, 9, pp. 4-7, julho de 1993;

TREBILCOCK, Arnaldo - A saga vêneta. **Raízes**, 10, pp. 21-34, janeiro de 1994;

TREBILCOCK, Arnaldo - O eixo em São Caetano. **Raízes**, 11, pp. 46-47, julho de 1994;

TREBILCOCK, Arnaldo - Verona - a pérola do Vêneto. **Raízes**, 12, pp. 29-33, janeiro de 1995;

TREBILCOCK, Arnaldo - Como, quando e por que a moeda brasileira apodreceu. **Raízes**, 13, pp. 57-63, julho de 1995;

TREBILCOCK, Arnaldo - O casarão dos Matarazzos, e algumas outras histórias. **Raízes**, 14, p. 56, julho de 1996;

TREBILCOCK, Arnaldo - Saúde Pública é lei suprema que não pode nem deve ser desrespeitada. **Raízes**, 15, pp. 7-9, julho de 1997;

TREBILCOCK, Arnaldo - Crescimento do Município é resultado de longa marcha através da História. **Raízes**, 16, pp. 30-31, dezembro de 1997;

TREBILCOCK, Arnaldo - De Caetano do Tijucuçu a São Caetano do Sul, uma longa marcha de conquistas. **Raízes**, 17, pp. 29-32, julho de 1998;

TREBILCOCK, Arnaldo - A Revolução de 32: o ataque ao capão de mato e o rapaz de São Caetano. **Raízes**, 18, pp. 13-18, dezembro de 1998;

U

UBERTI, Adroaldo - Villares e sua história. **Raízes**, 5, pp. 33-38, janeiro de 1992;

V

VAHDAT, Fariba S. - A fé Babá'í também está presente em São Caetano do Sul. **Raízes**, 16, pp. 53-57, dezembro de 1997;

VALENTIM, Osmar Costa - MCTA, 20 anos de atividades teatrais ininterruptas na cidade. **Raízes**, 14, pp. 51-53, julho de 1996;

VEIGA, Luiz Augusto - Volta ao passado. **Raízes**, 7, pp. 59-64, julho de 1992;

VERAS, Dalila Teles - A Literatura no ABC (Da contemplação à resistência). **Raízes**, 4, pp. 44-47, janeiro de 1991;

VERONESI, Henry - No tempo da gabiroba. **Raízes**, 1, pp. 10-12, julho de 1989;

VERONESI, Henry - Cavaliere Zaparolli, um contador de histórias. **Raízes**, 2, pp. 11-13, dezembro de 1989;

VERONESI, Henry - Volta da escola num dia do passado. **Raízes**, 3, pp. 4-11, julho de 1990;

VERONESI, Henry - História de vida e História vivida (a casa, a rua, a fábrica). **Raízes**, 4, pp. 24-32 e 37, janeiro de 1991;

VERONESI, Henry - Foi uma vez uma sociedade. **Raízes**, 5, pp. 17-24, julho de 1991;

VERONESI, Henry - Antonio Marinotti. **Raízes**, 5, p. 85, julho de 1991;

VERONESI, Henry - Italianos e oriundi na I Guerra Mundial. **Raízes**, 6, pp. 4-9, janeiro de 1992;

VERONESI, Henry - João Migliani. **Raízes**, 6, pp. 94-95, janeiro de 1992;

VERONESI, Henry - A arte pictórica de João Fernandes Ribeiro. **Raízes**, 7, pp. 4-6, julho de 1992;

VERONESI, Henry - Bruna Ricci, a LBA e a campanha do Hospital São Caetano. **Raízes**, 7, pp. 75-78, julho de 1992;

VERONESI, Henry - O mártir do Calvário. **Raízes**, 8, pp. 34-37, dezembro de 1992;

VERONESI, Henry - Aviadores de São Caetano. **Raízes**, 9, pp. 8-10, julho de 1993;

VERONESI, Henry - Medicina caseira nas primeiras décadas da fundação de São Caetano. **Raízes**, 10, pp. 41-43, janeiro de 1994;

VERONESI, Henry - O leonismo em São Caetano do Sul. **Raízes**, 11, pp. 34-38, julho de 1994;

VERONESI, Henry - Biaggio Cersosimo. **Raízes**, 11, p. 49, julho de 1994;

VERONESI, Henry - O ideal emancipacionista de São Caetano. **Raízes**, 12, pp. 4-9, janeiro de 1995;

VERONESI, Henry - Costumes Antigos 1 e 2. **Raízes**, 13, pp. 21-25, julho de 1995;

VERONESI, Henry - Setembro marca o centenário do nascimento do professor Fernandes. (Registro) **Raízes**, 13, p. 72, julho de 1995;

VERONESI, Henry - Sociedade Beneficente Internacional União Operária, 89 anos de história. **Raízes**, 14, pp. 6-8, julho de 1996;

VERONESI, Henry- Omissões históricas (as mulheres de São Caetano). **Raízes**, 14, pp. 12-13, julho de 1996;

VERONESI, Henry - Histórias dos anos 40, na Agência da Prefeitura. **Raízes**, 15, pp. 29-32, julho de 1997;

VERONESI, Henry - Diva Cassetari Grassi - primeira farmacêutica de São Caetano do Sul. **Raízes**, 16, pp. 65-66, dezembro de 1997;

VERONESI, Henry - Conjuntos musicais contribuíram muito para o desenvolvimento artístico da cidade. **Raízes**, 17, pp. 19-24, julho de 1998;

VERONESI, Henry - Primeiras entidades de socorro de São Caetano. **Raízes**, 18, pp. 9-12, dezembro de 1998;

VERONESI, Henry - Há 76 anos foram inauguradas as primeiras linhas do tramway municipal. **Raízes**, 19, pp. 5-10, julho de 1999;

VERONESI, Henry - A Revolução de 1924 e seus reflexos na cidade. **Raízes**, 20, pp. 4-16, dezembro de 1999;

VINCENZI, Jordano P. S. - Grupo Escolar Senador Flaquer (1926-1930), **Raízes**, 4, p. 65, janeiro de 1991;

VINCENZI, Giordano P. S. - As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto. **Raízes**, 11, pp. 40-41, julho de 1994;

VINCENZI, Jordano - Origens históricas da cidade dividem-se em dois períodos distintos. **Raízes**, 19, pp. 15-16, julho de 1999;

VOLTARELLI, Geny - Vicentinos atuam há 160 anos no combate à miséria e fome. **Raízes**, 10, pp. 12-13, janeiro de 1994;

VOLTARELLI, José - Vicentinos atuam há 160 anos no combate à miséria e fome. **Raízes**, 10, pp. 12-13, janeiro de 1994;

W

WARD, José Antipa - Rezas, benzeduras e simpatias. **Raízes**, 6, pp. 80-82, janeiro de 1992;

WARD, José Antipa - Panorama folclórico da cidade (alguns aspectos). **Raízes**, 7, pp. 28-29, julho de 1992;

X

XAVIER, Sônia Maria Franco - Olarias trazem industrialização à cidade. **Raízes**, 1, pp. 7-9, julho de 1989;

XAVIER, Sônia maria Franco - São Caetano, nas lembranças de Casério Veronesi. **Raízes**, 2, pp. 46-50, dezembro de 1989;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Angelo Raphael Pellegrino. **Raízes**, 3, pp. 50-53, julho de 1990;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Armando de Arruda Pereira. **Raízes**, 4, pp. 13-17, janeiro de 1991;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Os cinemas em São Caetano. **Raízes**, 5, pp. 39-45, julho de 1991;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Manoel Gutierrez Duran . **Raízes**, 5, pp. 83-84, julho de 1991;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Meio século de História. **Raízes**, 6, pp. 39-44, janeiro de 1992;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Uma preciosa lembrança. **Raízes**, 7, pp. 65-68, julho de 1992;

XAVIER, Sônia Maria Franco - A presença espanhola em São Caetano do Sul. **Raízes**, 8, pp. 13-21, dezembro de 1992;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Neto de Emílio Rossi pesquisa suas origens. **Raízes**, 9, pp. 25-26, julho de 1993;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Primeiro Grupo Escolar do Município festeja passagem do 75º aniversário. **Raízes**, 13, pp. 16-20, julho de 1995;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Externato Santo Antonio: tudo começou num jardim de infância. **Raízes**, 14, pp. 21-26, julho de 1996;

XAVIER, Sônia Maria Franco - O passado de uma escola guarda a história de 70 anos de lutas contínuas. **Raízes**, 16, pp. 11-14, dezembro de 1997;

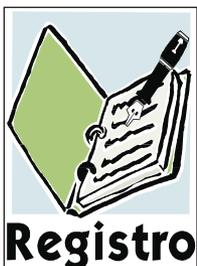
XAVIER, Sônia Maria Franco - Um passado não tão distante onde brilhou uma importante escola. **Raízes**, 17, pp. 33-34, julho de 1998;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Luiz Alvarenga Meira e a criação do primeiro cartório da Comarca. **Raízes**, 18, p. 65, dezembro de 1998;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Imigração espanhola remonta ao início da colonização do Brasil. **Raízes**, 19, pp. 23-30, julho de 1999;

XAVIER, Sônia Maria Franco - Odette Fraissat Paez, mulher evoluída e atualizada para sua época. **Raízes**, 20, pp. 77-80, dezembro de 1999;

Fundação Pró-Memória estabelece convênio com Museu da Imigração



Registro

A Fundação Pró-Memória firmou, no último dia 11 de junho, convênio com o Museu da Imigração (órgão da Secretaria de Estado da Cultura) para realização de intercâmbio de exposições, arquivos e experiências metodológicas nos campos da Arquivística, Museologia e Difusão Cultural. O documento foi assinado pela diretora do Museu da Imigração, Midory Kimura Figuti, e pelo presidente da Fundação Pró-Memória, Aleksandar Jovanovic, em cerimônia realizada no Gabinete do prefeito de São Caetano.

Segundo o texto do convênio, as duas instituições estarão realizando intercâmbio de experiências metodológicas no campo da Arquivística, Museologia e Difusão Cultural; in-



Acervo: Fundação Pró-Memória

Cerimônia realizada no Palácio da Cerâmica ressalta a importância do convênio com o Museu da Imigração

tercâmbio de exposições e arquivos digitais; realização conjunta de pesquisas objetivando a produção de exposições e publicações; captação de recursos em conjunto para projetos

em comum e, abertura de espaços culturais próprios para realização de exposições já prontas.

Por outro lado, o Museu da Imigração e a Fundação Pró-Memória passam a ceder mutuamente seus espaços físicos/culturais para montagem de exposições, realizadas por uma ou outra entidade com fins culturais, ou para exposições realizadas em conjunto. Todas as despesas decorrentes de projetos realizados pelos convenientes serão financiadas através da captação de recursos financeiros junto a entidades financiadoras ou cada conveniente arcará com as próprias despesas necessárias à execução do projeto comum.

Marcando o início desta parceria está sendo apresentada, no Museu da Imigração, a mostra *Pietro Pajetta*, que estará aberta para visita até o dia 2 de janeiro de 2000. Em seguida, será montada a exposição *Um Olhar Viajante - A Natureza*, no mesmo local.



Acervo: Fundação Pró-Memória

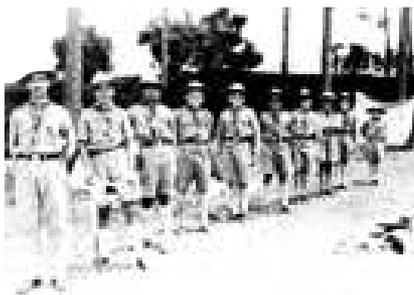
A diretora do Museu da Imigração, Midory Kimura Figuti assina o convênio firmado entre as duas entidades



Inaugurada reserva técnica do Museu Municipal

Foi inaugurada, no último mês de julho, a reserva técnica do Museu Municipal, construída com recursos próprios da Fundação Pró-Memória. Com a construção da nova área de 60m², as peças pertencentes ao acervo estarão abrigadas de forma adequada, segundo os padrões internacionais de museologia, e classificadas conforme sua constituição e agrupadas em estantes de aço di-

vididas em grupos. Desta forma, há maior rotatividade entre os objetos expostos, aumento do número de exposições temporárias e condições de receber novas doações de peças de valor histórico. Trata-se de importante passo para a consolidação do trabalho do Museu Municipal, divisão da Fundação Pró-Memória que vem ampliando sua área de atuação no Município.



ESCOTEIROS – No último mês de julho, no Museu Municipal, aconteceu a exposição *A Trajetória do Escotismo em São Caetano*. O objetivo da mostra foi resgatar a história dos grupos de escoteiros da cidade e apresentar as atividades por eles desenvolvidas.

Foram apresentadas 20 imagens, entre elas a do Grupo de Escoteiros da Escola Senador Fláquer, em 1922, além da exposição também de objetos que representam o movimento escotista, como lenços dos Estados que possuem grupos escoteiros; uniformes dos diversos graus (lobinho, escoteiro, sênior e pioneiro); kits de pioneiria (objetos utilizados nos acampamentos); ferramentas artesanais e industrializadas; quadro de nós e amarras; um quadro pintado por Baden Powell (o fundador do esco-

tismo); e livros e guias sobre a biografia do escotismo.

Na abertura da exposição estiveram presentes chefes de grupos e escoteiros da região.

TORCEDORES DE RUA – A Fundação Pró-Memória e o Grupo Phora-de-phoco realizaram a exposição fotográfica *Patriamada*, no



último mês de agosto, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Composta por imagens feitas no Vale do Anhangabaú e na Praça Ramos de Azevedo, em São Paulo, durante os jogos da Copa do Mundo de 98, a mostra retrata a emoção daqueles torcedores que se uniram numa só voz para demonstrar o amor à sua Pátria.

O Grupo Phora-de-phoco é um grupo de fotógrafos amadores basicamente oriundo do antigo curso de fotografia do Grêmio da Poli (USP). Seus membros realizam periodicamente uma excursão fotográfica, onde reúnem-se para deba-

ter o trabalho feito, confrontar as fotografias, ver e discutir fotos de fotógrafos de destaque e organizar visitas a exposições fotográficas nos museus da região metropolitana de São Paulo.

A mostra foi apresentada também na Estação Sé do Metrô e no Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano (IMES).



10 ANOS DA REVISTA RAÍZES – Foi realizado, no último dia 6 de agosto, no Salão de Exposições, co-



quetel em comemoração aos 10 anos da revista *Raízes*. Na oportunidade, foi lançada a edição de número 19 e realizada a abertura

da exposição *Raízes - 10 anos de história*.

A mostra apresentou todas as capas da revista, desde a número 1, com o significado de cada uma. Foram expostos também cinco quadros da artista plástica Flávia Ricci, com pinturas de imagens do pintor italiano Pietro Pajetta, que ilustram algumas capas da revista.

A primeira revista *Raízes* foi lançada em 1989 com o objetivo de resgatar a História de São Caetano do Sul e, inevitavelmente, do Grande ABC, São Paulo e a própria História do Brasil. Algum tempo após sua criação, *Raízes* passou a ser uma publicação da Fundação Pró-Memória, integrando a linha de frente do projeto editorial da instituição.



FESTA ITALIANA – O estande da Fundação Pró-Memória, na Festa Italiana, foi palco do lançamento, no último dia 28 de agosto, do livro *São Caetano - das várzeas a Príncipe dos Municípios*, de autoria do escritor e jornalista Wilson Loducca. A obra integra o projeto editorial da Prefeitura de São Caetano, cujo objetivo é resgatar a História da cidade. Trata-se do décimo-primeiro volume publicado. O livro, co-editado com a Fundação Pró-Memória e a Editora Hucitec, conta a trajetória da autonomia do Município de São Caetano. Estiveram presentes à solenidade o autoridades civis e militares do Município. O autor autografou mais de 400 exemplares do livro durante noite de lançamento.



ARTES PLÁSTICAS – Com o objetivo de divulgar os trabalhos dos artistas da região, a Fundação Pró-Memória realizou durante o mês de setembro a I Exposição de Pintura Contemporânea do Grande ABC. A exposição, realizada nas dependências do Museu Municipal, reuniu artistas do Grande ABC, apresentando aquilo que vem sendo produzido pela geração que irá marcar este final de milênio. Cada artista doou um quadro para a Pinacoteca Municipal, outra divisão da Fundação Pró-Memória.

A seleção das obras inscritas foi feita por pessoas da região ligadas à arte de uma forma geral. Participaram da comissão julgadora Eva Bueno Marques, poetisa e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo; Jayme Patrão, artista plástico; Claudio Musumeci, administrador e ex-proprietário de galeria; e Augusto Coelho, fotógrafo. Foram selecionados 50 artistas que participaram da mostra *Talento e Expressão*, no Museu Municipal, de 2 a 30 de setembro. Foram premiados os seguintes artistas: 1º lugar - Renato Brancatelli, obra: *Noturno na Biblioteca*; 2º lugar: Fabrício Dell'Arno, obra: *Caminhando na Chuva*, e 3º lugar: Eden Coppini, obra: *Memória de um passado nobre*.

BENEFICÊNCIA PORTUGUESA – Em homenagem ao cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Beneficência, a Fundação Pró-Memória realizou a exposição *Beneficência Portu-*

guesa - 50 anos a serviço do povo. A mostra apresentou imagens antigas e atuais do Hospital Nossa Senhora de Fátima, além de fotografias da inauguração da sede, da primeira diretoria e de visitas de pessoas ilustres.

A Sociedade Portuguesa de Beneficência nasceu em 5 de outubro de 1949, com o objetivo principal de construir um hospital. No dia 17 de novembro de 1957, era inaugurado o Hospital Nossa Senhora de Fátima. Neste espaço de oito anos, não faltou a solidariedade do povo sancaetanense que, através de memoráveis iniciativas como a campanha do metro do terreno, do metro de areia, do cimento, do livro de ouro e de grandes quermesses beneficentes contribuíram para a construção do primeiro bloco de um moderno e eficiente hospital.

ÚLTIMA MODA

– Está sendo apresentada nos espaços culturais da Fundação Pró-Memória a mostra *A moda no final do milênio*. A exposição retrata os estilos que marcaram as cinco últimas décadas do século e do milênio através das imagens de peças do vestuário e acessórios que marcaram época.



Além de apresentar imagens de velhos conhecidos como a calça boca de sino, a minissaia e o salto plataforma (vedete dos anos 70), poderá ser visto na exposição um cronograma da moda com os principais acontecimentos desde 1930 até hoje. Na exposição, podemos perceber a volta das tendências com o passar dos anos. Modelos atuais podem ser comparados, e até confundidos, com modelos de vinte ou trinta anos atrás. A mostra já esteve na Estação Sé do Metrô e no Círculo Italiano de São Caetano.



Memória Fotográfica

Solenidade inaugural da linha da Viação São Bento (6 de Maio de 1959), ligando a antiga Vila Marlene (atual Bairro Mauá) ao Largo da Concórdia, em São Paulo. Na ocasião, o evento contou com a presença do prefeito Oswaldo Samuel Massei, o vereador Hermógenes Walter Braido e representantes do Bairro Nova Gerti (antiga Vila Gerti)



Acervo: Fundação Pró-Memória

Acervo: Fundação Pró-Memória

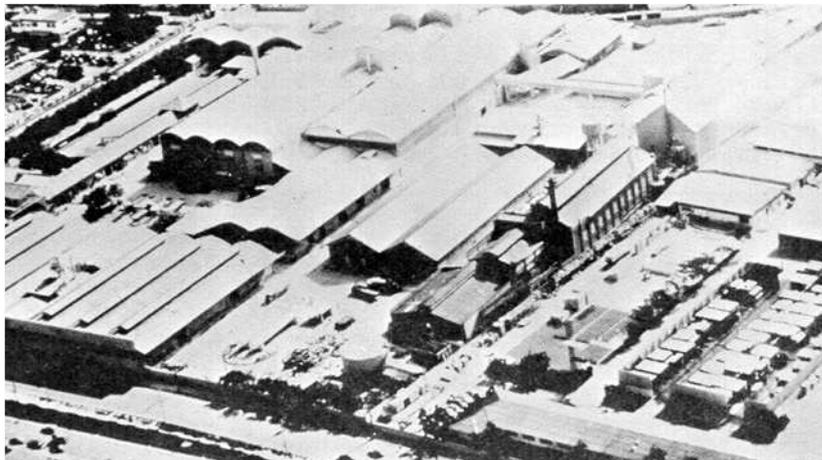


Instalado desde 1953, na esquina da rua Senador Roberto Simonsen e Baraldi, o jornaleiro Antonio Luiz Scimini - o popular Nico - aparece ao lado de Wladimir Pacheco - o Vlado, atual presidente do São Caetano Esporte Clube, ao centro, e José Fernando de Conti, à esquerda. Foto de 1964

Acervo: Fundação Pró-Memória



Rádio Cacique - Maio de 1959. Com o comando de João Nunes era apresentado todas as quintas-feiras, a partir das 21h30, o programa *Brincando e Cantando*, diretamente do auditório, com o apoio da Philco e Mercantil São Caetano e a participação de destacados artistas do rádio e da televisão brasileira. Na foto, Míriam Celeste, artista exclusiva das Emissoras Cacique que fez uma temporada de seis meses no programa



Há 48 anos, a S.A. Moinho Santista adquiria uma fábrica de cimento localizada no Município de São Caetano. Com sede à rua São Bento, em São Paulo, tinha como principal atividade a exploração de um corretivo especial destinado à pavimentação e à aplicação em hidráulica. Seu nome era Cimento Róseo. Ali foi o embrião do Setor Químico local em que nasceu a sua mais antiga unidade industrial: a Quimbrasil

Acervo: Fundação Pró-Memória

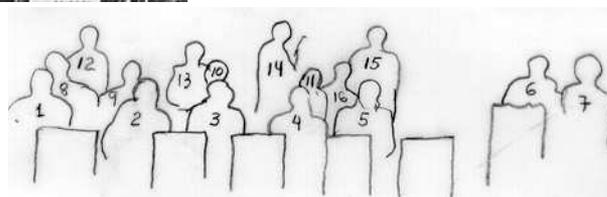
Piquenique na chácara dos Fiorotti em 1945. Grupo da foto fazia parte do Círculo Operário de São Caetano e da Irmandade Filhas de Maria da Matriz Sagrada Família. A chácara localizava-se na Vila Gerti, aproximadamente na esquina da Avenida Visconde de Inhaúma esquina com av. Paraíso. 1-?, 2- Anezia Rossi Pradela, 3-Herminia Padovani, 4-Tereza Crivelari Gentile, 5-? Padovani, 6-Afonsina Rossi, 7-Emilia Padovani, 8-Inez Crivelari, 9-? Fiorotti, 10-Jacó, 11-Padovani, 12-?



Acervo: Olindo Toscano



Ano de 1960. Centro Social Roberto Simonsen. Cerâmica. Orquestra Toscano. 1-Fâmula, 2-Abelardo, 3-Manoel de Oliveira, 4-Geraldo, 5-Elvecio, 6-Dorival(cantor), 7-Dulce(cantora), 8-Dorival, 9-Antenor, 10-Miguel, 11-João Alcorinte, 12-Darcy, 13-Armando, 14-Pião, 15-Olindo Toscano(dirigente da orquestra), 16-?





Em 1958, o ex-prefeito Raimundo da Cunha Leite era o presidente da Sociedade Esportiva Gisela, campeão do 2º quadro da Liga Sancaetanense de Futebol. Na foto, a cerimônia de entrega das faixas. As antigas Vilas Gisela, Nova e Marlene, foram incorporadas ao Bairro Nova Gerti, mas o clube ainda existe com o nome de Centro Esportivo e Recreativo Gisela



Acervo: Fundação Pró-Memória



Mensagem: *Por intermédio do Jornal de São Caetano envio minha saudação e abraço aos sancaetanenses. Martha Rocha, 1º de Setembro de 1955. Martha Rocha, Miss Brasil em 1954, classificada como a segunda beleza do Mundo, enviou esta mensagem aos sancaetanenses, através do Jornal de São Caetano. Fotografada por Jean Wild, do Foto Ideal de São Caetano do Sul*

Acervo: Fundação Pró-Memória



Veteranos do Clube Atlético Flor do Mar, em jogo realizado em 1947, no campo do São Caetano Esporte Clube, da rua Paraíba. Em pé, da esquerda para a direita: Soldado(?), Luiz, Humberto Cecatto, (?), Clovis, Borges, (?), Jacinto, Biaggio e Chico Brusco. Agachados: Leoni, (?), Aurélio, Americano, Joaquim e Pacheco



Acervo: Fundação Pró-Memória

Programa do Ciclo do Cinema Nacional
 Promoção: Centro Acadêmico de São Caetano do Sul e Clube Comercial
 16 de Janeiro — 9 de Fevereiro

DIA 16 - 10 HORAS
 Abertura da FEIRA DE LIVROS SOBRE CINEMA e da EXPOSIÇÃO DE CARTAZES DE FILMES — no Centro Acadêmico.

DIA 17 - 20 HORAS
 Apresentação do filme "A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATHAGA", com Leonardo Viar.
 Local: CINE SÃO CAETANO - Presença de ARTISTAS DO CINEMA como: JACQUELINE MYRNA, ANSELMO DUARTE, EVA WILMA, JOHN HERBERT, GERALDO DEL REY, GERALDO VANDRE, LUIS SÉRGIO PÉRSÓN e outros mais.
 Ingressos: CENTRO ACADÊMICO, CLUBE COMERCIAL e LOJAS TRIENAL.

Filmes e Conferências
 Local: CLUBE COMERCIAL - 20 Horas — INGRESSOS GRÁTIS

JANEIRO:

DIA	CONFERÊNCIA	FILMES
18 - Terça		GARRINCHA, ALEGRIA DO POVO O POETA DO CASTELO
19 - Quarta	O CINEMA NOVO NO BRASIL (FRANZ CLAUDE BIRBAKHETTE)	COURO DE GATO MENINO DE CALÇA BRANCA PEDREIRA DE SÃO DIOGO
21 - Sexta	DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO CINEMA BRASILEIRO (JOSE ARMANDO)	GANHA BRUTA
24 - Segunda		A VELHA A FIAR - MEUS OITO ANOS ENGENHOS E USINAS
25 - Terça		SAI DA FRENTE
26 - Quarta	VERA CRUZ (ROBERTO SANTOS)	GRANDE MOMENTO
27 - Quinta		CINEMA DE SÃO CAETANO
28 - Sexta		OSSO, AMOR E PAPAIAIOS
31 - Segunda		ÂNGELA
FEVEREIRO:		
1 - Terça		CANTO DO MAR
2 - Quarta	NELSON FERREIRA DOS SANTOS (MAURICE GANVILLE)	RIO AO GRAUS
3 - Quinta		CINEMA DE SÃO CAETANO
4 - Sexta		BAHIA DE TODOS OS SANTOS
7 - Segunda		ARUANDA - BARBAVENTO
8 - Terça	O CINEMA VERDADE - (E. BARRON)	DOCUMENTÁRIOS
9 - Quarta	ENCERRAMENTO.	

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 1966, o Centro Acadêmico de São Caetano do Sul promoveu em parceria com a Cinemateca Brasileira, um ciclo do cinema nacional, com a presença de conferencistas famosos como Jean-Claude Bernadette, Almeida Sales, Rudá de Andrade e José Silvério Trevisan, entre outros. A mostra foi aberta com o filme *Vidas Secas* no cine São Caetano (depois Cine Aquarius) e hoje dependência do Instituto Sagrada Família. Na ocasião, foi apresentado um filme sobre os 29º Jogos Abertos do Interior, realizado em São Caetano e dirigido por Domingo Glenir Santarneckchi

Acervo: Fundação Pró-Memória

1966 - O grupo de teatro do TUCA - Teatro da Universidade Católica de São Paulo, encena a peça *Vida e Morte Severina* de João Cabral de Mello e Neto no Ginásio de Esportes do Estádio Lauro Gomes, no bairro Olímpico. O prefeito Walter Braido e a primeira-dama Maria Braido cumprimentam o grupo pelo prêmio internacional recebida no Festival Internacional de Teatro, na cidade de Nice, França





A Praça Cardeal Arcoverde, em frente à Matriz da Sagrada Família foi ajardinada, iluminada e arborizada em Março de 1955, durante a primeira administração do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957)



Acervo: Fundação Pró-Memória



No dia 21 de abril de 1959, feriado nacional em homenagem a Tiradentes, o setor de Educação e Cultura de São Caetano do Sul organizou uma cerimônia festiva no Auditório Santos Dumont. A programação constava de um quadro-vivo representando a execução de Tiradentes, uma conferência feita por Plínio de Assis e a apresentação da Banda da Força Pública do Estado (atual Polícia Militar). Na foto, da direita para esquerda, em pé, Plínio de Assis, João Relá, Cláudio Musumeci - diretor da Fazenda; João Cambaúva, presidente da Câmara - encoberto pelas flores; o prefeito municipal Oswaldo Samuel Massei, Olavo Toledo - chefe de gabinete; Mário Chechetto - vereador; Julian Lasso Franco, e Paulo de Oliveira Pimenta - representante do Hospital São Caetano

Acervo: Fundação Pró-Memória

Reunião realizada no gabinete do prefeito Oswaldo Samuel Massei (ausente por motivo de doença) com o secretário de Obras do Município de São Paulo, Alberto Zagottis para tratar da retificação do Rio Tamanduatei; conclusão da av. Delamare ligando São Caetano ao bairro do Ipiranga; a necessidade da construção de um cemitério na Vila Alpina, São Paulo, para evitar a superlotação do cemitério da Cerâmica, em São Caetano. A reunião realizada em março de 1959, contou com a presença das seguintes pessoas (da esquerda para a direita), vereador João Anhê, engenheiro Nilson Calamita de São Paulo, Alberto Zagottis, secretário de Obras de São Paulo, vereador Hermógenes Walter Braido, em pé: vereador Concetto Constantino, José Salvatore Neto, chefe do setor de Obras (encoberto) e Isaac Zveibil, diretor de Obras de São Caetano do Sul





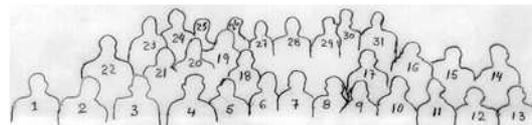
Primeira Assembléa Geral da Associação dos Músicos de São Caetano do Sul, realizada em 27 de Março de 1958, no salão social do São Caetano Esporte Clube, na rua Perrella



Ano de 1966. Salão do Clube Comercial. Baile abrilhantado pela Orquestra Copacabana com a participação do cantor internacional Gregorio Barrios. Da esquerda para a direita: Edno Pontes, (?), Toros Torossian, Joana B. Amaral, José Amaral, Aldo E. Lorenzini, Gregório Barrios e Hagop Torossian



Primeira diretoria da Associação Comercial de São Caetano do Sul em 1938. 1-Newton Relá, 2-?, 3-?, 4-José Paolone, 5-José Lopes Holmos, 6-Julio Marcucci, 7-Francisco Massei(Chicão), 8-Luiz (Luigi) Vicenzi, 9-João Relá, 10-André Arthemio Lorenzini, 11-Bruno Bisquolo, 12-Domingos Molinari, 13-?, 14-?, 15-?, 16-Antonio de Mello Neto, 17-Benito Campoi, 19-?, 20-?, 21-?, 22-Arthur Zago, 23-Meola Perrella, 24-Miguel Marcucci, 25-Armindo Ribeiro, 26-?, 27-Julio Gardezani, 28-Natale Giannotti, 29-Ricardo Falchero. 30-José Massei(Zeca), 31-José Benedetti



ISSN 1415 - 3173

